

JULIANA SIMÕES FONTE

As Vogais na Diacronia do Português:

uma interpretação fonológica de três momentos da história da língua



ARARAQUARA - SP

2014

JULIANA SIMÕES FONTE

As Vogais na Diacronia do Português:

uma interpretação fonológica de três momentos da história da língua

Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Araraquara, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Prof^ª. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA - SP

2014

Fonte, Juliana Simões

As vogais na diacronia do português: uma interpretação fonológica de três momentos da história da língua / Juliana Simões Fonte - 2014
f. 351; 30 cm

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Câmpus de Araraquara)
Orientadora: Gladis Massini-Cagliari

1. Língua portuguesa -- Vogais. 2. Língua portuguesa -- História.
3. Língua portuguesa -- Fonética. I. Título.

JULIANA SIMÕES FONTE

As Vogais na Diacronia do Português:

uma interpretação fonológica de três momentos da história da língua

Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Araraquara, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Prof^ª. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Bolsa: CAPES

Data da Defesa: 06/06/2014

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Prof^ª. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara / UNESP.

Membro Titular: Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araujo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo / USP.

Membro Titular: Prof. Dr. José Sueli de Magalhães

Instituto de Letras e Linguística / Universidade Federal de Uberlândia.

Membro Titular: Prof^ª. Dra. Luciani Ester Tenani

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto / UNESP.

Membro Titular: Prof^ª. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara / UNESP.

Local: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Araraquara

*Aos meus pais,
Aparecida e Antônio,
dedico este trabalho.*

Agradecimentos

A Deus, pela vida, pelas bênçãos constantes e pelos pequenos e grandes milagres que norteiam os meus dias;

À Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari, pela orientação brilhante, pelas leituras cuidadosas de todos os meus textos, pelos ensinamentos preciosos, pela amizade, pela confiança, pelas oportunidades, por me introduzir no mundo das pesquisas, por me sugerir um tema apaixonante, por conduzir, com primazia, os meus primeiros passos, inseguros e hesitantes, nesse amplo e nebuloso universo que me era, então, apresentado, fornecendo, sempre, uma base sólida para que eu seguisse com segurança... enfim, por esses quase dez anos de crescimento contínuo, lindas conquistas e grandes alegrias;

À Profa. Dra. Maria Helena Mira Mateus, pela recepção afetuosa em Lisboa, pelas reuniões sempre muito produtivas, por esclarecer com doçura e muita simpatia todas as minhas dúvidas, pelas contribuições inestimáveis a este trabalho;

À CAPES, pelo auxílio financeiro concedido a esta pesquisa, tanto no Brasil, quanto em Portugal;

À Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck e ao Prof. Dr. José Sueli de Magalhães, pelas sugestões valiosas, durante o Exame de Qualificação, e pela participação também na banca de Defesa;

À Profa. Dra. Luciani Ester Tenani e ao Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araujo, por terem aceitado compor esta banca examinadora e pela relevante contribuição a este trabalho;

Ao Prof. Dr. Ivo Castro, por ter permitido, muito gentilmente, que eu frequentasse seu curso sobre a história da língua portuguesa e seus seminários sobre filologia, ampliando, consideravelmente, o meu conhecimento na área e tornando ainda mais fascinante esta minha viagem através do tempo;

Ao Prof. Dr. Ernesto de Andrade (*in memoriam*), pelo notável conhecimento partilhado, sempre com muito bom-humor, em suas aulas sobre Fonologia;

À Profa. Dra. Márcia Valéria Zamboni Gobbi e ao Prof. Dr. Geraldo Augusto Fernandes, pela bibliografia sugerida, no âmbito da literatura portuguesa;

À Profa. Dra. Esperança Carneira, por ter me enviado todos os seus textos sobre a periodização da língua portuguesa a partir dos dados do *Cancioneiro* de Resende;

Ao Prof. Dr. Dermeval da Hora, ao Prof. Dr. Seung-Hwa Lee e ao Prof. Dr. João Veloso, pelas relevantes sugestões fornecidas em eventos acadêmicos;

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, grande mestre, pelas nobres conversas sobre Fonética e Fonologia;

Ao Prof. Dr. José Dejalma Dezotti, por esclarecer as minhas dúvidas em relação à língua latina;

Aos demais professores da FCL/UNESP que contribuíram para a minha formação;

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação da FCLAr/UNESP, pela administração competente e pelo atendimento sempre muito cordial e eficaz;

Às colegas do grupo de pesquisa, Ana Carolina Cangemi, Gisela Favaro, Lívia Migliorini, Mariana Moretto, Natália Macedo, Natália Prado, Tauanne Amaral e Thaís Abreu, pela parceria e amizade;

A todos os colegas do ILTEC, em Lisboa, especialmente à Sílvia, à Catarina, à Isabel, à Lis e à Alexandra;

Aos meus pais, Aparecida e Antônio, pela criação, pela educação, pelo amor incondicional, pela dedicação e pelo apoio;

Aos meus pais de coração, Alice e José, e a toda a minha “família portuguesa”, pela admirável generosidade, pelo carinho, pelo amparo e pelo lar harmonioso e feliz que me proporcionaram na terra de Inês de Castro (e arredores);

Ao Samir, pelo companheirismo e pela cumplicidade, pelos sábios conselhos, pelo incentivo e pela compreensão com relação às minhas ausências;

A todos os meus familiares, em especial à Rose e ao Vicente, por gentilmente terem me recebido em sua casa, em Araraquara, durante o desenvolvimento deste trabalho;

Às minhas preciosas amigas Márcia Rodrigues, Márcia do Carmo, Bia Camargo, Wendy Segantim, Isabela Baiocato, Cibele Naidhig e Fernanda Pirola, pelo carinho e pelos momentos especiais;

Aos amigos que tive a alegria e o prazer de conhecer em terras de além-mar: Encarnação, Madalena, D. Leonor, D. Misete, Carlos Manoel e Marcos, que tornaram inesquecíveis os meus dias em Portugal;

A minha eterna gratidão!

Se partires um dia rumo a Ítaca,
faz votos de que o caminho seja longo,
repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem Lestrigões nem os Ciclopes
nem o colérico Posídon te intimidem;
eles no teu caminho jamais encontrarás
se altivo for teu pensamento, se sutil
emoção teu corpo e teu espírito tocar.

Nem Lestrigões nem os Ciclopes
nem o bravo Posídon hás de ver,
se tu mesmo não os levars dentro da alma,
se tua alma não os puser diante de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.
Numerosas serão as manhãs de verão
nas quais, com que prazer, com que alegria,
tu hás de entrar pela primeira vez um porto (...)

Tem todo o tempo Ítaca na mente.
Estás predestinado a ali chegar.
Mas não apresses a viagem nunca.
Melhor muitos anos levars de jornada
e fundeares na ilha velho enfim,
rico de quanto ganhaste no caminho,
sem esperar riquezas que Ítaca te desse.

Uma bela viagem deu-te Ítaca.
Sem ela não te ponhas a caminho.
Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.

Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.
Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,
e agora sabes o que significam Ítacas.

Kaváfis (1982, p. 118-119)

RESUMO

A proposta do presente estudo é fornecer um quadro diacrônico das vogais do português a partir da observação de três momentos da história da língua: séculos XIII, XV e XVI. Serviram de *corpora* a esta pesquisa as *Cantigas de Santa Maria* (CSM) de Afonso X (século XIII), o *Cancioneiro Geral* (CG) de Garcia de Resende (século XV) e *Os Lusíadas* de Camões (século XVI). A metodologia adotada neste estudo consistiu, essencialmente, no mapeamento e na análise das rimas e da grafia empregadas nas obras referidas. Sabendo que as rimas dos textos poéticos podem fornecer pistas importantes sobre as antigas pronúncias da língua, que não deixaram registros orais, investigamos as possibilidades e impossibilidades de rima, nos *corpora* abordados, com o intuito de obter informações sobre a realização fonética das vogais tônicas e postônicas do português de antanho. No caso das vogais pretônicas, que não são contempladas pelas rimas poéticas, buscamos, na escrita da época, os vestígios das pronúncias do passado. Por meio deste trabalho, foi possível obter dados relevantes acerca das vogais tônicas, pretônicas e postônicas do galego-português, do português médio e do português moderno. Com relação às vogais da sílaba acentuada, as rimas das CSM não apenas atestam uma distinção de timbre entre as vogais médias do século XIII como também evidenciam uma mudança na pronúncia da vogal tônica de determinados vocábulos, ao longo da história da língua. Já as rimas do CG e de *Os Lusíadas* sugerem que essa mudança teve origem, muito provavelmente, em variações fonéticas dos séculos XV e XVI, entre vogais médias abertas e fechadas, na sílaba acentuada. Para as vogais pretônicas do passado, a grafia empregada nas três obras poéticas analisadas sugere a ocorrência de uma considerável variação fonética entre as vogais médias e altas do português antigo. Por fim, sobre as vogais postônicas dos séculos XIII, XV e XVI, os dados desta pesquisa também indicam uma possível variação entre vogais médias e altas, porém, as rimas e a grafia empregadas nos *corpora* considerados não nos autorizam a afirmar que a pronúncia com vogal alta, na sílaba pós-acentuada, já fosse a predominante, nos séculos referidos. Além dessa pesquisa tripartida, envolvendo as vogais dos séculos XIII, XV e XVI, este trabalho também apresenta uma descrição cuidadosa do sistema vocálico do português atual (brasileiro e europeu) e estabelece uma comparação entre as vogais da língua portuguesa e as vogais de outras línguas românicas, sobretudo as da Península Ibérica. Por tudo isso, pode-se dizer que os dados deste trabalho trazem contribuições significativas não apenas para os estudos dedicados às vogais ou à história da língua portuguesa, mas também para as pesquisas voltadas à Romanística, em geral.

Palavras-chave: Vogais. História da Língua Portuguesa. Fonologia. Variação. Mudança.

ABSTRACT

The aim of this study is to provide a diachronic framework of the Portuguese vowels, from the observation of three moments in the history of language: 13th, 15th and 16th centuries. The research *corpora* comprises the *Cantigas de Santa Maria* (CSM), by Alfonso X (13th century), the *Cancioneiro Geral* (CG), by Garcia de Resende (15th century), and *Os Lusíadas*, by Camões (16th century). The methodology adopted in this study consisted primarily in mapping and analysing the rhymes and spelling employed in these literary texts. From the analyses of the possibilities and impossibilities of rhyme, in the *corpora* considered, it was possible to obtain important evidences about the phonetic realization of the stressed and post-tonic vowels in the past of the Portuguese. Concerning the pretonic vowels, which are not covered by the poetic rhymes, this research sought, at writing of that time, the traces of the old pronunciation. Through this work, it was possible to obtain interesting data about the stressed, pretonic and post-tonic vowels of the Old, Middle and Modern Portuguese. Concerning the vowels of the stressed syllable, the rhymes of the CSM showed a distinction between open and closed mid vowels in the 13th century and, moreover, suggested a change in the pronunciation of the stressed vowel of some words, throughout the history of language. According to the rhymes of the CG and of *Os Lusíadas*, this change originated in variations of the 15th and 16th centuries, between open and closed mid vowels in stressed syllables. For the pretonic vowels, the spelling used in the three literary texts analyzed suggests the occurrence of a considerable phonetic variation between mid and high vowels of the ancient Portuguese. Finally, on the post-tonic vowels of 13th, 15th and 16th centuries, the data of this study also indicates a possible variation between mid and high vowels, but the rhymes and the spelling used in the *corpora* considered do not ensure that the pronunciation with high vowels in post-stressed syllable was already the prevalent in those centuries. In addition to this tripartite study involving the vowels of 13th, 15th and 16th centuries, this work also presents a careful description of the vowel system of the current Portuguese (Brazilian and European) and provides a comparison between the vowels of Portuguese and the vowels of other Romance languages, especially the Iberian Peninsula ones. For all this, one can say that this thesis introduces interesting data not only to the studies dedicated to the vowels or to the history of the Portuguese language, but also to the studies devoted to the Romance languages in general.

Keywords: Vowels. History of Portuguese. Phonology. Variation. Change.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1.	CSM 7. <i>Códice rico</i> de El Escorial (T).	62
Figura 2.2.	Quarta vinheta da CSM 140. <i>Códice rico</i> de El Escorial (T).	63
Figura 2.3.	Miniatura. CSM 300. <i>Códice dos músicos</i> de El Escorial (E).	65
Figura 2.4.	Miniatura. CSM 350. <i>Códice dos músicos</i> de El Escorial (E).	65
Figura 2.5.	Xilogravura da portada de <i>Os Lusíadas</i> na edição E.	99
Figura 2.6.	Xilogravura da portada de <i>Os Lusíadas</i> na edição Ee.	99

LISTA DE MAPAS

Mapa 1.1.	Avanço da Reconquista cristã na Península Ibérica no ano de 930	31
Mapa 1.2.	Avanço da Reconquista cristã na Península Ibérica por volta de 1100	31
Mapa 1.3.	Avanço da Reconquista cristã na Península Ibérica no ano de 1200	32
Mapa 1.4.	Avanço da Reconquista cristã na Península Ibérica no ano de 1300	32

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1.	A periodização do português segundo Leite de Vasconcellos (1959)	27
Quadro 1.2.	As fases do PA segundo Leite de Vasconcellos (1959), Michaëlis de Vasconcelos (1946) e Silva Neto (1952)	30
Quadro 2.1.	Distribuição das cantigas de milagre de acordo com sua origem	42
Quadro 2.2.	Distribuição dos compositores A e B nos exemplares do CG remanescentes de 1516	81
Quadro 2.3.	Resumo dos cantos de <i>Os Lusíadas</i>	85
Quadro 5.1.	Pronúncia da vogal média anterior, em diferentes períodos da história da língua	183
Quadro 5.2.	Pronúncia da vogal média posterior, em diferentes períodos da história da língua	183
Quadro 5.3.	Hipótese referente à constituição histórica de algumas formas verbais do português	185
Quadro 5.4.	A vogal pretônica anterior nas línguas românicas	283
Quadro 5.5.	A vogal pretônica posterior nas línguas românicas	284

LISTA DE SIGLAS E SÍMBOLOS

BNL	<i>Biblioteca Nacional de Lisboa</i>
CG	<i>Cancioneiro Geral</i>
CSM	<i>Cantigas de Santa Maria</i>
CBN	<i>Cancioneiro da Biblioteca Nacional</i>
E	Códice dos músicos - El Escorial, Real Monasterio de San Lorenzo, MS B.I.2 Edição de 1572 de <i>Os Lusíadas</i> com o pelicano voltado para a direita
Ee	Edição de 1572 de <i>Os Lusíadas</i> com o pelicano voltado para a esquerda
F	Códice de Florença - Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20
M	Legendas das miniaturas nos códices <i>T</i> e <i>F</i>
PA	Português Arcaico
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
T	Códice rico. El Escorial, Real Monasterio de San Lorenzo, MS T.I.1
To	Códice de Toledo. Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069
w	átono, fraco
X	representa o lugar do segmento no esqueleto de traços
>	“passa a” - símbolo representativo da passagem de uma forma histórica anterior a outra, posterior
V	vogal
C, Co	consoante
Vb	verbo
α	} símbolos representativos da variabilidade do valor do traço + / -
β	
γ	
[]	fone
/ /	fonema
< >	grafema
˘	vogal breve
-	vogal longa
◦	vogal fechada
◌	vogal aberta

SUMÁRIO

As Vogais na Diacronia do Português:

uma interpretação fonológica de três momentos da história da língua

Introdução, 16

1 História e periodização da língua portuguesa, 22

2 O *Corpus*, 40

2.1 As Cantigas de Santa Maria, 40

2.2 O Cancioneiro Geral, 66

2.3 Os Lusíadas, 85

3. As vogais na história da língua portuguesa, 105

3.1 O sistema vocálico do latim, 105

3.2 O sistema vocálico do português arcaico, 107

3.2.1 Na fase galego-portuguesa (trovadoresca), 107

3.2.2 Na fase exclusivamente portuguesa, 113

3.3 O sistema vocálico do português moderno, 116

3.4 O sistema vocálico do português atual, 122

3.4.1 O caso europeu, 122

3.4.2 O caso brasileiro, 127

4 Metodologia, 139

5 As vogais do português a partir da poesia dos séculos XIII, XV e XVI, 143

5.1 As Vogais Tônicas, 143

5.1.1 As vogais médias nas rimas das *Cantigas de Santa Maria*, 144

5.1.2 As vogais médias nas rimas do *Cancioneiro Geral*, 149

5.1.3 As vogais médias nas rimas de *Os Lusíadas*, 165

5.1.4 Considerações finais: vogais tônicas, 182

5.2 As Vogais Pretônicas, 188

5.2.1 As vogais pretônicas nas *Cantigas de Santa Maria*, 189

5.2.1.1 Vogais anteriores, 190

5.2.1.2 Vogais posteriores, 206

5.2.2 As vogais pretônicas no *Cancioneiro Geral*, 219

5.2.2.1 Vogais anteriores, 220

5.2.2.2 Vogais posteriores, 245

5.2.3 As vogais pretônicas em *Os Lusíadas*, 260

5.2.3.1 Vogais anteriores, 260

5.2.3.2 Vogais posteriores, 268

5.2.4 Considerações finais: vogais pretônicas, 276

5.3 As Vogais Postônicas, 285

5.3.1 As vogais postônicas nas *Cantigas de Santa Maria*, 286

5.3.1.1 Vogais anteriores, 286

5.3.1.2 Vogais posteriores, 289

5.3.2 As vogais postônicas no *Cancioneiro Geral*, 292

5.3.2.1 Vogais anteriores, 293

5.3.2.2 Vogais posteriores, 313

5.3.3 As vogais postônicas em *Os Lusíadas*, 321

5.3.3.1 Vogais anteriores, 321

5.3.3.2 Vogais posteriores, 325

5.3.4 Considerações finais: vogais postônicas, 330

Conclusão, 333

Referências, 338

Introdução

A proposta do trabalho que ora se apresenta é estudar as qualidades vocálicas do português em três momentos da história da língua: séculos XIII, XV e XVI, a fim de investigar mudanças significativas ocorridas no quadro das vogais portuguesas, ao longo dos séculos referidos.

Como *corpora* para esta pesquisa, foram consideradas as *Cantigas de Santa Maria* (doravante, CSM) de Afonso X, para o século XIII; o *Cancioneiro Geral* (doravante, CG) de Garcia de Resende, para o século XV; e *Os Lusíadas* de Camões, para o século XVI.

Conforme se pode observar, os textos escolhidos para constituir os *corpora* deste estudo são todos poéticos. Essa escolha deve-se ao fato de que as rimas dos textos poéticos podem fornecer pistas satisfatórias sobre a realização fônica das vogais portuguesas, em momentos passados da língua que não deixaram registros orais. A esse respeito, Mattos e Silva (2006, p. 37) declara:

O fato de serem poemas de estrutura formal em versos rimados os torna fundamentais, no que concerne a estudos de história da língua, para o conhecimento de fatos fonéticos desse período, como sejam, por exemplo, questões referentes aos encontros entre vogais (hiatos/ditongos), ao timbre vocálico (abertura/fechamento), vogais e ditongos nasais/orais.

Compõem a documentação poética remanescente do século XIII as cantigas trovadorescas escritas em galego-português. Essa poesia trovadoresca pode ser dividida em duas grandes vertentes: uma profana, da qual fazem parte as *cantigas de amor*, as *cantigas de amigo* e as *cantigas de escárnio e maldizer* (cf. SPINA, 1991; TAVANI, 1993; MASSINI-CAGLIARI, 1999, 2005, 2007b), e outra religiosa, representada pelas 420 CSM, remanescentes da segunda metade do século XIII, que louvam a Virgem Maria e narram seus milagres.

Nesta pesquisa, optou-se por trabalhar com as cantigas religiosas (e não com as profanas) porque estudos revelam que as CSM, em termos de léxico e de rima, são mais ricas do que as cantigas profanas.¹ Leão (2007, p. 152), por exemplo, chama a atenção para a maior riqueza lexical das cantigas religiosas, em relação às cantigas profanas:

Do ponto de vista do léxico, as *Cantigas [de Santa Maria]* apresentam uma riqueza imensa (como também, embora em menor grau, as cantigas de escárnio), pois não se limitam à tópica amorosa como as cantigas de amigo e de amor. Ao contrário, elas nos falam não só da vida religiosa, mas da vida em toda a sua complexidade, constituindo talvez o mais rico documento para o conhecimento da mentalidade, dos costumes, das doenças, das profissões, da prostituição, do jogo, dos hábitos monásticos, de todos os aspectos enfim do quotidiano medieval na Ibéria.

Massini-Cagliari (2005) e Costa (2006) mostram que, no léxico das CSM, há registro de termos proparoxítonos, diferentemente do que ocorre nas *cantigas de amigo*, por exemplo, em cujo léxico só podem ser identificadas palavras oxítonas e paroxítonas. Esse fato aponta, pois, para uma maior riqueza das cantigas medievais religiosas, em relação às *cantigas profanas*, no que diz respeito às pautas prosódicas de palavras do português arcaico (doravante, PA).

Do ponto de vista das rimas, as CSM também podem ser consideradas mais ricas do que as cantigas profanas. Nas cantigas religiosas, as rimas são todas perfeitas (soantes), ao passo que as *cantigas de amigo*, por exemplo, admitem rimas imperfeitas (toantes), de acordo com Granucci (2001).²

¹ Vale destacar, a propósito, que já havíamos dedicado pesquisas anteriores ao estudo das vogais empregadas nas CSM (cf. FONTE, 2010a,b). Os resultados obtidos por Fonte (2010a,b) foram contemplados, neste trabalho de Doutorado, e comparados aos dados dos séculos XV e XVI. A tese que ora se apresenta consiste, pois, em uma continuação e complementação à pesquisa iniciada por esta autora em sua dissertação de Mestrado.

² Segundo Goldstein (1985, p. 44), nas rimas soantes, a partir da vogal tônica, todas as vogais e consoantes possuem a mesma qualidade, ao passo que, nas rimas toantes, apenas as vogais tônicas são semelhantes (ex.: *pinno/amigo* e *ramo/amado*, nas *cantigas de amigo*). O trabalho de Fonte (2010a,b) mostra que, nas CSM, não há rimas toantes.

Após um século e meio de produção poética trovadoresca, a poesia desaparece da documentação remanescente entre meados do século XIV e início do século XV (cf. MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1946, p. 16; MATTOS E SILVA, 2006, p. 40).³ Os textos poéticos voltam a aparecer somente em 1516, com a publicação do CG de Garcia de Resende, que reúne poemas escritos ao longo do século XV e início do século XVI por cerca de 286 poetas (cf. PIMPÃO, 1942). Para Rocha (1987, p. 16), “a abundância de dados lingüísticos, etnográficos, históricos ou sociológicos”, que se verifica no CG, torna essa obra “de consulta imprescindível a quem queira estudar o período em causa”.

Pode-se dizer que os poemas do CG, como as CSM, apresentam uma notável riqueza lexical, na medida em que, como aquelas, não se limitam à temática amorosa. De acordo com Rocha (1973, p. XI), o CG “fala-nos de amores”, mas evoca também: “jogos, superstições, silhuetas caricatas, acontecimentos gloriosos ou burlescos, fé e descrença perante o devir social e geográfico de Portugal”. O autor acrescenta que o léxico empregado nos poemas do CG que não são de caráter amoroso (ex.: poesia didática, dramática, histórica etc.) é infinitamente mais rico do que aquele presente na “poesia amorosa”.

Além dessa diversidade temática, presente na coletânea de Resende, há que se destacar a multiplicidade de autores envolvidos na elaboração da obra. Conforme acima mencionado, o CG reúne produções de mais de 200 (quase 300) poetas da época, que podem fornecer testemunhos variados do português de então.⁴

No tangente à obra de Camões, *Os Lusíadas* representam um clássico da literatura portuguesa, uma obra-prima que serviu de referência na formação do português padrão, inclusive no que concerne à ortografia da língua. A esse respeito, Souza (2009, p. 13) declara o seguinte:

O clássico camoniano influenciou de maneira muito significativa os rumos da ortografia da Língua Portuguesa, uma vez que representou uma clara divisão entre a antiga ortografia e os novos sistemas introduzidos pelos estudiosos do século XVI.

³ Cabe observar que, para Mattos e Silva (2006, p. 40), o fato de não haver documentação poética remanescente, entre meados do século XIV até a segunda metade do século XV, não significa que houve um século sem poesia em Portugal.

⁴ Ainda sobre o CG, não se pode deixar de mencionar o bilinguismo (favorável ao português), presente na obra. Embora o português tenha sido a língua empregada na composição da grande maioria dos poemas do CG, há, nessa obra, alguns (poucos) poemas escritos em castelhano, que serão desconsiderados nas análises deste trabalho.

Dessa forma, dada a relevância de *Os Lusíadas*, na história da literatura portuguesa, essa obra-prima camonianiana foi admitida, neste trabalho, como fonte de informação sobre as qualidades vocálicas da língua falada no século XVI.

Se tomarmos como base a periodização do português, proposta por estudiosos como Leite de Vasconcellos (1959), Michaëlis de Vasconcelos (1946), Silva Neto (1956), entre outros, notaremos que os três séculos abordados neste estudo (XIII, XV e XVI) correspondem a três fases distintas na história da língua: o século XIII corresponde ao início do PA (fase trovadoresca), e o século XVI, ao início do português moderno (cf. LEITE DE VASCONCELLOS, 1959; SILVA NETO, 1956; COUTINHO, 1974; CÂMARA JR., 1979[1975]). Já o século XV corresponde à segunda fase do PA, na delimitação temporal estabelecida por Michaëlis de Vasconcelos (1946, p. 15). A autora, considerando extenso demais o período atribuído ao PA (de meados do século XIII ao início do século XVI) e baseada na produção literária medieval, propõe que se faça uma subdivisão desse período em: uma primeira fase galego-portuguesa, compreendida entre meados do século XIII e a primeira metade do século XIV, em que haveria uma unidade entre as línguas faladas em Portugal e Galiza (o galego-português); e uma segunda fase, de 1350 em diante, em que o português e o galego teriam assumido rumos diferentes, tornando-se línguas distintas.

Ao analisar os textos remanescentes dos séculos XIII, XV e XVI, esta pesquisa traz dados linguísticos, referentes às vogais portuguesas, que nos permitem verificar as principais diferenças - pelo menos no que diz respeito às qualidades vocálicas da língua - entre as referidas fases do português.

É interessante notar que esta pesquisa não se restringe a uma abordagem meramente histórica, mas busca, antes de tudo, fornecer descrições sincrônicas de épocas específicas da língua, contemplando, inclusive, dados do português atual (brasileiro e europeu).

Tendo em conta que fatos do passado contribuem, em geral, para uma melhor interpretação do presente, da mesma forma que fenômenos atuais podem esclarecer dúvidas do passado, evocamos, neste trabalho, dados do português antigo que nos ajudam a compreender melhor o estado atual da língua, e lançamos mão de exemplos do português de hoje para decifrar as pistas do passado.

O trabalho que ora se apresenta contém cinco seções, estruturadas da seguinte forma:

Na primeira seção da tese, traçamos o percurso histórico da língua portuguesa, desde sua origem, no latim, até o português moderno (século XVI). Foram abordadas, nessa seção, as línguas que serviram de substrato e superstrato ao latim vulgar, na Península Ibérica, durante o processo de formação do romance lusitânico e, posteriormente, do galego-português propriamente dito. Também foram apresentados os principais fatores históricos e linguísticos que caracterizaram a transição da primeira para a segunda fase do PA, em meados do século XIV, e do PA para o português moderno, no século XVI.

A segunda seção deste trabalho está dedicada às principais características dos textos poéticos que forneceram os dados desta pesquisa. Nessa seção, estão apresentadas, por exemplo, as informações referentes à autoria, à linguagem, ao contexto histórico, às edições e à estruturação das CSM, de Afonso X, do CG, de Garcia de Resende, e de *Os Lusíadas*, de Camões.

A terceira seção desta tese contempla o testemunho dos estudos anteriores sobre o sistema fonológico de vogais tônicas, pretônicas e postônicas do latim, do PA, do português moderno e do português atual (europeu e brasileiro). Sobre as vogais do latim (clássico e vulgar), foram consultadas as Gramáticas Históricas e os Manuais de Filologia do português. Em relação ao sistema vocálico do português antigo, nas três fases abordadas, foram considerados, essencialmente, os trabalhos de Silva Neto (1952), Câmara Jr. (1979[1975]), Teyssier (1994[1980]), Ramos (1985), Maia (1997[1986]), Mattos e Silva (2006) e Castro (2008). No caso das vogais do século XVI, também contamos com o testemunho direto de gramáticos e ortógrafos da época (OLIVEIRA, 2000[1536]; BARROS, 1540; LEÃO, 1576). Por último, as informações sobre as vogais do português atual (europeu e brasileiro) foram extraídas, sobretudo, dos estudos de Mateus e d'Andrade (2000), Câmara Jr. (2007[1970]), Bisol (1981, 2003, 2009, 2013) e Wetzels (1992).

Na quarta seção do trabalho, descrevemos a metodologia adotada nesta pesquisa. Para o estudo das vogais tônicas do português antigo, foram mapeadas todas as rimas, nos *corpora* considerados, envolvendo vogal média na sílaba acentuada. A partir desses dados, analisamos as possibilidades e impossibilidades de rima entre vogais médias (tônicas) representadas por grafemas idênticos. Para as vogais pretônicas, que não são contempladas pelas rimas poéticas, fez-se um estudo baseado na interpretação da grafia adotada nas obras poéticas referidas. Em outras palavras, buscamos, na escrita da época, os vestígios das pronúncias de antanho.

Enfim, para o estudo das vogais postônicas do passado, esta pesquisa baseou-se tanto nas rimas quanto na grafia dos *corpora* abordados.

Na quinta seção da tese, estão apresentados e discutidos os dados desta pesquisa. Particularmente em relação às vogais acentuadas, as rimas das CSM sugerem uma pronúncia diferente da atual para a vogal média de determinados vocábulos, no século XIII. Já as rimas do CG e de *Os Lusíadas* levam-nos a acreditar que essa pronúncia atual é o resultado de uma mudança linguística que teve origem, muito provavelmente, em variações fonéticas, entre vogal média aberta e fechada, vigentes nos séculos XV e XVI. No tocante às vogais pretônicas da língua, a análise da grafia empregada nos *corpora* consultados evidencia a ocorrência de variação fonética envolvendo alçamento vocálico, nos séculos XIII, XV e XVI. Esses dados insinuam que, no período em foco, a elevação da vogal média pretônica ainda era uma regra variável, na língua portuguesa. Por fim, em relação às vogais postônicas, os dados desta pesquisa não nos autorizam a afirmar que, nos séculos em apreço, o alçamento da vogal média já fosse uma regra geral, nas sílabas pós-acentuadas.

A partir deste trabalho, portanto, foi possível obter informações importantes sobre a realização das vogais tônicas, pretônicas e postônicas do português, em diferentes períodos da história da língua. Além disso, a presente pesquisa revela diversos casos de variação e mudança que caracterizam o percurso histórico das vogais portuguesas. Todos esses resultados estão reunidos ao final desta tese, na *Conclusão* do trabalho.

1. História e periodização da língua portuguesa

Se o objetivo principal deste estudo é obter informações sobre o sistema vocálico do português, em diferentes períodos da história da língua, parece-nos interessante iniciar este trabalho traçando o percurso histórico de nossa língua, desde sua origem até o século XVI, abarcando, assim, os três séculos abordados nesta pesquisa. Afinal, é de extrema relevância, para a interpretação dos dados deste estudo, conhecer não apenas as bases que fundaram o galego-português, mas também o contexto histórico envolvido em cada uma das transições de um período ao outro. Dedicamos, portanto, esta primeira seção da tese à apresentação de alguns aspectos importantes da história e da periodização do português.

Sabemos, hoje, que a língua portuguesa, como as demais línguas românicas, provém do latim vulgar.⁵ Contudo, é evidente que os romanos, quando conquistaram a Península Ibérica, por volta do século II a.C., encontraram, ali, um povo nativo, com uma língua particular que, certamente, exerceu alguma influência sobre o recém-chegado latim. Além disso, em função da distância percorrida pelos romanos e do tempo despendido nesse longo percurso que os conduziu até o noroeste da Península Ibérica, precisamente na região onde floresceu o galego-português, o latim vulgar que ali chegou já não era o mesmo que partira de Roma, anos atrás. Tampouco era equivalente àquele latim falado no lado oposto da Península Ibérica, ou seja, na região da atual Catalunha, já que duzentos anos, pelo menos, separam o primeiro contato dos romanos nos dois extremos desse vasto território (cf. CASTRO, 2008). Todos esses fatores, juntamente com eventuais influências futuras, contribuíram para a formação de línguas românicas diferentes, em territórios vizinhos.

É nesse contexto, portanto, que nasce o português (ou galego-português, conforme veremos mais adiante): uma língua ao mesmo tempo inovadora e conservadora, em relação às demais línguas neolatinas (cf. BALDINGER, 1972).⁶ Na presente seção, vamos investigar os

⁵ Segundo Câmara Jr. (1979[1975], p. 12), são línguas românicas (ou neolatinas) nacionais e literárias de diversos países: o português, o espanhol ou castelhano, o italiano, o francês e o romeno. De acordo com os estudiosos, as línguas românicas provêm do latim vulgar, ou seja, da língua falada, de caráter popular, e não do latim clássico, literário. A esse respeito, Michaëlis de Vasconcelos (1946, p. 6) declara o seguinte: “Não é da língua cultíssima de Cícero e de César, os deuses maiores da prosa clássica, que as línguas românicas procedem, e muito menos da linguagem poética, sublimada, de Horácio, Catulo, Vergílio. É do latim falado por todas as classes, mas sobretudo pelo verdadeiro povo; do *latim de conversação* despreocupada, com fins meramente práticos, sociais, como instrumento de comércio, de pessoa a pessoa, que elas procedem indubitavelmente”. Seguindo esse mesmo raciocínio, Silva Neto (1956, p. 65) afirma: “Com muitas razões podemos dizer que as línguas neolatinas são fases atuais do latim. Não, porém, do latim clássico, pois este é uma criação artística, uma criação estética, mas é a fase atual do latim corrente, outrora divulgado pelos colonos e soldados”.

⁶ Para Baldinger (1972), a preservação dos ditongos *ei* e *ou* na língua portuguesa (ex.: *janeiro* e *touro*, em oposição ao castelhano *enero* e *toro*) constitui um típico traço de conservadorismo (cabe destacar, todavia, que,

principais fatores históricos que conduziram às particularidades do português. Serão abordadas, por exemplo, as línguas que serviram de substrato e superstrato ao latim vulgar, além das demais influências que caracterizaram a formação do dialeto falado na então Gallaecia Magna, província romana que abarcava a Galiza atual, parte do norte de Portugal e o Ocidente das Astúrias (cf. CASTRO, 2008). Para além das origens, serão evocadas as transformações posteriores e as diferentes fases que constituíram o percurso histórico da língua portuguesa, desde sua formação até o início do português moderno (ou clássico), no século XVI.

Segundo Castro (2008), a costa catalã foi o ponto de entrada dos romanos na Península Ibérica. Para o autor, esse território, antes da chegada dos romanos, no século II a.C., era habitado por povos iberos. Castro (2008) observa, no entanto, que a língua ibérica não foi a única, na Hispânia, que serviu de substrato ao latim, já que algumas particularidades do castelhano (a substituição do *f* inicial latino por *h*, em vocábulos como *harina* “farinha” e *hijo* “filho”, por exemplo) evidenciam, de acordo com o autor, a influência de outro substrato: o basco.

Hauy (1989), por seu turno, afirma que a Península Ibérica, antes da chegada dos romanos, era habitada por povos “iberos” e “celtas”, que constituíam as chamadas nações “celtiberas”. De acordo com a autora, quando os romanos ocuparam a Península, após as Guerras Púnicas (entre Roma e Cartago), encontraram, muito provavelmente, o celta como a língua nativa do território.

De qualquer forma, é indiscutível que o latim vulgar, pouco a pouco, conquistou seu espaço e suplantou a(s) língua(s) falada(s) na região.⁷ Essa instauração do latim, no entanto, não ocorreu ao mesmo tempo, em todo o território hispânico, conforme já mencionado nesta seção. Segundo Castro (2008, p. 56), foram necessários mais de duzentos anos para os

em muitas variedades da língua, ocorre monotongação na pronúncia desses encontros vocálicos). Já a queda das consoantes intervocálicas /l/ e /n/ (ex.: *dolor* > *door* > *dor*; *manu* > *mão*) confere ao português, segundo o autor, um traço inovador. Baldinger (1972) também destaca outra particularidade do português: a mudança das sequências latinas *pl*, *cl* e *fl* (ex.: *pluvia*, *clave*, *flamma*) em [tʃ] (ex.: [tʃ]uva, [tʃ]ave, [tʃ]ama) e, depois, na região centro-sul da Península Ibérica, em [ʃ] (ex.: [ʃ]uva, [ʃ]ave, [ʃ]ama).

⁷ Silva Neto (1956, p. 65) afirma que o latim tomou emprestados alguns termos (poucos) da língua dos povos celtiberos, principalmente para nomear particularidades da Península Ibérica que os romanos, até o momento, desconheciam. De acordo com o autor, são palavras ibéricas, no português: *abóbora*, *arroio*, *barro*, *lousa* e *sarna*. Já Hauy (1989, p. 13) aponta alguns vestígios da língua dos celtas, no português: *berço*, *bico*, *cabana*, *caminho*, *camisa*, *carro*, *cavalo*, *cerveja*, *gato*, *lança*, *légua*, *manteiga*, *saia*, *saio*, *vassalo*; e os topônimos da Lusitânia: *Coimbra*, *Bragança*, *Évora* e *Lisboa*.

romanos atravessarem a Península, conquistando, assim, o extremo oposto à costa catalã. Essa longa travessia, de acordo com o autor, foi refletida na formação da língua local:

A tardia implantação do latim entre as populações [do noroeste da Península Ibérica] prolongou a vida das línguas pré-romanas [...] A sobrevivência, na Gallaecia, e em todo o norte peninsular, das línguas pré-romanas até pouco antes de ter tido início a desagregação do império criou condições para que o latim local fosse submetido a fortes pressões inovadoras de substrato, sem ter tido tempo de sedimentar.

Já no século V d.C., quando os povos germânicos (suevos e visigodos) invadiram a Península Ibérica, encontraram, muito provavelmente, o latim (com variações regionais e já bastante modificado) como a nova língua nativa de todo o território (cf. CÂMARA JR., 1979[1975]).

De acordo com os estudiosos consultados, o latim, mesmo após as invasões germânicas, não perdeu a sua hegemonia na região. Silva Neto (1956) afirma que os germânicos, embora fossem os conquistadores, aceitaram a língua dos vencidos, já que estavam em desvantagem numérica em relação a eles. Além disso, no caso dos visigodos, o autor comenta que, quando invadiram a Península, já dominavam, ao que tudo indica, o latim vulgar.

Para Teyssier (1994[1980]), foi mínima a contribuição dos suevos e visigodos à língua e à cultura da Península Ibérica.⁸ Por outro lado, o autor reconhece que a invasão dos povos germânicos rompeu a unidade romana que se verificava no território, até então. Com isso, o latim falado diversificou-se, tornando-se ainda mais distante do latim escrito. Para Castro (2008, p. 53), “é de admitir que com a quebra do sistema educativo romano, acelerado a partir do século V e coincidindo com as invasões bárbaras, se tenha aberto uma brecha difícil de colmatar entre a língua falada e o latim escrito”.

⁸ Castro (2008, p. 59), por outro lado, defende que os suevos, precisamente, por terem assegurado um relativo isolamento do noroeste da Península, durante mais de dois séculos, contribuíram de forma significativa para a formação do caráter particular do galego-português: “se as quedas de -L- e -N- intervocálicos e a convergência dos grupos iniciais PL-, CL-, FL- para a africada palatal são caracterizadoras do romance galego-português, isso deve-se ao facto de terem surgido num território politicamente isolado num período crucial - os dois ou três séculos imediatos ao desmembrar do Império Romano”. Particularmente em relação aos (pequenos) efeitos de superstrato da língua dos suevos e visigodos, Silva Neto (1956, p. 66) e Haug (1989, p. 16) apontam os seguintes empréstimos germânicos no português: *dardo, elmo, escaramuça, espora, guerra, trégua* (termos de guerra); *arauto, baluarte, banda, bando, bandeira, espeto, feltro, feudo, orgulho, roupa, sopa* (termos de uso geral); além dos verbos *brandir, galopar, roubar, trotar, trepar*; e dos adjetivos *branco, franco, fresco, liso, morno, rico, tacanho*.

Desse modo, o século V, como bem notou Silva Neto (1956), marca não apenas o início de uma nova era (a Idade Média), na Europa Ocidental, mas também o princípio de uma nova fase linguística, na Península Ibérica. Segundo o autor, a partir desse período, surge, na região da Lusitânia (um pouco mais ao norte, na verdade), um falar intermediário entre o latim vulgar e a língua portuguesa propriamente dita. A esse “falar intermediário”, que teria subsistido até meados do século IX, o estudioso chamou *romanço lusitânico*.

Além da invasão dos já referidos bárbaros germânicos (suevos e visigodos), no século V, também teria contribuído para a formação e desenvolvimento desse romanço lusitânico a posterior ocupação dos árabes muçulmanos, no século VIII.

Para Castro (2008, p. 61), o quadro que as nações proto-nacionais vinham desenvolvendo na região centro-sul da Península, até o século VIII, foi completamente alterado, após a ocupação muçulmana do território: “assim, aquilo que no centro e sul da Península se contrapõe à faixa de pequenas nacionalidades setentrionais é um vasto território unificado pelo domínio muçulmano, o Andaluz”. De acordo com o autor, passaram a habitar essa região, a partir do século VIII, os seguintes povos:

- *baladiyyim*: árabes nobres vindos da Arábia;
- *mouros* (ou bereberes): vindos da Mauritânia, foram conquistados e parcialmente islamizados pelos árabes;
- *muwalladim*: hispano-godos convertidos ao islamismo, seguiam a tradição dos *baladiyyim*;
- *moçárabes*: hispano-godos ou hispano-romanos dominados pelos muçulmanos, mas não-convertidos ao islamismo (procuravam manter suas línguas e seus próprios costumes);
- *judeus*: dispunham dos mesmos direitos dos moçárabes - “tanto a comunidade hebraica como a cristã eram vistas pelos muçulmanos como ‘povos do Livro’, isto é a Bíblia” (CASTRO, 2008, p. 62).

Os muçulmanos, portanto, quando ocuparam a Península Ibérica, deixaram subsistir, em seu império islâmico-hispânico, os falares locais, sob o domínio oficial do árabe.⁹ Cumpre salientar, a propósito, que as línguas do centro-sul da Península, em virtude, sobretudo, dessa influência direta do árabe, diferenciaram-se ainda mais das línguas do norte.¹⁰

Particularmente em relação à língua falada na região onde, séculos mais tarde, seria fundada a nação portuguesa, Leite de Vasconcellos (1959), com base na documentação escrita remanescente do período compreendido entre os séculos V e IX, classificou-a como português pré-histórico. Em outras palavras, para o medievalista Leite de Vasconcellos (1959), o português pré-histórico (equivalente ao romance lusitânico, na proposta de Silva Neto, 1956) teve início nas origens da língua (momento em que ela deixa de ser reconhecida como latim vulgar)¹¹ e perdurou até o século IX. Esse período da língua, de acordo com o estudioso, não aparece documentado nos textos remanescentes e só pode ser reconstituído a partir de deduções:

[...] compreende-se que entre a época do latim vulgar, em que se dizia *medecina (*medicina*), e as épocas histórico-portuguesas, onde nos documentos se encontra *mezinha* e *meezinha*, houvesse um tempo em que se dissesse *medecina e *meezina, formas que já não têm caráter latino, e que por tanto são portuguesas pré-históricas. (LEITE DE VASCONCELLOS, 1959, p. 122)

⁹ Silva Neto (1956, p. 67) afirma que há inúmeras palavras de origem árabe no português e que todas elas revelam a cultura e o progresso dos povos islâmicos já no momento da invasão da Península Ibérica. São termos árabes no português, de acordo com Silva Neto (1956, p. 67) e Hauy (1989, p. 16): *acelga, açúcar, alecrim, alface, alfaça, algodão, arroz, azeite, azeitona, azenha, cenoura, espinafre, laranja, limão, tâmara, tremoço* (termos agrícolas); *alambique, alcatrão, álcool, almofariz, almude, alvará, cânfora, elixir, xarope* (termos da ciência); *açafata, acicate, açoite, açougue, alarido, alcaide, alcova, aldrava, alfaiate, alfanje, alforje, alguidar, alicate, alicerce, almofada, alqueire, armazém, arroba, cáfila, ceifar, chafariz, enxaqueca, enxoval, girafa, giz, jarra, javali, quilate, quintal, refém, safaro, xadrez* (demais termos).

¹⁰ Castro (2008) mostra que as diferenças dialetais que separam, hoje, o norte e o centro-sul de Portugal evidenciam, de um modo geral, um falar mais arcaizante na área setentrional, bastante próximo dos primórdios da língua, em oposição a um falar mais moderno da faixa meridional. Alguns exemplos de traços conservadores, no português do norte de Portugal, são, de acordo com o autor: a pronúncia ainda africada da consoante proveniente de *pl-*, *cl-* e *fl-* do latim clássico (ex.: [tʃ]uva para *chuva*); a preservação dos ditongos *ou* e *ei* na pronúncia de palavras como *ouro* e *feira*; e a preservação das sibilantes apicais [ʃ] e [ʒ], sobretudo nos meios rurais.

¹¹ É importante observar que Leite de Vasconcellos (1959, p. 121) reconhece que a passagem do latim vulgar ao português pré-histórico, como toda mudança relacionada à língua, não ocorre de uma hora para outra, de maneira abrupta, mas aos poucos, após um longo período de transição, conforme declara: “uma língua não nasce de pronto como um indivíduo, em dia e hora suscetíveis de se marcarem no calendário e no quadrante, mas evoluciona lentamente, como o feto no seio materno”.

Somente a partir do século IX, segundo Leite de Vasconcellos (1959), podem ser identificados traços do português em determinados textos escritos em latim bárbaro.¹² À luz desses dados, o estudioso chamou de português proto-histórico a língua falada no período compreendido entre os séculos IX e XII. Em nota, Leite de Vasconcellos (1959, p. 123) afirma que “português proto-histórico é a língua que se revela por baixo do latim bárbaro”.

Os demais estudiosos consultados (MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1946; WILLIAMS, 1975[1938]; ALI, 1964; COUTINHO, 1974) também defendem que o português (ou melhor, o galego-português) propriamente dito, embora já pudesse existir como língua falada, em um período que antecede o século XII, somente a partir desse século aparece documentado em textos escritos, que testemunham e comprovam sua ocorrência na região lusitânica.

Com base no surgimento desses primeiros textos escritos em português, Leite de Vasconcellos (1959, p. 123) designou o século XII como o início da “época histórica” ou “arcaica” da língua portuguesa, conforme mostra o quadro a seguir:

Quadro 1.1. A periodização do português segundo Leite de Vasconcellos (1959)

séculos V-IX	<i>português pré-histórico</i>
séculos IX-XII	<i>português proto-histórico</i>
século XII	<i>português histórico ou arcaico</i>

Fonte: elaboração própria.

Para Michaëlis de Vasconcelos (1946), é precisamente o reinado de D. Sancho I, de 1185 a 1211, que marca o início do português histórico ou arcaico. Segundo a estudiosa, o próprio rei já versificava em português, no período de seu reinado. Michaëlis de Vasconcelos (1946, p. 14) pondera, no entanto, que, no final do século XII, ainda eram raríssimos os documentos escritos em português. Segundo a autora, somente a partir do século XIII (de 1250 em diante), esses documentos começam a aparecer com maior frequência. Além disso, a estudiosa revela que a língua dos poucos documentos remanescentes do final do século XII,

¹² Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.13) declara que “latim bárbaro” é um nome apropriado para designar a língua em que foram escritos certos documentos da Lusitânia entre os séculos IX e XII. De acordo com a estudiosa, trata-se de documentos públicos, como contratos de compra e venda, doações, testamentos etc., e jurídicos, como diplomas, leis, forais, cartas, inquirições sobre propriedades, entre outros documentos, cuja língua não corresponde nem ao latim vulgar, nem ao português propriamente dito. Segundo a autora, os tabeliães, obrigados a escrever em latim, língua que não dominavam totalmente, acabavam incorporando traços do romanche local.

embora fosse a portuguesa, “bem caracterizada pelas suas feições especiais”, ainda apresentava algumas formas do latim bárbaro.

Mattos e Silva (2006, p. 38), por sua vez, considera uma questão problemática a que se refere à delimitação temporal dos primeiros documentos escritos em português, e não mais em latim, como era a tradição. A autora cita, por exemplo, o estudo do Pe. Avelino de Jesus da Costa, intitulado *Os mais antigos documentos escritos em português - revisão de um problema histórico-linguístico*, no qual o estudioso mostra que os documentos antes considerados os mais antigos do português - o *Auto de Partilhas* e o *Testamento de Elvira Sanches* - não são de 1192 e 1193, respectivamente, como se acreditava até então, mas são ambos do final do século XIII. O estudo do Pe. Avelino da Costa revela que, na verdade, datam de 1192 e 1193 os textos originais, escritos em latim, que serviram de base, posteriormente, para a versão portuguesa (cf. TEYSSIER, 1994[1980]; MATTOS E SILVA, 2006).

O *Testamento de Afonso II*, terceiro rei de Portugal, datado de 1214, é considerado, hoje, o mais antigo documento jurídico - com data indiscutível, é importante que se esclareça - escrito em português.¹³ Em seguida, viria a *Notícia do Torto*, escrita, muito provavelmente, entre 1214 e 1216. (cf. MATTOS E SILVA, 2006; CASTRO, 2008).

Se tomarmos como exemplo, no entanto, a produção poética trovadoresca, recuaremos ainda mais essa data. Para Giuseppe Tavani (1988, p. 41), data de 1196 o texto poético (documentado) mais antigo, escrito em galego-português: uma *cantiga de escárnio*, de Joam Soares de Paiva, iniciada pelo verso *Ora faz ost' o senhor de Navarra*, cujos fatos narrados remetem à datação referida.¹⁴

¹³ É importante observar que Souto Cabo (2003) procura demonstrar a ocorrência do galego-português já em documentos do século XII, anteriores, portanto, ao *Testamento de Afonso II* e à *Notícia do Torto*. O autor aponta diversos textos do século XII em que o galego-português pode ser observado. Contudo, em nenhum desses documentos apontados pelo estudioso, o galego-português aparece como língua única e exclusiva, mas sempre divide espaço com formas latinas (em maior ou menor grau, dependendo do documento). Souto Cabo (2003, p. 331) reconhece, assim, que o galego-português aparece, em rigor, pela primeira vez, como língua exclusiva, apenas no *Testamento de Afonso II*. Para o autor, no entanto, a presença do latim, nesses documentos, não deveria constituir um empecilho para considerá-los como os primeiros testemunhos do galego-português, principalmente porque, em alguns desses textos, a ocorrência do latim chega a ser mínima e, por isso, irrelevante, segundo o autor. Michaëlis de Vasconcelos (1946, p. 14), por seu turno, afirma que o *Testamento de Afonso II* é superior, “em correção e estilo”, aos documentos que o precederam, remanescentes do final do século XII.

¹⁴ Para Michaëlis de Vasconcelos (1946, p. 14), no entanto, a mais antiga cantiga trovadoresca, “que se conseguiu datar com alguma probabilidade”, é de 1189. Há outras ainda, segundo a estudiosa, do reinado de D. Sancho I e de D. Afonso II, e muitas do reinado de D. Sancho II, anteriores a 1250.

Mattos e Silva (2006, p. 38), no entanto, como Michaëlis de Vasconcelos (1946), adverte que esses documentos do século XII e início do século XIII são *extemporâneos*, já que os textos escritos em galego-português passaram a abundar somente a partir de 1255.

É inegável, portanto, que, no século XIII, a língua falada no noroeste da Península Ibérica já correspondia ao português arcaico (PA), em sua fase inicial. No que diz respeito ao limite final desse período da língua tradicionalmente conhecido como arcaico, estudiosos como Leite de Vasconcelos (1959), Silva Neto (1956), Coutinho (1974) e Câmara Jr. (1979[1975]) são categóricos em apontar o século XVI como o marco de uma nova fase na história da língua.

Michaëlis de Vasconcelos (1946, p. 15), por seu turno, considera extenso demais o período atribuído ao PA e, baseada na produção literária medieval, propõe que se faça a seguinte subdivisão: *fase trovadoresca*, até 1350, cuja língua seria o galego-português; e *fase da prosa histórica verdadeiramente nacional*, de 1350 a meados do século XVI, quando teria ocorrido um distanciamento entre o português e o galego, conforme explica a autora:

Na época trovadoresca, a língua fora galego-portuguesa, substancialmente igual (se abstrairmos de algumas particularidades dialetais) à que se desenvolvera do outro lado do Minho. Na época da prosa nacional, afastou-se dela mais e mais, ao passo que o galego ou galiziano se ia aproximando mais e mais do castelhano.

Silva Neto (1952, p. 405) segue a medievalista Michaëlis de Vasconcelos (1946) e considera, pois, que o PA deve ser dividido em dois períodos distintos: o *trovadoresco*, até 1350; e o período do *português comum*, de 1350 em diante.

O quadro a seguir resume as propostas de periodização do PA de alguns dos autores consultados:¹⁵

¹⁵ É importante observar que alguns autores empregam a terminologia “português antigo”, para o PA, e “português médio”, para o período compreendido entre a segunda metade do século XIV e meados do século XVI. No famoso quadro reproduzido por Castro (1988, p. 12; 2008, p. 73) e Mattos e Silva (2006, p. 25), que resume as propostas de periodização dos principais estudiosos que se dedicaram ao tema, essa terminologia é atribuída a Lindley Cintra. Castro (1999) esclarece, no entanto, que Cintra não chegou a publicar essa classificação, de modo que a referência a ele é baseada em aulas e outras exposições orais do estudioso. O quadro referido também mostra que Cintra e Vázquez Cuesta dividem o período compreendido entre os séculos XVI e XX em “português clássico”, até o século XVIII, e “português moderno”, a partir do século XVIII. Neste trabalho, todavia, chamamos de “português moderno” todo esse período da língua portuguesa (a partir da segunda metade do século XVI), adotando, assim, a terminologia proposta por Leite de Vasconcelos (1959) e Silva Neto (1952).

Quadro 1.2. As fases do PA segundo Leite de Vasconcellos (1959), Michaëlis de Vasconcelos (1946) e Silva Neto (1952)

Época	Leite de Vasconcellos	Michaëlis de Vasconcelos	Silva Neto
até 1350	Português arcaico	Fase trovadoresca	Período trovadoresco
de 1350 a meados do século XVI		Fase da prosa histórica verdadeiramente nacional	Português comum

Fonte: elaboração própria.

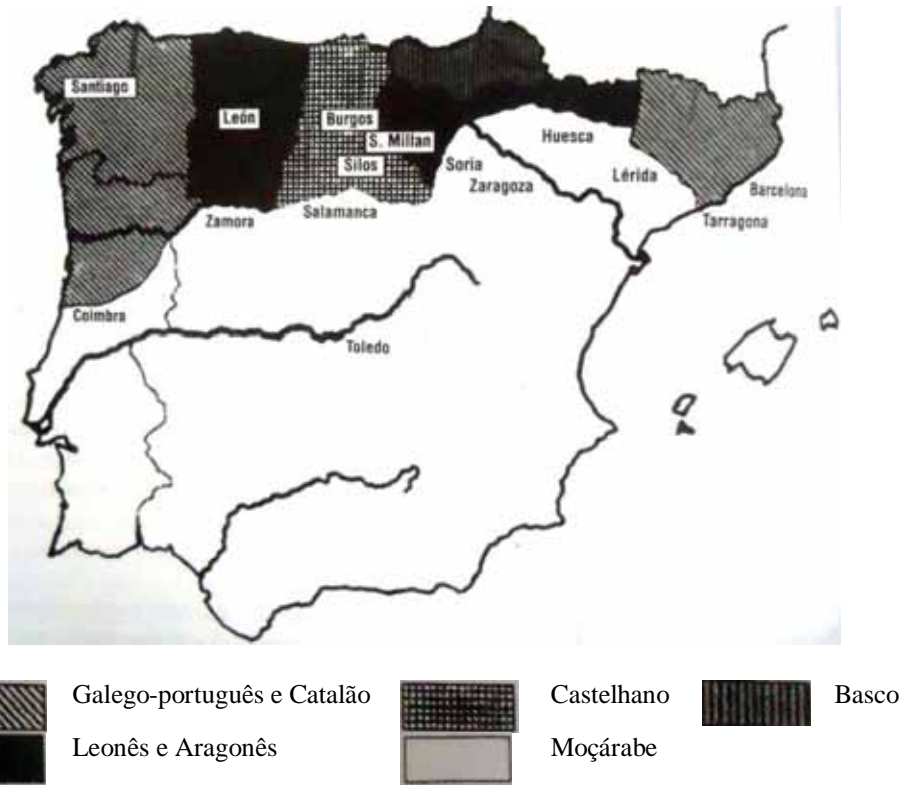
A respeito dessa subperiodização do PA, Mattos e Silva (2006, p. 23) declara:

Com a dicotomia galego-português/português se faz necessário ressaltar uma face do problema que é de caráter não apenas diacrônico, mas também diatópico. Esse enfoque para a questão da subperiodização não é apenas baseado na produção literária, como são, explicitamente, o de Carolina M. de Vasconcelos e Serafim da Silva Neto, mas tem a ver com a possível diferenciação dialetal da língua falada a que se poderia opor uma primeira fase do período pré-moderno, em que haveria uma unidade galego-portuguesa, refletida na documentação escrita, e uma segunda fase, em que se poderia definir a distinção entre o diassistema do galego e do português. Fatores históricos direcionaram a diferenciação entre o galego e o português que, na sua origem, constituíam uma mesma área lingüística em oposição a outras áreas ibero-romanas.

Para Teyssier (1994[1980]), o movimento de Reconquista cristã, que avançou em direção ao sul da Península Ibérica para expulsar os muçulmanos e recuperar o território perdido, foi determinante no desenvolvimento não apenas do galego-português, mas também das demais línguas que se formaram na Península Ibérica, como o castelhano e o catalão, por exemplo.

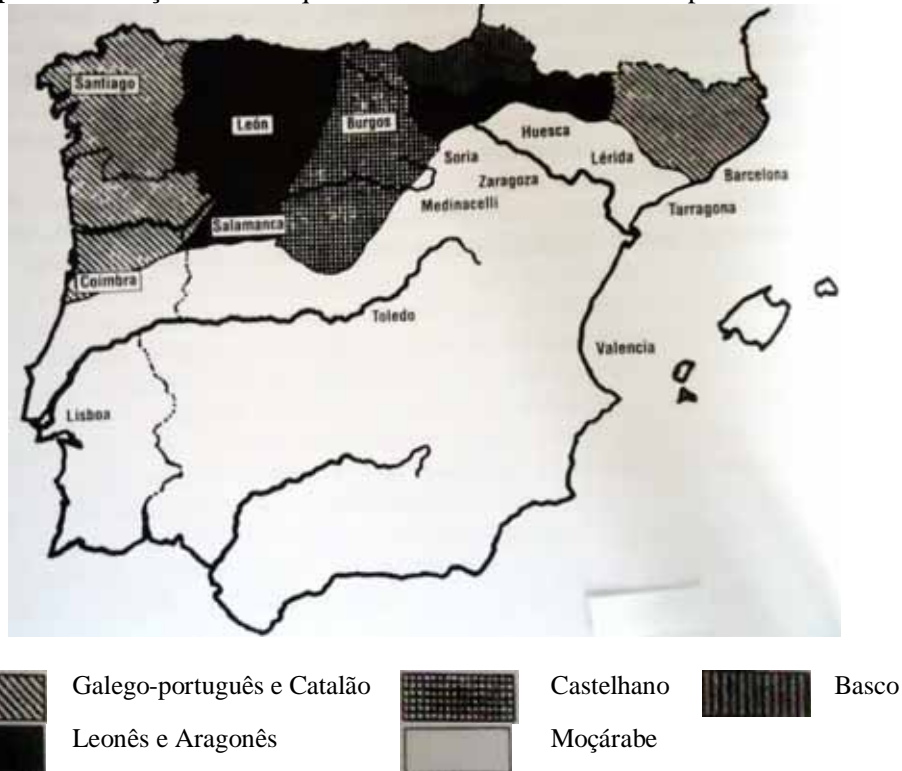
No início da Reconquista cristã, conforme mencionado anteriormente nesta seção, a região centro-sul da Península Ibérica (Andaluz) estava sob o domínio árabe. No extremo norte da Península, partindo do litoral Atlântico em direção à costa Mediterrânea, havia a Galícia, o reino de Leão, de Castela, de Aragão e a região da Catalunha. Assim, por volta do século X, cinco falares hispano-românicos, pelo menos, figuravam na Península Ibérica: o galego-português, o leonês, o castelhano, o aragonês e o catalão, além do basco (que não é língua românica, nem indo-europeia). A sequência de mapas apresentada a seguir ilustra perfeitamente a expansão desses falares, no território referido, durante o avanço da Reconquista cristã:

Mapa 1.1. Avanço da Reconquista cristã na Península Ibérica no ano de 930



Fonte: Castro (2008, p. 70).

Mapa 1.2. Avanço da Reconquista cristã na Península Ibérica por volta de 1100



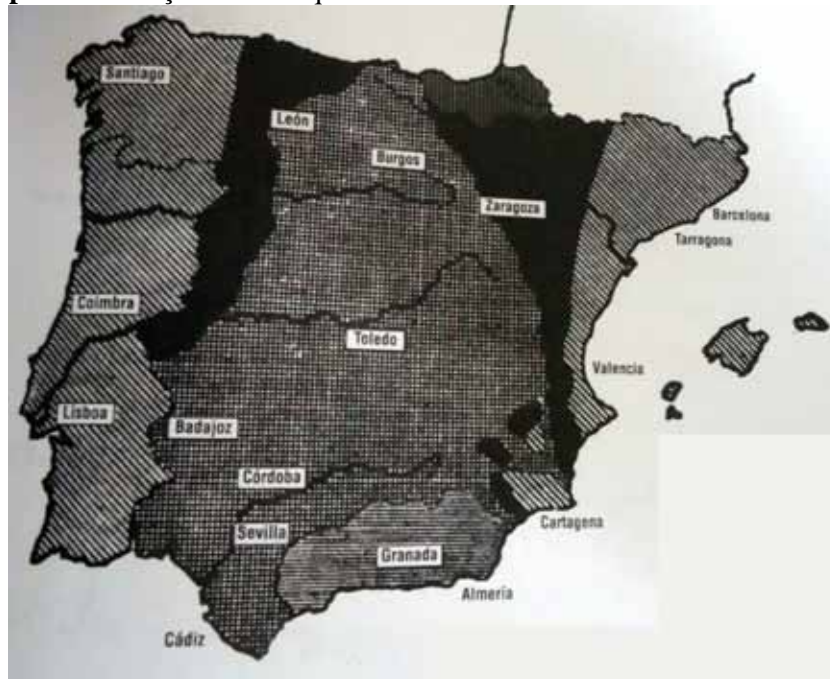
Fonte: Castro (2008, p. 70).

Mapa 1.3. Avanço da Reconquista cristã na Península Ibérica no ano de 1200



Fonte: Castro (2008, p. 71).

Mapa 1.4. Avanço da Reconquista cristã na Península Ibérica no ano de 1300



Fonte: Castro (2008, p. 71).

Como notou Castro (2008, p. 67):

A Reconquista desenhou de modo quase arbitrário, condicionado apenas pela sorte militar e pelas negociações políticas, um mapa que pouco ou nada tinha a ver com as compartimentações visigóticas. E que poderia ter sido muito diverso do actual: bastava que as armas vencedoras tivessem sido outras. Se as cinco unidades originárias da Reconquista (galego-portuguesa, leonesa, castelhana, aragonesa e catalã) se tivessem limitado a ocupar os territórios árabes que lhes ficavam directamente a sul, o mapa político peninsular teria hoje um aspecto zebrado, com cinco estados longos e estreitos, dispostos paralelamente de norte a sul (à semelhança de Portugal).

De acordo com Haury (1989), Portugal separa-se da Galiza no século XII, quando o galego-português era o idioma falado em toda a costa Atlântica da Península Ibérica (como mostra o mapa 1.3). Até a segunda metade do XIV, entretanto, o galego-português não apenas continuou sendo falado nessa região, como também foi a língua empregada na poesia trovadoresca de então.¹⁶

Essa unidade linguística que caracteriza o galego-português empregado nas cantigas trovadorescas induz, em contrapartida, a questionamentos acerca do carácter espontâneo dessa língua. Alguns autores, por exemplo, defendem que a língua adotada pelos trovadores (galegos, portugueses e castelhanos) era artificial e não correspondia, portanto, à língua falada na região (cf. CASTRO, 2008). Michaëlis de Vasconcelos (1946, p. 18), por outro lado, embora chame de “português ilustre” essa língua empregada na poesia trovadoresca, afirma que é um erro:

supor que a linguagem desses (trovadores), evidentemente mais unitária e escolhida que a falada, era artificial. Três quartas partes, talvez, dos vocábulos antigos são idênticas às modernas, ou pelo menos semelhantes, ex.: *Rosa, mesa, mês, mar, jurar, falar, levar, querer, poder*. Não vale a pena citar mais exemplos porque são infinitos.

Silva Neto (1952, p. 404) também defende o carácter espontâneo da língua dos trovadores:

¹⁶ Segundo Haury (1989, p. 26), vários fatores determinaram o prestígio da Galiza e do galego-português em toda a Península Ibérica: “a fé cristã, envolvendo Santiago de Compostela, na Galiza, com a auréola do misticismo religioso, tornou o lendário túmulo do apóstolo Iago o maior centro de devoção da Idade Média; conseqüentemente, a intensa peregrinação fez da Galiza um centro de desenvolvimento comercial que se refletiu nos aspectos sociopolíticos e culturais da região”. Haury (1989, p. 26) declara que a Galiza tornou-se o centro irradiador da produção poética trovadoresca, onde se realizava a educação dos reis e membros da nobreza.

O que as cantigas trovadorescas representam é, na verdade, uma estilização da língua falada contemporaneamente na região Entre-Douro-e-Minho, língua que, em relação àquela que mais tarde se tornou padrão, mostrava aspecto conservador. Na doce linguagem dos trovadores há frescura e espontaneidade - ela não é, como poderia parecer a quem não levasse na devida conta o que afirmamos, nem artificial, nem muito menos um organismo “imóvel, convencional e puramente literário”.

Desse modo, se admitirmos a língua empregada na poesia trovadoresca como um reflexo da língua falada em toda a costa Atlântica da Península Ibérica, na época, seremos levados a reconhecer também a unidade entre o galego e o português, até o final do período trovadoresco, pelo menos.¹⁷

Após 1350, segundo Michaëlis de Vasconcelos (1946, p. 16), “as musas emudeceram”, a poesia trovadoresca (provençalismo) “morreu de inanição” e a língua sofreu significantes alterações - principalmente após as lutas com Castela e a vitória de Aljubarrota, quando se exaltaram os ânimos nacionalistas.

A propósito do distanciamento entre o galego e o português, no século XIV, Mattos e Silva (2006, p. 24) declara:

[...] parece procedente uma subperiodização do português arcaico, em que se considere uma primeira fase galego-portuguesa e outra que se definirá como portuguesa, sobretudo a partir da centralização política no eixo Coimbra-Lisboa. Definidos os limites do novo reino português, sela-se um destino histórico diferenciado para o português e o galego. Esse fato culmina com a decisão de Dom Dinis, que falece em 1325, de legalizar o português como língua oficial de Portugal.

¹⁷ A respeito dessa separação entre o galego e o português, é interessante esta reflexão de Castro (2008, p. 76): “Discute-se se o galego e o português fizeram caminho juntos durante muito ou pouco tempo. Alguns autores separam o galego do português muito cedo, por altura da fundação do reino de Portugal, enquanto outros defendem que eles constituem uma língua única até aos nossos dias. O facto de, na Galiza, podermos falar português e sermos perfeitamente entendidos não prova que, nos dias de hoje, se trate de uma mesma língua?”. Castro (2008) também observa que há um *continuum* linguístico do extremo norte ao sul da costa atlântica da Península Ibérica. Em outras palavras, se partirmos da Galiza em direção ao Algarve, encontraremos mudanças dialetais graduais, que não rompem, segundo o autor, a unidade linguística. O mesmo não ocorre se fizermos o trajeto ocidente-orientado da Península, pois, nesse caso, encontraríamos a fronteira da ditongação das vogais *e* e *o*, provenientes de *ě* e *ǫ* do latim clássico: *pedra* > *pie*dra, *porta* > *pu*erta, por exemplo (cf. MENÉNDEZ PIDAL, 1962[1906]).

Castro (2008) também aponta a transferência do poder político, econômico e cultural (do norte) para a região centro-sul do país como um dos fatores responsáveis pela suposta ruptura entre o galego e o português, a partir de 1350. Segundo o autor, não apenas a peste negra, que dizimou, em meados do século XIV, grande parte da população portuguesa (sobretudo a adulta e urbana), mas também o advento da Dinastia de Avis e a consequente ascensão do eixo Coimbra-Lisboa-Évora foram determinantes para as mudanças linguísticas atribuídas ao período em foco. Em outras palavras, a partir do século XIV, o centro-sul de Portugal passou a inspirar as inovações e a ditar as normas da língua portuguesa, e não mais a região norte ou a Galiza, onde o galego-português tem as raízes assentadas.

Além disso, também merecem apreço as mudanças literárias que caracterizam a transição de um período ao outro. A poesia trovadoresca, a partir do século XIV, cedeu lugar à literatura em prosa (ex.: novelas de cavalaria, hagiografias etc.), conforme sugerem os textos remanescentes da época. Castro (2008), por exemplo, chama a atenção para a mudança dos modelos e fontes que fundamentaram a produção literária de cada período: enquanto a língua das cantigas trovadorescas baseava-se, essencialmente, no provençal, a língua das novelas de cavalaria ou das hagiografias também tomou o latim como base. Como bem observou o estudioso, a língua a imitar, no início do século XV, já não era um romance específico, mas sim a língua latina propriamente, mãe de todos os romances. Com base nessas considerações, Castro (2008, p. 154) conclui: “a língua literária da Geração de Avis não prolonga a língua literária do séc. XIII, antes dela se afasta por um processo de elaboração”.

Em relação às mudanças linguísticas que assinalam a passagem da primeira para a segunda fase do PA, os estudiosos consultados apontam os seguintes exemplos:

- os nomes terminados em *-nte*, *-or* e *-ês*, que eram uniformes no galego-português (*a infante*, *mha (minha) senhor*, *língua português*), tornam-se femininos ou masculinos, na segunda fase do PA;
- algumas formas que apresentavam flexão de número, na primeira fase do PA (ex.: *ourívezes*, *alférezes* etc.), tornam-se invariáveis, na segunda fase;
- há alteração no morfema de segunda pessoa do plural do presente do indicativo, que era (sempre) *-des*, na primeira fase do PA: *amades*, *devedes*, *ouvides*;

- alguns hiatos do galego-português foram eliminados na segunda fase do PA, por monotongação (ex.: *vi-i* > *vi*), ditongação (ex.: *ma-o* > *ma[w]*) ou epêntese consonantal (ex.: *nĩ-o* > *ninho*);
- há alteração na forma do particípio passado de verbos de segunda conjugação, que apresentava a terminação *-udo*, no galego-português: *perdudo*, *conhoçudo*, *escondudo*;
- e há mudança na terminação da terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, que era *-om*, na primeira fase do PA: *ouverom*, *amarom* etc.

É importante ressaltar, no entanto, que essas mudanças não ocorreram abruptamente, na passagem de um período ao outro. Talvez fosse mais acertado afirmar que os tópicos apresentados acima constituem mudanças em curso, sobretudo ao longo do século XV, caracterizadas por variações frequentes que, pouco a pouco, cederam lugar a uma única forma. Por esse motivo, alguns autores interpretam essa fase da língua portuguesa como um longo período de transição entre o português antigo (trovadoresco) e o português moderno (cf. CASTRO, 2008).

Cardeira (2005), por seu turno, afirma que considerar o português médio (na terminologia de Cintra) uma mera fase de transição significa reduzir significativamente a importância desse período na história da língua portuguesa. Segundo a investigadora, embora os dados de sua pesquisa apontem, de fato, “franjas de separação”¹⁸ entre o português antigo (ou galego-português) e o português clássico (ou moderno), o período da língua compreendido entre a segunda metade do século XIV e meados do século XVI corresponde, essencialmente, a uma fase crítica, crucial na caracterização da língua por ter definido as seleções e mutações que conferiram ao português muitas de suas particularidades atuais.

A partir do século XVI, portanto, inicia-se, de acordo com os estudos abordados, uma nova fase na história da língua: a do português moderno ou clássico. Cumpre referir, a propósito, que, diferentemente do que vimos em relação ao marco inicial do PA, que é baseado no surgimento dos primeiros documentos escritos em língua portuguesa, não há um fato específico que delimite o final do período arcaico.

¹⁸ Cardeira (2005, p. 291) identifica, a partir dos dados de sua pesquisa, duas “franjas de transição” entre o português médio e o português moderno: a primeira, na segunda metade do século XIV (logo no início da suposta ruptura entre o galego e o português, portanto), e a segunda, caracterizada por um “patamar de estabilização”, na segunda metade do século XV.

Para Mattos e Silva (2006, p. 22), são escassos os dados linguísticos que nos permitem fixar com maior segurança a transição referida, mas há, pelo menos, três fatores históricos que apontam o século XVI como um marco importante na história do português:

- o surgimento do livro impresso, nos fins do século XV, em substituição aos manuscritos medievais que existiam até então;
- o desenvolvimento da expansão imperialista portuguesa no mundo, que se refletiu na língua e na cultura da sociedade portuguesa europeia, devido ao contato com novas culturas e novas línguas;
- o surgimento das primeiras Gramáticas da Língua Portuguesa: a Gramática de Fernão de Oliveira, em 1536, e a Gramática de João de Barros, em 1540.

A respeito desses fatores extralinguísticos, Mattos e Silva (2006, p. 23) declara:

Os acontecimentos históricos numerados são de fato extralinguísticos, mas, na história de qualquer língua, os fatores extralinguísticos, tanto culturais como sociais, são condições que podem favorecer os processos de mudanças nas línguas. Os três acontecimentos mencionados inter-relacionados e outros que possam ser destacados favoreceram, muito provavelmente, mudanças linguísticas que vieram a eliminar as características que em geral se apresentam para a fase arcaica do português.

Castro (2008) também cita alguns fatores históricos que tornam o século XVI (sobretudo o ano de 1536) um período de inovação na história da língua portuguesa. Além da publicação da Gramática de Fernão de Oliveira (1536), Castro (2008, p. 185) aponta os seguintes acontecimentos como representativos dessa ruptura: a encenação do último auto de Gil Vicente (*Floresta de Enganos*) e a morte de Garcia de Resende, ambas em 1536, marcam, segundo o estudioso, “a retirada de duas das mais importantes personagens vinculadas à língua literária de época pré-clássica”; e a transferência da Universidade de Lisboa para Coimbra, em 1537, efetiva a substituição dos preceitos medievais pelos ensinamentos focados no Humanismo.

Castro (2008), por outro lado, não deixa de apontar mudanças linguísticas que caracterizam o processo de transição do português médio para o português moderno. A principal delas, de acordo com o autor, é de natureza fonológica e envolve a simplificação do

sistema de sibilantes do português. Segundo o autor, embora as sibilantes apicais /ʃ/ e /z/ pudessem conviver, ainda no século XVI, com as sibilantes predorsodentais /s/ e /z/, oriundas de /ts/ e /tz/, que, por sua vez, descendem, geralmente, de [k] e [t] latinos,¹⁹ esse período marca, indiscutivelmente, a perda da função distintiva entre essas quatro consoantes. Castro (2008, p. 190) mostra, assim, que a recorrência de confusões gráficas, em documentos do século XVI, envolvendo <c>/<ç> e <z>, representantes legítimos de [s] e [z] (ex.: *cervo*, *cozer*), e <ss> e <s>, representantes originais de [ʃ] e [z] (ex.: *servo*, *coser*), comprova que foi durante esse período que “a mudança atingiu dimensão suficiente” para afetar a língua escrita de caráter mais formal.

Para Messner (2002, p. 101), no entanto, ainda faltam estudos que nos permitam fixar uma periodização mais precisa e confiável do português, a partir de dados linguísticos abundantes, oriundos de uma comparação entre documentos de mesma natureza e de períodos diferentes. Segundo o autor, quase todos os estudiosos que se debruçaram sobre a questão da periodização do português “seguem o mesmo esquema, sem oferecer novidades, sem basear-se em estudos próprios, repetindo o que outros já disseram”. O estudioso nota, por exemplo, que as denominações atribuídas aos diferentes períodos do português são as mesmas, na maior parte dos estudos, e que os termos empregados não estão relacionados à linguística, e sim à literatura.²⁰

Assim, enquanto não se propõe uma delimitação temporal mais apropriada, na visão de Messner (2002), temos de aceitar a periodização estabelecida pelos estudos já disponíveis. Concluimos esta seção, portanto, afirmando que o período da língua tradicionalmente conhecido como arcaico inicia-se em meados do século XII (entre o finalzinho do século XII e o início do século XIII) e termina em meados do século XVI (entre fins do século XV e a primeira metade do século XVI), com a ascensão do português moderno. Entre um período e outro, está o português médio, caracterizado, sobretudo, por um distanciamento entre o galego e o português.

¹⁹ São exemplos dessa transformação as sucessivas pronúncias [k]i[k]ero > [tʃ]i[tʃ]ero > [ts]i[ts]ero > [s]i[s]ero, para o nome próprio *Cícero*, e gra[t]ia > gra[tʃ]ia > gra[ts]ia > gra[ʃ]a, para o substantivo *graça*.

²⁰ Importa referir, a propósito dessa observação de Messner (2002), que muitos trabalhos dessa natureza começaram a ser desenvolvidos nos últimos tempos. Entre esses trabalhos, merecem destaque as pesquisas realizadas por Carneira (2005, 2012, 2013), que fornecem resultados bastante significativos sobre a delimitação temporal do português antigo e moderno. O trabalho de Castro (2008) também traz considerações importantes sobre a periodização da língua. O próprio Messner (2002, p. 111) também apresenta, no texto referido, os resultados de sua pesquisa baseada em dados do jornal *Gazeta de Lisboa*, de 1715 a 1850. Segundo o autor, esse material, embora restrito, “já permite analisar a evolução de alguns fenômenos da língua portuguesa”.

Há que se destacar, todavia, que também esperamos contribuir, a partir dos resultados desta pesquisa, com os estudos dedicados à periodização da língua portuguesa, já que serão apresentados e confrontados, ao longo deste trabalho, dados dos séculos XIII, XV e XVI. Dito de outro modo, ao comparar textos poéticos escritos em galego-português, em português médio e em português moderno, a presente pesquisa vem fornecer um conjunto considerável de dados linguísticos que poderá trazer contribuições importantes na delimitação temporal do PA, em suas duas fases, e do português moderno.

2. O Corpus

A presente seção dedica-se aos textos poéticos dos séculos XIII, XV e XVI que serviram de *corpora* a este estudo. Conforme mencionado anteriormente, são três as obras literárias que forneceram os dados desta pesquisa: as CSM, de Afonso X, o CG, de Garcia de Resende, e *Os Lusíadas*, de Camões.

Nas subseções 2.1, 2.2 e 2.3, a seguir, vamos discorrer sobre cada uma dessas obras, destacando suas principais características e abordando questões referentes à temática, à autoria, à linguagem dos poemas e à estruturação dos versos.

2.1 As *Cantigas de Santa Maria*

As CSM foram escritas na segunda metade do século XIII, em galego-português, com o intuito de louvar a Virgem Maria e narrar seus milagres. Encomendadas pelo então rei de Leão e Castela, D. Afonso X, essas cantigas medievais religiosas, como observou Parkinson (1998), constituem um monumento literário, musical e artístico de mais elevada importância.

Das 420 cantigas (descontadas sete repetições) que integram esse precioso cancioneiro mariano, 356, segundo Mettmann (1986), são narrativas e relatam os milagres da Virgem, e as demais, excetuando-se uma introdução e dois prólogos, são cantigas de louvor (*loor*) ou referem-se a festividades do calendário cristão, associadas a episódios da vida de Santa Maria ou de seu Filho Jesus Cristo.

Nas cantigas de louvor, que compõem o gênero lírico da coletânea, o Rei Afonso X aparece louvando a beleza e as virtudes da Virgem e oferecendo-lhe sua devoção. Para Leão (2007, p. 28), a atitude do “trovador da Virgem” pode ser comparada ao comportamento masculino encontrado nas *cantigas de amor*, nas quais:

o trovador da dona se prostra diante dela para enaltecer-lhe a beleza ou bon parecer e também para louvar-lhe o valor moral ou prez, o equilíbrio ou mesura e todas as outras qualidades que fazem dela a Sennor sem par, perfeita, comprida de bens.

Já as cantigas de milagre (*miragre*), conforme acima referido, correspondem ao gênero narrativo da coletânea, uma vez que relatam intervenções da Virgem mediante os apuros e infortúnios de seus devotos. De acordo com Leão (2007, p. 26), entre os milagres narrados na coletânea, destacam-se: “ressurreições, socorro em perigos, cura das mais variadas enfermidades, engravidamento de mulheres estéreis, punição de delinquentes ou salvação de devotos da Virgem que caíram em tentação”.

Bertolucci Pizzorusso (1993a) lembra que a coletânea afonsina reúne alguns milagres marianos oriundos de santuários europeus, sobretudo franceses e ibéricos, que já eram conhecidos em latim. Segundo a estudiosa, além dos milagres provenientes de fonte confirmada e bem conhecida, há aqueles cuja procedência é, ainda hoje, desconhecida, sendo, muito provavelmente, oriundos de relatos exclusivamente orais.

Baseado na procedência e no cenário dos fatos narrados nas cantigas de milagre, Mettmann (1986) propõe a seguinte subdivisão:

- *milagres internacionais*: ocorridos em todo o ocidente cristão;
- *milagres nacionais*: associados à Península Ibérica;
- *milagres pessoais*: relacionados ao próprio Rei Afonso X ou a membros de sua família e de sua corte.

A partir dessa classificação, Mettmann (1986, p. 12) chega ao quadro apresentado a seguir:²¹

²¹ No quadro 2.1, Mettmann (1986) distribui as 427 CSM em quatro grupos - cada um constituído de aproximadamente 100 cantigas. Essa distribuição segue, pois, a ordem cronológica em que as cantigas foram elaboradas: conforme veremos mais adiante, nesta seção, tudo indica que o projeto inicial de Afonso X era homenagear a Virgem com uma coletânea de apenas 100 cantigas (que compõem o códice de Toledo (To), o primeiro entre os quatro manuscritos que contêm a coleção afonsina). Afonso X, no entanto, foi além do projeto inicial, duplicando o número de cantigas iniciais: primeiro, de 100 a 200 CSM; depois, de 200 a 400 CSM. Dessa forma, o quadro mostra que, das primeiras 100 CSM, 89 eram cantigas de milagre (geralmente, o total de milagres, a cada 100 cantigas, é 90, porque são 10 louvores e 90 milagres, mas, no caso das 100 primeiras CSM, Mettmann (1986) está considerando que uma das 90 cantigas - talvez o prólogo - não corresponde exatamente a uma cantiga de milagre. Desses 89 milagres, 75 são internacionais, e 14, nacionais. As cantigas *pessoais* estão dentro da categoria *nacionais* e, por isso, o total de milagres (ex.: 89, entre as 100 primeiras cantigas) equivale à soma dos milagres *internacionais* (75) e *nacionais* (14). Pode-se dizer que o quadro de Mettmann (1986) ilustra perfeitamente o processo de evolução do projeto de Afonso X. Como notou Schaffer (2000, p. 189-192), os milagres internacionais são mais abundantes no conjunto das primeiras 100 CSM. Conforme o projeto avança, essas cantigas baseadas em milagres europeus vão sendo substituídas pelas cantigas envolvendo milagres nacionais e pessoais.

Quadro 2.1. Distribuição das cantigas de milagre de acordo com sua origem

Cantigas	Milagres	Internacionais	Nacionais	Pessoais
1-100	89	75	14	(1)
101-200	90	46	44	(3)
201-300	90	36	54	(8)
301-427	87	19	68	(13)

Fonte: Mettmann (1986, p. 12).

No que diz respeito à proporção, na coletânea, entre cantigas de milagre e cantigas de louvor, Leão (2007) mostra que há predominância das primeiras sobre as segundas em uma relação de nove por um: a cada nove cantigas de milagre, segue-se uma cantiga de louvor, remetendo-nos, assim, a uma estrutura de rosário.

Por outro, Leão (2007, p. 23) comenta que as cantigas de milagre, embora pertençam ao gênero narrativo, também apresentam “frequentes traços de lirismo laudatório, sobretudo nos refrões e nos finais de milagres”. Com base nessa observação, a estudiosa conclui que as cantigas de milagre, como as cantigas de louvor, dedicam louvores à Virgem e que, de uma forma geral, todo o cancionero deve ser considerado um canto de louvor.

Em relação à estrutura versificatória das CSM, Mettmann (1986) destaca a variedade extraordinária de formas métricas presente na coletânea. Segundo o autor, entre as 420 cantigas, há mais de 280 combinações métricas distintas, das quais cerca de 170 não aparecem mais do que uma única vez em todo o cancionero.

Leão (2002, p. 3) também exalta a qualidade artística dos versos dedicados à Virgem:

A versificação das Cantigas de Santa Maria é extremamente sofisticada, tanto na escolha e combinação dos metros, quanto na construção das estrofes e na disposição das rimas, deixando longe a simplicidade estrutural das cantigas de amigo e mesmo das cantigas de amor.

A forma estrófica predominante na obra, de acordo com Mettmann (1986), é o *virelai* (ou *zejel*),²² empregada em mais de 380 cantigas. Fidalgo (2002) define desta forma o *virelai*:

²² *Zejel* (ou *zéjel*, *zéxel*, *zadjal*) corresponde à terminologia moçárabe empregada ao *virelai* francês (cf. PARKINSON, 1998, p. 191).

há um refrão inicial, geralmente composto por dois ou três versos rimados,²³ seguido de um número indeterminado de estrofes que, de um modo geral, são constituídas de quatro versos, dos quais os três primeiros rimam entre si e o último retoma a rima do refrão (a volta). Além disso, Fidalgo (2002) salienta que o refrão (ou estribilho inicial) é repetido ao final de cada estrofe, conforme se pode observar no exemplo a seguir:²⁴

(2.1)

*Con razon é d' averen gran pavor
as bestias da Madre daquel Sennor
que sobre todas cousas á poder.*

E dest' un gran miragre foi mostrar
Santa María, a Virgen sen par,
en Prazença, per com' oý contar
a omees bõos e de creer.

*Con razon é d' averen gran pavor
as bestias da Madre daquel Sennor
que sobre todas cousas á poder.*

E retraen este miragr' assi:
que un ome bõo morava y
que esta Sennor, com' eu aprendi,
sabia mui mais d' al ren ben querer.
*Con razon é d' averen gran pavor
as bestias da Madre daquel Sennor
que sobre todas cousas á poder.*

E quen quer que lle vëesse pedir
algo por ela, logo sen falir
llo dava [sen] delongar nen mentir,
ca non queria per ren falecer.
*Con razon é d' averen gran pavor
as bestias da Madre daquel Sennor
que sobre todas cousas á poder.*

²³ Ainda segundo Fidalgo (2002), os versos longos, às vezes, podem ser divididos em dois versos menores, e o refrão passa a ser formado por quatro versos curtos (ou até mais, dependendo da divisão). Essa divisão em versos menores também pode ocorrer nas demais estrofes do poema.

²⁴ Todos os trechos das CSM apresentados ao longo desta seção estão grafados de acordo com a proposta de Mettmann (1986, 1988, 1989). Cumpre ressaltar que os dados desta pesquisa foram colhidos diretamente da edição desse filólogo.

E jajũava sas vigias ben
 e de sas oras non leixava ren
 que non oisse, ca todo seu sen
 era como lle fezesse prazer.
*Con razon é d' averen gran pavor
 as bestias da Madre daquel Sennor
 que sobre todas cousas á poder.*

Ond' un cavaleiro ben d' i casou
 da vila, e touros trager mandou,
 pera sas vodas; e un apartou
 deles, chus bravo, que mandou correr
*Con razon é d' averen gran pavor
 as bestias da Madre daquel Sennor
 que sobre todas cousas á poder.*

En hũa praça grande que y á
 ant'a casa do que vos dixen ja
 ome bõo. Mas ele d' ir alá
 non sse pagava nem de o veer.
*Con razon é d' averen gran pavor
 as bestias da Madre daquel Sennor
 que sobre todas cousas á poder.*

Mas aquest' ome un conpadre seu
 crerig' avia, per nome Matheu,
 que enviou por el, com' aprix eu,
 por cousas que lle queria dizer.
*Con razon é d' averen gran pavor
 as bestias da Madre daquel Sennor
 que sobre todas cousas á poder.*

E el saiu por yr alá enton;
 e o touro leixou-ss' yr de randon
 a ele polo ferir mui felon,
 por ll' os cornos pelas costas meter.
*Con razon é d' averen gran pavor
 as bestias da Madre daquel Sennor
 que sobre todas cousas á poder.*

E o crerigo, quand' aquesto viu
 dũa fẽestra, mercee pediu
 a Santa Maria, e non falyu
 por el, ca logo lle vẽo valer.
*Con razon é d' averen gran pavor
 as bestias da Madre daquel Sennor
 que sobre todas cousas á poder.*

E en atal guisa o acorreu
 que o touro log' en terra caeu
 e todo-los quatro pees tendeu,
 assi como sse quisesse morrer.
*Con razon é d' averen gran pavor
 as bestias da Madre daquel Sennor
 que sobre todas cousas á poder.*

E jov' assi daquesta guisa tal
 ata que o ome foi no portal
 de cas seu compadr', a que non foi mal
 con el e foi-o na casa coller.
*Con razon é d' averen gran pavor
 as bestias da Madre daquel Sennor
 que sobre todas cousas á poder.*

E o touro s' ergeu e dessa vez
 nunca depois a null' ome mal fez
 pola vertude da Sennor de prez,
 que aos seus non leixa mal prender.
*Con razon é d' averen gran pavor
 as bestias da Madre daquel Sennor
 que sobre todas cousas á poder.*

(CSM 144, METTMANN, 1988, p. 122)

Mettmann (1986) lembra que, nas três primeiras estrofes das cantigas de milagre, há, normalmente, uma indicação mais ou menos concreta do lugar e do tempo em que ocorreram os fatos a serem narrados, a apresentação das personagens envolvidas nos relatos, além de informações (sempre vagas) sobre a fonte do milagre relatado. Além disso, é importante notar, como bem o faz Leão (2007, p. 38), que todas as cantigas de milagre “iniciam-se por um título-ementa, em prosa, onde se mencionam as personagens principais e se resume o milagre, em uma única frase”, conforme se pode observar nos exemplos a seguir:

(2.2)

Esta é como Santa Maria se queixou en Toledo eno dia de ssa festa de agosto,
 porque os judeus crucifigavan ãa omagen de cera, a semellança de seu Fillo.

(título-ementa da CSM 12 - METTMANN, 1986, p. 88)

(2.3)

Esta é como Santa Maria fez cobrar seu pee ao ome que o tallara con coyta de door.

(título-ementa da CSM 37 - METTMANN, 1986, p. 151)

(2.4)

Como Santa Maria guardou de morte un ome bõo
 en Prazença dun touro que vëera polo matar.

(título-ementa da CSM 144 - METTMANN, 1988, p. 122)

As rimas das CSM também merecem apreço. Fonte (2010a,b) mostra que, em todas as cantigas afonsinas, há total correspondência entre os fonemas dos vocábulos rimantes, a partir da sílaba tônica. A análise da autora revela, portanto, que as rimas das CSM são todas (con)soantes, isto é, perfeitas (veja-se nota 2, p. 17):

(2.5)

*Mirages fremosos
 faz por nos Santa Maria,
 e maravillosos.*

Fremosos mirages faz que en Deus creamos,
 e maravillosos, por que o mais temamos;
 porend' un daquestes é ben que vos digamos,
 dos mais piadosos.
Mirages fremosos...

Est' avëo na terra que chaman Berria,
 dun ome coytado a que o pe ardia,
 e na ssa eigreja ant' o altar jazia
 ent' outros coitosos.
Mirages fremosos...

Aquel mal do fogo atanto o coytava,
 que con coita dele o pe tallar mandava;
 e depois eno conto dos çopos ficava,
 desses mais astrosos,
Mirages fremosos...

Pero con tod' esto sempr' ele confiando
 en Santa Maria e mercee chamando
 que dos seus mirages en el fosse mostrando
 non dos vagarosos,
Mirages fremosos...

E dizendo: «Ay, Virgen, tu que es escudo
 sempre dos coitados, queras que acorrudo
 seja per ti; se non, serei oi mais tẽudo
 por dos mais nojosos.
Mirages fremosos...

Logo a Santa Virgen a el en **dormindo**
 per aquel pe a mão yndo e **vũindo**
 trouxe muitas vezes, e de carne **conprindo**
 con dedos **nerviosos**,
Miragres fremosos...

E quando s' espertou, sentiu-sse mui ben **são**,
 e catou o pe; e pois foi del ben **certão**,
 non semellou log', andando per esse **chão**,
 dos mais **preguiçosos**.
Miragres fremosos...

Quantos aquest' oyron, log' ali **vẽeron**
 e aa Virgen santa graças ende **deron**,
 e os seus miragres ontr' os outros **teveron**
 por mais **gorriosos**.
Miragres fremosos...

(CSM 37, METTMANN, 1986, p. 151)

Além disso, como observou Clarke (1955), em todo o cancionero afonsino, o esquema rímico adotado na primeira estrofe de uma cantiga é rigorosamente seguido nas demais estrofes. Cumpre ressaltar, inclusive, que não apenas a rima, mas também a métrica é mantida em todas as estrofes seguintes, como mostra o exemplo a seguir:

(2.6)

<i>Virga de Jesse,</i>	4 A
<i>quen te soubesse</i>	4 A
<i>loar como mereces,</i>	6 B
<i>e sen ouvesse</i>	4 A
<i>per que dissesse</i>	4 A
<i>quanto por nos padeces!</i>	6 B

Ca tu noit' e dia	5 c
senpr' estás rogando	5 d
teu Fill', ai Maria,	5 c
por nos que, andando	5 d
aqui peccando	4 d
e mal obrand' - o	4 d
que tu muit' avorreces -	6 b
non quera, quando	4 d
sever julgando,	4 d
catar nossas sandeces.	6 b
<i>Virga de Jesse...</i>	4 A

E ar todavia	5 c
sempr' estás lidando	5 d
por nos a perfia	5 c
o dem' arrancando,	5 d
que, sossacando,	4 d
nos vai tentando	4 d
con sabores rafece;	6 b
mas tu guardando	4 d
e anparando	4 d
nos vas, poi-lo coseces.	6 b
<i>Virga de Jesse...</i>	4 A
Miragres fremosos	5 c
vas por nos fazendo	5 d
e maravillosos,	5 c
per quant' eu entendo,	5 d
e corregendo	4 d
muit' e soffrendo,	4 d
ca non nos escaeces,	6 b
e, contendendo,	4 d
nos defendendo	4 d
do demo, que sterreces.	6 b
<i>Virga de Jesse...</i>	4 A
Aos soberviosos	5 c
d'alto vas decendo,	5 d
e os omildosos	5 c
en onrra crecendo,	5 d
e enadendo	4 d
e provezendo	4 d
tan santas grãadece.	6 b
Poren m' acomendo	4 d
a ti e rendo,	4 d
que os teus non faleces.	6 b
<i>Virga de Jesse...</i>	4 A

(CSM 20, METTMANN, 1986, p. 109)

Particularmente em relação às rimas no refrão dessa CSM (20), é interessante notar a mudança na posição do acento do vocábulo *Jessé*, com o intuito de satisfazer a consonância perfeita com as formas verbais *soubesse*, *ouvesse* e *dissesse*.²⁵ A propósito do acento tônico das palavras rimantes, Fonte (2010a,b) mostra que as rimas das CSM podem ser agudas (entre oxítonas) ou graves (entre paroxítonas).

²⁵ Para obter mais informações acerca dos processos fonológicos de cunho estilístico, nos versos das CSM, veja-se o trabalho de Migliorini (2012).

Ainda sobre a estruturação dos versos, nas CSM, importa referir que também é comum, na obra, o emprego do recurso versificatório conhecido como *enjambement* ou cavalgamento, que consiste, basicamente, em uma continuação sintática na passagem de um verso ao outro (cf. GOLDSTEIN, 1985). Vejamos um exemplo de *enjambement* na CSM 81:²⁶

(2.7)

*Par Deus, tal sennor muito val
que toda door toll' e mal.*

Esta sennor que dit' ei
é Santa Maria,
que a Deus, seu Fillo Rey,
roga todavia
sen al,
que nos guarde do ynfernal ↓
Par Deus, tal ssenor muito val...

↓ Fogo, e ar outrossi
do daqueste mundo,
dessi d' outro que á y,
com' oý, segundo ↓
↓ que fal',
algũa vez por San Marçal,
Par Deus, tal ssenor muito val...

De que sãou hũa vez
ben a Gondianda,
hũa moller que lle fez ↓
↓ rogo e demanda
atal,
per que lle non ficou sinal ↓
Par Deus, tal sennor muito val...

↓ Daquele fogo montes
de que layda era,
onde tan gran dano pres
que poren posera ↓
↓ çendal
ant' a faz con coita mortal,
Par Deus, tal ssenor muito val...

²⁶ As setas indicam os *enjambements* na cantiga. Note que, como a sequência narrativa, nas CSM, desconsidera o refrão, o cavalgamento pode ocorrer entre o último verso de uma estrofe (antes do refrão) e o primeiro verso da estrofe seguinte (como ocorre na CSM 81).

De que atan ben sãou
 a Virgen aquesta ↓
 ↓ moller, que logo tornou ↓
 ↓ ll' a carne comesta
 yqual
 e con sa coor natural,
Par Deus, tal ssenor muito val...

Tan fremosa, que enton
 quantos la catavan ↓
 ↓ a Virgen, de coraçon
 chorando, loavan,
 a qual
 é dos coitados espital.
Par Deus, tal ssenor muito val...
 (CSM 81, METTMANN, 1986, p. 259)

As CSM também são acompanhadas de notações musicais e de iluminuras (miniaturas) que ilustram e complementam o conteúdo textual das cantigas. Para Bertolucci Pizzorusso (1993a, p. 144), a coletânea das CSM é uma obra para ser vista e ouvida, na qual “uma milagristica por imagens junta-se à milagristica em versos”. Justamente por apresentarem um perfeito equilíbrio entre texto, melodias e pintura, as CSM, na visão de Mettmann (1986), ocupam um lugar privilegiado na literatura medieval. Para Leão (2007, p. 27):

Enquanto a narrativa verbal se expressa em sintético poema cheio de subentendidos, a narrativa visual a acompanha através da seqüência das iluminuras, podendo às vezes extrapolá-la para preencher eventuais lacunas da narrativa poética.

Leão (2007, p. 27) conclui, assim, que os milagres são relatados a partir de três narrativas complementares: uma narrativa textual, em versos; uma narrativa iconográfica, em iluminuras; e outra narrativa textual, referente às legendas que aparecem acima de cada um dos quadros da seqüência de iluminuras.

A autoria desse cancionero mariano, conforme já mencionado nesta seção, costuma ser atribuída a D. Afonso X, o rei Sábio de Leão e Castela,²⁷ por ter sido ele o grande idealizador da obra. Como bem notou Parkinson (1998), é improvável que Afonso X, na condição de Rei de um vasto território e com muitos compromissos a cumprir, tenha composto, sozinho, as 420 cantigas que integram a sua coletânea. Parkinson (1998) observa, por outro lado, que não é descabida a hipótese de o rei Sábio, como poeta que era, ter escrito, pelo menos, alguns dos textos que compõem o cancionero. Resta saber, todavia, quais cantigas do cancionero mariano podem ser atribuídas a D. Afonso X. Além disso, se o monarca não é o autor de todas as CSM, quem teria escrito os demais poemas que compõem a coletânea?

Para Mettmann (1986, p. 17), uma fração considerável desse cancionero mariano pode ser atribuída a um único autor: provavelmente o poeta Airas Nunes, cujo nome aparece grafado, no manuscrito *E (códice dos músicos de El Escorial)*, entre as duas colunas da CSM 223.²⁸ Já em relação aos demais textos da coletânea, Mettmann (1986, p. 18) afirma que, por apresentarem certa diversidade estilística, levam-nos a supor a colaboração de vários autores (cerca de “*media docena*”).

Ao Rei Afonso X, Mettmann (1986, p. 18) credita a autoria das cantigas em que o monarca aparece em primeira pessoa, falando de suas vivências, seus desejos e problemas (pessoais e políticos). A respeito dessas cantigas com suposto caráter autobiográfico,²⁹ Bertolucci Pizzorusso (1993a, p. 145) declara o seguinte:

²⁷ De acordo com Filgueira Valverde (1985, p. 11 e 13), Afonso X nasceu em Toledo, a 22 de novembro de 1221, e morreu em Sevilha, a 4 de abril de 1284. Filho de Fernando III, Rei de Leão e Castela, e de Beatriz de Suábia, Afonso X tornou-se rei em 1252, tendo permanecido no trono durante trinta e dois anos, até a sua morte (cf. BERTOLUCCI PIZZORUSSO, 1993b, p. 36).

²⁸ Segundo Mettmann (1986, p. 20), há semelhanças notáveis entre as cantigas remanescentes desse conhecido trovador galego e certas cantigas presentes no cancionero mariano afonsino. Parkinson (1998, p. 184), no entanto, aponta alguns estudos de Schaffer (1995, 1997), nos quais a autora mostra não haver evidências linguísticas e paleográficas suficientes para indicar Airas Nunes como o principal autor das CSM. Para Schaffer (1995), o nome de Airas Nunes, grafado na margem de mais de uma cantiga (223 e 298), no Manuscrito E, bem pode estar indicando sua colaboração como copista (inclusive musical). Parkinson (1998, p. 184) afirma que os poemas que Mettmann (1986) atribui a Airas Nunes formam um grupo heterogêneo, no que diz respeito aos traços estilísticos empregados.

²⁹ Para O’Callaghan (1998, p. 2), a coleção inteira das CSM pode ser considerada uma biografia poética de Afonso X. Segundo o estudioso: “Investigation reveals that a number of the cantigas relate to events that transpired during the reign of Alfonso X. The intervention of the Virgin Mary in the king’s life is attested in poems written either in the first person by the king himself or in the third person at his evident command. That being the case, one can argue that the *Cantigas de Santa Maria*, besides being a tribute to the Virgin Mary, is a form of poetic biography, unique in the annals of medieval Europe”. [Estudos revelam que uma parte das cantigas relata eventos que ocorreram durante o reinado de Afonso X. A intervenção da Virgem Maria na vida do rei está atestada em poemas escritos ou na primeira pessoa, pelo próprio rei, ou na terceira pessoa, sob seu comando evidente. Sendo esse o caso, pode-se argumentar que as *Cantigas de Santa Maria*, além de serem uma

De facto, o rei castelhano não só assume para si a primeira pessoa do falante nos textos líricos, como se faz protagonista de textos narrativos como sujeito de intervenções milagrosas da Virgem Maria por ocasião de doenças e de situações problemáticas de outro gênero resolvidas graças a eles; além disso, estende a outros membros da sua real família e a personagens da corte muito próximos dele esse mesmo privilégio.

Mettmann (1986) reconhece, assim, a participação efetiva do rei na composição de oito ou dez cantigas, que se destacam das outras, de acordo com o autor, pelos temas de que tratam e pelo estilo nelas empregado. O estudioso, todavia, não descarta a possibilidade de Afonso X ter conferido a um “*poeta profesional*” a tarefa de escrever em seu nome, falando de suas vivências pessoais.³⁰ Além disso, Mettmann (1986, p. 20) admite a hipótese (embora “*poco propable*”) de o monarca ter composto mais cantigas do que aquelas que lhe foram atribuídas.

Filgueira Valverde (1985) aponta outros poetas que também poderiam ter contribuído no processo de composição do cancionero afonsino. Segundo o estudioso, é bem provável que Frei Juan Gil de Zamora tenha sido um dos colaboradores de Afonso X, já que era confessor e amigo pessoal do rei, além de ser o autor do *Liber Mariae*, no qual são relatados 70 milagres da Virgem, dos quais, de acordo com Filgueira Valverde (1985), 50 coincidem com milagres narrados na coletânea afonsina. Outro nome sugerido por Filgueira Valverde (1985) é o do clérigo Bernardo de Brihuega, de quem Afonso X também teria encomendado algumas obras hagiográficas (sobre a vida dos santos) e historiográficas. Filgueira Valverde (1985) também aponta o nome do já referido poeta Airas Nunes como um dos possíveis envolvidos no processo de criação das CSM.

Snow (1987, p. 476), por sua vez, sugere também a participação do rei D. Dinis na elaboração do cancionero mariano, já que ele era, segundo o pesquisador, um dos netos favoritos de D. Afonso X, tendo seguido o exemplo do avô em vários aspectos, sobretudo na paixão pela poesia.³¹

homenagem à Virgem Maria, são uma forma de biografia poética, única nos anais da Europa medieval] (tradução nossa).

³⁰ A respeito das afirmações de Mettmann (1986) sobre a participação direta do Rei Afonso X na criação dos poemas, Fidalgo (2002, p. 62) declara: “M. Schaffer nun razoadísimo traballo analiza o proceso de composición, non só do cancionero mariano, senón dos outros códices da lírica profana galego-portuguesa, así como os elementos extratextuais dos códices afonsinos, para concluír que non hai datos fiables para confirmar a autoría do propio rei nin identificar a participación dos seus colaboradores, polo que a exacta intervención do monarca na composición das CSM segue sendo aínda un enigma”.

³¹ Segundo Snow (1987, p. 476), D. Dinis tinha vinte e três anos no ano da morte de seu avô (1284).

Para Parkinson (1998), participaram da elaboração do projeto mariano, idealizado por Afonso X, não apenas poetas encarregados de versificar os milagres e louvar a Virgem, mas também tradutores de milagres (franceses, castelhanos, latinos etc.), músicos, copistas e miniaturistas, já que a figura do rei Sábio estava:

no centro da actividade poética ibérica do século XIII, por ele encorajada e patrocinada antes de ser por ele próprio praticada; a sua corte foi o lugar de encontro de um grande número dos poetas galego-portugueses mais representativos e de muitos trovadores provençais, que encontraram em Afonso X não só o patrono como também o inteligente e interessado interlocutor para questões requintadamente literárias e científicas, cujas autorizadas respostas são por alguns deles versificadas. (BERTOLUCCI PIZZORUSSO, 1993b, p. 37)

Leão (2007) também ressalta o apoio de Afonso X às artes da época e comenta que o monarca recebia, em seu *scriptorium*, localizado na cidade de Toledo, bem no centro de Castela, além dos poetas de então, músicos, desenhistas, miniaturistas, tradutores e intelectuais das mais variadas origens, que se abrigavam sob o seu mecenato generoso. Nesse ambiente cultural e científico, de acordo com Filgueira Valverde (1985), eram elaboradas compilações jurídicas, históricas e científicas, além de obras literárias, como as cantigas trovadorescas, por exemplo.

Com base nesse trabalho coletivo desenvolvido com o apoio do monarca, Leão (2007, p. 20) compara o trabalho de Afonso X, na elaboração do cancionero mariano, ao trabalho cooperativo desenvolvido nas corporações de ofício medievais, “onde toda obra se fazia sob a direção de um ‘mestre’, cuja responsabilidade e autoridade lhe garantiam o direito de autoria sobre o trabalho realizado por ‘companheiros’ e ‘aprendizes’”. A autora considera, pois, que Afonso X foi esse “mestre de obras”, em sua área, no que diz respeito à realização plena das CSM.

Castro (2006, p. 44) também compara o trabalho de Afonso X, nas CSM, ao trabalho de um mestre de obras. O autor, que identifica características do estilo gótico nesse cancionero mariano, afirma o seguinte:

Como um mestre de obras, um arquiteto medieval que cuidava de uma catedral, D. Afonso era o coordenador que supervisionava o trabalho de vários artífices para formar uma obra cuja grandiosidade espelharia a imensidão da fé e dos poderes divinos. A dimensão e a qualidade das CSM serviam para refletir a grandeza do reinado, tal como as catedrais inspiravam orgulho e admiração nas comunidades que as ergueram.

Já Montoya Martínez (1999, p. 280) compara a autoria das CSM à autoria da Bíblia: ambas as obras teriam sido escritas por diversos autores sob o comando de um superior (D. Afonso X e Deus).

Para Leão (2007), Afonso X teria encontrado, na arte e nos estudos, um refúgio para as suas aflições, já que o monarca considerava o trono, segundo a autora, um verdadeiro suplício, não tanto pelas lutas contra os mouros, mas principalmente pelas divergências familiares e pelas intrigas da corte. Assim, no projeto de elaboração das CSM, Afonso X teria trocado “a coroa e a espada pelo pergaminho e pela pena, para transformar-se no humilde, mas excelso trovador da Virgem Maria” (LEÃO, 2007, p. 22).

Particularmente em relação à língua adotada na coletânea afonsina, é curioso, como observou Leão (2002), o fato de o rei, sendo castelhano, ter escrito toda a sua obra poética em galego-português. Para a estudiosa, o motivo que teria levado o monarca a não empregar a língua de Castela, em sua principal obra poética (as CSM), e sim a língua do noroeste ibérico, está diretamente relacionado ao fascínio “exercido por uma língua que se mostrava como apta, ou até como ideal, para a poesia” (LEÃO, 2002, p. 2). Além do galego-português, a autora aponta outras duas línguas da Europa Medieval que gozavam da preferência dos trovadores: o provençal, no domínio galo-românico, e o toscano, no âmbito ítalo-românico. A respeito da influência dessas línguas na poesia da época, Leão (2002, p. 2) declara o seguinte:

O seu prestígio era tão amplamente reconhecido que muitos trovadores, no ato de trovar, deixavam de lado suas respectivas línguas maternas e adotavam uma das três grandes línguas poéticas de então. Foi o que ocorreu com D. Afonso X. Compôs suas próprias cantigas e dirigiu ou supervisionou a composição de outras pelos seus colaboradores, utilizando o galego-português.

Alguns estudiosos, em contrapartida, consideram a hipótese de Afonso X ter passado, na Galiza, os primeiros anos de sua vida, tendo aprendido, durante esse período, a língua local. Para Filgueira Valverde (1985), por exemplo, Afonso X certamente passou parte de sua infância na Galiza, nas terras de García Fernández de Villaldemiro, que era casado com uma dama galega, dona Mayor Airas. Segundo o autor, Afonso X esteve sob os cuidados de García Fernández e de sua esposa, entre 1223 e 1231 - dos dois aos onze anos, portanto - bem na fase de aquisição da língua materna, como observou Massini-Cagliari (2005, p. 22).

Leão (2002), por seu turno, defende que o fato de Afonso X ter aprendido o galego-português não o torna um falante nativo dessa língua. Para a autora, é evidente a interferência da língua castelhana nas CSM, sobretudo naquelas cuja autoria é atribuída ao próprio rei. Segundo a pesquisadora, há diferenças, por exemplo, entre o galego-português das cantigas religiosas e o galego-português das cantigas profanas. Com base em uma perspectiva atual, Leão (2002, p. 3) afirma que a língua das cantigas profanas está mais voltada para o padrão português, ao passo que a língua das cantigas religiosas está mais próxima do galego:

Considerando o problema da identidade lingüística, o galego-português literário do século XIII constituía ainda uma unidade, mas certamente já começava a fragmentar-se no uso oral. Porém, mesmo dentro daquela unidade artificial da língua literária, já se percebiam prenúncios da separação que, da língua oral, penetravam no texto. Não é necessário falar aqui das razões sócio-políticas dessa separação, que gerou, de um lado, o galego e, de outro, o português, pois são fartamente conhecidas de todos. Dentro da relativa unidade da língua literária, a tendência à separação pode notar-se, aliás, no conjunto da poesia trovadoresca. A linguagem dos três cancioneiros profanos se encaminha, pouco a pouco, para o padrão português em formação, enquanto que a linguagem das Cantigas de Santa Maria, pelo menos no que diz respeito à fonologia e à morfologia, tende para o padrão galego, que também se vai formando e firmando.³²

Gonçalves (1985, p. 19), por outro lado, defende que tanto as cantigas profanas quanto as cantigas religiosas estão escritas em uma “língua uniforme com características bastante uniformes, o galego-português”.

Da mesma forma, Massini-Cagliari (2007a, p. 122), ao comparar as duas vertentes da lírica trovadoresca, constata que não há diferenças (pelo menos, em termos prosódicos) entre os sistemas vigentes nas cantigas profanas e nas cantigas religiosas: “trata-se de uma e a mesma língua”.

Massini-Cagliari (2005, 2007a) revela, por exemplo, que não identificou, ao comparar os dois *corpora*, distinções referentes à tipologia dos fenômenos avaliados - estruturação silábica, acento, ritmo, processos de sândi e paragoge. Segundo a pesquisadora, as diferenças encontradas, na comparação entre os dois *corpora*, estão relacionadas, sobretudo, à frequência e ao uso estilístico desses fenômenos em cada uma das vertentes, conforme observa:

³² Ferreira (1994) afirma que, no manuscrito das CSM tradicionalmente conhecido como *códice dos músicos* de Escorial (E), há um grande número de formas que denotam uma forte influência castelhana.

Devido à maior riqueza lexical encontrada nas cantigas medievais religiosas (em comparação às cantigas palacianas de amor e de amigo), padrões excepcionais de acentuação (proparoxítonas e oxítonas terminadas em sílaba leve) puderam ser mais freqüentemente mapeados no *corpus* de cantigas religiosas do que no de profanas. (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 318)

As diferenças encontradas entre os dois *corpora* são, sobretudo, de uso. São casos em que os poetas optam por desvios do padrão, com finalidades artísticas muito bem definidas [...] Sendo uma lírica mais “elevada” (afinal, destinava-se à Virgem em pessoa, e não a um mero mortal), é natural que efeitos de estilo sejam mais freqüentes no *corpus* de cantigas religiosas do que no de profanas. (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 321)

Esses desvios estilísticos do padrão linguístico, no entanto, também foram apontados por Leão (2002) como mais um argumento contrário à admissão do galego-português, empregado nas cantigas trovadorescas, como um registro fiel da língua falada na época. A autora declara que “a língua escrita, na modalidade literária, tem vocação para a permanência, resistindo às mudanças inevitáveis da língua oral ou adotando-as com grande atraso” (LEÃO, 2002, p. 2). Assim, Leão (2002) chama a atenção, por exemplo, para algumas inversões sintáticas, empregadas nas CSM, que não correspondem ao padrão oral da língua, ao contrário, são exclusivamente literárias, tendo sido adotadas para suprir as necessidades versificatórias da poesia. Além disso, a autora considera que algumas dessas construções sintáticas remetem ao padrão latino: “algumas frases têm construção tão arrevezada em relação à língua oral, que se diriam cunhadas nos moldes latinos” (LEÃO, 2002, p. 3), já que muitas das fontes utilizadas por Afonso X estavam, ao que tudo indica, escritas em latim.

Leão (2002, p. 3), por outro lado, não deixa de reconhecer que também há, nas CSM, inegáveis traços de oralidade:

O trovador muitas vezes recorre a ditos populares, ou estes explodem à sua revelia, na língua literária. Isso sem contar que todo bom narrador - e D. Afonso é um ótimo narrador - dá um cunho de irrecusável oralidade aos seus diálogos. Há, nas Cantigas de Santa Maria, diálogos tão naturais, que quase nos fazem ouvir as vozes dos interlocutores.

Massini-Cagliari (2005, p. 320), por sua vez, é categórica ao reconhecer a legitimidade das CSM (e da lírica trovadoresca em geral) como fonte primária da língua falada no século XIII. Segundo a pesquisadora:

Porque os textos poéticos metrificados levam em conta o número de sílabas e/ou a localização dos acentos em cada verso, eles acabam por trazer muitas das informações necessárias para uma pesquisa sobre a prosódia de línguas mortas, uma vez que, a partir da observação de como o poeta conta as sílabas (poéticas), pode-se inferir os limites entre as sílabas das palavras e, a partir daí, sua estruturação interna; a partir da observação de como o poeta conta as sílabas (poéticas) e localiza os acentos em cada verso, podem ser inferidos os padrões acentuais e rítmicos da língua na qual os poemas foram compostos; da localização dos acentos poéticos, pode-se concluir a localização do acento nas palavras, ou seja, os padrões de acento lexical da língua, e, da concatenação desses acentos dentro dos limites de cada verso, os padrões rítmicos da língua em questão. (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 19)

Massini-Cagliari (2005, p. 321), portanto, mostra, mais uma vez, que “o testemunho das CSM pode e deve ser considerado um representante legítimo do galego-português”.

Enfim, antes de concluir esta subseção, é importante tecer algumas considerações acerca dos originais da obra. As CSM encontram-se distribuídas em quatro manuscritos provenientes do final do século XIII:

- O *códice de Toledo* (To), que, inicialmente, pertencia à Biblioteca da Catedral de Toledo (daí a abreviação *To*) e, desde 1869, encontra-se na Biblioteca Nacional de Madrid (cf. FERREIRA, 1994, p. 59);
- O *códice rico* de El Escorial (T), que foi transferido, ao final do século XVI, de Sevilha para a Biblioteca Real de El Escorial (Real Monasterio de san Lorenzo, na Espanha),³³ onde permanece até hoje (cf. FERREIRA, 1994, p. 60);
- O *códice de Florença* (F), que se encontra, atualmente, na Biblioteca Nacional Central de Florença (cf. FERREIRA, 1994, p. 60);
- O *códice dos músicos* de El Escorial (E), que, como T, foi transferido, ao final do século XVI, de Sevilha para a Biblioteca Real de El Escorial (Real Monasterio de san Lorenzo), onde permanece desde então (cf. FERREIRA, 1994, p. 62).

Dos quatro manuscritos remanescentes, o menor e mais antigo, segundo Parkinson (1998), é o *códice de Toledo* (To); o mais rico em conteúdo artístico é o *códice rico* de El Escorial (T), que forma, junto com o manuscrito de Florença (F), os chamados *códices das histórias*; e o mais completo é o *códice dos músicos* de El Escorial (E). Schaffer (2000), a

³³ Veja-se Massini-Cagliari (2005, p. 63).

propósito, lembra que *To* é o único manuscrito que chegou a ser concluído: *T*, *F* e *E* estão todos inacabados.

A partir da organização desses quatro manuscritos, é possível depreender o processo de evolução da obra, que teria passado, ao que tudo indica, pelas seguintes etapas:

I. Inicialmente, segundo Parkinson (1998), o rei Afonso X teria encomendado uma coleção de 100 cantigas, o códice de Toledo, contendo histórias geralmente tiradas de fontes europeias bem conhecidas. Além dessas 100 cantigas, no entanto, a primeira coleção idealizada pelo monarca continha, como mostra Mettmann (1986), uma *Introdução* (A), falando do objetivo do Rei em homenagear a Virgem por meio de cem cantigas, um *Prólogo* (B) e uma *Petiçon* (*Pitiçon*), ao final da coleção, concluindo a obra: “*macar cen cantares feitos acabei*”. A coleção foi estruturada, conforme mencionado anteriormente, em grupos de dez cantigas: a cada nove cantigas de milagre, a décima corresponde a uma cantiga de louvor³⁴ (cf. PARKINSON, 1998; METTMANN, 1986). Além dessa estruturação, verifica-se, em *To*, uma distribuição em grupos de 50: a primeira cantiga fala sobre os sete gozos de Maria, ao passo que a CSM 50 fala sobre as sete dores da Virgem (cf. PARKINSON, 1998; METTMANN, 1986). Em um determinado momento do processo, o rei teria decidido incluir mais alguns poemas a essa primeira coleção: foram inseridas, assim, logo após a *Petiçon*, cinco cantigas de festas de Santa Maria e cinco cantigas de festas de Jesus Cristo, além de um apêndice contendo mais algumas cantigas de milagre, que acabaram por ficar separadas das demais.

II. Concluído o primeiro manuscrito, D. Afonso X teria decidido ampliar a coleção a partir de um segundo códice, ilustrado e com o dobro de cantigas, em relação à primeira coletânea. Surge, assim, o *códice rico* de El Escorial (T), cujo texto é acompanhado de miniaturas que fazem referência ao conteúdo narrado - as cantigas de milagre e de louvor são seguidas de uma página inteira de iluminuras, que se dividem em seis quadros (ou vinhetas). A cada cinco cantigas do *códice rico*, no entanto, há uma miniatura com doze vinhetas, que ocupa duas páginas do manuscrito, e não apenas uma, respeitando, assim, uma estruturação baseada nas “quintas” (cf. PARKINSON, 1998, p. 188; METTMANN, 1986, p. 22). Parkinson (1998, p. 180) mostra que, embora o índice do *códice rico* indique a presença de 200 cantigas na coleção (além do prólogo), há apenas 192 cantigas com música, havendo

³⁴ Essa estrutura de rosário, já mencionada nesta seção, constituiria um princípio básico na elaboração de todos os manuscritos seguintes, de acordo com Parkinson (1998).

lacunas em oito delas: CSM 40, 150, 151, 196, 197, 198, 199, 200. O índice revela, pois, a provável intenção de Afonso X, na elaboração desse segundo manuscrito das CSM: duplicar o número de cantigas de *To*, passando de 100 a 200, além de inserir iluminuras. Segundo Parkinson (1998, p. 188), *T* inclui a maioria das cantigas de *To*, embora não siga a mesma ordem da primeira coleção.

III. Afonso X, mais uma vez, com o intuito de dobrar a coleção mariana, ao que tudo indica, teria encomendado um segundo volume para *T*, do mesmo formato, porém, com uma redução no tamanho das páginas do texto (cf. PARKINSON, 1998). Surge, assim, o códice de Florença (F), que, segundo Parkinson (1998), acabou ficando incompleto:³⁵ sem música, com muitas lacunas e desordenado, contando com apenas 113 cantigas, em uma ordem que pouco (ou nada) corresponde à ordem do *códice dos músicos* (E), o mais completo dos manuscritos.

Por último, sobre o códice *E*, Mettmann (1986) mostra que começa com um *Prólogo das cinco cantigas de festas de Santa Maria*, que é seguido, no entanto, de doze *cantigas de festas* marianas, embora somente cinco, na visão do autor, corresponda ao gênero: as outras sete (entre elas, duas repetições) equivalem, segundo a interpretação do estudioso, a cantigas de louvor; seguem as doze *cantigas de festas* o *Índice*, a *Introdução* (A), o *Prólogo* (B), 400 cantigas, a *Petiçon* e uma última cantiga que contém “rogos”.³⁶ De acordo com Parkinson (1998, p. 188), o manuscrito *E* reproduz quase perfeitamente a ordem de *T*, sem apresentar, no entanto, o mesmo conteúdo decorativo do *códice rico*.³⁷ O autor (PARKINSON, 1998) afirma que há sete cantigas repetidas, em *E*, o que indica, muito provavelmente, um esforço desesperado para se chegar ao fim da coleção, que deveria conter as 400 cantigas (de milagre e de louvor). Mettmann (1986, p. 22) também acredita que as repetições, no manuscrito *E*, revelam uma certa pressa em terminar a coleção: “*Para realizar el proyeto se necesitaban 359 cantigas de milagros, pero al terminar el códice E faltaban algunos. Se salió del apuro*

³⁵ Schaffer (2000, p. 212 - nota 46) afirma que as deficiências de *F* são apontadas (sabidamente) com bastante frequência, mas que as partes incompletas de *T* são raramente mencionadas. A autora aponta, assim, algumas deficiências de *T*. Para Parkinson (2000b, p. 271), *F* deve ser considerado danificado, em vez de inacabado, já que faltam as cinco últimas páginas desse manuscrito (cf. MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 63 e 64).

³⁶ Parkinson (1998, p. 180 e 188) chama essa última cantiga, presente em *E*, de *Epílogo* ou *Nembressete Maria*.

³⁷ Os elementos artísticos adicionais de *E*, em relação aos códices *T* e *F*, são as miniaturas com músicos tocando ou preparando seus instrumentos, conforme veremos mais adiante, que acompanham as cantigas de louvor. Não há, em *E*, as mesmas iluminuras (divididas em seis ou doze vinhetas) que acompanham as cantigas dos *códices das histórias* (*T* e *F*). Além das miniaturas com músicos, que encabeçam as cantigas de louvor, há, no manuscrito *E*, apenas a iluminura que acompanha o *Prólogo* (B), na qual Afonso X aparece no centro da figura, acompanhado de músicos, poetas e escribas.

repitiendo siete milagros (373, 387, 388, 394-397)”.³⁸ Além disso, faltam as notações musicais das duas últimas cantigas de *E* (*Pitiçon* e *Epílogo*), conforme observou Parkinson (1998). Para o estudioso (PARKINSON, 1998), *F* e *E* foram, muito provavelmente, elaborados ao mesmo tempo, valendo-se dos mesmos materiais, sem, no entanto, combinar a ordem das cantigas. Haveria, assim, duas equipes trabalhando na elaboração desses códices: uma preocupada em reunir, em um único manuscrito (*E*), todas as cantigas afonsinas dedicadas à Virgem; e outra preocupada em elaborar um segundo volume (*F*) para *T*.

Segundo Parkinson (1998, p. 189), a coleção das 420 CSM corresponde a:

2 cantigas iniciais: título e prólogo (Mettmann A/B)

2 cantigas finais: Pitiçon, Nembressete Maria (números 401-402 na edición de Mettmann)

40 cantigas de loor (das cales dúas se repiten nas cantigas de festas de E)

353 milagres (mais sete milagres en E que repiten outras cantigas)

11 cantigas das festas de Santa María (números 410-422 na edición de Mettmann) mais dúas repetidas

7 cantigas de milagre de To e F que non foran incluídas en E (números 403-409 da edición de Mettmann)

5 cantigas de festas de Xesucristo de To, que non foron incluídas noutros manuscritos (números 423-427 da edición de Mettmann)

O códice de Toledo (*To*) contém 160 folhas de pergaminho (além das folhas de papel de guarda), que medem 315 mm de altura por 217 mm de largura. O texto ocupa um espaço de 225 mm por 151 mm, e está escrito em duas colunas, com 27 linhas cada uma. A letra, utilizada em *To*, é a francesa, típica dos códices do século XIII (cf. METTMANN, 1986, p. 25).

Parkinson (2000a, p. 133) afirma que foram utilizadas três cores de tinta (preto, vermelho e azul) nas letras do códice de *To*. As iniciais, segundo o autor (p. 134), são decoradas, mas não são iluminadas, semelhante ao que ocorre em *E*, nas cantigas múltiplas de dez. Para Parkinson (2000a, p. 134), em alguns aspectos, *To* mostra-se mais decorativo do que *E*, fazendo, por exemplo, um uso mais extensivo das tintas vermelha e azul.

De acordo com Parkinson (1998, p. 180), *To* é constituído de:

³⁸ “Para realizar o projeto, eram necessárias 359 cantigas de milagres, mas ao terminar o códice *E*, faltavam algumas. Saiu-se do apuro repetindo sete milagres (373, 387, 388, 394-397)” (tradução nossa).

*Título, Índice de 100 cantigas; prólogo, 100 cantigas numeradas; petição;
5 cantigas das Festas de Santa María, precedidas de rubrica explicativa
5 cantigas das Festas de Jesucristo, precedidas de rubrica explicativa e con
indicaci3ns marxinais sobre o uso litúrxico;
16 cantigas adicionais em apéndice, precedidas por rubrica explicativa.*

O *c3dice rico* de El Escorial (T) est3 escrito em 256 folhas de pergaminho, medindo 485 mm de altura por 326 de largura. O texto, tamb3m escrito em letra francesa, aparece em duas colunas, cada uma com 44 linhas (METTMANN, 1986, p. 29).

Segundo Massini-Cagliari (2005, p. 71), *T* “3 conhecido como *c3dice rico*, dada a riqueza do material com que foi feito, o cuidado e o capricho de suas notaç3es musicais e das letras das cantigas e a riqueza e beleza das suas miniaturas”.

Parkinson (1998, p. 180) afirma que o *c3dice rico* cont3m: 3ndice (de 200 cantigas), t3tulo, pr3logo e 192 cantigas com m3sica (havendo lacunas em oito delas). Al3m disso, o *c3dice rico* apresenta uma decoraç3o complexa: cada cantiga est3 ilustrada por seis ou doze miniaturas (acompanhadas de legendas), que ocupam uma ou duas p3ginas completas do manuscrito (PARKINSON, 1998).

Segundo Paz y Melia (*apud* METTMANN, 1986, p. 31), h3 mais de 1250 miniaturas em *T*, distribu3das em 210 p3ginas. Cada miniatura de p3gina inteira mede, de acordo com o autor, 334 mm de altura por 230 mm de largura, sendo que cada uma das vinhetas que comp3em as miniaturas que acompanham as cantigas de milagre e de louvor mede, geralmente, 109 mm por 100 mm (algumas medem, em p3, 65 mm de altura).

A seguir, est3 reproduzida uma das iluminuras que acompanham as cantigas de milagre no *c3dice rico* de El Escorial (T):



Figura 2.1. CSM 7. *Códice rico* de El Escorial (T).
 Fonte: <http://cantigas.webcindario.com/>

Nas iluminuras das cantigas de louvor, de acordo com Leão (2007, p. 28), é comum aparecer o Rei Afonso X, no centro da figura, em postura humilde, diante da Virgem, como mostra o exemplo a seguir:



Figura 2.2. Quarta vinheta da CSM 140.
Códice rico de El Escorial (T).

Fonte: <http://www.ricardocosta.com/artigo/bondade-justica-e-verdade-tres-virtudes-marianas>

O códice de Florença (F) é composto, na versão atual, por 131 folhas de pergaminho, que medem 456 mm de altura por 320 mm de largura.³⁹ Os textos foram escritos em letra gótica francesa (do final do século XIII), e estão distribuídos, geralmente, em duas colunas - algumas vezes em três ou, mais raramente, em apenas uma - de 44 linhas (METTMANN, 1986, p. 32).

Parkinson (1998) mostra que o manuscrito *F* contém 103 cantigas (algumas incompletas) com pautas musicais, mas sem notação. Muitas das cantigas, segundo o autor, são seguidas por uma ou duas páginas de miniaturas (sem legendas correspondentes), com decoração semelhante à de *T*. Parkinson (1998) afirma que algumas páginas de *F* estão apenas preparadas para miniaturas. A esse respeito, Mettmann (1986, p. 34) declara:

Das paginas miniaturadas, 48 são completamente acabadas; muitas teem apenas parte dos quadrinhos terminada; algumas foram apenas desenhadas e outras teem sómente o friso pintado e os quadrinhos traçados.

³⁹ Aita (1921, *apud* METTMANN, 1986, p. 32) acredita que as folhas deveriam medir mais, antes da atual encadernação, “pois se vê bem claramente que foram cortadas, especialmente na parte inferior, onde, em consequencia disso, acontece muitas vezes faltar o numero, em algarismos romanos, de uma antiga paginação que se observa ainda no verso de muitas folhas”. Segundo a autora, essa antiga paginação indica que *F*, que contém, atualmente, 131 folhas, continha 166 (ou mais) antigamente.

Massini-Cagliari (2005, p. 71) aponta algumas particularidades, relacionadas ao *layout* de *T* e *F*, que diferenciam esses manuscritos de *To* e *E*:

A diferença de *T/F*, com relação a *E/To*, está, no entanto, na adoção de um *layout* muito mais complicado, que vislumbra a presença de miniaturas como parte integrante de cada cantiga - o que não acontecia em *E/To*, em que os textos/músicas das cantigas se seguem uns aos outros, sem troca de página nem espaços demarcatórios intermediários.

Parkinson (2000b, p. 245) afirma que o rótulo de *códice rico*, inicialmente atribuído ao manuscrito *T*, acabou estendendo-se a *F*, já que este é reconhecido como um segundo volume daquele. Dessa forma, esses dois manuscritos passaram a ser designados de *códices ricos*, respeitando, pois, a unidade que representam.

Por fim, o *códice dos músicos* de El Escorial (*E*), o mais completo dos quatro manuscritos, é composto por seis folhas de papel de guarda e 361 de pergaminho. Ao final do manuscrito, há restos de outras três páginas, que estavam, provavelmente, em branco e foram cortadas do *códice*. A altura de cada folha é de 402 mm, e a largura, de 274 mm. O texto ocupa duas colunas, de 40 linhas cada, e também está escrito em letra francesa. O espaço dedicado ao texto, em cada folha, mede 303 mm ou 309 mm por 198 mm, e a largura de cada coluna é de 92 mm (METTMANN, 1986, p. 27).

O *códice E* contém, segundo Parkinson (1998, p. 180): 12 cantigas numeradas das Festas de Santa Maria (precedidas de um prólogo), índice, título, prólogo, 400 cantigas numeradas, com música para a primeira estrofe (em alguns casos excepcionais, há notação musical para todas as estrofes), *Petiçon* e epílogo (sem música). O autor afirma que a decoração de *E* é semelhante à decoração de *To*: o adicional, em *E*, conforme mencionado anteriormente, são as famosas miniaturas com músicos que encabeçam as cantigas de louvor:



Figura 2.3. Miniatura. CSM 300.
Códice dos músicos de El Escorial (E). E300, fólio 268v.
Fonte: Alvarez (1987, lâmina VI).



Figura 2.4. Miniatura. CSM 350.
Códice dos músicos de El Escorial (E). E350, fólio 313v.
Fonte: Alvarez (1987, lâmina VII).

Enfim, tendo em conta tudo o que foi apresentado, ao longo desta subsecção, sobre o cancionero afonsino, pode-se concluir que as CSM constituem um monumento artístico e histórico de relevância indiscutível, como bem notou Leão (2007, p. 30):

Conforme se reconhece hoje, os textos, as iluminuras e as notações musicais, em conjunto, fazem das *Cantigas de Santa Maria* uma das obras mais ricas de toda a Idade Média - o que justifica que tenha sido caracterizada por Menéndez y Pelayo como “a Bíblia estética do século XIII”.

Foi, portanto, esse canconeiro medieval de valor inestimável que forneceu os dados desta pesquisa referentes ao século XIII. Na subsecção a seguir, apresentamos as principais características da obra poética que proporcionou os dados do século XV e início do século XVI.

2.2 O Cancioneiro Geral

Após a efervescência das cantigas trovadorescas, no século XIII, a poesia parece ter perdido força, no século seguinte, já que não há qualquer registro de produção poética em Portugal, durante esse período. Lapa (1960, p. VII) justifica desta maneira o suposto desinteresse dos portugueses, no século XIV, pela poesia:

A vida do país começou a tomar uma orientação mais burguesa e utilitária. A ideia da navegação e da conquista começou a enfebreçar os espíritos, dirigindo-os para as coisas de proveito. Os reis e príncipes, que antigamente cultivavam a poesia de amores, entraram de fazer tratados de assuntos práticos e morais: D. João I a escrever sobre montaria, o infante D. Pedro e o rei D. Duarte a dissetarem sobre problemas filosóficos e morais, D. Afonso V a ocupar-se da milícia. Pode dizer-se que de 1350 a 1450 a literatura reveste uma forma especialmente didática, em tudo concorde com o sentido da política da época.

É preciso ter em mente, no entanto, que o fato de não haver registros de textos poéticos que possam ser atribuídos ao período referido, não significa, necessariamente, que houve um século sem poesia em Portugal (vide nota 3, p. 18). O certo é que, até onde se sabe, ninguém se preocupou em reunir, durante esse período, os versos que, provavelmente, circulavam na corte portuguesa de então. Esse suposto desinteresse dos cortesãos da época em registrar sua poesia em uma obra durável, insinua, todavia, uma certa indiferença dos portugueses, ao longo do século XIV, pela arte de trovar.

Já no século XV, entretanto, mais precisamente no reinado de Afonso V (1438-1481), a poesia lírica recupera seu papel de destaque, na corte portuguesa. O rei, à moda do que se fazia em Castela, tornou-se protetor das letras e passou a apoiar os serões no paço, onde floresceu a chamada poesia palaciana: “aristocrática, fina e rebuscada” (LAPA, 1960, p. VIII). Ciente de que o contato mais próximo com a nobreza poderia garantir e fortalecer sua liderança, o rei não apenas mantinha como também participava dos famosos serões da época.

A tradição perdurou, em Portugal, e teve seu auge no reinado de D. João II (1481-1495), sucessor de Afonso V. Garcia de Resende (1470-1536), que vivenciou três reinados (D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I), inspirado na tradição dos *cancioneiros* que vigorava em Castela,⁴⁰ tomou a iniciativa de reunir, em uma única coletânea, todos os versos que circulavam nos serões da corte portuguesa:

No momento em que a poesia subia no público apreço como instrumento de civilização, cumpria demonstrar que esse povo forte e heróico também tinha sua poesia, adorno brilhante das cortes, memória de feitos ilustres e meio de louvar a Deus. (FIGUEIREDO, 1960a, p. 106)

Sem julgar a qualidade de cada poesia, Garcia de Resende empenhou-se em resguardar, em seu *Cancioneiro Geral* (CG), toda a produção poética de então. Essa volumosa coletânea saiu publicada, em Portugal, no ano de 1516, já no reinado de D. Manuel I (1495-1521). Não fosse essa iniciativa de Resende, também não teríamos, hoje, registros da poesia do século XV e início do século XVI.

A proximidade de Castela e a já referida influência da corte vizinha na cultura portuguesa ocasionaram um bilinguismo em Portugal. Segundo Lapa (1960, p. VIII), todo trovador, no século XV, versava em português e em castelhano - “desforra dos antigos tempos, em que apenas se trovava em galego-português”. Como não poderia deixar de ser, o CG contempla esse bilinguismo da época. A maior (e melhor) parte da coletânea, no entanto, está escrita em língua portuguesa (cf. LAPA, 1977, p. 436).

⁴⁰ Em 1445, o espanhol Juan Alfonso de Baena organiza a compilação conhecida como *Cancioneiro* de Baena. Em 1511, foi publicado, em Valência, o *Cancionero General* de Hernando del Castillo (reeditado em 1514). Garcia de Resende, portanto, teria se inspirado nessas coletâneas, ao que tudo indica, para promover a compilação portuguesa.

Segundo Pimpão (1942), cerca de 286 poetas colaboraram na compilação de Resende, entre os quais trinta, aproximadamente, eram castelhanos. No grupo dos poetas portugueses, de acordo com Pimpão (1942), também cerca de trinta autores teriam escrito nas duas línguas: português e castelhano.

Em estudo mais recente, no entanto, Pimpão (1947) admite que é difícil delimitar o número exato de poetas que compõem o CG, “não só por motivos de homonímia, mas ainda por haver nomes introduzidos ficticiamente”. Mesmo assim, é compartilhada, entre os estudiosos consultados, a certeza de que o número total de poetas seja superior a duzentos e cinquenta.

Também difícil de precisar é a datação de determinados poemas do CG. Em alguns casos, as personagens ou os fatos históricos citados na poesia permitem uma reconstituição da data em que foram compostos os versos. Há poemas, todavia, que não admitem tal associação. A respeito dessa reconstrução, Dias (1990, p. XV) tece o seguinte comentário:

Sem conto são as referências, as alusões a empresas e acontecimentos históricos em que a quase totalidade dos colaboradores do *Cancioneiro* andava envolvida; referências extremamente concisas, breves pinceladas sobre factos contemporâneos que, evocados quase na simultaneidade da acção, dispensavam a pormenorização e a nota precisa que hoje nos fazem falta e que só a leitura atenta das crónicas nos ajuda a aclarar.

Segundo Cardeira (2012), o *Louvor de Juan de Mena* corresponde, muito provavelmente, ao texto mais antigo do CG, composto pelo Infante D. Pedro, entre 1440-1447, no período em que era Regente do Reino. Outra composição que se pode datar, de acordo com a autora, é aquela que abre a coletânea: conhecida como *O Cuidar e o Suspirar*, teria animado os serões nos anos de 1483-1484.

À luz desses dados, Cardeira (2012) indaga se Resende teria respeitado a escrita de cada época, ou se teria feito adaptações, tomando como base a língua contemporânea à compilação. Ao comparar esses dois textos, separados por aproximadamente quarenta anos, Cardeira (2012) constata que o organizador da obra manteve a escrita original de cada época, já que a grafia empregada para representar o atual ditongo nasal *-ão*, nas duas obras, evidencia

uma mudança em curso em uma etapa, aparentemente, mais avançada, no texto da década de 80.⁴¹

Cardeira (2013) também fala-nos sobre a organização assistemática do *Cancioneiro*. A pesquisadora admite uma suposta intenção do compilador de agrupar os textos por autores ou por temas, mas mostra que, muitas vezes, esse critério não foi respeitado. Em alguns casos, por exemplo, os textos de um mesmo poeta aparecem agrupados, no CG, em diferentes (e separadas) seções, sugerindo, assim, uma provável seleção aleatória de Resende, feita à medida em que iam chegando novos versos. A propósito do trabalho do compilador, Pimpão (1947, p. 406) declara que:

Nem sempre foi fácil a Resende reunir as suas composições: já tarde, alcançou umas trovas de Afonso Valente que, por esse motivo, inseriu fora de ordem; a Jorge Vasconcelos, manda uma copla, incitando-o a colaborar no seu *Cancioneiro*; a Diogo de Melo pede que lhe traga de Alcobaça o cancionero do abade Frei Martinho; a João Fogaça empaza-o a remeter-lhe todas as suas trovas.

Em relação aos temas abordados na obra, Lapa (1960, p. IX) destaca “a súplica triste e apaixonada, a coita de amor, em que o pobre poeta se revolve com sofrimento e com delícia”, seguindo, pois, a tradição trovadoresca. O autor observa, no entanto, que a lírica amorosa do século XV é mais ousada do que aquela vigente no século XIII. Na poesia palaciana, segundo Lapa (1977, p. 444), “a dama aparece-nos já envolta de um aro de realidades; e as relações afectivas tomam por vezes um não sei quê de ardência sensual”.

Desse modo, o desejo de transcender os limites espirituais e possuir o corpo da mulher amada passa a ser cantado nos versos do século XV, contrariando, pois, o viés platônico, que também tem seu espaço no CG, como salientam Saraiva e Lopes (1985, p. 160): “alguns poetas acabam por chegar ao requinte de que o verdadeiro amor implica a renúncia à posse do ser amado, porque a consumação do desejo extingui-lo-ia no amador”. Figueiredo (1960a, p. 107), a propósito, acrescenta que o neoplatonismo, tão exaltado no século XVI, encontra antecedente nobre na compilação de Resende.

⁴¹ Os dados de Cardeira (2012) autorizam-nos a afirmar, inclusive, que não apenas Garcia de Resende, mas também o compositor tipográfico da obra, responsável pela impressão dos exemplares, respeitou, de um modo geral, as representações originais. Mais adiante, nesta seção, veremos que o compositor ou tipógrafo, assim como o copista dos manuscritos, tinha uma certa liberdade para dispor os tipos, no prelo, de acordo com seus padrões particulares de (orto)grafia, reproduzindo, assim, o seu estilo no trabalho realizado.

Não poderíamos deixar de mencionar, aqui, a famosa e extensa composição (de 3172 versos), já referida nesta subseção, que abre o CG. Essa tenção coletiva, conhecida como *O Cuidar e o Suspirar* e organizada em forma de jogo poético, desenvolve a querela inicial de Jorge da Silveira e Nuno Pereira, referente a um paradoxo conceitual, envolvendo razão e emoção, entrega e reclusão, demonstração e omissão de sentimento etc.

Outro ponto que caracteriza a coletânea de Resende, segundo os estudos consultados, é a influência de autores italianos como Dante e Petrarca. Em relação à marca dantesca, no *Cancioneiro*, os estudiosos abordados aludem ao *Inferno dos Namorados*, divulgado na Península pelo autor castelhano Juan de Mena, o Conde de Santillana. Segundo Lapa (1960), alguns poetas do CG, inspirados em uma tradição do século XV, previnem sobre os perigos que rondam os namorados, que estariam sujeitos, inclusive, a agonizar no inferno, como a personagem de Dante.⁴² Um exemplo genuíno dessa alusão, na coletânea de Resende, são os versos do próprio compilador, dedicados à morte de Inês de Castro, personagem real da história portuguesa, que foi assassinada a mando do rei Afonso IV, pai de seu amado, o então príncipe D. Pedro, por questões estritamente políticas. Garcia de Resende dá voz à Inês já morta, que lamenta, das profundezas do inferno, seu trágico destino, resultado da persistência de um amor proibido, conforme mostra o trecho do poema transcrito a seguir:

(2.8)

*Senhoras, s'algum senhor
vos quiser bem ou servir,
quem tomar tal servidor
eu lhe quero descobrir
o gualardam do amor.
Por sua mercê saber
o que deve de fazer,
vej' o que fez esta dama,
que de si vos daraa fama,
s'estas trovas quereis ler.*

⁴² Lapa (1960, p. XI) comenta que “esse motivo da descida ao Inferno vem de longe, já da *Odisseia* de Homero; mas foi Dante quem, em princípios do século XIV, lhe deu feição definitiva na sua *Divina Comédia*”.

Fala Dona Ines.

*_ Qual seraa o coraçam
tam cru e sem piadade,
que lhe nam cause paixam
ũa tam gram crueldade
e morte tam sem rezam?
Triste de mim, inocente,
que por ter muito fervente
lealdade, fee, amor
ò Princepe, meu senhor,
me mataram cruamente!*

*A minha desaventura,
nam contente d'acabar-me,
por me dar maior tristura
me foi pôr em tant'altura
para d'alto derribar-me.
Que, se me matara alguem
antes de ter tanto bem,
em tais chamas nam ardera,
pai, filhos nam conhecera
nem me chorara ninguem.*

*Eu era moça, menina,
per nome Dona Ines
de Crasto e de tal doutrina
e vertudes qu'era dina
de meu mal ser ò revés.
Vivia sem me lembrar
que paixam podia dar
nem dá-la ninguem a mim.
Foi-m'o Princepe olhar
por seu nojo e minha fim!*

(Garcia de Resende, nº 861, p. 301, v. IV)⁴³

A história de Inês de Castro será outras vezes retomada, na literatura portuguesa, inclusive por Camões, em *Os Lusíadas*, conforme veremos na subseção a seguir. A abordagem de Resende, entretanto, figura, ainda hoje, entre as mais aclamadas pela crítica. Para Pimpão (1947, p. 408), “as restantes poesias de Garcia de Resende não imortalizariam o Autor”.

⁴³ As referências, ao final dos versos do CG apresentados ao longo desta subseção, indicam a autoria dos poemas e sua localização na edição de Dias (1990-93).

No tocante ao petrarquismo, no CG, os estudiosos consultados destacam, sobretudo, a influência da natureza no estado de espírito dos homens. Nos versos a seguir, por exemplo, Diogo Brandão fala sobre os efeitos da natureza em uma alma aflita mediante a ausência da amada:

(2.9)

*E vou-me por esses montes
desastrado sospirando,
os meus olhos coma fontes
vam chorando.
Das lagrimas desmedidas,
verdadeiras,
vam as aguas das ribeiras
mui crecidas.*

*Depois me dexo nos vales
com tençam que me descansem,
mas antes crecem meus males
que s'amansem.
Os doces cantos das aves,
mui suidosos,
assi me sam amargosos
como graves.*

*Os frescos prados e rios
que mil vidas a mi ventam,
muito mais meus desvarios
acrecentam.
Que minhas desaventuras
lastimeiras
nam se curam com frescuras
das ribeiras.*

(Diogo Brandão, nº 334, p. 221, v. II)

A natureza também é evocada pelos poetas do CG para ser confrontada com a vida conturbada das cidades. Muitas vezes insatisfeitos com a modernidade iminente e com os novos costumes adotados na corte, alguns poetas quinhentistas versaram sobre a superioridade da vida no campo:

(2.10)

*Privar em cas da rainha
Deos vo-lo deixe fazer,
e a mi ãa vinha
e regar ãa almoinha
em que tenho mor prazer.
Deos vos dê muita privança
com El-Rei nosso Senhor,
e a mi lavrança,
aguilhada em vez de lança,
vós paçãao, eu lavrador.*

(Nuno Pereira, nº 88, p. 281, v. I)

Para Lapa (1977, p. 459), a alusão à natureza, no CG, ainda não apresenta o carácter tipicamente renascentista. Segundo o autor, tanto a descrição da natureza quanto as referências mitológicas, na compilação de Resende, estão mais para um romantismo medieval do que para um espírito clássico propriamente dito:

A este estoicismo, que procura na natureza a liberdade activa e o remédio das paixões devoradoras, só falta um certo sibaritismo intelectual, para ser uma atitude verdadeiramente clássica. Esse perfeito equilíbrio virá logo a seguir com Sá de Miranda, que, na doçura virgiliana de sua quinta minhota, não esquece os deveres da inteligência e se entrega regaladamente à leitura dos bons autores.

Também é recorrente, na coletânea de Resende, a crítica à sociedade mercantilista da época, deslumbrada com os avanços económicos de Portugal e, conseqüentemente, mais preocupada em garantir seus lucros do que em preservar os (bons) costumes da corte. Alguns versos do CG associam, inclusive, essa suposta crise dos valores tradicionais portugueses à presença dos judeus na Península, sob um viés claramente anti-semítico. Tão pouco a expansão ultramarina era vista com bons olhos pelos poetas do *Cancioneiro*. Excetuando-se o prólogo de Garcia de Resende, que ressalta a necessidade de se cantarem os grandes feitos portugueses, e outros poucos poetas que versaram sobre as vitórias de Portugal, em batalhas da época, a grande maioria dos poetas do CG assume uma postura pessimista, semelhante à do Velho do Restelo de Camões (veja-se a subsecção a seguir), perante as conquistas portuguesas em terras de além-mar. Para Lapa (1960, p. XI):

Temos [...] no *Cancioneiro de Resende* uma curiosa mistura do espírito velho e do espírito novo. Nada mais natural numa época de transição, como aquela que vai dos meados do século XV até à primeira oitava do século XVI. Toda a gente se sentia no limiar dum novo mundo. E os velhos, os que guardavam ainda a recordação dos tempos cavaleirescos, vendo os costumes novos e a fácil adaptação a uma vida de ostentações e libertinagem, olhavam sombriamente o futuro.

Destaca-se também, no CG, a poesia de escárnio, destinada a zombar de fatos e personagens da época. As mulheres que desprezavam os galanteios de seu admirador, por exemplo, eram alvo constante do deboche, na pena dos rejeitados. Lapa (1960, p. XIII) acrescenta, a propósito, que a galhofa, no século XV, era um pouco mais contida do que o escárnio trovadoresco, e respeitava, na medida do possível, o ambiente em que os versos eram declamados: “a maior sociabilidade e requinte de maneiras adoçaram-lhe a violência e atenuaram-lhe o desbragamento”.

Cumprе observar, inclusive, que o próprio Gil Vicente, também colaborador na compilação de Resende, teria se inspirado, ao que tudo indica, na sátira de alguns poetas do CG para compor, no século XVI, as notáveis farsas e autos que o imortalizariam, na história da literatura portuguesa.

Pode-se dizer, portanto, que a poesia, no *Cancioneiro* de Resende, é essencialmente lírica e satírica. Notando essa combinação, Lapa (1960, p. XII) conclui que “o mesmo impulso, a mesma veemência sentimental que serve para o lirismo quadra de igual modo à cantiga de mal-dizer. São aspectos diferentes dum mesmo fenômeno psicológico, duma mesma carga afectiva”. Não será demasiado lembrar que, ao lado do sofrimento amoroso e da sátira à sociedade da época, figuram muitos outros temas, diversificados, inclusive de cunho religioso. Também convém reforçar que a poesia palaciana, como a trovadoresca, era feita para ser cantada, em justas poéticas, durante os bailes e serões do paço. Por isso, muitas vezes, a poesia é de circunstância e aborda questões fúteis da época, destinadas ao mero entretenimento dos cortesãos. Como comenta Resende, no prólogo da obra, dedicado ao príncipe D. João III, os versos do CG reúnem “muitas cousas de folgar e gentilezas” de então, que não podiam ser fadadas ao esquecimento.

Em suma, como observou Ruggieri (1931), a lírica amorosa, os frequentes galanteios às damas, a exaltação da beleza feminina, a evocação da morte, a coita de amor, os versos de escárnio, a crítica à sociedade da época, a valorização da moral e dos bons costumes, a mistura entre o sagrado e o profano, a alusão à natureza para confrontar ou espelhar estados de alma, as referências mitológicas, as influências clássicas, dantesca e petrarquista, o platonismo e outras questões abordadas no CG autorizam-nos a afirmar que a coletânea de Resende representa uma perfeita fusão da antiga lírica galego-portuguesa com a tradição castelhana de então, caracterizada por uma evidente aspiração renascentista.

Em relação aos tipos de poema contemplados no CG, os autores consultados destacam o *vilancete*, a *cantiga*, a *esparsa* e as *trovas*, com a ressalva de que a cantiga paralelística, tão comum no período trovadoresco, foi definitivamente abandonada, na poesia palaciana. O *vilancete*, de origem popular (cantiga de vilão), é composto, segundo Lapa (1960), de um mote inicial de dois ou três versos, seguido de uma volta ou glosa, constituída de sete versos, que desenvolve o tema referido no mote. A estrutura da *cantiga* assemelha-se, de acordo com o autor, à do vilancete: há um mote inicial, composto por quatro ou cinco versos, seguido de uma glosa de oito ou dez versos. Tanto no vilancete, quanto na cantiga, o último verso da glosa costuma repetir o último verso do mote ou introduzir variantes. A rima do mote, portanto, tende a ser retomada, ao final de cada glosa. Em relação à *esparsa*, Lapa (1960) declara consistir em uma composição compacta, de oito a dezesseis versos, importada da poesia provençal e dedicada, geralmente, a temas tristes. Por último, as *trovas* não apresentam mote e são constituídas de um número variável de estrofes uniformes, geralmente oitavas, isométricas ou não. Lapa (1960) observa, no entanto, que, entre essas estruturas relativamente fixas, figuram muitas outras inusitadas, e acrescenta o seguinte comentário: “se o conteúdo não oferece uma grande originalidade, o lado arquitetural da poesia apresenta por vezes aspectos bem curiosos” (LAPA, 1960, p. XIV).

Sobre a estruturação dos versos, os estudiosos são unânimes em apontar a redondilha maior (sete sílabas) como a métrica predominante do *Cancioneiro*, em meio a uma diversidade considerável. Em seguida, viriam a redondilha menor (cinco sílabas) e o “verso de arte maior”, de 10 e 11 sílabas poéticas, em alternância, com ritmo especial, “que teve certo favor nos meados do século XV, perdurou ainda na obra vicentina para assuntos graves, mas não teve futuro entre nós” (cf. LAPA, 1960, p. XIII).

No tocante aos esquemas rítmicos empregados no CG, Moreira (1961) destaca a supremacia das rimas soantes (ex.: *nossa/vossa*), ao lado das toantes (ex.: *levardes/desprezastes*) e daquelas a que a autora chamou rimas imperfeitas, aliterantes, defeituosas e equívocas. Particularmente em relação às rimas imperfeitas, envolvem, segundo a pesquisadora, vogais médias que, no português atual, apresentam timbres diferentes (ex.: *mercê/maré*, *toca/boca*). Já as rimas aliterantes, na interpretação de Moreira (1961), correspondem àquelas envolvendo vogais tônicas distintas (ex.: *volvendo/mandando*). No grupo das rimas defeituosas, a autora inclui os casos de rima entre vogal oral e vogal nasal (ex.: *pertence/aparece*), ou entre vogal simples e ditongo (ex.: *animoso/repouso*) e outros casos difíceis de sistematizar (ex.: *maneiras/alegrias*). No tangente às rimas equívocas, caracterizam-se, de acordo com a autora, pela repetição da mesma palavra, com sentidos diferentes (ex.: *conta*, como substantivo e verbo, rimando entre si).

Por fim, em relação ao acento tônico das palavras rimantes, Moreira (1961) mostra que há, na coletânea de Resende, predominância de rimas graves (com paroxítonas: *deseja/veja*), seguidas de rimas agudas (com oxítonas: *melhor/menor*) e que, por último, viriam as esdrúxulas (com proparoxítonas: *necessário/contrário*).⁴⁴ Além disso, em alguns casos, segundo a autora, há mudanças acentuais para garantir a rima (ex.: *Zodiaco/Baco*). Cumpre referir, também, que algumas rimas do CG são bastante curiosas e revelam uma certa habilidade dos poetas na arte de trovar, como mostra o exemplo a seguir, cujo jogo rítmico também fora notado por Le Gentil (1953):

(2.11)

<i>Senhora</i>	<i>graciosa,</i>	<i>discreta,</i>	<i>eicelente,</i>
<i>sentida,</i>	<i>humana,</i>	<i>d'amores</i>	<i>immiga,</i>
<i>garnida</i>	<i>d'oufana,</i>	<i>d'honores</i>	<i>amiga,</i>
<i>d'agora</i>	<i>fermosa,</i>	<i>secretaria,</i>	<i>prudente,</i>
<i>excrude</i>	<i>em vós tacha</i>	<i>castigo</i>	<i>manante,</i>
<i>perfeita</i>	<i>bondade,</i>	<i>inteiro</i>	<i>enxemplo,</i>
<i>sogeita</i>	<i>à verdade,</i>	<i>verdadeiro</i>	<i>tempo</i>
<i>virtude</i>	<i>vos acha</i>	<i>consigo</i>	<i>costante.</i>

(Coudel-Mor, nº 45, p. 195, v. I)

⁴⁴ Mais adiante, neste trabalho, na seção destinada à apresentação e interpretação dos dados desta pesquisa, vamos rever alguns desses conceitos atribuídos às rimas do CG.

Conforme se pode notar, a rima, nesse poema de Coudel-Mor, não se limita ao final de cada verso, ao contrário, as palavras internas, acima separadas por colunas, também rimam entre si, a partir de um evidente jogo do poeta. A respeito desses versos, Le Gentil (1953) observa que podem ser lidos de trinta e duas maneiras.

Ainda a propósito dos esquemas rítmicos contemplados no CG, Moreira (1961) aponta a ocorrência de rimas cruzadas (ex.: ABAB), entrelaçadas ou emparelhadas (ex.: ABBA) e encadeadas (rima interna e externa), além do já referido *enjambement* (ou cavalgamento). As estrofes do CG, indicadas em (2.12), (2.13), (2.14) e (2.15), a seguir, constituem exemplos claros dessas rimas, respectivamente, cruzadas, entrelaçadas, encadeadas e do *enjambement*, no *Cancioneiro* de Resende (cf. MOREIRA, 1961):

(2.12)

<i>Amor, onde t'escondias</i>	A
<i>nos tempos que me matavas,</i>	B
<i>que tam forte parecias</i>	A
<i>e o mais bravo guardavas.</i>	B

(Nuno Pereira, nº 94, p. 295, v. I)

(2.13)

<i>Os nove meses do ano</i>	A
<i>eram já quasi passados,</i>	B
<i>quando eram meus cuidados</i>	B
<i>crecidos por mais meu dano.</i>	A

(Diogo Brandão, nº 361, p. 248, v. II)

(2.14)

Nam quero nem posso,
nem posso querer,
viver sem ser vosso
e vosso morrer.

(Garcia de Resende, nº 298, p. 173, v. II)

(2.15)

Dir-lh'-á: tornai-me a trazer √
 √ *essas armas que levais,*
pera as vir oferece[r]
a deos que vos defender
de mil perigos mortaes.

(João Rodrigues de Sá, nº 459, p. 413, v. II)

Por último, antes de encerrarmos a presente subsecção, é importante esclarecer alguns detalhes sobre a edição príncipe do CG. Como especificado no *cólofon* da obra, a primeira edição do *Cancioneiro* foi impressa em dois lugares: iniciou-se em Almeirim, mas foi concluída em Lisboa, a 28 de setembro de 1516, na tipografia de Hermão de Campos, impressor do então rei de Portugal, D. Manuel I. Segundo Dias e Castro (1977), apenas dez exemplares, dessa edição príncipe, podem ser localizados hoje. O esquema a seguir, proposto pelos estudiosos (DIAS E CASTRO, 1977, p. 100), indica a localização exata de cada exemplar:

(2.16)

Res. 110 - Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, reservado 110 A

Res. 111 - Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, reservado 111 A

Res. 112 - Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, reservado 112 A

A - Lisboa, Biblioteca da Ajuda, 50-XII-41

C - Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, R-28-19

E - Évora, Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, Res. 233

VV - Vila Viçosa, Biblioteca de D. Manuel II, BDM2.º/45

BNP - Paris, Bibliothèque Nationale: Rés. g. Yg. 3.

BM - London, The British Library: C.20e.21.

H - New York, Hispanic Society of America:

Exemplar Huntington:PQ.9231. R43. C21. 1516.

Outro exemplar⁴⁵

⁴⁵ Dias e Castro (1977) observam que a sigla **H** não corresponde propriamente aos exemplares localizados, hoje, nos EUA, mas à edição fac-similada de Huntington (1904), que se baseou em dos dois exemplares pertencentes a Hispanic Society of America, em Nova Iorque.

No tangente à estruturação da edição príncipe, Dias e Castro (1977, p. 102) mostram que qualquer exemplar completo do CG, remanescente do século XVI, é constituído de 232 fólios, organizados em 30 cadernos, da seguinte forma:

- a) um caderno assinado *A* de 4 fols. inumerados, contendo o rosto, a “Tavoada de totalas cousas que estam neste lyuro”, o “Prologo” e uma gravura com as armas reais, emoldurada por tarjas;
- b) um caderno assinado *a* de 6 fols., numerados de I a VI, contendo os primeiros poemas da compilação;
- c) 27 cadernos de 8 fols. cada, com assinaturas seriadas de *b* a *E* (isto é: *b* a *z*, e *A* a *E*) e numerados de VII a CCXXII, com a continuação dos poemas. A principal particularidade deste bloco consiste em alguns exemplares terem fólios do caderno *h* assinados com *f*; há ainda vários erros de foliação e os fólios XL a XLIX também aparecerem numerados XXXX a XXXXIX;
- d) um caderno *F* de 6 fólios numerados de CCXXIII a CCXXVII com o fim da compilação; o último fólio não tem numeração e contém o cólofon, no rosto, e uma gravura emoldurada com as armas dos Resendes, no verso.

Ao comparar algumas das compilações remanescentes do século XVI (sobretudo os reservados 110 e 112 da Biblioteca Nacional de Lisboa - BNL), Dias e Castro (1977) confirmam o testemunho de estudos anteriores (MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1881, 1908; ROCHA, 1949) de que os exemplares de 1516 não são idênticos, isto é, alguns fólios apresentam variações gráficas ou tipográficas (medidas de justificação, alinhamento ou alfabetos diferentes, por exemplo).⁴⁶ Após uma cuidadosa análise das diferenças entre os textos, os pesquisadores constatam que a variação é binária (existem apenas dois tipos de impressão) e que atinge somente os primeiros quarenta e sete fólios da coletânea.⁴⁷

⁴⁶ Segundo Dias e Castro (1977), o primeiro a notar as diferenças entre os exemplares da primeira edição do CG foi um leitor anônimo que deixou a seguinte anotação, em letra oitocentista, na folha de guarda do volume pertencente ao Museu Britânico: “a copy of this book is in possession of Lord Strangford many of leaves of which exhibit typographical variations from the Museum copy - as, for example, leaves XIX, XXVIII, XLI” (cf. DIAS E CASTRO, 1977, p. 94). [uma cópia deste livro pertence a Lord Strangford, e muitos de seus fólios apresentam variações tipográficas em relação à cópia do museu - como, por exemplo, nos fólios XIX, XXVIII, XLI] (tradução nossa). Sem conhecer essa observação, Michaëlis de Vasconcelos, a partir dos volumes da BNL, redescobriu as variações entre os exemplares, segundo Dias e Castro (1977), ao final do século XIX.

⁴⁷ Compõem esses primeiros 47 fólios da coletânea a composição de abertura *O Cuidar e o Suspirar* e os versos dos seguintes poetas: D. João de Menezes, Coudel-Mor, Álvaro de Brito Pestana, Nuno Pereira, Álvaro Barreto, João Gomes, Duarte de Brito e D. João Manuel - o que corresponde exatamente ao primeiro dos quatro volumes (de texto) da edição de Dias (1990-1993).

Dias e Castro (1977), na contramão do que haviam postulado Michaëlis de Vasconcelos (1881, 1908) e Rocha (1949), defendem que é improvável que essa diferença entre os exemplares represente uma tentativa dos compositores da época de corrigir erros da primeira impressão, após uma suposta revisão dos fólhos já prontos.⁴⁸ Para os filólogos, houve duas tiragens dos primeiros fólhos do CG, realizadas por compositores diferentes,⁴⁹ trabalhando independentemente, a partir de um mesmo original (manuscrito), em momentos e lugares distintos. Com base nas informações fornecidas no *cólofon* do CG, Dias e Castro (1977) aventam a hipótese de a impressão dos primeiros quarenta e sete fólhos ter sido realizada em Almeirim, até meados de maio de 1516, por um suposto compositor A. Em virtude de uma antecipação da primavera, naquele ano, a corte portuguesa teria se mudado para Lisboa, levando consigo Hermão de Campos e seu prelo portátil. Já em Lisboa, segundo os pesquisadores, a impressão do *Cancioneiro* teria sido retomada, mas, desta vez, sob o comando de outro compositor (a quem os autores chamam B), que, ao que tudo indica, permaneceu, nessa função, até a conclusão do trabalho. O compositor B, no entanto, não teria continuado a impressão a partir do fólho quarenta e oito. Devido a alguma necessidade imposta na época (aumentar a tiragem ou repor fólhos supostamente perdidos durante a viagem, por exemplo),⁵⁰ decidiram imprimir novamente os primeiros fólhos da compilação. A primeira impressão, do compositor A, teria sido misturada a essa segunda impressão, do compositor B, no processo de encadernação dos fólhos, gerando, assim, exemplares híbridos, com algumas páginas de compositores diferentes.

O quadro a seguir, adaptado de Dias e Castro (1977, p. 120), ilustra perfeitamente essa distribuição dos fólhos nos exemplares disponíveis. A e B representam, pois, os dois compositores responsáveis pela impressão dos fólhos, segundo a interpretação dos filólogos referidos:

⁴⁸ Para Dias e Castro (1977, p. 97), “dificilmente se concebe que uma pequena tipografia, dispondo de tipo em quantidade limitada como certamente era a de Hermão de Campos, pudesse conservar compostas por muito tempo as formas necessárias à impressão de uma folha de papel”.

⁴⁹ Entenda-se *compositor*, nesse caso, como o compositor tipográfico ou tipógrafo, já referido nesta seção, que era o responsável por executar o processo de impressão, distribuindo os tipos no prelo.

⁵⁰ Para Dias e Castro (1977), não é descabida a hipótese de algum infortúnio, durante a mudança para Lisboa, ter destruído grande parte dos fólhos já impressos em Almeirim, já que os fólhos 16/21 do compositor A não aparecem nos exemplares, hoje disponíveis, da edição príncipe (veja-se o quadro 2.2).

Quadro 2.2. Distribuição dos compositores A e B nos exemplares do CG remanescentes de 1516

	Res. 110	Res. 112	Res. 111	H	A	C	E	VV	BM	BNP
1/6	A	B	A	1=A 6=B	B	A	A	1=B 6=A	A	A
2/5	A	B	B	A	B	A	A	B	A	B
3/4	A	B	B	A	B	A	A	A	A	B
7/14	B	A	B	B	A	B	B	B	B	B
8/13	B	A	B	B	A	B	B	A	B	B
9/12	B	A	B	B	A	B	B	A	B	B
10/11	B	A	B	B	A	B	B	B	B	A
15/22	B	A	B	B	A	B	B	A	A	A
16/21	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B
17/20	B	A	B	B	A	B	B	B	A	A
18/19	B	A	B	B	A	B	B	B	A	A
23/30	B	A	B	B	A	B	B	A	A	A
24/29	B	A	B	B	B	B	B	B	A	A
25/28	B	A	B	B	A	B	B	A	A	A
26/27	B	A	B	B	A	B	B	A	A	A
31/38	B	A	B	B	A	B	B	A	A	A
32/37	B	A	B	B	A	B	B	B	A	A
33/36	B	A	B	B	A	B	B	A	A	A
34/35	B	A	B	B	A	B	B	A	A	A
39/46	B	A	A	B	A	B	B	B	B	A
40/45	B	A	B	B	A	B	B	B	B	A
41/44	B	A	B	B	A	B	B	B	B	A
42/43	B	A	B	B	A	B	B	B	A	A
47/54	B	A	B	B	A	B	B	A	A	A
48/53	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B

Fonte: Dias e Castro (1977, p. 120).

Se desconsiderarmos a primeira linha do esquema acima, dedicada ao par conjugado 1/6,⁵¹ e as últimas três colunas, referentes aos exemplares VV, BM e BNP, será possível agrupar, de um lado as compilações 110, H, C, E e 111 (esta última com algumas poucas variações: 2/5, 3/4 e 39/46), e, de outro, os exemplares 112 e A (também com poucas variações: 24/29 e 39/46), em virtude das semelhanças atestadas.

⁵¹ Um par conjugado corresponde às duas metades do papel que, dividido ao meio, gerou dois fólhos, na encadernação da obra. Por esse motivo, o fólho 54, que forma par conjugado com o fólho 47, também se enquadra na variação dos compositores, já que foi impresso em um mesmo processo.

Já os três últimos exemplares, segundo Dias e Castro (1977), não se enquadram nos demais grupos porque, provavelmente, foram mandados restaurar, ao longo dos anos, por seus respectivos colecionadores, e o processo de restauração é geralmente feito a partir da substituição dos fólhos deteriorados por fólhos mais bem conservados, retirados de outros exemplares disponíveis (tendo em conta que esses dez exemplares, hoje conhecidos, não correspondem à totalidade impressa em 1516).

Quanto às variações gráficas entre os fólhos elaborados pelos dois compositores, Dias e Castro (1977) apontam exemplos como:⁵²

(2.17)

	A	B
1a16	sospyrar	sospīrar
1d39	synaes	synays
1b13	damdo	dando
2d21	sy	ssy
1e18	pensamento	penssamento
2a31	voso	vosso
1d1	quall	qual
1c26	logo	loguo
5b22	huũ	hũ
12e39	mataram	mataran
14a18	santa	sancta

A partir da comparação entre as escolhas de cada compositor, Dias e Castro (1977) concluem que, no caso do CG, não é possível eleger um exemplar como sendo o mais perfeito, já que todos contemplam as versões de dois compositores que, baseados em uma mesma fonte, fizeram escolhas diferentes e, em alguns momentos, cometeram erros tipográficos diferentes, em diferentes lugares, como mostram os exemplos a seguir, extraídos do par conjugado 3/4. Neste esquema, também adaptado de Dias e Castro (1977, p. 106), a forma mais adequada está representada na coluna da direita:⁵³

⁵² Na primeira coluna, o número à esquerda da letra indica a localização do exemplo no respectivo fólho. Cada fólho, na edição príncipe do CG, contém duas ou três colunas de texto. Sabendo que um fólho corresponde aos dois lados da folha (frente e verso), ocupando, portanto, duas páginas (do ponto de vista atual), diremos que um fólho é constituído, no máximo, de seis colunas de texto, representadas, no esquema acima, pelas letras minúsculas *a, b, c, d, e e f*. Enfim, o número à direita da letra representa a localização do exemplo na linha do texto. Dito de outro modo, a representação *sospyrar*, acima indicada, localiza-se na primeira coluna (*a*) e 16ª linha do fólho 1 do exemplar Res. 110 da BNL, segundo Dias e Castro (1977).

⁵³ Segundo Dias e Castro (1977, p. 105), “as **variantes acidentais**, que consistem normalmente em diferenças na ortografia de palavras, na pontuação e na apresentação tipográfica da página, são muito mais numerosas do que as **variantes substantivas**, que afectam o sentido do texto”. (grifos nossos)

(2.18)

3e9:	110 escrea	112 estrea
3e14:	112 meuuo	110 meudo
3e17:	110 tam namorado	112 tã mao namorado
3e49:	112 fales	110 falaes
4a23:	110 peregós	112 pessegos
4d13:	112 jntesse	110 jnterese

A comparação entre os dados arrolados acima revela um número equivalente de “erros” e “acertos”, nesses fólhos dos exemplares 110 e 112 da BNL, cuja elaboração foi atribuída aos compositores A e B, respectivamente, segundo a proposta de Dias e Castro (1977). Muitos desses equívocos, segundo os autores, foram neutralizados nas edições posteriores do CG, já que são lícitas as adaptações dos filólogos que, sem comprometer o conteúdo original, buscam tornar o texto mais acessível aos leitores de cada época (ex.: *jnterese*>*interesse*, *damdo*>*dando*, *quall*>*qual*, *sospyrar*>*sospirar* etc.).

A respeito dessas edições posteriores do CG, Dias e Castro (1970, p. 124) comentam que, em geral, estão baseadas em um ou mais exemplares de 1516:

Kausler utilizou apenas o exemplar da Ajuda; Huntington reproduziu o seu exemplar H; Gonçalves Guimarães [1910-17] utilizou o exemplar de Coimbra, suprimindo as suas lacunas com uma transcrição feita de um dos exemplares da BNL (não se sabe qual). Utilizou ainda a edição de Kausler e a de Huntington, o que dá à sua edição uma base textual assaz confusa. Costa Pimpão e Aida Dias [1973-74] também utilizaram como base principal o exemplar de Coimbra suprimindo as lacunas com o fac-simile de Huntington e recorrendo ao exemplar da Ajuda para alguns pontos duvidosos. As edições de André Rocha [1973], da Kraus Reprint Corporation [1967] e a da editora Rodopi de Amsterdão (que conhecemos apenas por uma referência de Costa Pimpão) são reimpressões respectivamente de Guimarães, Huntington e Kausler.

Além dessas edições referidas pelos autores, em 1977, há a edição mais recente de Dias (1990-93), baseada, essencialmente, no exemplar de Coimbra. A autora também recorreu aos exemplares de Huntington e da Ajuda, para preencher as lacunas e esclarecer as dúvidas de interpretação (exatamente como fez em sua edição anterior, de Pimpão e Dias, 1973-74).⁵⁴

⁵⁴ Mais adiante, neste trabalho, veremos que os dados da presente pesquisa foram colhidos dessa recente edição de Dias (1990-1993). Sempre que necessário, no entanto, também recorreremos ao exemplar da BNL (Res. 112), disponível *online*, em versão digitalizada. Infelizmente, dado o tempo restrito para o desenvolvimento de um trabalho desta natureza, não foi possível comparar, cuidadosamente, a representação de todos os dados desta

Enfim, a partir do que foi apresentado, ao longo desta subsecção, pode-se dizer que Garcia de Resende alcançou, pelo menos, um de seus propósitos, ao organizar o CG: preservar a memória de um período glorioso da história de Portugal, a partir desse legado poético que resistiu à passagem dos séculos. O mérito do CG não pode ser reduzido, todavia, a seu préstimo histórico. Embora muitos estudiosos não o reconheçam (cf. CASTILHO, 1845), é inegável o valor poético de muitos dos versos da coletânea. É preciso deixar de lado o preconceito de escola e saber enxergar as preciosidades do *Cancioneiro* de Resende, ofuscadas, muitas vezes, em virtude da grande extensão da obra, já que o olhar geral para a compilação pode comprometer a qualidade dos trabalhos individuais, de poetas como Diogo Brandão, Francisco de Sousa, Jorge de Aguiar, João Rodrigues de Castelo Branco, Conde do Vimioso, entre outros frequentemente apontados pela crítica como sendo os grandes nomes dessa compilação quinhentista. Para Figueiredo (1960a, p. 110):

O *Cancioneiro Geral*, com a sua variedade métrica, com os seus grandes progressos na invenção literária e na musicalidade da língua, os seus laivos de humanismo erudito, a sua ornamentação rítmica, com as suas plenas afirmações da personalidade literária, reconstitui-nos aspectos da mentalidade artística da época de D. João II, magnífico pórtico de acesso à Renascença.

É certo, porém, que o *Cancioneiro* poderia trazer, entre tantas “cousas de folgar e gentilezas”, mais referências às conquistas portuguesas de então. Contudo, como observou Lapa (1960, p. IX), é preciso um tempo de amadurecimento das ideias, posterior às conquistas, “para que os heróis e os sucessos se envolvam de mistério e lenda”, antes de serem exaltados. Enquanto as mudanças não eram assimiladas, nem aceitas:

O remédio era afinar a lira em coisas de menor porte, nas curtas composições líricas, para depois se ter o poema épico. Foi efectivamente o que sucedeu, mais tarde, com Camões. Entre nós, a poesia lírica precede a tudo e está na raiz de tudo, até mesmo da epopeia.

Sabendo que a grande epopeia portuguesa viria pouco tempo depois, diremos que Resende também alcançou seu outro propósito, assim revelado no Prólogo:

pesquisa, extraídos da edição de Dias (1990-93), às grafias empregadas nos demais exemplares do CG (inclusive nesse Res. 112 da BNL, por exemplo), a fim de verificar se há variações gráficas, nesses casos específicos, entre os compositores A e B. Ficamos, assim, com a interpretação de apenas um dos responsáveis pela edição príncipe - o que já é suficiente, de qualquer forma, para fornecer uma base da língua da época. Essa comparação entre as diferentes composições, envolvendo os primeiros 47 fólhos da coletânea, fica, pois, para as pesquisas posteriores, que teremos a satisfação de desenvolver, a partir dos dados já coletados neste trabalho.

determinei ajuntar algũas obras que pude haver d’algũs passados e presentes e ordenar este livro, nam pera por elas mostrar quaes foram e sam, mas **para os que mais sabem s’espertarem a folgar d’escrever e trazer aa memoria os outros grandes feitos**, nos quaes nam sam [“sou”] dino de meter a mão. (grifos nossos)

Concluimos, assim, a seção dedicada às principais características do CG, obra que representa, segundo Miller (1972, p. 100), “um tipo de enlace entre a Idade Média e a Renascença em Portugal”. Vejamos, agora, na subseção a seguir, os pontos que caracterizam *Os Lusíadas* de Camões, o maior expoente do Renascimento português.

2.3 *Os Lusíadas*

Os Lusíadas, obra épica de Camões, narram, em dez cantos e 1102 estrofes, a viagem de Vasco da Gama à Índia. Publicada pela primeira vez em 1572, a epopeia camoniana exalta os grandes feitos de heróis nacionais, que contribuíram para a expansão de Portugal, sobretudo nos séculos XV e XVI.

A partir desse tema central, Camões oferece-nos uma brilhante narração de toda a história de sua pátria até então. O quadro apresentado a seguir traz um breve resumo de cada canto de *Os Lusíadas*, oferecendo, assim, uma visão geral da obra:

Quadro 2.3. Resumo dos cantos de *Os Lusíadas*

Canto I	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Proposição da epopeia; ➤ Invocação das Tágides (ninfas do Tejo); ➤ Dedicatória ao rei D. Sebastião; ➤ Início da narração da viagem de Vasco da Gama; ➤ Consílio dos deuses, no Olimpo, para decidir o destino dessa expedição; ➤ 1ª parada dos navegantes: Moçambique; ➤ 2ª parada: Mombaça.
Canto II	<ul style="list-style-type: none"> ➤ 3ª parada: Melinde; ➤ O rei de Melinde pede a Vasco da Gama que lhe conte sobre sua pátria e sobre a viagem que realiza;
Canto III	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Vasco da Gama descreve a localização geográfica de Portugal; ➤ Vasco da Gama conta a história de Portugal: de D. Afonso Henriques a D. Pedro I;

	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Episódio de Inês de Castro.
Canto IV	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Vasco da Gama continua sua narração sobre a história de sua pátria: de D. Fernando a D. Manuel; ➤ São exaltadas as primeiras viagens marítimas dos portugueses; ➤ Episódio do Velho do Restelo, na partida das naus.
Canto V	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Vasco da Gama conta os detalhes de sua viagem, descrevendo a trajetória já traçada; ➤ O episódio do Gigante Adamastor, no Cabo das Tormentas; ➤ Camões finaliza o canto destacando a importância dos poetas épicos, que narram os grandes feitos da nação.
Canto VI	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Os navegantes portugueses seguem viagem; ➤ O episódio dos Doze de Inglaterra; ➤ Chegada dos navegantes à Índia; ➤ Camões interrompe a narração para falar sobre a forma mais honrosa de se atingir a fama.
Canto VII	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Paulo da Gama é indagado pelo Catual sobre os símbolos pintados na bandeira do navio português; ➤ Camões invoca as ninfas do Tejo e do Mondego para ajudá-lo nessa descrição.
Canto VIII	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Paulo da Gama explica as figuras pintadas na bandeira, que representam ilustres portugueses; ➤ Camões encerra o canto com algumas reflexões sobre a força do dinheiro.
Canto IX	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Início do regresso das naus a Portugal; ➤ Parada na Ilha dos Amores e a recepção das ninfas.
Canto X	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Uma ninfa profetiza as glórias que os portugueses alcançarão na Índia; ➤ Tétis mostra a Vasco da Gama a Máquina do Mundo e as terras que serão alcançadas pelos lusitanos; ➤ Epílogo: Camões encerra a obra aconselhando o rei D. Sebastião e colocando-se à sua disposição, sob determinadas condições, para servi-lo, como soldado e como poeta.

Fonte: Elaboração própria.

A ação do poema é norteadada pelas frequentes intervenções de Baco e de Vênus: aquele, principal opositor dos portugueses, busca incessantemente atrapalhar sua expedição pelos “mares nunca de antes navegados” (*Os Lusíadas*, I-1); enquanto esta, afeita ao povo lusitano, não hesita em defendê-lo das artimanhas do companheiro do Olimpo. No canto VI, por exemplo, os navegantes portugueses seguiam tranquilos, pelo mar sereno, e contavam histórias para se entreter, como a lenda dos doze homens portugueses enviados a Inglaterra para salvar donzelas em apuros (episódio dos Doze de Inglaterra), quando o deus Netuno, influenciado por Baco, solta os ventos e provoca uma grande tormenta. Vênus, nesse momento, mais uma vez intervém e consegue acalmar a tempestade.

Dois planos permeiam, pois, a ação do poema: o plano dos deuses e o plano dos homens (cf. BERARDINELLI, 2000). Em outras palavras, temos, de um lado, a ação dos heróis portugueses (navegadores, reis, soldados etc.), e, de outro, a ação dos deuses do Olimpo. Como observou Berardinelli (2000, p. 321), os dois planos atuam paralelamente, em *Os Lusíadas*, e só se misturam no episódio da Ilha dos Amores, quase ao final da obra, quando “deusas e homens confraternizam e amam-se”. Nesse episódio, os heróis lusitanos recebem, como recompensa por suas vitórias, um banquete grandioso e as carícias das belas ninfas que, por intermédio de Vênus e de seu filho Cupido, esperavam por eles apaixonadas. Nas demais partes da narrativa, o plano divino não interage com o plano humano, e os desafios e auxílios enviados pelos deuses chegam aos heróis portugueses em forma de “fenômenos da natureza ou de reações humanas” (cf. BERARDINELLI, 2000, p. 321).

A narração, na epopeia camoniana, é feita ora pelo próprio Camões, que se coloca na posição de poeta, ora pelas personagens que compõem o poema épico, tais como Vasco da Gama, Paulo da Gama, Fernão Veloso, o Velho do Restelo, Júpiter, Adamastor, Tétis etc. As lendas e os episódios da história de Portugal, como as batalhas de Ourique, de Salado e de Aljubarrota, por exemplo, são narrados por Vasco da Gama, nos Cantos III e IV. O episódio dos Doze de Inglaterra, no Canto VI, é narrado por Fernão Veloso. Já as ilustres personagens que compõem a história portuguesa, tais como o Conde D. Henrique, D. Afonso Henriques, Egas Moniz, D. Fuas Roupinho, entre outras, são mencionadas por Paulo da Gama, no Canto VIII. Para Carriço (1987, p. 7), “é perfeita a Narração [de *Os Lusíadas*], quanto à unidade”.

Ao contrário das epopeias clássicas, portanto, como as de Homero e Virgílio, por exemplo, os heróis de *Os Lusíadas* não são fictícios. O herói do poema épico camoniano é o povo lusitano (e não apenas Vasco da Gama, como se poderia pensar). Por outro lado, como a arte não cabe nos limites da realidade, Camões também lançou mão dos mitos para enriquecer

sua obra-prima. Por isso, figuram, na epopeia camoniana, ao lado dos heróis portugueses, deuses do Olimpo, revestidos, todavia, de traços humanos. Dito de outro modo, as personagens humanas de *Os Lusíadas*, imortalizadas nos versos de Camões, em virtude de seus feitos notáveis, são elevadas à categoria dos deuses e heróis da mitologia clássica, ao passo que os deuses, propriamente, são humanizados e colocados no mesmo plano dos homens. A respeito dessa humanização dos deuses, Carriço (1987, p. 8) comenta:⁵⁵

Baco, como os homens, em geral, é invejoso, Vénus e Marte são facciosos, o Adamastor é vingativo e um sentimental, Júpiter, com o ponto fraco do seu sensualismo, sucumbe às tentações da carne.

Particularmente em relação a Baco, Cidade (1982) associa a inveja da personagem e seu medo de ser superado pelos homens ao sentimento dos mouros e venezianos da época, que temiam, respectivamente, a expansão da fé católica, no Oriente, e a hegemonia portuguesa nos mares. Vejamos, na estrofe a seguir, parte do discurso de Baco, buscando convencer os demais deuses do Olimpo a apoiá-lo em seu embate contra os navegantes portugueses:⁵⁶

(2.19)

*Vistes que com grandissima ousadia
Forão ja cometer o Ceo supremo,
Vistes aquella insana fantasia
De tentarem o mar com vella & remo:
Vistes, & ainda vemos cada dia,
Soberbas & insolencias tais, que temo
Que do mar & do Ceo em poucos anos,
Venhão Deoses a ser, & nós humanos.*

(*Os Lusíadas*, canto VI, estrofe 29)

⁵⁵ Para Saraiva e Lopes (1917, p. 354), “os heróis de Camões raramente parecem de carne; faltam-lhes carácter e paixões. São, em geral, estátuas processionais, solenes e impassíveis. Na resolução desta dificuldade de dar unidade dinâmica e caracteres ao seu poema, o poeta encontrou a seu favor certas praxes greco-romanas do género, que lhe forneceram protótipos de uma intriga entre deuses apaixonados”.

⁵⁶ Todos os trechos de *Os Lusíadas* transcritos nesta seção apresentam a grafia original de 1572 - mais precisamente, de um dos exemplares (Ee, como veremos mais adiante) da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Já a figura de Vênus, deusa do amor e incansável defensora dos portugueses, ao longo da travessia marítima narrada em *Os Lusíadas*, pode ser associada, segundo Cidade (1982), ao feitio amoroso e galanteador do povo lusitano, principal responsável pela miscigenação das raças, nas terras por onde passou.

As personagens mitológicas de *Os Lusíadas*, portanto, são “traduzíveis em termos de realidade” (cf. CIDADE, 1982, p. 11). E as personagens humanas, que superam os desafios impostos pelos deuses e pela própria natureza, assumem um papel elevado e são imortalizadas na obra do poeta. Os marinheiros, sobretudo os de 1497-1498, como notou Carriço (p. 1987, p. 8), “partem como homens e regressam como deuses, imortais”. Esse pensamento divinizador de Camões pode ser apreendido, por exemplo, neste discurso de Tétis, no canto IX de *Os Lusíadas*:

(2.20)

*Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
[...]*

*Nam erão senão premios, que reparte
Por feitos imortais & soberanos,
O mundo, cos varões, que esforço e arte
Divinos os fizerão, sendo humanos.*

(*Os Lusíadas*, canto IX, estrofes 90 e 91)

Assim, os portugueses “por obras valerosas / se vão da ley da Morte libertando” (*Os Lusíadas*, I-2). O maravilhoso pagão, o triunfo do homem contra as forças da natureza e sua soberania em relação aos deuses da mitologia clássica, em *Os Lusíadas*, tornam a epopeia camoniana uma obra humanista por excelência, a maior representante do Renascimento, não apenas em Portugal, mas em toda a Europa (cf. BERARDINELLI, 2000).

Há muito que a viagem à Índia, por terra ou por mar, pelo Oriente ou pelo Ocidente, era almejada pelos portugueses (FIGUEIREDO, 1960b). Os versos de Camões cantam, pois, a realização de um antigo sonho lusitano. *Os Lusíadas* não se limitam, no entanto, ao avanço econômico advindo das conquistas ultramarinas e da colonização de outros povos. Mais do que o enriquecimento material, a epopeia camoniana versa sobre a expansão da fé e da cultura europeia no Oriente, sobre o conhecimento de outros mundos, a transposição dos limites e das fronteiras, a busca do novo e do desconhecido, enfim, sobre o enriquecimento cultural e espiritual do homem.

Importa destacar, também, a face descritiva de *Os Lusíadas*. Os críticos da obra são unânimes em reconhecer a nobreza dos versos que descrevem, por exemplo, o fogo de Santelmo, a tromba marinha e as tempestades no Oceano. Camões dominava, pois, não apenas os preceitos de uma notável narração, mas também os princípios de uma sublime descrição. Baseado nessa destreza do ilustre poeta português, Ramos (1995[1969], p. 16) declara: “O seu sentido de descrição direta, de observação próxima dos fenômenos, a sua valorização da experiência, acham-se [...] intimamente ligados a uma vontade de apreensão total do mundo exterior”. Pode-se dizer, portanto, que Camões foi um artista genuíno, na medida em que conseguiu transformar, com primazia, a realidade, prosaica na maior parte das vezes, em fina arte.

O amor também tem seu lugar na epopeia lusitana. Camões, como Garcia de Resende, fala-nos sobre o trágico desfecho do amor entre Inês de Castro e D. Pedro I, como mostra o trecho de *Os Lusíadas* transcrito a seguir:

(2.21)

*Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Affonso aa Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, & dino da memoria,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceo da misera, & mezquinha
Que depois de ser morta foy Rainha.*

*Tu so, tu puro Amor com força crúa,
Que os corações humano tanto obriga,
Deste causa aa molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga:
Se dizem fero Amor que a sede tua,
Nem com lagrimas tristes se mitiga:
E porque queres aspero & tirano
Tuas aras banhar em sangue humano.*

*Estavas linda Ines posta em sosego
De teus annos, colhendo doce fructo,
Naquelle engano da alma, ledto & cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes insinando, & às ervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.*

*Do teu Príncipe ali te respondião,
As lembranças que na alma lhe moravão,
Que sempre ante seus olhos te trazião,
Quando dos teus fernosos se apartavão
De noite em doços sonhos, que mentião,
De dia em pensamentos que voavão.
E quanto em fim cuidava, & quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.*

*De outras bellas senhoras, & Princesas,
Os desejados tâlamos engeita,
Que tudo em fim, tu puro amor desprezas;
Quando hum gesto suave te sogeita:
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pay sesudo, que respeita
O murmurar do povo, & a fantasia
Do filho, que casarse não queria.*

*Tirar Ines ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co sangue sô da morte indina,
Matar do firme amor o fogo aceso:
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pode sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada,
Contra hũa fraca dama delicada?*

(*Os Lusíadas*, canto III, estrofes 118-123)

Além disso, a figura de Vênus e o episódio da Ilha dos Amores também constituem um exemplo claro dessa vertente amorosa, na obra épica de Camões. A propósito, essa satisfação dos desejos carnis e o pan-erotismo saudável, na Ilha dos Amores, representam mais um traço humanista na epopeia camoniana. Enfim, o comovente relato do gigante Adamastor, desolado pelo desprezo de sua amada, também constitui uma manifestação do amor, em *Os Lusíadas*.

Por outro lado, é importante observar que esse episódio do gigante Adamastor, no canto V do poema, não se restringe, absolutamente, a uma expressão amorosa. A fúria e o discurso ameaçador dessa personagem fantástica, que promete vingança contra a ousadia dos navegantes portugueses, pioneiros e vitoriosos no percurso relatado, podem ser entendidos como um recurso adotado por Camões para contar, a partir de uma narração profética, as já conhecidas, em 1572, desventuras lusitanas, caracterizadas, sobretudo, por naufrágios recorrentes. Esse mesmo recurso já havia sido utilizado por Camões, no canto IV d'*Os*

Lusíadas, quando o Velho do Restelo prevê, por meio de uma fala pessimista, durante a partida das naus portuguesas, um futuro inglório para a sua pátria. Também o discurso profético da ninfa, na Ilha dos Amores, corresponde a um artifício do poeta para contar as conquistas de Portugal na Índia, ao longo de 1498, evidentemente já difundidas no período em que o poema foi composto.

Cumprе salientar, acerca desses fatos, que as conquistas portuguesas ainda eram recentes, no ano da publicação de *Os Lusíadas*, e não faltavam, portanto, motivos para celebrar. Contudo, também já eram conhecidos, nessa época, os fracassos marítimos de Portugal e, como ressalta Cidade (1982, p. 14),

Era preciso que o poema publicado em 1572, quando ia já tão longa a nossa História Trágico-Marítima, desse a face tenebrosa da história que realizámos. Só assim a verdade do poema integralmente nos empolgaria, e no conjunto das estrofes, não seria menor a sugestão poética da plangência fúnebre da elegia, do que o clamor sonoro da epopeia.

A maneira encontrada pelo poeta para apontar os fatos, sem comprometer o mérito das conquistas portuguesas, foi, portanto, o discurso profético de personagens míticas ou místicas. E essa narrativa profética vem acrescentar à epopeia camoniana um terceiro tempo da ação: além do tempo presente, da viagem de Vasco da Gama, e do tempo passado, da história de Portugal, há o tempo futuro, contemplado nas profecias (cf. BERARDINELLI, 2000).

Em 1572, todavia, o rei D. Sebastião, a quem Camões dedicou os versos de sua epopeia, ainda estava vivo e governava soberano. Pouco tempo depois, em 1578, D. Sebastião desapareceu em combate, durante a batalha de Alcácer Quibir, deixando desamparada a sua pátria. Como consequência dessa derrota, Portugal perdeu sua hegemonia e liberdade, tendo de submerter-se ao domínio de Castela. Para Ramos (1995[1969], p. 14), a epopeia camoniana, baseada num passado ainda recente, também pode ser entendida como “um canto de exaltação pré-agônico”.

Por uma coincidência perturbadora, como bem notou Ramos (1995[1969]), Camões morreu no mesmo ano da catástrofe que tirou a liberdade de seu povo. Três meses após a sua morte, datada de 10 de junho de 1580, Felipe II, de Espanha, foi proclamado rei de Portugal.

São desconhecidas, contudo, as (reais) causas da morte do poeta. Como a vida de Camões passou a ter interesse somente a partir do sucesso (póstumo) de sua obra - demasiadamente tarde, portanto, para obter dados mais precisos de sua existência - a biografia

desse nobre poeta lusitano permanece um ponto obscuro, na história da literatura portuguesa. Não há documentos que evidenciem, por exemplo, a data de nascimento do poeta, sua cidade natal e o nome exato de sua mãe. Acredita-se, no entanto, que Luís Vaz de Camões era filho de Ana de Sá de Macedo e de João Vaz e que tenha nascido em Lisboa, no ano de 1524. Acredita-se, também, que o autor de *Os Lusíadas* tenha desenvolvido seus estudos em Coimbra (provavelmente na Universidade) e que, em 1542, já vivesse em Lisboa e frequentasse a corte de D. João III.⁵⁷

Estão documentadas, por outro lado, as viagens de Camões para o Norte da África e para a Índia, e há indícios de que grande parte de sua epopeia tenha sido escrita no Oriente. Segundo as fontes disponíveis, a primeira viagem de Camões foi para Ceuta, em 1547. Teria sido durante essa viagem que o poeta perdeu, em combate militar, o olho direito. No ano de 1552, entretanto, o poeta estaria de volta a Lisboa e, no dia de *Corpus Christi*, teria se envolvido em uma briga que lhe custou meses na prisão do Tronco. Em 1553, liberto da prisão, Camões volta a se aventurar pelos mares, na nau São Bento, rumo ao Oriente. Após mais de quinze anos longe de sua pátria, tendo vivido em Goa, Macau e Moçambique,⁵⁸ Camões retorna a Lisboa e, em 1572, vê sua obra-prima publicada. De acordo com os documentos da época, Camões recebeu do rei D. Sebastião uma pensão anual de 15 mil réis pela publicação de *Os Lusíadas*. Essa pensão foi repassada à mãe do poeta, após sua morte, pelo rei Felipe II de Espanha. Reza a lenda que o rei castelhano, ao chegar em Portugal, teria perguntado (ansioso) pelo grande poeta lusitano, autor da famosa epopeia.

O mistério gerado em torno da vida de Camões, como todo mistério, dá margem a especulações e fantasias. Os próprios biógrafos do poeta, na ânsia de revelar fatos inéditos, nem sempre priorizaram as fontes fidedignas. Há quem defenda, por exemplo, com base em versos líricos do próprio poeta, que Camões foi desterrado por amores do paço, isto é, que o

⁵⁷ Para Saraiva e Lopes (1917, p. 331), além da vida na corte, Camões “frequentou ao mesmo tempo a boémia desregrada de Lisboa [...] Razões ignoradas mantiveram-no à margem dos círculos letrados, especialmente daquele que constelava em torno de Sá de Miranda. Talvez uma vida desassossegada e aventureira o desclassificasse perante os graves desembargadores letrados, cujo tipo mais representativo foi o seu contemporâneo Dr. António Ferreira”.

⁵⁸ O primeiro destino de Camões, segundo os autores consultados, foi Goa. Aí, o poeta teria vivido cerca de três anos, até ser nomeado provedor mor dos defuntos em Macau. Depois de algum tempo na China, Camões foi destituído, à força, do cargo que ocupava e teve de retornar à Índia, preso, para responder a acusações (segundo o poeta, injustas) de irregularidades em sua gestão administrativa. Em 1567, já cansado de estar longe da pátria, mas sem dinheiro para retornar a Portugal, Camões teria aceitado o convite de um conhecido seu (Pedro Barreto) para viver em Moçambique. O poeta passaria mais alguns anos na África, preso (provavelmente por dívidas), antes de retornar a Portugal. Desse período, há o relato de Diogo do Couto, que conta ter encontrado Camões, em Moçambique, vivendo da ajuda de amigos.

poeta teria viajado para a Índia com o objetivo de esquecer uma desilusão amorosa.⁵⁹ Também não faltam adeptos da hipótese de que o poeta tenha perdido sua amada (chinesa) durante um naufrágio, provavelmente na viagem de Macau a Goa (na travessia da foz do rio Mecom). Camões teria conseguido salvar, no entanto, a epopeia que trazia junto de si. Há, em *Os Lusíadas*, uma suposta referência a esse provável apuro do autor, na iminência de perder sua obra (ainda manuscrita):

(2.22)

*Este receberâ placido & brando,
No seu regaço os Cantos que molhados
Vem do naufragio triste, & miserando,
Dos procelosos baxos escapados:
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Serâ o injusto mando executado
Naquelle, cuja Lira sonora,
Será mais affamada que ditosa.*

(Os Lusíadas, canto X, estrofe 128)

O que se sabe, ao certo, é que Camões, embora fidalgo, era pobre, e que, ao contrário dos poetas da corte que desfrutavam de uma vida privilegiada, o autor de *Os Lusíadas* teve de se aventurar por outras terras, para servir sua pátria, não apenas com versos, mas também com armas. É inegável, no entanto, que essa vida de poucas regalias e muitas injustiças e privações, que o levou a outras partes e, mais de uma vez, à prisão, forneceu a Camões um aparato ímpar para a sua arte, como observa Pimpão (1943, p. 20):

O afastamento da côrte, a dura vida do soldado de Africa e da Índia, o enriquecimento espiritual adquirido pela nova experiência, não podiam deixar de manifestar-se poeticamente. No alongamento pelas praias africanas e orientais, no sofrimento físico e moral, convertido em segunda natureza, Camões pôde afinar o coração, e dar à *saiüdade* - *soledade* uma expressão nova, autêntica, absolutamente inédita na poesia portuguesa. O padecimento da ausência - espiritual ou material - é a nota mais evidente dos grandes poemas camonianos. É por esta que êle se coloca muito acima dos poetas do seu tempo.

⁵⁹ Para Sena (1980b, p. 285), o amor não-correspondido e inacessível, repleto de malícia erótica e tão presente nos versos líricos e épicos de Camões, representa, na verdade, o donjuanismo (disfarçado) do poeta: “e a virilidade de Camões, na intelectualização do seu donjuanismo, não podia contentar-se, quer com misticismos, quer com sonhos tímidos de estabilidade doméstica”.

Talvez não seja uma simples coincidência o fato de a epopeia lusitana ter surgido da pena de Camões, e não da de outros poetas portugueses, como aqueles (palacianos) contemplados no CG, por exemplo.

Além disso, é incontestável a erudição de Camões. Como mostra Carriço (1987, p. 6), o poeta, para escrever *Os Lusíadas*, valeu-se de fontes nacionais, internacionais, históricas e literárias:

Em Ariosto (*Orlando Furioso*) encontra a oitava rima para a contextura estrófica. Nas epopeias clássicas, a estrutura e elementos estéticos. As *Metamorfoses* de Ovídio possibilitam-lhe a maquinaria mitológica da Epopeia. Mas conheceu, sem dúvida, as epopeias modernas, a *Divina Comédia*, a *Bíblia*, os Padres da Igreja, a história de muitos povos orientais e obras de natureza filosófica e científica - Pedro Nunes, Garcia da Orta, geógrafos, como Ptolomeu.

Figueiredo (1960b) também destaca o saber humanístico de Camões e seu notável conhecimento sobre astronomia, geografia, medicina, ecologia, botânica, heráldica etc. Essa formação apurada do poeta, misturada à experiência de vida de quem ultrapassou os limites de sua terra e buscou outros mundos, resultou na obra épica que imortalizou e universalizou seu autor. O próprio Camões reconhece a virtude de seu saber, no canto X de *Os Lusíadas*:

(2.23)

*Nem me falta na vida honesto estudo
Com longa esperiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se achão raramente.*
(*Os Lusíadas*, canto X, estrofe 154)

Camões soube, portanto, imprimir os traços de sua personalidade na epopeia lusitana. A simples comparação entre a dedicatória e o epílogo de *Os Lusíadas* confirma esse dado, como mostra Berardinelli (2000, p. 321) - “os louvores inexcedíveis deram lugar ao conselho prudente; a promessa incondicional de cantar o rei é retomada sob condição: se ‘o vosso peito / Dina empresa tomar de ser cantada’ (X, 155)”. Essa diferença entre o início e o final da obra revela, pois, que Camões não se submeteu, absolutamente, às convenções da época e, quando julgou necessário, expôs suas queixas, críticas e sugestões, sendo fiel aos seus princípios. Para Sena (1980a, p. 271), “*Os Lusíadas* são menos uma celebração ingênua e orgulhosa do que um aviso trágico e desesperado”.

Sobre a estruturação do poema, comentamos, no início desta subseção, que a obra épica de Camões é composta por dez cantos e 1102 estrofes. Como mostra Berardinelli (2000), cada estrofe é constituída de oito versos (oitava real ou oitava rima) decassílabos, com rima *abababcc* (grave ou aguda, mas sempre soante):

(2.24)

<i>As armas, & os barões assinalados</i>	10 a
<i>Que da Occidental praya Lusitana,</i>	10 b
<i>Por mares nunca de antes navegados,</i>	10 a
<i>Passaram, ainda alem da Taprobana,</i>	10 b
<i>Em perigos, & guerras esforçados,</i>	10 a
<i>Mais do que prometia a força humana.</i>	10 b
<i>E entre gente remota edificarão</i>	10 c
<i>Novo Reino, que tanto sublimarão.</i>	10 c

(*Os Lusíadas*, canto 1, estrofe 1)

No que diz respeito ao ritmo do poema, Cidade (1982, p. 15) constata que “Luís de Camões sabe utilizar a música verbal para valorizar significados”. O autor destaca, por exemplo, o ritmo da estrofe 55 do canto V de *Os Lusíadas*, em que Adamastor fala de sua desilusão amorosa. Cidade (1982) chama a atenção do leitor para o fato de haver perfeita regularidade de cadência, nos quatro primeiros versos da estrofe, “cada um deles em coincidência com a frase sintáctica”. Quando surge, porém, sua ninfa amada, Tétis, despida e radiante, causando alvoroço no gigante, o ritmo do poema é alterado e as correspondências métricas e sintáticas deixam de ocorrer, em virtude do *enjambement*. Torna-se, pois, “turbado o ritmo nos saltos dos versos como turbado o ritmo nos saltos do coração” (CIDADE, 1982, p. 15):

(2.25)

Ia nescio, ja da guerra desistindo
Hũa noite de Doris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida:
Como douto corri de longe, abrindo
Os braços, pera aquella que era vida
Deste corpo, & começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces & os cabellos.

(*Os Lusíadas*, canto V, estrofe 55)

Também merece apreço o léxico enriquecido de *Os Lusíadas*. Herculano de Carvalho (1980) destaca, por exemplo, a substituição, na epopeia camoniana, de termos arcaicos do português, bastante frequentes na fala e na escrita da época, e já modificados pelo uso corrente, por vocábulos restaurados do latim (ex.: *avondar* > *abundar*, *contrairo* > *contrario*, *imigo* > *inimigo* etc.). Para o autor:

o Poeta [...] foi guiado por seguro instinto, por uma intuição linguística certíssima, por um íntimo conhecimento das carências e virtualidades da língua que manejava, ao escolher, quer directamente nos autores latinos, quer já em textos portugueses, aquelas ainda então novidades ou raridades léxicas que serviam às necessidades da sua língua individual e do seu estilo poético, e melhor respondiam às possibilidades estruturais do idioma português. (HERCULANO DE CARVALHO, 1980, p. 17)

O mais interessante, nesse caso, é que a grande maioria dos termos latinos empregados por Camões, em seu poema épico, foi aceita pelos falantes da época e incorporada ao léxico do português, de modo que, hoje, esses vocábulos já não são percebidos como latinismos. Nesse aspecto, portanto, é irrefutável a contribuição da obra de Camões, sobretudo de *Os Lusíadas*, para a renovação da língua portuguesa.⁶⁰

Herculano de Carvalho (1980) também chama a atenção para o papel relevante dos adjetivos, na obra épica de Camões. Segundo o autor, o emprego excessivo de adjetivos, em *Os Lusíadas*, conferiu ao poema admiráveis efeitos estéticos e auxiliou na construção do canto “grandíloco” e “sublimado” pretendido pelo poeta.

A sintaxe rebuscada de *Os Lusíadas* também foi notada pelos leitores e críticos da obra. Segundo Herculano de Carvalho (1980), na maior parte das estrofes da epopeia camoniana, há inversões sintáticas, como mostram os exemplos a seguir:

(2.26)

Tal o feroso esmalte se notava,

2

1

Dos vestidos olhados juntamente.

3

(*Os Lusíadas*, canto II, estrofe 99)

⁶⁰ Mais detalhes sobre a contribuição de *Os Lusíadas* para a renovação da língua portuguesa podem ser apreendidos no trabalho de Souza (2009).

(2.27)

*Subiãõ pera os paços radiantes,**E de metais ornados reluzentes.**(Os Lusíadas, canto X, estrofe 2)*

Para Herculano de Carvalho (1980), esse (suposto) esforço de Camões para empregar uma ordem pouco convencional às palavras da oração, embora desafie a capacidade interpretativa dos leitores, também denota elevação e nobreza ao poema, além de auxiliar na construção dos sentidos (veja-se o exemplo 2.25, desta seção). O estudioso observa, inclusive, que a sintaxe particular de Camões influenciou a geração subsequente ao poeta, que empregou seu estilo, não apenas em versos, mas também na prosa (como Vieira, por exemplo). Herculano de Carvalho (1980, p. 38), enfim, conclui seu texto associando essa liberdade de Camões para alterar a ordem habitual das palavras ao próprio sistema do português e das demais línguas provenientes do latim:

É [...] característica bem conhecida do português - como também do espanhol - em vincadíssimo contraste com o francês, menor com o italiano, a grande liberdade de que goza na ordenação das palavras, ou melhor, dos termos dentro da frase. Não há dúvida de que essa liberdade é manifestação da própria estrutura interna da língua, mas resta averiguar até que ponto isto que poderia ser mera virtualidade estrutural, se transformou em capacidade actuada, em virtude dos exercícios estilísticos dos poetas e prosadores do Renascimento e do Barroco, tendo perante si, como modelo, a libérrima sintaxe latina. Nessa actuação de uma virtualidade latente terá de atribuir-se um papel de primeira plana à grande obra lírica e épica de Camões, mas sobretudo a esta.

Por fim, sobre a primeira edição d'*Os Lusíadas*, sabe-se que foi publicada em 1572, como já mencionado nesta seção, pelo impressor Antônio Gonçalves, com Privilégio Real e licença da Santa Inquisição.⁶¹ A composição original é constituída de 186 folhas, numeradas

⁶¹ Reproduzimos, aqui, o parecer do Fei Bartolomeu Ferreira, encarregado, pela Santa Inquisição, de avaliar a epopeia camoniana: "Vi por mandado da santa & geral inquisição estes dez Cantos dos Lusíadas de Luis de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia & Europa, & não achey nelles cousa algũa escandalosa, nem contraria â fe & bõs custumes, somente me pareceo que era necessario advertir os Lectores que o Autor pera encarecer a difficultade da navegação & entrada dos Portugueses na India, usa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que sacto Augustinho nas suas Retractações se retracte de ter chamado nos livros que compos de Ordine aas Musas Deosas. Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo Poetico não tivemos por inconveniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conhecendoa por tal & ficando sempre salva a verdade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gëtios sam Demonios. E por isso me pareceo o livro digno de se imprimir, & o Autor mostra nelle muito engenho & muita erudição nas sciencias humanas. Em fe do qual assiney aqui" (*Os Lusíadas*, 1572).

na frente e inumeradas no verso. Segundo Agudo (1972), foram utilizados, nessa primeira composição, 24 fólhos, em 8º, organizados de A a Z.

A edição príncipe de *Os Lusíadas*, contudo, como a do CG, instaura um impasse. De acordo com os estudos consultados, há duas versões diferentes da obra épica de Camões, ambas datadas de 1572. As principais diferenças entre essas duas versões, segundo os autores abordados, envolvem a grafia das palavras e os caracteres adotados.⁶²

Uma simples comparação entre as respectivas folhas de rosto, no entanto, já é suficiente para distinguir as duas versões: em uma delas, o bico do pelicano, na xilogravura da portada, está voltado para a direita, ao passo que, na outra, a ave está virada para a esquerda. Convencionou-se chamar aquela de E, e esta, de Ee, devido a uma constatação de Rodrigues (1921). Ao comparar exemplares com xilogravuras invertidas, o estudioso notou que, no exemplar com o pelicano voltado para a direita, o sétimo verso da primeira estrofe iniciava-se por *Entre*, ao passo que, no exemplar com o pelicado voltado para a esquerda, o mesmo verso iniciava-se por *E entre*:

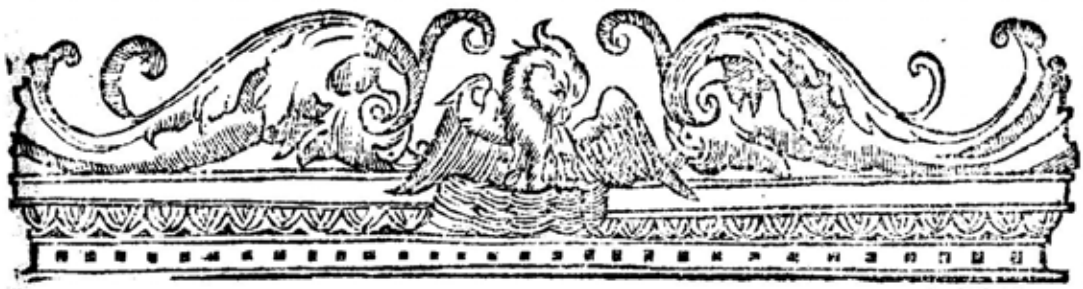


Figura 2.5. Xilogravura da portada de *Os Lusíadas* na edição E.



Figura 2.6. Xilogravura da portada de *Os Lusíadas* na edição Ee.

⁶² Um texto (póstumo) do camonista Faria e Sousa foi o primeiro a revelar, em 1685, as diferenças entre as composições de *Os Lusíadas*, datadas de 1572. Antes disso, não há qualquer referência (conhecida) às variações entre os exemplares.

Resta saber, todavia, se essa variação entre os exemplares evidencia duas edições da obra ou apenas impressões diferentes de uma mesma edição (como no CG, por exemplo). A outra questão que se coloca, nesse caso, é por que teriam providenciado uma segunda tiragem ou edição da epopeia camoniana. Além disso, se aceitarmos a hipótese de que há duas edições diferentes, também teremos de investigar qual delas é a original.

Os pesquisadores que se debruçaram sobre os diferentes exemplares de *Os Lusíadas* são incontroversos em apontar Ee como sendo a versão mais perfeita da obra. Com base nesse dado, alguns autores defendem que E seja a composição ou edição original de *Os Lusíadas* e que Ee corresponda a uma correção da primeira (cf. FARIA E SOUSA, 1685; MOURÃO E VASCONCELOS [MORGADO DE MATEUS], 1817; MONTEIRO, 1880). A maioria dos estudiosos acredita, por outro lado, que a versão com menor número de gralhas (Ee, portanto) seja a edição príncipe do poema épico camoniano e que E, por motivos desconhecidos, corresponda a uma cópia descuidada e mal acabada da primeira edição (cf. NORONHA, 1880; AMORIM, 1889; DIAS, 1910; BRAGA, 1911, GUIMARÃES, 1919).

Há quem defenda, inclusive, que essa segunda edição nem sequer seja de 1572, embora traga impressa essa data. Cidade (1972), por exemplo, é categórico ao reconhecer Ee como sendo a edição príncipe de *Os Lusíadas* e ao afirmar que a segunda edição (E) foi publicada, muito provavelmente, anos depois da primeira. Para o autor, duas hipóteses, pelo menos, podem justificar essa segunda edição:

pode ser que se trate de uma grande fraude de condenável ganância comercial uma edição a que falsamente se atribui a data em que o Poeta vivia, e no prazo em que, por virtude do seu privilégio, só ele a poderia imprimir, para fazer crer que fora ele que a corrigira, assim a valorizando; e também não é impossível que, sendo a publicação realizada em data igual ou próxima da em que, *ad usum Delphini*, foi impressa a edição dos Piscos [1584], mutiladíssima e deformada pela censura, fosse reconhecida a necessidade da publicação integral do texto, mas discretamente ela se fizesse, inculcada como do tempo do Poeta e com sua intervenção na melhoria do próprio texto. Lembremos que continuava membro da censura Fr. Bartolomeu Ferreira, tão benévolo para a primeira edição. (CIDADE, 1972, p. XIII)

Em estudo mais recente, no entanto, Jackson (2003), ao comparar mais de 20 exemplares de *Os Lusíadas*, espalhados por todo o mundo, constatou que, nem sempre, E e Ee (a julgar pelos bicos dos pelicanos) podem ser divididos em dois grupos idênticos entre si. De acordo com o autor, são conhecidos, hoje, 32 exemplares da epopeia camoniana datados de 1572, a saber:

(2.28) Pelicano à direita

Biblioteca Nacional, Lisboa 1p
 Casa de Bragança, Vila Viçosa (E)
 Biblioteca José Mindlin, São Paulo (E)
 Biblioteca Nacional, Madrid R-14208
 Bibliothèque nationale de France Yg. 38
 British Library G.11285
 Harvard University PORT 5218.72.3
 Harvard University PORT 5215.72
 Hispanic Society of America, New York
 John Carter Brown Library, Brown University, Providence
 Harry Ransom Humanities Research Center, University of Texas

(2.29) Pelicano à esquerda

Biblioteca Nacional, Lisboa 2
 Biblioteca Nacional, Lisboa 3
 Biblioteca Nacional, Lisboa 4
 Academia das Ciências de Lisboa
 Universidade de Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade
 Casa de Bragança, Vila Viçosa (Ee)
 Sociedade Martins Sarmiento (Guimarães)
 Ateneu Comercial do Porto
 Biblioteca José Mindlin, São Paulo (Ee)
 Academia Brasileira de Letras
 Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro
 Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro
 Biblioteca Nacional, Madrid R-14207
 Bibliothèque nationale de France Yg. 74
 Biblioteca Nazionale, Napoli
 Bosch Library, Stuttgart
 British Library G.11286
 British Library C.30.e.34

Harvard University PORT 5215.72.5

Harvard University PORT 5215.72.7

Bodleian Library, University of Oxford Antiq.e.P.1572.1

Segundo Jackson (2003), desses exemplares remanescentes, onze, pelo menos, são híbridos, ou seja, apresentam variantes de E e de Ee. Tomando como base esse dado, o autor não apenas defende a existência de apenas uma edição de 1572, feita a partir de diferentes composições (todas elaboradas na tipografia de Antônio Gonçalves), como também propõe uma sequência dessa impressão.

Para Jackson (2003), os exemplares idênticos do grupo E correspondem à primeira impressão de *Os Lusíadas*: Biblioteca José Mindlin (E), Bibliothèque nationale de France (Yg. 38), Casa de Bragança (E), Hispanic Society of America - New York, John Carter Brown Library - Providence. Já os exemplares híbridos, segundo a interpretação do autor, equivalem a uma etapa intermediária da composição: British Library (G11286 e G11285), Harry Ransom Humanities Research Center - Texas, Harvard University (PORT 5215.72 e PORT 5218.72.3), Biblioteca Nacional de Madrid (R-14208), Biblioteca Nacional de Lisboa (1P), Universidade de Coimbra, Ateneu Comercial do Porto, Sociedade Martins Sarmiento - Guimarães, Real Gabinete Português de Leitura - Rio de Janeiro. Por fim, os exemplares idênticos do grupo Ee correspondem, de acordo com a análise de Jackson (2003), à fase final da impressão de 1572, “depois de feitas todas as mudanças e alterações, geralmente para melhor, mas nem sempre” (JACKSON, 2003, p. 32): Biblioteca Nacional de Lisboa (2), Biblioteca Nacional de Lisboa (3), Biblioteca Nacional de Lisboa (4), Academia das Ciências de Lisboa, Casa de Bragança (Ee), Biblioteca José Mindlin (Ee), Academia Brasileira de Letras, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional de Madrid (R-14207), Bibliothèque nationale de France (Yg. 74), Biblioteca Nazionale di Napoli, Bosch Library - Stuttgart, British Library (C.30.e.34), Harvard University (PORT 5215.72.5 e PORT 5215.72.7), Bodleian Library - Oxford.⁶³

Para chegar a esses resultados, Jackson (2003, p. 26) comparou os exemplares remanescentes levando em consideração os seguintes elementos:

⁶³ Os dados desta pesquisa (linguística) foram retirados diretamente do exemplar de 1572 pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, disponível para *download*.

- O pelicano virado à esquerda ou à direita do leitor;
- Dois desenhos decorativos no plinto;
- A data do Alvará, escrito ou "vinte & quarto" ou "xxiiij";
- A leitura "E" ou "Ee" na sétima linha da primeira estrofe;
- A terminação "ão" ou "am" no sétimo e oitavo versos da primeira estrofe;
- A presença de numeração errada nas verdadeiras folhas 13, 32, 69, 108, 110, 114, 120, 121, 122 e 154;
- A presença de títulos errados na numeração dos CANTOS nas folhas 23, 65, 97, 9, 100, 103, 148, 152 e 160;
- O título "SEPTIMO" ou "SETIMO" nas folhas 114, 116, 118, 120, 122, 124, 126, 128, e "OCTVO" ou "OCTAVO" nas folhas 128 e 129.

Jackson (2003, p. 27) mostra, por exemplo, que os exemplares (E) idênticos da suposta primeira fase de impressão apresentam todos:

o pelicano virado à direita do leitor, a data do alvará soletrada "vinte & quatro", a leitura "E" no sétimo verso e a terminação "am"; erros de paginação nas folhas 32, 108, 110, 114, 120, 121, 122 e 154. A verdadeira folha 154 leva o número "149". A seqüência dos CANTOS nas nove folhas seleccionadas lê-se "PRIMEIRO, QUARTO, QVINTO, QVINTO, QVINTO, QVINTO, NONO, NONO, NONO". E os títulos encontrados nas outras nove folhas seleccionadas lêem-se: "SETIMO, SETIMO, SETIMO, SETIMO, SETIMO, SETIMO, SETIMO, SETIMO, SETIMO, OCTVO, OCTVO".

Já os exemplares (Ee) idênticos da suposta fase final, segundo Jackson (2003, p. 32):

têm o pelicano virado à esquerda do leitor, a data do alvará escrito "xxxiiij", a leitura "Ee" no sétimo verso e a terminação "ão"; e os erros de paginação nas folhas 13, 69, 110, 120 e 154. A verdadeira folha 154 está numerada 145, no que deve ser uma inversão do tipógrafo dos dois algarismos finais, trocados na tentativa de corrigir o número errado em "E". A seqüência dos títulos dos CANTOS nas nove folhas seleccionadas lê-se "SEGUNDO, TERCEIRO, QVINTO, SEXTO, SEXTO, QVINTO, OCTAVO, OCTAVO, OCTAVO". E os títulos nas outras nove folhas foram todos corrigidos para "SEPTIMO, SEPTIMO, SEPTIMO, SEPTIMO, SEPTIMO, SEPTIMO, SEPTIMO, SEPTIMO, SEPTIMO, OCTAVO, OCTAVO".

Os exemplares (diferentes entre si) que apresentam elementos de E e de Ee, segundo Jackson (2003), seguem uma escala de distanciamento de E e consecutiva aproximação de Ee, que evidenciaria as mudanças graduais estabelecidas ao longo do processo de impressão.

Não se pode negar que as constatações de Jackson (2003) trouxeram grandes contribuições para as pesquisas dedicadas à edição príncipe de *Os Lusíadas*. Contudo, o trabalho do pesquisador, evidentemente, não esgota todas as possibilidades de interpretação e suas hipóteses podem ser contestadas e superadas. O fato é que as questões envolvendo as diferenças entre os exemplares de *Os Lusíadas* ainda não foram completamente resolvidas e estão à espera de outros estudos que se dediquem a uma comparação sistemática e minuciosa dos volumes acessíveis.⁶⁴ Por enquanto, ficamos com as suposições aqui apresentadas e com a certeza de que, independentemente do exemplar escolhido, a leitura de *Os Lusíadas* proporcionará ao leitor não apenas um mergulho, na história de Portugal e da língua portuguesa, mas também uma viagem fascinante através do tempo, conduzida pelo estilo inconfundível de Camões.

Cumprir referir, por outro lado, que a epopeia camoniana, embora seja uma obra do século XVI, ainda permanece atual. Como observa Ramos (1995[1969], p. 17), o poema épico de Camões “apresenta, ao lado de um conceito de grandeza imperial superado, um sentido de confiança no homem e no seu destino que é bem dos nossos dias”. Essa constatação só vem confirmar o caráter artístico da obra, que transcende os limites do tempo e do espaço e consegue tocar o homem de qualquer época ou lugar.

Nesta pesquisa linguística, a epopeia camoniana, obra ímpar do Renascimento, foi tomada como um testemunho da língua falada no século XVI. Juntamente com as CSM, de Afonso X, e com o CG, de Garcia de Resende, *Os Lusíadas* forneceram os dados deste estudo e ajudaram-nos a desvelar algumas pronúncias do passado, deixando transparecer, nas particularidades de seus versos, os vestígios de antanho.

⁶⁴ Para isso, podem ser consultados os exemplares de *Os Lusíadas* disponibilizados pelo próprio Jackson (2003), em CD-ROM. Também há a *Reprodução paralela das duas edições de 1572* (confrontando um dos exemplares da Biblioteca Nacional de Lisboa ao exemplar da Casa de Bragança), publicada pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

3. As vogais na história da língua portuguesa

A presente seção contempla o testemunho de estudos anteriores acerca do sistema vocálico do português em diferentes períodos da história da língua, partindo de sua origem, no latim vulgar, e chegando ao seu quadro atual.

As subseções 3.1, 3.2, 3.3 e 3.4, a seguir, estão dedicadas, respectivamente, às vogais do latim (clássico e vulgar), do PA (fase trovadoresca e fase exclusivamente portuguesa), do português moderno (século XVI) e do português atual (europeu e brasileiro).

3.1 O sistema vocálico do latim

Antes de nos debruçarmos sobre o sistema vocálico da língua portuguesa propriamente dita, em seus primórdios, é importante que reconheçamos o contexto anterior, no qual foram assentadas as bases de nossa língua. Por isso, retrocedemos um pouco, no tempo, e vamos iniciar esta seção justamente do ponto que se caracteriza como a origem das línguas românicas: o latim.

Para o latim clássico, os pesquisadores (cf.: SILVA NETO, 1952; NUNES, 1960; CÂMARA JR., 1979[1975]; RAMOS, 1985; CASTRO, 2008; MATTOS E SILVA, 2006) são incontroversos em apontar um sistema vocálico constituído de dez fonemas. De acordo com esses estudiosos, as cinco vogais contempladas na escrita latina (<a, e, i, o, u>) podiam realizar-se como longas (/ā, ē, ī, ō, ū/) ou breves (/ă, ě, ĭ, ǒ, ŭ/), no sistema fonológico de então. No latim clássico, portanto, a duração tinha um caráter opositivo, conforme lembra Câmara Jr. (1979[1975], p. 40):

No latim clássico, a quantidade tinha função distintiva: na flexão nominal e verbal, distinguiam-se, por exemplo, as desinências *-ā*, de ablativo, e *-ă*, de nominativo, para um mesmo nome, e, entre palavras, havia oposições como *-mālum* “maçã”: *mălum* “mau”, *dīco* “consagro”: *dīco* “digo”, *cēras*, “uma planta” (nom. sing.): *cēras* “cera” (ac. pl.), *mōlis* “massa” (gen. sing.): *mōlis* “moinho” (dat. abl. pl.), *sūdis*, uma espécie de pau : *sūdis* “seco” (dat. abl. pl.).

Na passagem para o sistema vocálico do latim vulgar, no entanto, a duração teria perdido sua função distintiva, deixando de ser fonológica. Assim, as dez vogais do latim clássico, segundo os autores consultados, reduziram-se a sete, no latim vulgar, a partir da reestruturação a seguir (cf. NUNES, 1960, p. 40):⁶⁵

(3.1)

LATIM CLÁSSICO		LATIM VULGAR
ă, ā	>	/a/
ĕ, ae	>	/ɛ/
ē, oe, ĭ	>	/e/
ī	>	/i/
ō	>	/ɔ/
ō, ŭ	>	/o/
ū	>	/u/

É comum, entre os historiadores da língua, a convicção de que a quantidade do latim clássico foi substituída pela diferença de timbre entre as vogais médias do latim vulgar. Contudo, para Silva Neto (1952, p. 175), “ao contrário do que ainda pensam muitos romanistas, não houve, no latim imperial [vulgar], permuta da quantidade pelo timbre, mas permanência deste e perda daquela”. O autor considera, portanto, que as vogais do latim clássico eram concomitantemente longas e fechadas ou breves e abertas, tendo sobrevivido, no latim vulgar, apenas a diferença (fonológica) de timbre (entre as vogais médias).

Além da perda da quantidade, cumpre mencionar outra mudança significativa, associada ao acento, que caracteriza essa transição do sistema vocálico do latim clássico para o sistema vocálico do latim vulgar:

[...] as vogais passavam a ser condicionadas pela incidência ou não do acento e, quando átonas, pela sua posição antes ou depois do acento. Assim se eliminou a quantidade como traço vocálico distintivo e se estabeleceram três quadros diversos para as vogais, conforme tônicas, pretônicas ou átonas finais. (CÂMARA JR., 1979[1975], p. 40)

⁶⁵ O esquema indicado em (3.1) também contempla os ditongos *ae* e *oe* do latim clássico pois, em alguns casos, as vogais médias /ɛ/ e /e/ do latim vulgar resultam, respectivamente, dessas duas sequências vocálicas.

O português, como língua românica, herdou o quadro vocálico do latim vulgar e apresenta, portanto, sistemas fonológicos diferentes de acordo com a posição da vogal, em relação ao acento tônico das palavras. Nas subseções a seguir, apresentamos, com base nos estudos consultados, o sistema fonológico de vogais tônicas, pretônicas e postônicas do PA (em suas duas fases), do português moderno e do português atual, nas variedades europeia e brasileira.

3.2 O sistema vocálico do português arcaico

A presente subseção fundamenta-se em estudos anteriores que se debruçaram sobre as vogais do PA (cf. MATTOS E SILVA, 2006; MAIA, 1997[1986]; RAMOS, 1985; TEYSSIER, 1994[1980]; CASTRO, 2008). Vimos, no início deste trabalho, que a medievalista Michäelis de Vasconcelos (1946) divide o período arcaico em duas fases: a fase trovadoresca ou galego-portuguesa, compreendida entre meados do século XIII e a primeira metade do século XIV; e a fase exclusivamente portuguesa, de 1350 ao início do século XVI, caracterizada pela separação do galego e do português.

Nos itens 3.2.1 e 3.2.2, a seguir, apresentamos as propostas dos autores consultados para a primeira e a segunda fases do PA, respectivamente.

3.2.1 Na fase galego-portuguesa (trovadoresca)

De acordo com os estudos abordados, o galego-português herdou o sistema vocálico do latim vulgar, constituído de sete fonemas, na posição tónica:

(3.2)

/i/	/u/
/e/	/o/
/ɛ/	/ɔ/
/a/	

Esse quadro permite-nos estender, para o galego-português, as correspondências entre latim clássico e latim vulgar, apontadas na subseção anterior, em (3.1). Os exemplos indicados a seguir evidenciam, pois, a procedência dessas vogais tônicas no latim clássico:⁶⁶

(3.3)

amāricu- > *amargo*

grātia- > *graça*

acētū- > *azedo*

cīrca- > *cerca*

foedu- > *feo* > *feio*

pětra- > *pedra*

caecu- > *cego*

vīta- > *vida*

tōtu- > *todo*

lŭpu- > *lobo*

lōcu- > *logo*

pūru- > *puro*

Tomando como base pronúncias atuais da língua, Teyssier (1994[1980], p. 25) indaga (sem responder) se já não haveria, no galego-português, para a vogal baixa /a/, uma pronúncia fechada ([ɐ]), diante de consoante nasal (ex.: *ama, ano, banho*).

Para Maia (1997[1986]), no século XIII, a vogal mais baixa do sistema vocálico português era, muito provavelmente, pronunciada como [a] (aberto), mesmo diante de consoante nasal. A autora fundamenta sua hipótese no fato de ser essa a pronúncia predominante, ainda hoje, nos falares mais conservadores do Norte de Portugal e da Galiza.

Em relação às vogais não-acentuadas, essencialmente as pretônicas, os autores apontam, para a primeira fase do PA, um sistema fonológico constituído de cinco vogais, a saber:

⁶⁶ Esses e os demais exemplos apresentados nesta seção, referentes à procedência latina das vogais, foram extraídos de Gramáticas Históricas, Manuais de Filologia do Português e Dicionários latinos ou etimológicos, consultados para a realização deste trabalho (SILVA NETO, 1952; NUNES, 1960; BUENO, 1967; COUTINHO, 1974; WILLIAMS, 1975; SARAIVA, 2006; CUNHA, 2010; COROMINAS E PASCUAL, 1980-1991).

(3.4)

$$\begin{array}{cc} /i/ & /u/ \\ /e/ & /o/ \\ & /a/ \end{array}$$

Conforme se pode notar, esse quadro fonológico, como o do português atual, não contempla a diferença de timbre (aberto e fechado) entre as vogais médias da língua. Foi precisamente em virtude dessa perda de oposição que o sistema vocálico tônico do galego-português, constituído de sete vogais, ficou reduzido a cinco, na posição pretônica.

O esquema indicado a seguir, adaptado de Câmara Jr. (1979[1975]), representa satisfatoriamente a procedência dessas vogais pretônicas do galego-português, no latim clássico:

(3.5)

$$\begin{array}{cc} \bar{i} - i & u - \bar{u} \\ \begin{array}{l} \check{i} \\ \bar{e} \\ \check{e} \end{array} \rangle e & o \langle \begin{array}{l} \check{u} \\ \bar{o} \\ \check{o} \end{array} \\ \\ \bar{a} \rangle a & \check{a} \end{array}$$

A exemplificar essa correspondência estão os itens lexicais arrolados em (3.6):

(3.6)

ǎgustu- > *agosto*
rādice > *raiz*
pětire > *pedir*
sēcuru- > *seguro*
pĭcare > *pegar*
dĭcere > *dizer*
jŏcare > *jogar*
plŏrare > *chorar*
sŭperare > *sobrar*
dŭrare > *durar*

É interessante notar, a partir desses exemplos, que as vogais médias (/e,o/) pretônicas do galego-português provêm não apenas de vogais altas breves (/i,ũ/) e médias longas (/ē,ō/) do latim clássico, como observado para a posição tônica, mas também das vogais médias breves (/ě,ǒ/).

Particularmente em relação ao alçamento das vogais pretônicas, os autores consultados acreditam que houvesse, no século XIII, variação fonética entre vogais médias e altas, na posição pretônica, mas descartam a hipótese de o sistema vocálico do galego-português já ter passado pelo processo de redução que se verifica no PE atual (veja-se subseção 3.4). Esses estudiosos, com base em determinadas grafias da época (ex.: *minino*, *fremusura*), atribuem os casos de alçamento de /e/ e /o/ pretônicos, no século XIII, a processos assimilatórios como a harmonia vocálica, por exemplo.

Sobre a realização do fonema /a/, na sílaba pretônica, Mattos e Silva (2006), valendo-se de variações gráficas entre <a> e <e>, em textos do século XIII (ex.: *alefante* ~ *elefante*, *asperança* ~ *esperança*, *salario* ~ *selario*, *sagrado* ~ *segrado*), assume que é provável que houvesse, na época dos trovadores, uma variação entre [a] e [ɐ] pretônicos, condicionada, talvez, por contextos fonético-fonológicos específicos.

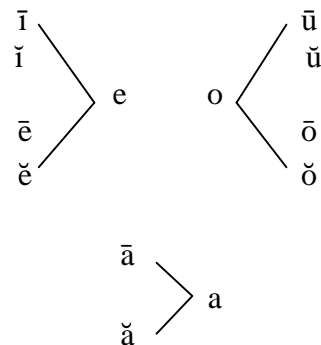
Enfim, para as vogais postônicas finais, estudiosos como Teyssier (1994[1980]), Maia (1997[1986]) e Mattos e Silva (2006) propõem um quadro fonológico constituído de três vogais:

(3.7)

$$\begin{array}{cc} /e/ & /o/ \\ & /a/ \end{array}$$

Na posição átona final, portanto, o sistema vocálico do galego-português torna-se ainda mais reduzido, visto que a oposição entre vogais altas e médias, observada para a posição pretônica, não se verifica nesse contexto. Essa redução do sistema também altera as correspondências com as vogais do latim clássico, gerando, para as vogais postônicas finais, um esquema diferente daquele apresentado para as vogais pretônicas (CÂMARA JR., 1979[1975]):

(3.8)



Alguns exemplos dessa correspondência podem ser observados em (3.9), a seguir:

(3.9)

marinǎ- > *marinha*
antě > *ante*
hodiē > *hoje*
sitĭ- > *sede*
amastĭ- > *amaste*
citǒ > *cedo*
quomodō > *como*
cervŭ- > *cervo*
fructū- > *fruto*

Maia (1997[1986]) e Mattos e Silva (2006), no entanto, baseadas em determinadas grafias do século XIII e em processos de metáfora que resultaram em mudança, no português antigo, questionam se não haveria, nos primórdios da língua, distinção fonológica entre /e/ e /i/, assim como entre /o/ e /u/, na posição átona final. Particularmente em relação às vogais anteriores,⁶⁷ as autoras citam o exemplo dos pares *fiz/fez*, *estive/esteve*, *pus/pôs*, em que a vogal tônica, nos verbos flexionados na primeira pessoa, teria se tornado alta por influência de

⁶⁷ É importante esclarecer que a designação “vogais anteriores”, neste estudo, refere-se às vogais frontais do português (/e, i/), ou seja, àquelas produzidas na parte anterior do trato vocal, e não na parte posterior, como as vogais /o/ e /u/. Trata-se, portanto, de uma denominação baseada exclusivamente na fonética articulatória. Assim, é importante que essa nomenclatura não seja confundida com a terminologia adotada por Chomsky e Halle (1968), na *Fonologia Gerativa Padrão*, para designar o traço de cavidade [anterior] dos segmentos produzidos com uma obstrução na parte da frente da boca (antes da região palato-alveolar). Nessa perspectiva da *Fonologia Gerativa*, portanto, nenhuma vogal pode ser considerada anterior, já que vogais são produzidas sem qualquer obstrução no trato vocal.

um antigo *-i* átono final, proveniente de *ī* do latim clássico. Já nos casos em que a vogal média permanece (terceira pessoa do singular), a antiga vogal átona final também seria média (*-e*), proveniente de *ĩ* do latim clássico. Mattos e Silva (2006, p. 56), inclusive, chama a atenção para o fato de ocorrer, em documentos do século XIII, grafias como *pusi*, *puse* e *posi*, em que a vogal postônica etimológica está representada. Em relação às vogais posteriores, há mudanças como *esto*>*isto*, *esso*>*isso* e *aquelo*>*aquilo*, que também poderiam estar sugerindo a ocorrência de uma vogal alta [u], na sílaba postônica final.

Para Maia (1997[1986]), essa oposição entre [e] e [i], e entre [o] e [u], na posição átona final, com [i] e [u] provenientes de vogais altas longas (*ī*, *ū*) do latim clássico, deve ter ocorrido, na língua, em tempos muito remotos, provavelmente anteriores ao século XIII. De acordo com a autora, tudo leva a crer que, na primeira fase do PA, essas vogais já haviam se fundido em um único fonema, que poderia apresentar pronúncias variadas.

Também Mattos e Silva (2006) considera a possibilidade de haver, no galego-português, variação fonética na realização da vogal média etimológica, na sílaba átona final. Para a autora, essa variação seria entre a vogal média fechada e uma vogal um pouco mais elevada, mas ainda não completamente alçada (algo intermediário entre [e] e [i], portanto). No caso da vogal posterior, Mattos e Silva (2006, p. 58), com base nos dados de Maia (1997[1986]), comenta que os textos do galego-português sugerem uma variação regional: “os dialetos do Douro para o Norte com a realização do tipo médio e os do Douro para o Sul com a realização mais elevada ou alteada”.

Teyssier (1994[1980]), por seu turno, é categórico em reconhecer a existência de apenas três fonemas, no sistema de vogais átonas finais do galego-português. O autor defende que essas vogais apresentavam uma pronúncia breve, na primeira fase do PA, e que os fonemas /e/ e /o/ eram realizados, respectivamente, como [e] e [o] muito fechados. Essa pronúncia, no entanto, ainda não seria equivalente à realização atual [i] e [u], do PE, ou [i] e [u], do PB.⁶⁸

Particularmente em relação à vogal baixa /a/, não há pistas satisfatórias, segundo Maia (1997[1986], p. 329), que evidenciem uma pronúncia aberta ou fechada, no século XIII:

⁶⁸ Teyssier (1994[1980]) acredita que muitas das grafias antigas, que empregam uma vogal alta (sobretudo a posterior), na sílaba átona final (ex.: *avemus*, *canpu* etc), podem ser interpretadas como latinismos da escrita, e não, necessariamente, como uma pronúncia alçada de então.

porque para essa época faltam por completo quaisquer informações directas e o assunto da grafia, sob outros aspectos tão esclarecedor, não permite conhecer, ainda que de modo aproximado, em que circunstâncias o grafema *a* representava *a* aberto ou *a* fechado e em que é que a língua dessa época diferia do actual idioma padrão.

Em suma, a literatura consultada, ao longo desta subsecção, permite-nos deduzir, para o galego-português, um sistema fonológico constituído de sete vogais, na sílaba tônica, que se reduz a cinco, na posição pretônica, e a três, na posição átona final. Na subsecção a seguir, apresentamos as propostas dos pesquisadores para as vogais tônicas e átonas da segunda fase do PA.

3.2.2 Na fase exclusivamente portuguesa

Para Teyssier (1994[1980]), na segunda metade do século XIV, o sistema vocálico da língua, na posição acentuada, era constituído de oito vogais, e não mais de sete:

(3.10)

/i/	/u/
/e/	/o/
	/ɐ/
/ɛ/	/ɔ/
	/a/

Comparando esse quadro vocálico ao apresentado em (3.2), para as vogais tônicas do galego-português, é possível notar que a diferença entre os dois esquemas está na realização da vogal baixa representada, na escrita, pelo grafema <a>. De acordo com a proposta de Teyssier (1994[1980]), na segunda metade do século XIV, o grafema <a> era empregado para representar dois fonemas: /ɐ/ e /a/. O primeiro, segundo o autor, ocorria diante de consoante nasal, e o segundo, nos demais contextos.⁶⁹

⁶⁹Teyssier (1994[1980]) observa, a propósito, que o único caso em que a vogal baixa não se realizava como [ɐ], no português antigo, apesar da presença da consoante nasal seguinte, envolve um processo de crase, na história da língua: *ga-anha* (verbo) e *ga-anho* (substantivo). De acordo com o autor, ainda hoje, essa vogal baixa é pronunciada como [a], na variedade padrão de Lisboa, que também privilegia a pronúncia [ɐ], diante de consoantes nasais.

Por outro lado, autores como Silva Neto (1952), Maia (1997[1986]) e Mattos e Silva (2006) consideram que as diferentes pronúncias para a vogal baixa, naquele período, eram meramente fonéticas. Mattos e Silva (2006), inclusive, chama a atenção para o fato de, em termos fonéticos, a consoante nasal favorecer uma realização mais fechada ([ɐ]) para a vogal adjacente. Desse modo, [ɐ] e [a] seriam alofones de um mesmo fonema /a/, e o sistema vocálico tônico do português, no século XV, ainda seria constituído de sete fonemas.

Para as vogais pretônicas da segunda fase do PA, Teyssier (1994[1980]) também propõe um sistema vocálico constituído de oito vogais:

(3.11)

/i/	/u/
/e/	/o/
	/ɐ/
/ɛ/	/ɔ/
	/a/

Segundo Teyssier (1994[1980]), a crase de vogais que compunham hiatos, no galego-português, ocasionou essa diferença de timbre (aberto e fechado) entre as vogais pretônicas da segunda fase do PA. O esquema a seguir, proposto por Castro (2008, p. 194), exemplifica as transformações referidas por Teyssier (1994[1980]):

(3.12)

/i/	livrar
/e/	pregar < PLĪCARE
/ɛ/	pregar < preegar < PREDĪCARE
/ɐ/	cadeira < CATEDRA
/a/	padeira < paadeira < PANATARIA
/ɔ/	corar < coorar < COLORARE
/o/	morar < MORĀRE
/u/	luar < LŪNARE

Sobre o alçamento das vogais médias pretônicas, os estudos abordados também consideram a hipótese de variação entre [e] e [i], bem como entre [o] e [u], na segunda metade do século XIV, mas não acreditam que a neutralização entre vogais médias e altas, na posição pretônica, já fosse uma regra geral no português de então.

No que diz respeito às vogais postônicas finais, o quadro apresentado por Teyssier (1994[1980]) contempla somente três vogais:

(3.13)

/e/ /o/

/a/

Para Teyssier (1994[1980]), na segunda fase do PA, a pronúncia predominante para as vogais *-e* e *-o* ainda era, como no galego atual, [e] e [o]. Conforme veremos mais adiante, neste trabalho, o autor remete ao século XVIII o início do processo que elevou completamente as vogais postônicas do português, na posição final. Em relação à pronúncia do fonema /a/, na sílaba átona final, Teyssier (1994[1980]) sugere que já fosse fechada ([ɐ]), na segunda fase do PA. O autor também tece alguns comentários sobre a realização, nesse período, de vogais átonas finais resultantes de crase:

Os grupos átonos *-oo* e *-aa* situados em fim de palavras contraem-se em *-o* e *-a*; ex.: *diábo-o* > *diabo*, *orágo-o* > *orago*, *Brága-a* > *Braga*. O *-o* e o *-a* resultantes de *-oo* e *-aa* confundem-se, pois, com *-o* e *-a* etimológicos, ex.: *amigo*, *porta*. (TEYSSIER, 1994[1980], p. 42)

Enfim, ao comparar os quadros vocálicos apresentados para a primeira e segunda fases do PA, constata-se uma diferença em relação às vogais tônicas e pretônicas de cada período. No caso das vogais tônicas, os autores consultados apontam, para a segunda metade do século XIV, duas pronúncias para a vogal baixa /a/: [ɐ], em contextos nasais, e [a], nos demais ambientes. Em relação às vogais pretônicas, o quadro (pelo menos, fonético) também teria mudado de cinco para oito vogais, na passagem para a segunda fase do PA, em virtude da crase de vogais contíguas, que constituíam hiatos do galego-português. Em contrapartida, no quadro postônico, os pesquisadores consultados não apontaram mudanças significativas, na transição de um período para o outro.

Concluimos, assim, a revisão dos textos dedicados às vogais do período arcaico. Vejamos, agora, na subseção a seguir, o que dizem os estudiosos acerca do sistema vocálico do português moderno.

3.3 O sistema vocálico do português moderno

Nesta subseção, apresentamos as proposições dos autores consultados sobre as vogais tônicas, pretônicas e postônicas do século XVI, que corresponde ao início do português moderno. Para esse período, além dos estudos dedicados à história da língua (SILVA NETO, 1952; TEYSSIER, 1994[1980]; RÉVAH, 1958; CARVALHO, 1962; MAIA, 1997[1986]; NARO, 1973; MATTOS E SILVA, 2006), também contamos com o testemunho de gramáticos e ortógrafos contemporâneos à época: Fernão de Oliveira (2000[1536]), João de Barros (1540) e Duarte Nunes de Leão (1576).

Ao consultar os trabalhos referidos, verificamos que as propostas, para os sistemas vocálicos do século XVI, coincidem, em geral, com aquelas apresentadas para a segunda fase do PA.

Teyssier (1994[1980]), por exemplo, apresenta o mesmo quadro fonológico, constituído de oito vogais tônicas, tanto para a segunda fase do PA, quanto para o início do português moderno (o autor, na verdade, nem distingue os dois períodos):

(3.14)

/i/	/u/
/e/	/o/
	/ø/
/ɛ/	/ɔ/
	/a/

Em relação ao testemunho dos gramáticos contemporâneos à época, pode-se dizer que confirma, de um modo geral, o quadro fonológico postulado por Teyssier (1994[1980]): tanto Fernão de Oliveira quanto João de Barros propõem, para o século XVI, um sistema vocálico constituído de oito vogais. Os gramáticos sugerem, inclusive, grafemas específicos para representar cada um desses sons. João de Barros (1540) chega a empregar, em parte de sua obra, os símbolos ortográficos que apresentou na gramática. Vejamos as propostas de cada autor:

Na nossa lingua podemos dividir, antes é necessário que dividamos as letras vogaes em grandes e pequenas, como os gregos, mas não já todas, porque é verdade que temos *a* grande e *α* pequeno; *ε* grande e *e* pequeno; e também *ω* grande e *o* pequeno. Mas não temos assi diversidade em *i* nem *u*. Temos *a* grande como *almada* e *α* pequeno como *alemanha*; temos *ε* grande como *festa* e *e* pequeno como *festo*; e temos *ω* grande como *fermosos* e *o* pequeno como *fermoso*. E conhecendo esta verdade havemos de confessar que temos oito vogaes na nossa lingua, mas não temos mais de cinco figuras, porque não queremos saber mais de nós que quanto nos ensinam os latinos. (OLIVEIRA, 2000[1536], p. 91)

[...] as vogais sam *á, a, e, e, i, ó, o, u*. [...] Os latinos de quem âs nós recebemos tem sómente estas cinco *a, e, i, o, u*. Nós (como já vimos) temos oito: *á* grande, *a* pequeno, *e* grãde, *e* pequeno, *i* comũ, *ó* grãde, *o* pequeno, *u* comũ. (BARROS, 1540, p. 40)

Esses símbolos, como sabemos, não vingaram na representação das vogais da língua, de modo que a ortografia oficial do português dispõe, hoje, das mesmas cinco letras latinas para representar todos os fonemas vocálicos.

Voltando ao quadro fonológico do século XVI, constituído de oito vogais, segundo a proposição dos autores referidos, é importante evocar, como fizemos para as vogais tônicas da segunda fase do PA, a opinião de pesquisadores como Silva Neto (1952), Maia (1997[1986]) e Mattos e Silva (2006), que questionam o valor fonológico da vogal [ɐ], ainda no século XVI. De acordo com tais estudos, não há evidências de que já ocorresse, no início do português moderno, oposição entre as pronúncias [ɐ] e [a], para o grafema <a>. Os exemplos apontados por Fernão de Oliveira (2000[1536]) sugerem que [ɐ], quando tônico, ocorria somente em contexto nasal. Nesse ponto, particularmente, o testemunho de Duarte Nunes de Leão (1576) parece mais esclarecedor, na medida em que apresenta uma descrição mais abrangente:

E não há mais que um *a*, porque ser longo ou ser breve é acidentalmente. Ca ele per si não é longo nem breve, e pode ser um e outro. [...] a razão que faz parecer que são dous *aa*, um grande e um pequeno, é a pronúnciação vária, que se causa dos acentos, ou das letras *a* que ajunta esta vogal. Porque, quando tem o acento agudo, parece grande, como em *prato*, e quando grave, parece pequeno, como em *prateleiro*. E todalas vezes que depois de *a* se segue *m* ou *n*, como nestas palavras *fama*, *cano*, pronuncia-se com menos hiato e abertura da boca, e fica parecendo pequeno, não sendo assi. (LEÃO, 1576, fl. 3)

Seria, pois, recente, na história da língua, a oposição que se verifica no PE atual entre as terminações *-amos* de verbos flexionados na primeira pessoa do plural do presente (ex.: *am[ɐ]mos, fal[ɐ]mos, trabalh[ɐ]mos*) e do pretérito perfeito (ex.: *am[a]mos, fal[a]mos, trabalh[a]mos*) do indicativo. Maia (1997[1986]), a propósito, declara ter encontrado registros dessa oposição fonológica, envolvendo o morfema *-mos* do português, somente em gramáticas posteriores ao século XVI.⁷⁰

Para as vogais pretônicas do português moderno, Teyssier (1994[1980]) também propõe o mesmo quadro fonológico, constituído de oito fonemas, que fora atribuído à segunda metade do século XIV:

(3.15)

/i/	/u/
/e/	/o/
	/ɐ/
/ɛ/	/ɔ/
	/a/

Como para as vogais pretônicas do período anterior (segunda fase do PA), as pronúncias com vogal aberta ([a,ɛ,ɔ]), no século XVI, também seriam o resultado da crase de vogais que compunham hiatos, no galego-português. Além desse abaixamento das vogais pretônicas, é importante que consideremos o testemunho dos estudiosos consultados acerca da atuação do processo de alçamento entre as vogais médias do português moderno. Entre os gramáticos da época, destaca-se a observação de Fernão de Oliveira (2000[1536], p. 104), que reconhece uma variação na pronúncia de /e/ e /o/ átonos, não apenas na sílaba pretônica:

Das vogaes antre *u* e *o* pequeno há tanta vezinhença que quasi nos confundimos dizendo huns *somir* e outros *sumir*, e *dormir* ou *durmir*, e *bolir* ou *bulir* e outras muitas partes semelhantes. E outro tanto antre *i* e *e* pequeno, como *memoria* ou *memorea*, *gloria* ou *glorea*. Ainda que eu diria que, quando escrevemos *i* na penultima, sempre ponhamos o acento nessa penultima, seguindo-se logo a ultima sem antreposição de consoante, como *aravia*; e se a tal penultima assi de vogaes puras não tiver o acento, não na escreveremos com *i*, senão com *e*, como *glorea* e *memorea*.

⁷⁰ Em nota, Maia (1997[1986]) destaca os trabalhos de Luís Caetano de Lima (1736) e de Monte Carmelo (1767).

Dessas palavras do gramático quinhentista, é possível depreender que a vogal alta (/i/ ou /u/) realizava-se plenamente na sílaba tônica, ao passo que, nas sílabas átonas, havia uma variação entre a vogal média fechada e uma vogal um pouco mais elevada, intermediária entre a média e a alta, que teria sido favorecida pela atonicidade da sílaba. No capítulo XXVII da gramática, Fernão de Oliveira (2000[1536], p. 111) volta a abordar a questão e, desta vez, fornece mais pistas a respeito da variação:

Outro tanto dizemos de *u* vogal como dissemos do *i*, o qual *u* vogal sempre é grande, como *gorgulho*, *arguido*. E em lugar de *u* pequeno escrevemos *o* pequeno, como *argoir*, *continoar*; onde se estevera *u* poseramos o acento na penultima como *concluio*.

Não pareça a alguém que nós confundimos *i* pequeno com *e* pequeno, nem *o* pequeno com *u* pequeno, porque ellas não são diversas vozes e tão-pouco não temos ahi necessidade de diversas letras. Mas é desta maneira que entre *i* que é letra delgada aguda e viva, e entre *e* grande soa na nossa lingua hũa outra voz mais escura e não mais que hũa: e a este chamamos *e* pequeno, o qual em hũas partes soa mais e em outras menos, como fazem as outras vogaes. E onde soa mais, podemos dizer que é mais vezinho do *e* grande; onde também menos soa, será isso mesmo mais vezinho do *i*.

Fernão de Oliveira (2000[1536]), portanto, mesmo fundamentado em uma perspectiva mais ortográfica do que fônica, admite uma realização variável para as vogais médias átonas do século XVI. Esse testemunho, no entanto, não é suficiente para comprovar uma generalização da regra de alçamento entre as vogais pretônicas de então.

Segundo Teyssier (1994[1980]), embora tenha sido atestada uma tendência na língua, desde muito cedo, a elevar a vogal média etimológica, principalmente em início absoluto de palavra (ex.: *entrar*, *estar*) e diante de vogal alta na sílaba adjacente,⁷¹ somente a partir do século XVIII, com a publicação do *Compendio de Orthographia* (1767) de Luís do Monte Carmelo, que traz listas de “erros” envolvendo a vogal média pretônica em diversos contextos (ex.: *cutuvelo*, *murar*, *tucar*, *xuver* etc.), surgem as primeiras evidências de que o alçamento das vogais pretônicas já fosse uma regra geral, na fala dos portugueses. Particularmente em relação às vogais pretônicas anteriores, Teyssier (1994[1980]) indaga se o [i], corrente na pronúncia atual portuguesa, teria derivado diretamente de [e], ou se teria passado por uma fase intermediária [i], correspondente à pronúncia atual brasileira. O autor deixa a questão em

⁷¹ Révah (1958) destaca a atuação do processo de alçamento entre as vogais pretônicas posteriores. Para o autor, particularmente em relação à vogal média /o/, há dados expressivos que evidenciam a pronúncia alçada, na sílaba pretônica, antes do século XVI (principalmente em contextos envolvendo uma vogal alta /i/, na sílaba tônica).

aberto e conclui que o importante é ter em mente que o [i] pretônico surgiu em Portugal, ao que tudo indica, depois de 1750.

Os demais autores consultados (CARVALHO, 1962; MARQUILHAS, 2003; MAIA, 1997[1986]) partilham da visão de Teyssier (1994[1980]) e acrescentam que o fato de o alçamento das vogais pretônicas ser, tanto no PB, quanto nos crioulos africanos de base portuguesa, uma regra variável, associada, sobretudo, ao processo de harmonia vocálica, corrobora a hipótese de que a redução das vogais pretônicas ainda não se teria consolidado no século XVI, quando Portugal iniciou a colonização ultramarina. Para Marquilhas (2003), já no início do século XVII, as vogais pretônicas portuguesas começavam a passar por um processo de reanálise, seguindo o alçamento que já era sistemático, segundo a autora, entre as vogais postônicas da língua.

Em relação às vogais postônicas do século XVI, o sistema fonológico proposto por Teyssier (1994[1980]) também equivale ao quadro admitido para a segunda fase do PA:⁷²

(3.16)

/e/ /o/

/a/

É convicção de Teyssier (1994[1980]), conforme já mencionado nesta seção, que a generalização da regra de alçamento das vogais átonas finais também só se teria consolidado, na língua portuguesa, por volta do século XVIII. De acordo com Teyssier (1994[1980], p. 57), o primeiro documento a testemunhar uma pronúncia alçada para /e/ e /o/ postônicos, no português, é a *Grammatica Italiana* de D. Luís Caetano de Lima, datada de 1734, na qual há uma recomendação do autor para que as vogais finais *-e* e *-o* do italiano não fossem pronunciadas à maneira dos portugueses:

⁷² Para o século XVI, especificamente, há uma menção, de Carvalho (1962, p. 23), sobre as vogais postônicas não-finais da época. Segundo o autor, o sistema vocálico do português moderno, na sílaba átona não-final, era constituído de cinco vogais: /a, e, i, o, u/, “sendo /a/ realizado como [ɐ] em *bárbaro, âmagô, côncavo*; /e/ como [e] em *áspero, íngreme, sôfrego*; /o/ como [o] em *âncora, árvore, cômodo*; e /i u/ respectivamente como [i u] em *pânico, pálido, ângulo, capítulo*”. Para os séculos anteriores, os autores consultados não abordam, particularmente, as vogais postônicas não-finais, já que suas descrições privilegiam, em geral, as vogais tônicas, pretônicas e átonas finais. Por esse motivo, portanto, não há, nas subseções anteriores deste trabalho, detalhes sobre as vogais postônicas do PA, na penúltima sílaba dos proparoxítonos. Cumpre observar, a propósito, que as proparoxítonas, que já são escassas no português atual, eram ainda mais raras nos primórdios da língua. Talvez essa seja a principal justificativa para o fato de haver uma lacuna, na descrição das vogais postônicas não-finais do PA.

Note-se que as palavras que acabam em *-e* se devem pronunciar com um som escuro, mas não tão escuro como fazem os Portugueses, os quais mudam quase o *-e* final em *-i*, e em lugar de pronunciarem *anche*, *pure*, *rumore*, *parlare*, *sentire*, pronunciam *anchi*, *puri*, *rumori*, *parlari*, etc. (LIMA, 1734, p. 9-10)

Note-se que a vogal *o* geralmente no fim das palavras tem som aberto, e não fechado ou escuro, como lhe dão ordinariamente os Portugueses, equivocando-o com *-u*. (LIMA, 1734, p. 15)

Révah (1958) e Naro (1973) também acreditam que, no século XVI, às vogais /e/ e /o/ do português, na posição átona final, ainda correspondessem as pronúncias [e] e [o], respectivamente.⁷³ Carvalho (1962), por sua vez, concordando com Hart Jr. (1955), remonta ao século XVI os primeiros indícios da elevação da vogal átona final. Um dos argumentos apresentados por Carvalho (1962, p. 21) é o de que as palavras portuguesas emprestadas, no século XVI, por idiomas asiáticos, sobretudo o malaio, são grafadas com *-u* final (ex.: *sepatu* “sapato”, *garpu* “garfo”, *kedju* “queijo”, *páděri* “padre”), na ortografia dessas línguas.⁷⁴ Além disso, o autor afirma que a própria gramática de Fernão de Oliveira (2000[1536]) traz evidências dessa pronúncia alçada entre as vogais postônicas do século XVI (vejam-se, por exemplo, os trechos da gramática anteriormente transcritos nesta seção).

De fato, algumas passagens da obra de Oliveira (2000[1536]) insinuam uma realização elevada para as vogais postônicas de antanho. Contudo, não se pode dizer que esse testemunho assegure que a pronúncia alçada fosse a predominante, no século XVI - inclusive porque há outros trechos da gramática que não aventam o alçamento: “Nos gêneros dos verbos não temos mais que uma só voz acabada em *o* pequeno, como *ensino*, *amo* e *ando*” (OLIVEIRA, 2000[1536], p. 150).

⁷³ Segundo Naro (1973, p. 42), “o português do século XVI tinha variantes ligeiramente levantadas do *-e* e do *-o* [...], em posição final, mas [...] essas variantes não podiam estar iguais às realizações portuguesas [i] e [u]”. Essa constatação de Naro (1973), para o século XVI, assemelha-se, pois, à proposta de Teyssier (1994[1980]), anteriormente mencionada neste trabalho, para as vogais átonas finais do galego-português.

⁷⁴ Naro (1973) contesta esse argumento apresentado por Carvalho (1962), alegando que a grafia com <u>, nas línguas referidas, pode não passar de uma adaptação gráfica e fonética dos vocábulos emprestados ao sistema da língua receptora, visto que o malaio, segundo o autor, apresenta, e provavelmente já apresentava no século XVI, um sistema vocálico que privilegia a pronúncia alçada, para as vogais da sílaba átona final. Desse modo, Naro (1973) defende que a grafia desses empréstimos não pode ser tomada como uma evidência da pronúncia [u], para a vogal átona final /o/ do século XVI.

Parece-nos, assim, mais apropriado afirmar que as considerações dos autores consultados autorizam-nos a remeter ao século XVIII a consolidação de uma regra que, até o século XVI, ainda era, ao que tudo indica, variável. Em outras palavras, somente a partir do século XVIII, teria se fixado, em Portugal, o quadro de vogais postônicas vigente no português de hoje.

Para Teyssier (1994[1980]), no caso das vogais posteriores, na primeira metade do século XVIII, [u] já era a pronúncia definitiva do /o/ átono final, e assim permanece desde então. Já entre as vogais anteriores, o autor comenta que [i] foi apenas uma fase intermediária antes de se chegar ao [i] definitivo, vigente na pronúncia atual portuguesa (mas não na brasileira). Para o fonema /a/, na sílaba postônica final, tanto Teyssier (1994[1980]), conforme já observado nesta seção, quanto Maia (1997[1986]) apontam uma pronúncia, no século XVI, equivalente à pronúncia atual portuguesa, isto é, fechada ([ɐ]), como veremos na subseção a seguir.

3.4 O sistema vocálico do português atual

Finalmente, esta última subseção está pautada em pesquisas sincrônicas sobre as vogais do português atual, nas variedades europeia (3.4.1) e brasileira (3.4.2). Sobre o PE atual, foram consideradas, principalmente, as informações disponíveis no trabalho de Mateus e d'Andrade (2000). Em relação à variedade brasileira, os dados aqui apresentados estão baseados, sobretudo, nas propostas de Câmara Jr (2007[1970]), Wetzels (1992) e Bisol (1981, 2003, 2009, 2013).

3.4.1 O caso europeu

Segundo Mateus e d'Andrade (2000), o quadro fonológico do PE atual (variedade padrão de Lisboa) contempla, na sílaba acentuada, as seguintes vogais:

(3.17)

/i/	/u/
/e/	/o/
/ɛ/	/ɔ/
/a/	

Como exemplos dessa pronúncia, os autores apresentam os itens lexicais arrolados em (3.18), a seguir, que também atestam o caráter fonológico de cada vogal:

(3.18)

<i>s[i]lo</i>	<i>b[u]la</i>
<i>s[e]lo</i>	<i>b[o]lo</i>
<i>s[ɛ]lo</i>	<i>b[ɔ]la</i>
<i>b[a]la</i>	

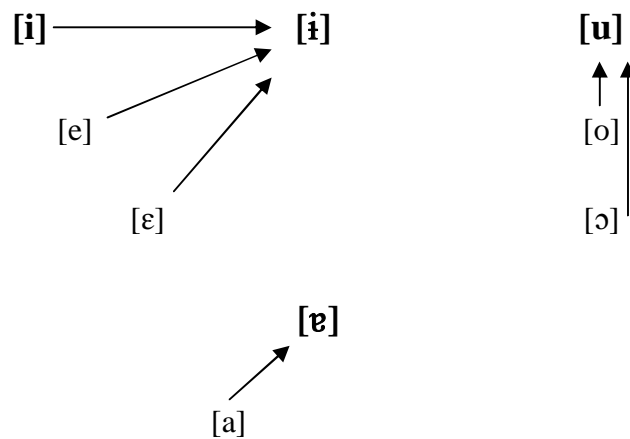
De acordo com Mateus e d'Andrade (2000), a vogal [ɐ] também ocorre na pronúncia atual de Lisboa, mas em apenas três contextos específicos (no caso da sílaba tônica):

- a) antes de consoante palatal: *telha* ([tɛʎɐ]), *fecho* ([fɛʃu]), *cereja* ([sɨɾɛʒɐ]), *senha* ([sɛɲɐ]);
- b) antes de semivogal palatal (/i/): *lei* ([lɛj]);
- c) antes de consoante nasal: *cama* ([kɐmɐ]), *cana* ([kɐnɐ]), *manha* ([mɐɲɐ]).

Conforme se pode notar, em dois dos três contextos supracitados, a pronúncia [ɐ] corresponde à vogal representada, na escrita, por <e>. Apenas no último item, portanto, essa vogal [ɐ] está associada ao grafema <a>. Se considerarmos apenas esses casos, diremos que [ɐ] é um alofone de /e/ ou de /a/, no PE atual. Contudo, já comentamos, neste trabalho, que há, na variedade padrão de Lisboa, um caso de oposição distintiva entre [a] e [ɐ] tônicos, envolvendo a primeira pessoa do plural no presente e no perfeito do indicativo, em verbos de primeira conjugação (ex.: *am/ɐ/mos* : *am/a/mos*) (cf. MATTOS e SILVA, 2006, p. 50). Para muitos autores, esse caso específico, embora único, confere um status fonológico à vogal /ɐ/, na variedade padrão de Lisboa. Cumpre salientar, no entanto, que as demais variedades do PE atual não contemplam essa distinção fonológica. Segundo Maia (1986, p. 313), nos dialetos do norte, ambas as formas verbais são pronunciadas com vogal aberta (/a/), ao passo que, nas variedades do centro-sul, como no Brasil, a pronúncia corrente é fechada ([ɐ]), tanto no presente, quanto no perfeito.

Mudando o foco para as vogais átonas, Mateus e d'Andrade (2000) mostram que o sistema vocálico do PE passa por um processo de redução caracterizado, essencialmente, pela atuação de duas regras: elevação e recuo. Desse modo, nas sílabas átonas (pretônicas e postônicas), o quadro vocálico do PE fica reduzido, segundo os autores referidos, a apenas quatro elementos, destacados no esquema a seguir (adaptado de Mateus *et al*, 1983, p. 534):

(3.19)



O esquema acima ilustra a redução do sistema vocálico tônico para o átono do PE: [ɔ] e [o] deslizam para [u] (elevação); [a] passa a [ɐ] (elevação e recuo); [ɛ] e [e] tornam-se [i] ou [ɨ] (elevação e recuo). Os exemplos a seguir, também fornecidos por Mateus e d'Andrade (2000), mostram a ocorrência dessas vogais átonas na pronúncia atual portuguesa:

(3.20)

Sílaba pretônica	Sílaba postônica não-final	Sílaba postônica final
[u] <i>murar</i>	[u] <i>báculo</i>	
[u] <i>morar</i>	[u] <i>pérola</i>	[u] <i>juro</i>
[i] <i>mirar</i>	[i] <i>dúvida</i>	[i] <i>júri</i>
[ɨ] <i>pegar</i>	[ɨ] <i>cérebro</i>	[ɨ] <i>jure</i>
[ɐ] <i>pagar</i>	[ɐ] <i>ágape</i>	[ɐ] <i>jura</i>

A observação desses dados revela que [u] associa-se tanto ao grafema <u>, quanto ao grafema <o>, na pronúncia atual portuguesa. Em contrapartida, aos grafemas <e> e <i> do PE atual correspondem duas pronúncias distintas: [i] e [i], respectivamente. Já a pronúncia [ɐ] equivale ao grafema <a>, em todas as posições átonas da variedade europeia contemporânea.

Particularmente em relação às vogais pretônicas, cumpre referir que também ocorrem, no PE atual, as pronúncias [a], [ɛ], [e], [o] e [ɔ], para as vogais grafadas, respectivamente, com <a>, <e> e <o>. Essas vogais abertas ocorrem, no entanto, em apenas alguns casos específicos, envolvendo, por exemplo, sílaba inicial (ex.: [a]rmada, h[ɔ]spital), sílaba travada por determinadas consoantes (ex.: b[a]ptizar, fr[a]cção, col[ɛ]cção, det[ɛ]ctive, sel[ɛ]cção, ad[ɔ]pção),⁷⁵ lateral homossilábica (ex.: s[a]ltar, d[ɛ]lgado, r[ɛ]lvado, b[ɛ]ldade, g[ɔ]lpear, v[ɔ]ltar, s[o]ltar, v[o]lver), glide (ex.: p[a]ltar, end[e]usar), crases históricas (ex.: p[a]deira, cr[ɛ]dor, c[ɔ]rar) ou dois acentos morfológicos (ex.: s[ɔ]mente). Para Mateus e d'Andrade (2000), exemplos como esses são imunes à aplicação da regra geral de alçamento e correspondem, portanto, a exceções lexicalmente marcadas.

Segundo Mateus e d'Andrade (2000), na posição postônica final, as vogais abertas [ɛ] e [ɔ] também podem ocorrer, na atual pronúncia portuguesa, em sílabas travadas por /l/: *incrível, amável, álcool* etc. Carvalho (1962), por sua vez, destaca a ocorrência da vogal aberta [ɛ], em sílabas átonas finais travadas pela consoante /R/ (ex. *caráter, revólver*). Uma breve consulta (*online*) ao *Portal da Língua Portuguesa*, que indica (também) a realização fonética dos vocábulos, em diferentes variedades do português atual, confirmou a informação fornecida pelo autor, na medida em que apresentou a transcrição [ɛ] para a vogal átona final de todos esses termos, na pronúncia padrão de Lisboa.⁷⁶

Além disso, cabe observar que há, tanto na sílaba pretônica, quanto na postônica (final ou não), uma tendência, na pronúncia atual portuguesa, em elidir a vogal átona. Mateus e d'Andrade (2000, p. 18) mostram, por exemplo, que as vogais átonas [i] e [u], do PE atual,

⁷⁵ Importa dizer que o Novo Acordo Ortográfico aboliu essas consoantes mudas (não pronunciadas no PE atual) da ortografia oficial portuguesa.

⁷⁶ Carvalho (1962) também inclui a vogal baixa /a/, em sílaba átona final travada por /R/ (ex.: *âmbar, açúcar, néctar*), entre os exemplos de pronúncia aberta ([a]), no português contemporâneo. Contudo, o referido *Portal da Língua Portuguesa* fornece a transcrição [ɐ], para a vogal postônica final de vocábulos com essa terminação, na pronúncia atual de Lisboa. Talvez seja o caso de dizer que, de 1962 (data da publicação do artigo de Carvalho) para cá, houve uma mudança na pronúncia da sílaba final desses termos.

podem ser realizadas ou omitidas, no dialeto padrão de Lisboa: *dever* [d̥iver] ~ [dver], *bate* [bat̥i] ~ [bat], *bato* [batu] ~ [bat].

Enfim, da leitura dos textos disponíveis sobre o tema, é possível depreender as seguintes realizações fonéticas para as vogais tônicas, pretônicas e postônicas do PE atual:

(3.21)

Vogais tônicas		Vogais pretônicas			Vogais postônicas		
[i]	[u]	[i]	[i̥]	[u]	[i]	[i̥]	[u]
[e]	[o]	[e]		[o]			
[ɛ]	[ɔ]	[ɛ]		[ɔ]	[ɛ]		[ɔ]
	[ø]		[ø]			[ø]	
	[a]		[a]				

A confirmar a ocorrência dessas vogais, na pronúncia atual portuguesa, estão os exemplos arrolados a seguir:

(3.22)

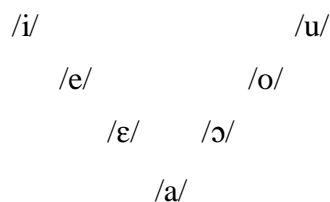
Sílaba tônica	Sílaba pretônica	Sílaba postônica não-final	Sílaba postônica final
[u] <i>bula</i>	[u] <i>furada</i>	[u] <i>capítulo</i>	
	[u] <i>morada</i>	[u] <i>árvore</i>	
[o] <i>bolo</i>	[o] <i>soltar</i>		[u] <i>porto</i>
[ɔ] <i>bola</i>	[ɔ] <i>corada</i>		[ɔ] <i>álcool</i>
[i] <i>silo</i>	[i] <i>rescisão</i>	[i] <i>pálido</i>	[i] <i>táxi</i>
	[i̥] <i>recessão</i>	[i̥] <i>número</i>	[i̥] <i>longe</i>
[e] <i>selo</i>	[e] <i>endeusar</i>		
[ɛ] <i>selo</i>	[ɛ] <i>rece[p]ção</i>		[ɛ] <i>caráter</i>
[ø] <i>manha</i>	[ø] <i>cadeira</i>	[ø] <i>bárbaro</i>	[ø] <i>fita</i>
[a] <i>bala</i>	[a] <i>padeira</i>		

Fechamos, assim, o ciclo referente à realização das vogais portuguesas ao longo da história de Portugal. Fica faltando, no entanto, uma parte importante dessa história: sua continuação em terras de além-mar. Na subseção a seguir, apresentamos o resultado desse quadro vocálico na vertente brasileira, com base nos estudos mais recentes sobre o tema.

3.4.2 O caso brasileiro

Segundo Câmara Jr. (2007[1970]), o sistema vocálico do PB atual, em posição tônica, é constituído de sete fonemas, distribuídos no esquema a seguir (adaptado do autor):⁷⁷

(3.23)



Importa referir que, no caso da vogal baixa /a/, as variedades brasileiras também contemplam duas pronúncias: [ɐ], em ambiente nasal (ex.: *cama*, *cano*, *banha*), e [a], nos demais contextos (ex.: *dado*, *prato*, *vaso*). No PB atual, portanto, não há oposição distintiva entre [ɐ] e [a].

O mesmo não se pode afirmar em relação às vogais médias da língua, já que, nesse caso, a diferença de timbre é, como no PE atual, distintiva (ex.: *o d/e/do*, *eu d/ɛ/do*; *o /o/lho*, *eu /ɔ/lho*) e, portanto, fonológica.

Tomando como base a Fonologia Autossegmental, em especial o modelo de Geometria de Traços, de Clements (1985), que representa a altura por meio de traços de abertura, Wetzels (1992, p. 22) propõe, para as vogais tônicas do PB atual, a seguinte distribuição:⁷⁸

⁷⁷ No esquema original de Câmara Jr. (2007[1970]), a disposição das vogais, no triângulo, está invertida, de modo que as vogais posteriores ocupam o lado esquerdo. Nesta subseção, a fim de adaptar o quadro aos demais esquemas apresentados ao longo deste texto e manter um único padrão, alteramos a estruturação original do autor.

⁷⁸ Em estudo mais recente, Wetzels (2011) propõe que as vogais médias do português, na sílaba acentuada, são abertas (/ɛ,ɔ/) por excelência. As vogais médias fechadas só ocorrem na língua, segundo a interpretação do autor, em contextos específicos. Em outras palavras, Wetzels (2011) defende que o sistema fonológico do português, na posição tônica, caminha para uma simplificação de sete para cinco fonemas. Nesse quadro fonológico proposto pelo autor, /ɛ/ e /ɔ/ representariam as vogais médias da língua, ao passo que as realizações [e] e [o], na sílaba acentuada, seriam meramente fonéticas, condicionadas, sobretudo, por processos assimilatórios.

(3.24)

Abertura	i/u	e/o	ɛ/ɔ	a
Aberto 1	-	-	-	+
Aberto 2	-	+	+	+
Aberto 3	-	-	+	+

Conforme se pode notar, o traço [+aberto 3], nessa representação apontada por Wetzels (1992), é o responsável pela distinção entre as vogais médias abertas e fechadas. Segundo o autor, o desligamento desse traço acarretaria a perda da oposição média alta/média baixa e reduziria o sistema fonológico de sete para cinco vogais. Ora, é exatamente isso que se verifica na passagem para o sistema de vogais pretônicas do PB atual.

De acordo com Câmara Jr. (2007[1970]), na posição pretônica, ocorre uma neutralização entre as vogais médias abertas e fechadas do português, e o sistema fonológico da língua (variedade padrão do Rio de Janeiro) fica reduzido a apenas cinco vogais:

(3.25)

/i/	/u/
/e/	/o/
	/a/

Wetzels (1992), a partir dos pressupostos estabelecidos pela Geometria de Clements (1985), reinterpreta a neutralização postulada por Câmara Jr. (2007[1970]) e propõe o seguinte esquema para representar a perda de distinção entre vogais médias abertas e fechadas, em sílabas não-acentuadas:

(3.26) Neutralização de Vogal Átona

[- acento 1]

|

X

|

[+ vocóide]

⊥

[+ aberto 3]

Domínio: Palavra Fonológica

É relevante salientar, todavia, que, em termos fonéticos, as vogais pretônicas do PB atual são alvo de intensa variação, motivada por questões linguísticas e extralinguísticas. A variedade culta de São Paulo, por exemplo, contempla, em sua pronúncia, exatamente as cinco vogais apresentadas por Câmara Jr. (2007[1970]) para o dialeto padrão do Rio de Janeiro. Em determinados contextos fonético-fonológicos, no entanto, as vogais médias /e/ e /o/ tendem a ser realizadas como [i] e [u], em virtude da atuação do processo de alçamento vocálico. Já os falares do Norte e Nordeste brasileiros, além das cinco vogais supracitadas, também contemplam, em sua pronúncia, as vogais médias abertas [ɛ] e [ɔ], na sílaba pretônica. Desse modo, pode-se dizer que, nas variedades brasileiras, as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ podem ser realizadas como média-altas [e] e [o], como altas [i] e [u] (alçamento vocálico) ou como média-baixas [ɛ] e [ɔ] (abaixamento vocálico).

Particularmente em relação ao alçamento, estudos variacionistas, desenvolvidos em diferentes regiões do Brasil,⁷⁹ mostram que determinados contextos fonético-fonológicos favorecem a realização de /e/ e /o/ pretônicos como [i] e [u], respectivamente. De acordo com tais estudos, o processo de harmonia vocálica, caracterizado pela influência da vogal alta (/i/ ou /u/) da sílaba tônica, é um dos principais responsáveis pela elevação da vogal média pretônica, no PB atual (ex.: *p[i]dido*, *s[i]guro*, *p[u]lícia*, *c[u]stume*).⁸⁰ Além disso, as pesquisas também apontam que determinadas consoantes podem condicionar o alçamento da vogal média pretônica, nas variedades brasileiras. Consoantes velares e palatais, por exemplo, são frequentemente citadas, nos estudos dedicados ao tema, como um gatilho da elevação de vogais pretônicas, tanto na série anterior (ex.: *p[i]queno*), quanto na posterior (ex.: *c[u]lher*).

⁷⁹ Sobre a pronúncia das vogais pretônicas brasileiras, nas diferentes regiões do país, vejam-se os trabalhos de Bisol (1981), Schwindt (1995, 2002) e Klunck (2007), para a Região Sul; de Callou e Leite (1986), Callou, Leite e Coutinho (1991), Yacovenco (1993), Silveira (2008), Carmo (2009, 2013), Viegas (1987), Castro (1990), Celia (2004), Guimarães (2006), Alves (2008, 2011a,b), Borges (2008), Dias (2008), Rezende e Magalhães (2010), Felice (2012), para a Região Sudeste; de Graebin (2008), Bortoni, Gomes e Malvar (1992), Carvalho e Bueno (2011), para a Região Centro-Oeste; Maia (1986), Silva (1989), Araújo (2007), Nascimento Silva (2009), Pereira (2010), para a Região Nordeste; e de Freitas (2001), Cassique, Cruz, Dias e Oliveira (2009), Razky, Lima e Oliveira (2012), para a Região Norte.

⁸⁰ Para Bisol (1981), no processo de harmonia vocálica, a tonicidade da vogal alta, gatilho do processo de alçamento, é relevante, mas não é determinante. Segundo a autora, nas variedades do Sul, há casos de harmonização vocálica condicionados pela vogal alta da sílaba átona seguinte (ex.: *perdigão*, *procissão*). Além disso, Bisol (2013) chama a atenção para o fato de /i/ ser mais produtiva do que /u/, no processo de alçamento de vogal média pretônica, no PB atual, já que, segundo a autora, a vogal alta anterior é responsável pela elevação tanto de /e/, quanto de /o/, nos falares brasileiros, ao passo que /u/ é mais ativo na elevação de /o/. Para a autora, essa diferença pode ser justificada tomando como base o esquema de vogais cardeais postulado por Jones (1957), segundo o qual, /i/ é a vogal mais alta do sistema, estando um pouco acima de /u/. À luz desse dado, Bisol (2013, p. 54) tece o seguinte comentário: “Portanto, uma vogal alta posterior exerce pouca força atrativa sobre /e/, pois mudar /e/ para /i/ significa criar uma articulação mais alta do que a própria vogal /u/, o condicionador. Isso explica por que *veludo* e *bermuda*, por exemplo, tendem a preservar a vogal da base, enquanto *pepino~pipino* e *bonito~bunito* tendem a alterá-la”.

Particularmente em relação à vogal posterior (/o/), os estudiosos também costumam atribuir a elevação da vogal pretônica à influência das consoantes labiais adjacentes (ex.: *b[u]neca*, *m[u]leque*). Para a vogal anterior (/e/), as consoantes coronais (ex.: *c[i]roulas*) são indicadas como um gatilho recorrente do processo. Ainda entre as vogais anteriores, o alçamento também costuma ser categórico, nas variedades brasileiras, em início de palavra, sobretudo em sílabas travadas por sibilante (ex.: *[i]scola*, *[i]special*) ou nasal (ex.: *[i]mprego*, *[i]nsino*), em encontros vocálicos (ex.: *bob[i]lar*, *g[i]lada*) e na sílaba inicial *des-* (ex.: *d[i]saparecer*, *d[i]sconto*).

Talvez seja o caso de dizer que a elevação da vogal média pretônica, nos falares brasileiros de hoje, pode ser atribuída, na grande maioria dos casos, à assimilação ao traço dos segmentos adjacentes, sejam eles vogais ou consoantes. No caso das vogais, por exemplo, o alçamento pode ser justificado a partir da assimilação ao traço de abertura da vogal alta presente na sílaba contígua. Em relação às consoantes, a influência das labiais, entre as vogais posteriores, e das coronais, na série das anteriores, justifica-se pelo fato de, em termos fonéticos, [u] ser mais labial do que [o] e, da mesma forma, [i] ser mais coronal do que [e]. Já a influência das consoantes velares (dorsais) ou palatais pode ser associada ao fato de essas consoantes apresentarem um ponto de articulação mais alto, em relação às demais, e isso pode ter contribuído para a elevação da vogal média.

Por outro lado, é importante observar que, em algumas variedades brasileiras, o alçamento da vogal média anterior também pode ocorrer diante de consoante labial. Bisol (2009) mostra, por exemplo, com base nos dados de Klunck (2007), que, em Porto Alegre, a consoante labial da sílaba subsequente condicionou o alçamento de /e/, mas não influenciou a pronúncia de /o/, contrariando, pois, as expectativas. Nesses casos, portanto, o processo não poderia ser justificado a partir do compartilhamento de traços, já que vogais anteriores não apresentam o traço [labial].

Essas e outras incongruências levam Bisol (2009, p. 79) a propor que a harmonia vocálica seja um típico processo assimilatório, em variação estável, ao passo que a redução vocálica, ainda incipiente nas variedades do PB atual, apresentaria todas as características de um autêntico caso de neutralização, na medida em que “trabalha na direção a mudar um subsistema de cinco vogais para três vogais, como fez no português europeu”. Para a autora, a harmonização vocálica, por ser um processo mais ou menos regular, condicionado por contexto fonético-fonológico específico, pode ser enquadrada nos pressupostos neogramáticos. A redução vocálica, por seu turno, estaria mais associada a um processo de

difusão lexical. A respeito das diferenças entre as abordagens neogramática e difusionista, Bisol (2009, p. 73) declara o seguinte:

Para os neogramáticos, cujo movimento eclodiu em 1878, a mudança funcionava como uma regra de condicionamento fonético que se aplicaria sem exceções, desde que o contexto fosse satisfeito. Guiavam-se pelo princípio de que “a mudança sonora é lexicalmente abrupta e foneticamente gradual.” Se exceções houvesse, a analogia seria o recurso explicativo. Para os dialetologistas, que às leis fonéticas dos neogramáticos se opuseram, “a mudança é lexicalmente gradual e foneticamente abrupta.” Viam-na como o resultado de processos analógicos através dos quais os indivíduos associam umas palavras às outras, dando margens a inovações. Esse movimento ressalta o papel do falante na mudança; aquele, o papel do sistema. Os primeiros na voz de Osthof, Brugmann e Saussure chegam à regra variável de Labov. Os segundos, na voz de Schuchardt, Gillieron e Jespersen chegam ao difusionismo de Cheng e Wang (1977).

Segundo a proposta de Bisol (2009), a harmonização vocálica aproxima-se da abordagem neogramática porque o alçamento da vogal pretônica tende a ser categórico, nas variedades brasileiras, diante de vogal alta na sílaba (tônica ou átona) adjacente. A autora lembra que a regra pode expardir-se e atingir mais de uma vogal pretônica, contanto que a assimilação seja gradual, isto é, não desrespeite a condição de adjacência, que determina que o alvo e o gatilho devem estar em sílabas sucessivas: *per[e]grino* > *per[i]grino* > *p[i]r[i]grino*, mas nunca *p[i]r[e]grino* (cf. BISOL, 2013, p. 50). Já a redução vocálica, segundo Bisol (2009), não depende de um contexto fonético-fonológico específico e, além disso, vai sendo difundida paulatinamente na língua, de modo a incorporar novos itens lexicais.

É preciso ter em mente, todavia, que o alçamento da vogal pretônica, nos dois casos, é uma regra variável, no PB atual. Assim, mesmo a harmonização vocálica pode não ocorrer, em determinadas situações. Viegas (1987) mostra, por exemplo, que alguns itens lexicais nunca alçam, na variedade de Belo Horizonte, apesar de apresentarem um contexto favorável à elevação (ex.: *meninge*, *comício*). Para a autora, o alçamento da vogal pretônica, nos falares brasileiros, corresponde a uma regra difusionista, em todos os casos. Cumpre referir que Oliveira (1991, 1992), principal divulgador dos princípios da difusão lexical, no Brasil, também defende o caráter difusionista do processo de alçamento entre as vogais médias pretônicas do PB atual. Além disso, cabe mencionar que, tanto para Oliveira (1991, 1992), quanto para Viegas (1987), a propagação da regra, no léxico, depende muito da frequência de uso de cada vocábulo, ou seja, as palavras mais recorrentes, no dia a dia dos falantes, estariam

mais sujeitas ao alçamento da vogal média pretônica do que as palavras pouco comuns no cotidiano.

O fato é que, difusionistas ou não, as regras de alçamento de vogal média pretônica, conforme já observado nesta subseção, são sempre variáveis, em todos os dialetos brasileiros. A neutralização, portanto, caracterizada pela perda dos traços distintivos, não se aplica a nenhuma variedade brasileira, no caso das vogais pretônicas médias e altas.

Particularmente em relação ao abaixamento da vogal média pretônica, as pesquisas dedicadas ao tema apontam que as pronúncias [ɛ] e [ɔ], para as vogais pretônicas /e/ e /o/, são predominantes nos falares do Nordeste brasileiro (ex.: Salvador-BA, Teresina-PI, Recife-PE, João Pessoa-PB, Natal-RN, Fortaleza-CE etc.). Nessa região, segundo os autores consultados, as vogais médias [e] e [o], assim como as vogais altas [i] e [u], só ocorrem, na posição pretônica, mediante a atuação do processo de harmonização vocálica. As pronúncias [e] e [o], por exemplo, que correspondem às menos recorrentes nos dialetos nordestinos, costumam ser favorecidas, de acordo com a literatura abordada, pela presença de uma vogal média também fechada (e não-nasal), na sílaba adjacente (ex.: *b[e]leza*, *c[e]rveja*, *c[o]rmeta*, *m[o]leza*). Já as vogais altas [i] e [u] são condicionadas, na maior parte dos casos, pela influência da vogal alta da sílaba contígua (ex.: *p[i]rigo*, *p[u]lícia*).

Bisol (2013), com base nos dados de Silva (2009), para a variedade de Teresina (Piauí), mostra que, nos casos envolvendo uma vogal alta como gatilho, a harmonização vocálica pode ser total ou parcial, nos falares que contemplam a diferença de timbre (aberto/fechado), na pauta pretônica. Uma palavra como *alegria*, por exemplo, quando realizada com vogal média aberta (al[ɛ]gria), pode passar pelo processo de harmonia parcial, que tornará fechada a vogal média, por influência da vogal alta da sílaba tônica (al[ɛ]gr̩a > al[e]gr̩a). Na harmonia total, a vogal média fechada, na sílaba pretônica, torna-se alta, também por influência da vogal alta /i/ (al[e]gr̩a > al[i]gr̩a). Segundo Bisol (2013), desse modo, fica respeitada a diferença mínima de um grau de abertura (entre a vogal alvo e a vogal gatilho), para que o processo seja aplicado. A harmonia parcial, portanto, oferece as condições para que a harmonia total aconteça.

Em outras regiões do país (ex.: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Pará etc.), o abaixamento da vogal média pretônica também pode ocorrer, mas, nessas variedades da língua, as pronúncias [ɛ] e [ɔ] não são predominantes e, na grande maioria dos casos, sua realização depende da atuação do processo de harmonização vocálica (ex.: [ɛ]xc[ɛ]sso, r[ɛ]l[ɔ]gio, p[ɛ]s[a]da, d[ɔ]m[ɛ]stico, pr[ɔ]p[ɔ]sta, p[ɔ]m[a]da).

No tocante à posição postônica não-final, o quadro vocálico proposto por Câmara Jr. (2007[1970]), para a variedade culta do Rio de Janeiro, contempla quatro elementos:⁸¹

(3.27)

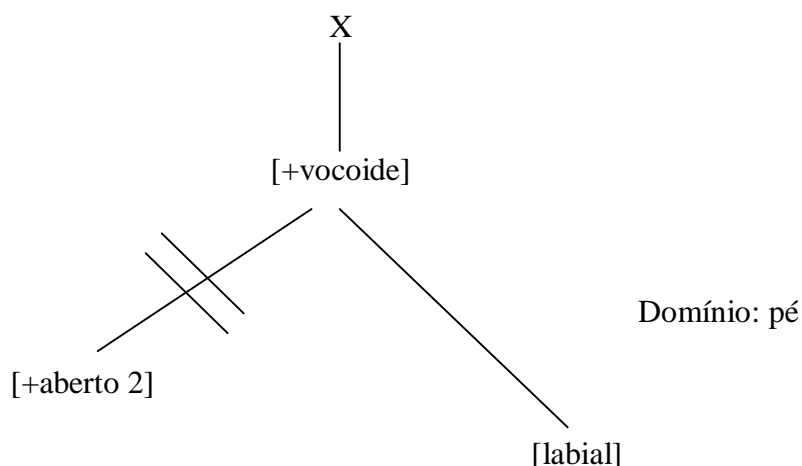
/i/	/u/
/e/	
/a/	

Segundo Câmara Jr. (2007[1970]), na posição postônica não-final, ocorre neutralização entre as vogais posteriores, em favor da pronúncia alçada, tornando possível, na poesia brasileira, rima entre vocábulos como *pérola* e *cérula*, *ídolo* e *estrídulo* e assim por diante. Em contrapartida, para as vogais anteriores, de acordo com o autor, a neutralização não se aplica, na variedade culta do Rio de Janeiro, e ocorrem as duas pronúncias ([e] e [i]). Desse modo, embora reconheça que é “difícil encontrar pares mínimos opositivos” entre [e] e [i] pretônicos, no PB atual, Câmara Jr. (2007[1970]) inclui as duas vogais no quadro fonológico da língua, com a justificativa de que é pouco comum uma pronúncia com vogal pretônica alçada para um vocábulo como *número*, por exemplo.

Essa proposta de Câmara Jr. (2007[1970]) também encontra respaldo em abordagens fonológicas mais recentes, sobre as vogais postônicas do português. Wetzels (1992), ainda com base no modelo de Geometria de Traços, de Clements (1985), associa a neutralização das vogais postônicas não-finais do PB atual ao traço [labial], característico das vogais posteriores. Segundo o autor, o traço [labial] condiciona o desligamento do traço [+aberto 2], responsável pela distinção entre vogais médias e altas (veja-se o esquema indicado em (3.24)). A representação a seguir, formulada por Wetzels (1992), explicita essa neutralização das vogais médias labiais do PB atual, na posição postônica não-final:

⁸¹ Para obter mais informações sobre a realização das vogais postônicas não-finais do PB atual, em diferentes regiões do Brasil, vejam-se os trabalhos de Vieira (1994, 2002), Silva (2006), Ribeiro (2007), Costa (2010) e Santos (2010).

(3.28) Neutralização da postônica não-final



Essa representação arbórea de Wetzels (1992), para as vogais postônicas não-finais do PB, confirma, pois, o esquema assimétrico postulado por Câmara Jr. (2007[1970]), na medida em que reconhece a neutralização apenas entre as vogais médias labiais.

Cumprе referir, no entanto, que esse sistema fonológico assimétrico, proposto por Câmara Jr. (2007[1970]), e reafirmado por Wetzels (1992), é questionável. Primeiro, porque não existe contraste entre as vogais [e] e [i], em sílabas pós-acentuadas do PB (cf. BISOL, 2003). Segundo, porque o alçamento também atinge as vogais anteriores em muitas variedades brasileiras.

Bisol (2003), com base nos dados estatísticos de Vieira (2002), para as variedades do Sul do Brasil, mostra que o alçamento atinge tanto a vogal posterior, quanto a vogal anterior, na sílaba postônica não-final. A diferença entre as duas séries (anterior e posterior) estaria, nesse caso, no contexto fonético-fonológico favorecedor do processo. Segundo Bisol (2003), na série posterior, a elevação da vogal postônica não-final é condicionada, principalmente, pela presença de uma consoante labial adjacente (ex.: *cômudo*), no *onset* da sílaba. Em contrapartida, as consoantes coronais /s/ e /z/, no ataque silábico, estariam favorecendo o alçamento das vogais postônicas anteriores (ex.: *cóciga*), nas variedades do Sul. A autora observa que, embora haja mais palavras resistentes ao alçamento da vogal média postônica não-final, no âmbito da série anterior (ex.: *vértebra*, *cátedra*), casos de variação como *alfând[i]ga* ~ *alfând[e]ga*, *epênt[i]se* ~ *epênt[e]se*, *córr[i]go* ~ *córr[e]go*, *prót[i]se* ~ *prót[e]se* são bastante comuns, na língua, e figuram ao lado de *fósf[u]ro* ~ *fósf[o]ro* e *abób[u]ra* ~ *abób[o]ra*.

Bisol (2003) reconhece, no entanto, que a vogal média posterior vem se mostrando mais sensível à regra de alçamento do que a vogal média anterior. Para justificar essa assimetria, a autora considera duas possíveis motivações: i) contextual, visto que muitos casos de alçamento de vogal média posterior, na sílaba átona não-final, podem ser atribuídos à influência de consoantes labiais (/f,v,p,b,m/) adjacentes; ou ii) de frequência, já que, segundo a autora, palavras como *abóbora* e *fósforo* são bastante recorrentes na fala popular. Além disso, Bisol (2003) lembra que essa assimetria pode ser explicada em termos fisiológicos, já que, segundo a autora, no diagrama de vogais cardeais postulado por Jones (1957), há um espaço bucal menor entre /o/ e /u/, do que entre /e/ e /i/.

Apesar dessa assimetria, Bisol (2003) ressalta que o importante é ter em mente que o processo de elevação da vogal postônica não-final é uma regra variável, no PB atual, e que, embora em condições diferentes, atinge tanto as vogais posteriores, quanto as vogais anteriores. Para a autora, o fato de palavras proparoxítonas serem pouco comuns, na língua portuguesa, e, muitas vezes, restritas a comunidades homogêneas, pode estar coibindo a regularização do processo de alçamento entre as vogais postônicas não-finais do PB atual.

Por fim, Bisol (2003) conclui que não há uma regra de neutralização específica para as vogais postônicas não-finais, como havia postulado Câmara Jr. (2007[1970]). Para a autora, são apenas duas, e não três, as regras que caracterizam a neutralização das vogais átonas do PB atual: a primeira é a responsável pela redução do sistema vocálico de sete para cinco fonemas, na posição pretônica, e a segunda reduz esse quadro de cinco para três vogais, na posição átona final. Na sílaba postônica não-final, segundo a autora, “flutuam os dois sistemas átonos, o de cinco e o de três” (BISOL, 2003, p. 282).

Enfim, no que diz respeito às vogais átonas finais do PB atual, o sistema fonológico apontado por Câmara Jr. (2007[1970]) compreende três vogais:⁸²

(3.29)

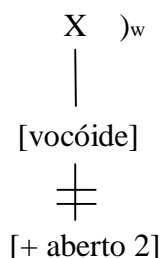
/i/ /u/
/a/

⁸² Para mais detalhes acerca da realização das vogais átonas finais, nas variedades do PB atual, vejam-se os estudos de Roveda (1998), Carniato (2000), Mallmann (2001), Ramos (2009), Silva (2009) e Mileski (2013).

Para a posição átona final, conforme se pode notar, Câmara Jr. (2007[1970], p. 44) admite a neutralização entre as vogais médias e altas, tanto na série posterior, quanto na série anterior. O autor afirma que, nesse caso, é possível encontrar rimas, na poesia brasileira, não apenas entre <o> e <u> postônicos, mas também entre <e> e <i>: “Bilac rima *Argus* com *largos*, *Venus* com *serenos*, e um poeta paranaense, como Cruz e Souza, rima o lat. *climavi* com *nave*, o it. *Bellini* com *define*”.

Wetzels (1992), valendo-se do modelo de Geometria de Traços, representa desta maneira a neutralização envolvendo as vogais átonas do PB atual, em final de palavra:

(3.30) Neutralização de Vogal Átona Final



Bisol (2003), no entanto, embora reconheça que há apenas três fonemas, no quadro de vogais átonas finais do PB atual, observa que a pronúncia alçada ([i] e [u]) não é categórica em todas as variedades brasileiras. Essa afirmação da autora também está fundamentada nos dados de Vieira (2002), que revelam uma resistência à aplicação da regra de alçamento, especialmente entre as vogais anteriores, em alguns falares do Sul do país (em Curitiba, por exemplo, dos 100 casos analisados, o alçamento foi verificado em apenas 37).⁸³ Bisol (2003, p. 278) conclui, desse modo, que a elevação das átonas finais também é uma regra variável, em vias de generalização, em algumas variedades do PB atual, e ressalta que:

[...] a neutralização, entendida como perda do traço distintivo entre vogais médias e altas, é uma regra geral nesta posição, e que a preferência para a realização da alta tende a generalizar-se. O contraste fonológico fica restringido a três vogais, independentemente do alofone que se realiza.

⁸³ Além disso, cumpre referir que, nas variedades cultas do PB atual, a vogal <e>, em sílaba átona final travada por consoante, tende a não ser alçada (ex.: *caráter*, *revólver*, *possível*, *sensível*, *húmen* etc.). Já as variedades populares costumam apagar a consoante final, tornando a sílaba leve, e alçar a vogal postônica (ex.: *revólvi*, *possív[i]* etc.).

Enfim, diante do que foi apresentado, ao longo desta subsecção, pode-se dizer que a literatura consultada admite, para o PB atual, um sistema fonológico constituído de sete vogais, na posição tônica, que fica reduzido, nas posições átonas, em virtude da perda gradual de traços de abertura entre as vogais médias (/ɛ,ɔ/ > /e,o/ > /i,u/), conforme o grau de enfraquecimento da sílaba: “as pretônicas são relativamente menos fortes do que as tônicas e as átonas postônicas são as mais fracas” (BISOL, 2003, p. 273). Em termos fonéticos, no entanto, vimos que a situação pode ser outra.

A fim de comparar a pronúncia brasileira, na variedade culta do Estado de São Paulo (região onde foi desenvolvida esta pesquisa), à pronúncia portuguesa, na variedade padrão de Lisboa, arrolamos os exemplos a seguir, que correspondem, de um modo geral, aos que foram indicados na subsecção anterior, em (3.22), para o PE atual:

(3.31)

Sílaba tônica	Sílaba pretônica	Sílaba postônica não-final	Sílaba postônica final
[u] <i>bula</i>	[u] <i>furada</i>	[u] <i>capítulo</i>	
[o] <i>bolo</i>	[o] <i>morada</i>	[o] <i>árvore</i>	[u] <i>porto</i>
[ɔ] <i>bola</i>	[o] <i>corada</i>		
[i] <i>silo</i>	[i] <i>rescisão</i>	[i] <i>pálido</i>	[i] <i>táxi</i>
[e] <i>selo</i>	[e] <i>recessão</i>	[e] <i>número</i>	[i] <i>longe</i>
[ɛ] <i>selo</i>	[e] <i>recepção</i>		[e] <i>caráter</i>
[ɐ] <i>manha</i>	[a] <i>cadeira</i>		
[a] <i>bala</i>	[a] <i>padeira</i>	[a] <i>bárbaro</i>	[a] <i>fita</i>

Em suma, comparando as informações sobre as vogais do PE e do PB atual, constata-se que a principal diferença entre essas duas variedades da língua reside no quadro de vogais átonas (pretônicas e postônicas), visto que, na posição tônica, os sistemas são, de um modo geral, equivalentes. Retomando as duas regras, elevação e recuo, que caracterizam o quadro de vogais átonas do PE atual, segundo Mateus e d’Andrade (2000), diremos que a diferença entre as variedades europeia e brasileira manifesta-se, essencialmente, aí. A regra de recuo, por exemplo, não se aplica às vogais átonas do PB atual, de modo que não são comuns, no Brasil, as pronúncias [ɐ] e [ĩ], na sílaba não-acentuada, para as vogais /a/ e /e/, respectivamente.⁸⁴ No caso da elevação, embora também seja comum o alçamento de vogais

⁸⁴ A pronúncia [ɐ], para a vogal pretônica /a/, pode ocorrer, no PB, quando em contexto nasal (ex.: *bramar*) - mas é importante observar que se trata de uma regra variável (ex.: *c[a]mada* ~ *c[ɐ]mada* ~ *c[ẽ]mada*), como mostra Cagliari (2002, 2007).

pretônicas, nas variedades brasileiras, essa regra só se aplica em determinados contextos fonético-fonológicos, sendo uma regra generalizada apenas entre as vogais átonas finais do PB atual. Além disso, mesmo as pronúncias [ɛ] e [ɔ], para as vogais pretônicas /e/ e /o/, ocorrem em situações distintas, no PE e no PB atual.

Comparando, agora, os sistemas vocálicos do português atual aos quadros fonológicos apresentados pelos autores abordados, ao longo desta seção, para o português antigo, diremos que, de fato, como observara Melo (1946), a pronúncia do passado, especialmente em relação ao acento das pretônicas, está mais próxima das variedades do PB do que do PE atual. Nessa perspectiva, o português do Brasil, como reforça Marquilha (2003), continuaria uma fonologia que era a de Portugal, no tempo das navegações.

Concluimos, assim, a seção dedicada à história das vogais portuguesas, segundo a literatura disponível sobre o tema. Mais adiante, neste trabalho, na seção intitulada *As vogais do português a partir da poesia dos séculos XIII, XV e XVI*, vamos averiguar se os dados desta pesquisa confirmam, para os séculos referidos, as propostas dos estudiosos consultados.

4. Metodologia

A metodologia adotada neste estudo baseia-se, principalmente, na observação das rimas e da grafia empregadas nas CSM,⁸⁵ no CG e n' *Os Lusíadas*.

No que diz respeito às vogais tônicas e postônicas, este trabalho partiu da análise das rimas que constituem os *corpora* referidos. Conforme já mencionado neste estudo, o recurso às rimas empregadas na poesia remanescente de períodos passados da língua, que não deixaram registros orais, é imprescindível a quem queira obter pistas satisfatórias sobre a pronúncia de então.

No caso das vogais tônicas do português, por exemplo, é inegável a contribuição das rimas no estudo referente à diferença de timbre entre as vogais médias da língua. Mostramos, na seção anterior, que o sistema fonológico do português atual é constituído de quatro vogais médias, na posição acentuada: duas anteriores, /e/ e /ɛ/, e duas posteriores, /o/ e /ɔ/, representadas, na escrita, por apenas dois grafemas, <e> e <o>. No português atual, portanto, a diferença de timbre entre as vogais médias tônicas é fonológica (veja-se seção 3 deste trabalho). No que diz respeito ao português antigo, como o sistema de escrita não atribui símbolos distintos para representar vogais médias abertas e fechadas, torna-se indispensável, na pesquisa sobre o timbre vocálico, a consulta às rimas empregadas na poesia da época, já que a mera impossibilidade de rima entre vogais representadas por grafemas idênticos, por exemplo, evidencia uma diferença na pronúncia dos vocábulos rimantes (ex.: *eu* e *morreu*, nas CSM). Da mesma forma, a possibilidade de rima entre terminações idênticas sugere a ocorrência de fonemas também idênticos entre os dados envolvidos (ex.: *maior* e *amor*, nas CSM).

Assim, a metodologia adotada neste estudo, no que se refere às vogais tônicas do português antigo, baseia-se, essencialmente, no mapeamento e análise de todas as rimas empregadas nas CSM, no CG e n' *Os Lusíadas*, que envolvam uma vogal média na sílaba tônica. Tendo em conta que uma única letra pode estar associada a mais de um fonema, analisamos as possibilidades e impossibilidades de rima, nos *corpora* referidos, entre vogais representadas por um mesmo grafema, para chegar aos resultados pretendidos.

⁸⁵ Consideramos, neste estudo, os dados de Fonte (2010a,b) referentes à análise das rimas e da grafia empregadas nas 420 CSM de Afonso X. Os dados da autora foram contemplados, neste trabalho, para que sejam comparados aos dados do século XV e XVI, obtidos a partir da observação das rimas e da grafia do CG e d' *Os Lusíadas*.

No estudo das vogais postônicas, também adotamos uma metodologia baseada na análise das rimas empregadas nos textos poéticos que compõem os *corpora* desta pesquisa. Câmara Jr. (2007[1970], p. 44), ao se referir à neutralização que se verifica, no português brasileiro atual (variedade padrão do Rio de Janeiro), entre /e/ e /i/, assim como entre /o/ e /u/, em posição átona final, afirma que determinados poetas brasileiros fazem rimar, em seus versos, *largos* e *Argus*, *serenos* e *Vênus*, *nave* e *climavi*, e *define* e *Bellini* (veja-se seção 3 deste trabalho). Partindo dessa constatação do autor, investigamos, nos *corpora* em apreço, a ocorrência de rima entre <e> e <i>, assim como entre <o> e <u>, em posição postônica (final ou não), com o intuito de averiguar o processo de neutralização dessas vogais, na história da língua portuguesa. Desse modo, foram mapeadas, neste trabalho, todas as rimas dos textos poéticos estudados e, em seguida, para as terminações que apresentavam vogal postônica, analisamos a possibilidade de rima entre sons representados por grafemas diferentes (<e> e <i>, <o> e <u>).

No mapeamento das rimas das CSM e d'*Os Lusíadas*, recorreremos aos rimários elaborados por Betti (1997) e por Souza (1948), respectivamente. No caso do CG, como não contamos com a disponibilidade de um rimário da obra, foi preciso levantar os dados diretamente da coletânea de Resende (edição de Dias, 1990-1993).

No tangente ao estudo das vogais pretônicas, que não são contempladas pelas rimas dos textos poéticos, adotamos uma metodologia baseada na análise da grafia empregada nas obras consultadas.

Vimos, na seção anterior, que a pronúncia da vogal pretônica constitui, no quadro atual da língua portuguesa, uma das principais diferenças entre as variedades brasileira e portuguesa. No que se refere ao PB, por exemplo, estudos variacionistas, desenvolvidos em diversas regiões do país, revelaram que é comum a vogal média pretônica realizar-se como alta, dependendo do contexto fonético-fonológico adjacente. Os dados desses estudos sugerem, em geral, que o alçamento da vogal média pretônica, no Brasil, está associado a processos fonéticos de natureza assimilatória, tais como a harmonia vocálica, por exemplo. No caso da variedade portuguesa, Mateus e d'Andrade (2000) mostraram que a elevação da vogal média pretônica é uma regra geral, que se aplica a todos os contextos (com algumas poucas exceções).

Tomando como base esses dados do português atual, investigamos o processo de alçamento entre as vogais pretônicas do português antigo. Sabendo que são recorrentes os casos de variação gráfica nos antigos documentos escritos em português, porque a criação de uma ortografia padrão é relativamente recente, na história da língua, buscamos, nessas variações da escrita, pistas sobre a pronúncia da época. A metodologia adotada neste estudo sobre as vogais pretônicas dos séculos XIII, XV e XVI baseia-se, pois, no mapeamento de todas as variações gráficas entre <e> e <i>, na série das vogais anteriores, e entre <o> e <u>, na série das vogais posteriores, em posição pretônica, presentes nos *corpora* desta pesquisa. Além disso, foram mapeadas, nos textos poéticos em foco, todas as grafias diferentes da atual (inclusive as invariáveis), na representação das vogais pretônicas médias e altas do português.

No caso das cantigas afonsinas e d'*Os Lusíadas*, as grafias analisadas neste trabalho foram colhidas no *Glossário das Cantigas de Santa Maria*, de Mettmann (1972), e no *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*, de Cunha (1980). Para o CG, além da consulta ao *Dicionário* de Dias (2003), fez-se necessário o recurso direto à obra de Resende (edição de Dias, 1990-1993), já que o dicionário da autora não registra todos os casos de variação.

Cabe observar que também buscamos, nas obras acima referidas, variações gráficas, ou grafias diferentes da atual, envolvendo vogais em sílabas tônica e postônica. Embora a metodologia adotada nesta pesquisa, para o estudo das vogais tônicas e postônicas do português antigo, seja fundamentalmente baseada na análise das rimas dos textos poéticos em apreço, não desconsideramos os dados relevantes que não ocorreram na posição de rima.

Ao buscar, na grafia do *corpus* considerado, informações sobre os sons da época, não partimos da pressuposição ingênua de que dados de escrita sejam mera transcrição da fala. Por outro lado, acreditamos que a falta de normatização ortográfica oferecia condições favoráveis para que elementos da fala fossem reproduzidos na escrita. Sobre essa questão, são oportunas estas palavras de Mattos e Silva (2006, p. 42), referentes ao português medieval:

Discute-se muito sobre a relação entre os dados que a documentação medieval fornece e a língua então falada. Isto é, discute-se se é possível chegar, através da documentação escrita, ao português corrente. Há até quem defenda que sobre a documentação arcaica só se possam construir gramáticas de textos, nunca uma gramática de um estado de língua passado [...]. Consideraremos, contudo, que, sendo a documentação escrita que permanece, e sendo esta uma representação convencional da fala, desta teremos nos documentos um reflexo que permite tirar conclusões até certo ponto seguras, no nível fônico-mórfico [...]. Do mesmo modo, se o que está escrito procura espelhar a voz e esta nos falta, pelo escrito se pode depreender, embora não integralmente, a língua no seu uso primeiro, em

qualquer dos níveis em que se pode estruturá-la: fônico, mórfico, sintático, discursivo.

Para Maia (1997[1986], p. 303), embora haja discussões sobre a relação entre grafemas e fonemas, na interpretação de textos remanescentes do português antigo,

algumas - ou mesmo muitas - formas da língua falada escaparam na transcrição de documentos desse teor [escritos] e, através da sua análise e interpretação, muitos dados se podem obter e algumas conclusões se podem formular.

Neste trabalho, estamos considerando essas palavras de Mattos e Silva (2006) e de Maia (1997[1986]), quando admitimos a grafia dos *corpora* referidos como um reflexo do português falado na época.

Enfim, serviram de base a esta pesquisa, conforme já mencionado neste trabalho, as edições de Mettmann (1986, 1988, 1989), para as CSM, e de Dias (1990-1993), para o CG. Em alguns momentos, entretanto, fez-se necessária a consulta aos microfilmes dos manuscritos originais das cantigas afonsinas e à edição príncipe do CG (1516), disponibilizada pela Biblioteca Nacional de Lisboa, em versão digitalizada. No caso de *Os Lusíadas*, optamos por trabalhar com a edição de 1572 pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Ee), também disponível em versão digitalizada.

5. As vogais do português a partir da poesia dos séculos XIII, XV e XVI

A presente seção está dedicada à apresentação e discussão dos dados desta pesquisa de Doutorado, obtidos a partir da análise das rimas e da grafia empregadas nas CSM, no CG e em *Os Lusíadas*.

Três subseções compõem esta seção:

1. A primeira subseção (5.1) contempla os dados referentes às vogais tônicas do português antigo;
2. Na segunda subseção (5.2), estão indicados os resultados desta pesquisa envolvendo as vogais pretônicas da língua;
3. A terceira e última subseção (5.3) traz os dados relativos às vogais postônicas do português, nos três séculos referidos.

5.1 Vogais tônicas

Ao descrever a metodologia adotada nesta pesquisa, na seção anterior, comentamos que as rimas da poesia remanescente de períodos passados da língua, dos quais não se têm registros orais, podem fornecer pistas satisfatórias sobre a pronúncia das vogais tônicas da época, principalmente no que diz respeito à diferença de timbre entre as vogais médias.

Tendo em conta essa afirmação, buscamos, nas rimas dos textos poéticos dos séculos XIII, XV e XVI, informações sobre as vogais tônicas do português de então, priorizando o caso das vogais médias. Os resultados dessa pesquisa estão apresentados e discutidos nesta seção do trabalho.

Particularmente em relação às rimas das CSM, a subseção a seguir traz os dados obtidos por esta autora em estudos anteriores (cf. FONTE, 2010a,b). No caso do CG e de *Os Lusíadas*, o presente trabalho exhibe resultados e comentários inéditos.

5.1.1 As vogais médias nas rimas das *Cantigas de Santa Maria*

Neste item do trabalho, estão indicados os resultados obtidos por Fonte (2010a,b), em sua análise das rimas empregadas nas 420 CSM, de Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela.

Partindo do rimário das cantigas afonsinas, elaborado por Betti (1997), Fonte (2010a,b) fez um levantamento de todas as rimas envolvendo vogal média na sílaba tônica e, em seguida, investigou a ocorrência de vocábulos que não rimavam entre si, apesar de apresentarem terminações idênticas. A autora verificou, a partir desse trabalho, que algumas terminações podiam claramente ser divididas em dois grupos rimantes.

Segundo Fonte (2010a,b), nas CSM, verbos no infinitivo, tais como *comer*, *vencer*, *querer*, *prometer*, *vender* etc., e o substantivo *prazer*, por exemplo, não rimam com alguns verbos irregulares da segunda conjugação, flexionados no futuro do subjuntivo, tais como *disser*, *quiser*, *souber*, etc., ou, no caso do verbo *querer*, flexionado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (*quer*), nem com o substantivo *moller* (*mulher*).

Da mesma forma, de acordo com Fonte (2010a,b), verbos regulares da segunda conjugação, flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, tais como *prendera*, *prometera*, *vendera* etc., não rimam com alguns verbos irregulares de mesma conjugação, também flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, tais como *dissera*, *trouxera*, *quisera* etc., nem com a forma verbal *era* ou com o substantivo *fera*. O mesmo vale para as formas correspondentes no plural: *encolleran* (*encolheram*) e *meteran* (*meteram*) não rimam com verbos como *poseran* (*puseram*), *fezeran* (*fizeram*), *manteran* (*mantiveram*) e *eran* (*eram*), por exemplo.

No caso da terminação *-eron*, presente nos verbos de segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, Fonte (2010a,b) verificou que formas regulares como *morreron* (*morreram*), *prenderon* (*prenderam*), *perderon* (*perderam*), entre outras, não rimam, nas CSM, com verbos irregulares como *fezeron* (*fizeram*), *quiseron* (*quiseram*) e *disseron* (*disseram*).

Para a terminação *-esse*, presente em verbos flexionados no pretérito imperfeito do subjuntivo, Fonte (2010a,b) também encontrou dois grupos rimantes: um constituído de verbos regulares como *morresse*, *perdesse* e *vivesse*, e outro composto por verbos irregulares como *trouxesse*, *quisesse* e *soubesse*.

Sabendo que as rimas das CSM são todas soantes (vide nota 2, p. 17), Fonte (2010a,b) interpretou a impossibilidade de rima entre os termos acima referidos como um indício de que havia, em cada terminação, grafemas idênticos representando fonemas distintos. Corrobora essa interpretação o fato de que, no português atual, verifica-se essa mesma divisão: a vogal tônica é fechada (/e/) em formas como *comer*, *vencer*, *vendera(m)*, *prometera(m)*, *encolheram*, *morresse* etc., mas é aberta (/ɛ/) em verbos como *disser*, *quiser*, *quer*, *dissera*, *era*, *trouxera(m)*, *fizeram*, *quisesse*, entre outros.

Os dados de Fonte (2010a,b) apontam, pois, para uma semelhança entre o sistema vocálico do século XIII e o sistema vocálico do português atual, pelo menos no que diz respeito às vogais tônicas da língua. Por meio dessa pesquisa, a autora confirmou, para a primeira fase do PA, uma distinção de timbre entre as vogais médias, em posição tônica.

Por outro lado, Fonte (2010a,b) também constatou algumas diferenças entre o galego-português e o português atual. A autora registrou, no *corpus* analisado, a ocorrência de rima entre termos que apresentam, no português de hoje, vogais tônicas diferentes, em termos fonológicos. Da mesma forma, a estudiosa registrou a impossibilidade de rima entre terminações que apresentam exatamente os mesmos fonemas, no português atual. Compõem o primeiro caso as terminações *-eja*, *-ela* e *-essa*, entre as vogais médias anteriores, e as terminações *-ogo*, *-or* e *-osa*, entre as vogais médias posteriores. A terminação *-eu(s)* integra o segundo caso.

Ao investigar a origem latina da vogal tônica presente em cada uma dessas terminações, no entanto, Fonte (2010a,b) constatou que todos esses dados poderiam ser explicados historicamente.

No caso da terminação *-eu*, por exemplo, Fonte (2010a,b) verificou que pronomes como *eu*, *meu*, *seu* e *teu*, além do substantivo *judeu*, rimam entre si, nas CSM, mas jamais aparecem rimando com verbos de segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo,⁸⁶ tais como *morreu*, *comeu* etc, ou com o substantivo *sandeu*. A impossibilidade de rima entre esses vocábulos que, no português atual, apresentam terminações idênticas, em termos fonológicos, indica que, no século XIII, a situação era outra. De fato, a etimologia dos pronomes *eu* (lat. *ĕgo*) e *meu* (lat. *mĕu*), por exemplo, assim como a do substantivo *judeu* (lat. *iudaeu*), leva-nos a acreditar que, nos

⁸⁶ O verbo *dar*, de primeira conjugação, quando flexionado na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (*deu*), é o único que aparece rimando, nas CSM, com os pronomes *eu*, *meu*, *teu* etc.

primórdios da língua, a vogal média desses termos era aberta (/ɛ/), já que, de acordo com a tradicional regra de substituição do sistema vocálico latino pelo português, fartamente descrita pelas Gramáticas Históricas e Manuais de Filologia da língua, *ĕ* e *ae* latinos originaram, no português, uma vogal média aberta, na posição tônica.

É importante lembrar, a propósito, que estudiosos como Williams (1975[1938], p. 45), Silva Neto (1952, p. 413) e Cunha (1985, 1991) já haviam considerado a possibilidade de esses termos terem apresentado, no português antigo, timbres vocálicos diferentes do atual. Os dados de Fonte (2010a,b) confirmam, portanto, a hipótese levantada pelos estudos anteriores, na medida em que atestam uma mudança no timbre vocálico dos termos referidos, ao longo da história da língua. O trabalho de Fonte (2010a,b) mostra, ainda, que a forma plural desses termos (*meus, teus, seus, judeus etc.*) aparece rimando, nas CSM, com o substantivo *Deus* (lat. *dĕus*) - o que nos permite incluir mais um caso de mudança de timbre vocálico, entre os dados já mencionados.

Fonte (2010a,b) também registrou, nas CSM, em alguns poucos casos, o emprego da terminação *-eo* em verbos de segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (ex.: *viveo, recebeo, comeo, meteo*). A pesquisadora verificou que esses verbos rimam entre si, nas cantigas medievais religiosas, mas jamais aparecem rimando com termos como *ceo* (*céu*) e *veo* (*véu*), por exemplo.

O outro caso de mudança observado por Fonte (2010a,b) envolve a terminação *-eja*. De acordo com a autora, o substantivo *inveja* (lat. *invĭdia*) rima, nas cantigas afonsinas, com os verbos *seja* e *deseja*. Tomando como base a chamada regra de substituição das vogais latinas pelas portuguesas, segundo a qual *ĩ* latino originou, no português, uma vogal média fechada (/e/), Fonte (2010a,b) infere que, no século XIII, o substantivo *inveja* era pronunciado com uma vogal média fechada (/e/), que se teria tornado aberta, ao longo da história da língua, por influência do *-a* átono final.⁸⁷

Os dados de Fonte (2010a,b) sugerem, ainda, que também a vogal média anterior presente no pronome demonstrativo *essa* (lat. *ĩpsa*) e no substantivo *promessa* (lat. *promĭssa*) era pronunciada, no século XIII, com um timbre diferente do atual. Segundo a autora, esses

⁸⁷ Cumpre lembrar que, segundo Mateus e d'Andrade (2000), na variedade padrão de Lisboa, [ɐ] sempre substitui [e] tônico e, por vezes, [ɛ], diante de consoante palatal na sílaba seguinte (ex.: *telha* [ˈtɐɫɐ], *abelha* [ɐˈbɐɫɐ], *velha* [ˈvɐɫɐ], *fecho* [ˈfɛʃu], *cereja* [sɨˈrɛʒɐ], *senha* [ˈsɐɲɐ], *venho* [ˈvɐɲu]).

termos aparecem rimando, nas CSM, com *abadessa* e *condessa*. A mudança, nesse caso, também teria sido provocada, ao que tudo indica, pela influência da vogal átona final.

Com relação à terminação *-ela*, Fonte (2010a,b) mostra que os pronomes *ela* (lat. *illa*) e *aquela* (lat. *eccu illa*), assim como o substantivo *donzela* (lat. *domnicilla*), rimam, nas CSM, com formas verbais acompanhadas de clíticos (o pronome pessoal átono *a*), tais como *vencê-la*, *movê-la*, *prendê-la*. Diante dessa possibilidade de rima, e tomando como base a origem histórica da vogal média, em cada termo, a autora considerou a hipótese de esses vocábulos serem pronunciados com um timbre vocálico diferente do atual, no século XIII (ex.: */e/la*, *aqu/e/la*, *donz/e/la*). Por outro lado, como esses termos também aparecem rimando, no *corpus* referido, com vocábulos como *bela* (lat. *bēllus*) e *capela* (lat. *capēlla*), por exemplo, Fonte (2010a,b) reconsiderou a hipótese, fazendo algumas ressalvas. Talvez seja o caso de dizer que, naquele momento da língua, ocorriam as duas pronúncias (com [e] e com [ɛ]), e que essa variação seria o reflexo de uma mudança em curso que originou o timbre vocálico atual desses termos.

No tangente às terminações com vogal média posterior, merece destaque o caso dos adjetivos comparativos *melhor* (lat. *meliōre*), *pior* (lat. *peiōre*), *maior* (lat. *maiōre*) e *menor* (lat. *minōre*), que rimam, nas CSM, conforme mostram os dados de Fonte (2010a,b), com termos como *amor* e *senhor*, entre outros, cuja vogal média, na posição tônica, é fechada. Nesse mesmo grupo rimante, estão incluídos o substantivo *redor* e seus derivados (ex.: *arredor*, *derredor*). Novamente, baseando-se na origem histórica de cada termo, Fonte (2010a,b) sugere que a vogal tônica, presente em *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*, *redor*, *derredor* e *arredor*, era fechada, no século XIII, já que *ō* latino originou, no português, uma vogal média fechada, segundo a referida regra de substituição das vogais latinas pelas vogais portuguesas.

Estudos anteriores (cf. SILVA NETO, 1952; NUNES, 1960; COUTINHO, 1974; RAMOS, 1985) também já haviam considerado a possibilidade de a vogal tônica desses termos ter alterado seu timbre, no decorrer da história da língua. Mais uma vez, portanto, os dados de Fonte (2010a,b) confirmaram a hipótese levantada pelos trabalhos precedentes.

Afiança essa hipótese o fato de o galego atual preservar a pronúncia com vogal tônica fechada, para os adjetivos referidos: *mai[o]r*, *mell[o]r*, *men[o]r* e *pe[o]r* (cf. *Diccionario de*

pronuncia da lingua galega). Pronúncia que também ocorre, ainda hoje, em determinadas variedades do PE (sobretudo do norte de Portugal).

Outro possível caso de mudança apontado por Fonte (2010a,b) envolve o sufixo *-osa*, presente em adjetivos como *gloriosa* e *formosa*, por exemplo. A autora registrou, nas CSM, rima entre esses adjetivos e o substantivo *esposa*. Sabendo que a vogal média da terminação *-osa*, nesses vocábulos, é proveniente de *ō* latino, que originou, no português, uma vogal média fechada, as Gramáticas Históricas e Manuais de Filologia da língua incluem os adjetivos referidos, cuja vogal tônica é aberta, no português atual, entre os casos que representam uma exceção à chamada regra de substituição das vogais latinas pelas portuguesas. Para Williams (1975[1938]) e Coutinho (1974), a vogal média aberta, nesses adjetivos, explica-se pela influência da vogal átona final, que é responsável pela marcação do gênero feminino, nesses termos. Ramos (1985), por sua vez, defende que, no PA, a vogal média desses adjetivos era fechada, e que a mudança teria ocorrido somente por volta do século XVI. Os dados de Fonte (2010a,b) levam-nos a acreditar que, de fato, no século XIII, a forma feminina de adjetivos como *formoso*, *glorioso*, *maravilhoso* etc. ainda não havia passado pelo processo de transformação que tornou aberta sua vogal média posterior, em posição acentuada.

Vale comentar que, também para esses adjetivos terminados em *-osa*, o galego atual, ao contrário do português, mantém a pronúncia com vogal tônica fechada: *ferm[o]sa* e *glori[o]sa*, por exemplo (cf. *Dicionario de pronuncia da lingua galega*).

Há que se mencionar, ainda, o caso do substantivo *jogo* (lat. *jōcu*), que aparece rimando, nas cantigas afonsinas, tanto com o advérbio *logo* (lat. *lōcu*), quanto com o substantivo *fogo* (lat. *fōcu*), conforme revelam os dados de Fonte (2010ab). A pronúncia atual dos substantivos *jogo* e *fogo* também vai de encontro à tradicional regra de substituição das vogais latinas pelas vogais portuguesas, que determina que *ō* latino originou, no português, uma vogal média aberta, na posição acentuada. A explicação para o fechamento da vogal média, nesses casos, é baseada no processo tradicionalmente conhecido como metafonia,⁸⁸

⁸⁸ Os estudiosos classificam a metafonia como um processo assimilatório responsável pela mudança de timbre da vogal tônica por influência de uma vogal átona final. Para Xavier e Mateus (1990, p. 245), o processo de metafonia corresponde à mudança, no timbre da vogal tônica, por assimilação ao timbre de um segmento vocálico ou semivocálico contíguo. Com base em teorias mais recentes da Fonologia, no entanto, pode-se dizer que o processo de metafonia nominal, proposto pelas gramáticas históricas da língua, é discutível, porque reconhece a influência de uma vogal átona na realização de uma vogal tônica, contrariando, por exemplo, o princípio de Fidelidade Posicional (cf. BECKMAN, 1997). Contudo, na ausência de uma justificativa mais

que atribui o fechamento da vogal média à influência da vogal átona final *-o*. De acordo com Fonte (2010ab), as rimas das CSM permitem-nos inferir que, na língua falada pelos trovadores, a vogal tônica desses termos ainda era aberta, não tendo ocorrido, naquele momento, o processo de metafonia que, a propósito, não alterou a pronúncia da vogal tônica do advérbio *logo*, que continua aberta no português atual.

Em suma, os dados de Fonte (2010a,b), apresentados ao longo desta seção, constituem um testemunho importante do sistema vocálico, em posição acentuada, vigente na época dos trovadores. Por meio da análise das rimas das CSM, a autora fornece-nos um quadro geral referente à pronúncia das vogais médias tônicas, no século XIII.

Apresentamos, na subseção a seguir, os resultados de uma pesquisa exclusivamente dedicada à segunda fase do PA, compreendida entre a segunda metade do século XIV e meados do século XVI (cf. MICHAELIS DE VASCONCELOS, 1946), a fim de obter um panorama histórico que abranja todo o período da língua portuguesa tradicionalmente conhecido como arcaico.

5.1.2 As vogais médias nas rimas do *Cancioneiro Geral*

Estão indicados e discutidos, neste item do trabalho, os resultados desta pesquisa referentes à análise das rimas do CG, de Garcia de Resende, envolvendo vogal média na sílaba acentuada.

O primeiro passo desta pesquisa foi fazer um levantamento de todas as rimas entre vogais médias tônicas empregadas no CG, tomando como base a edição de Dias (1990-1993). Em seguida, analisamos as possibilidades e impossibilidades de rima entre os vocábulos associados a cada terminação. Deparamo-nos, nessa etapa do trabalho, com uma certa dificuldade em dividir as terminações em dois grupos rimantes. No CG, ao contrário do que vimos para as CSM, não se verifica uma nítida separação entre vocábulos de terminação idêntica que não rimam entre si. Registramos, assim, na coletânea de Resende, diversos casos de rima entre termos que, no português atual, apresentam fonemas vocálicos diferentes, na sílaba tônica. Contudo, também ao contrário do que observou Fonte (2010a,b), em seus dados do século XIII, a etimologia não explica, na maior parte dos casos, a possibilidade de rima, no português antigo.

adequada para a mudança no timbre da vogal tônica dos termos referidos, optamos por não desprezar, no presente estudo, a explicação tradicional baseada no processo de metafonia.

No caso da terminação *-er*, por exemplo, verificamos que a forma infinita de verbos de segunda conjugação, tais como *escrever*, *morrer* e *querer* (também empregados como nomes), aparecem rimando, no *Cancioneiro* de Resende, com o substantivo *molher* (*mulher*) e com formas verbais como *vier*, *quiser* e *quer*, conforme mostram os exemplos a seguir:

(5.1)

Dom João Manuel

*Ao pee da fresta adormeça,
se **vier**,
e cada dia avorreça
a vida mais qu'o **morrer**.*
(DIAS, nº 134, p. 401, v. I)

(5.2)

Dom João Manuel

*nem vi nunca boons parentes
os da parte da **molher**,
nem oficio d'**escrever**
mal servido de presentes.*
(DIAS, nº 142, p. 417, v. I)

(5.3)

Dom Goterre

*Pode-me ventura dar
tristeza quanta **quiser**,
mas nam se pode mudar
meu **querer**.*
(DIAS, nº 238, p. 72, v. II)

Para a terminação *-era*, registramos, no *corpus* analisado, rima entre verbos regulares e irregulares, flexionados no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, como exemplificam as estrofes a seguir:

(5.4)

Conde do Vimioso

*Guai de mim, se nam **tevera**
quem lá tem tudo na mão,
a chegar nam m'**atrevera**,
se vos eu nam **conhecera**
o pôr desses pees no chão.*
(DIAS, nº 280, p. 147, v. II)

(5.5)

Diogo Brandam

*Deste devemos por certo de crer
que, ainda que cá muitos anos **vivera**,
na força do corpo podia envelhecer,
mas nunca d'alma velhice **tevera**.*

(DIAS, nº 333, p. 215, v. II)

Os poetas do CG também dispuseram em rima verbos regulares e irregulares com terminação *-esse*, flexionados no pretérito imperfeito do subjuntivo. O substantivo *interesse* também integra esse grupo rimante. Vejamos os exemplos a seguir:

(5.6)

Conde do Vimioso

*Mas, por que me **falecesse**
tomar isto por conforto,
quis Ventura que **soubesse**
que, querendo o que **quisesse**,
nam me quer vivo nem morto.*

(DIAS, nº 281, p. 151, v. II)

(5.7)

Gregório Afonso

*Renego tambem do meu
amigo por **interesse**,
arrenego se **quisesse**
entender nem ver mil cousas.*

(DIAS, nº 561, p. 76, v. III)

Cabe observar que a rima entre o substantivo *interesse* e a forma verbal *quisesse* constitui um dos poucos casos, neste trabalho, que poderiam ser justificados pela origem histórica dos termos. Como a vogal acentuada, em *interesse*, é proveniente de *ě* latino (*interěsse*),⁸⁹ torna-se aceitável a hipótese de esse substantivo ter apresentado, no português antigo, uma vogal média aberta (/ɛ/), na sílaba acentuada.

⁸⁹ Todas as informações sobre a origem histórica das palavras, neste trabalho, são baseadas nos dicionários de Corominas e Pascual (1980-1991), Cunha (2010) e Saraiva (2006).

Voltando às rimas entre verbos regulares e irregulares, cumpre mencionar, ainda, o caso da terminação *-este(s)*, que compõe verbos flexionados na segunda pessoa (do singular e do plural) do pretérito perfeito do indicativo, tais como *perdeste(s)* e *quiseste(s)*, por exemplo. Nas rimas das CSM, ocorrem apenas verbos irregulares com essa terminação (ex.: *fizeste(s)*, *houveste(s)*, *tiveste(s)*). No CG, entretanto, registramos rimas entre verbos regulares e irregulares, conforme exemplificam as estrofes a seguir:

(5.8)

*Õu falar nam mui donoso
cab'aqui, pois o **quisestes**:
quando and'algũu cuidadoso,
diz por ele o gracioso:
_ Vós, que carracas **perdestes**?*

(DIAS, nº 1, p. 41, v. I)

(5.9)

*E do mal que me **fizestes**
entam sereis lá lembrados
e daquestes meus criados
que matastes e **prendestes**.
Empero todos **perdestes**
em mim ãa nobre doa,
sobre todos fui coroa
segundo todos **soubestes**.*

(DIAS, nº 167, p. 468, v. I)

(5.10)

*Se vos ja servir nam posso,
senhora, vós o **fizestes**,
vós por outrem vos **perdestes**,
eu perdi-me polo vosso.*

(DIAS, nº 232, p. 69, v. II)

(5.11)

*Dizei-me se me perdi,
saberei se me **perdestes**,
porque nam no sei de mi
com quanto mal me **fizestes**.*

(DIAS, nº 817, p. 240, v. IV)

Os exemplos apontados acima já são suficientes para manifestar as diferenças entre as rimas do século XIII e as rimas do século XV e início do século XVI. Na subseção anterior, referente às rimas das CSM, mostramos que, nas cantigas afonsinas, formas verbais regulares, como *comer, vencer, vendera, prometera, encolheram, morresse*, entre outras, não rimam com formas verbais irregulares como *disser, quisser, quer, dissera, era, fizeram* e *quisesse*, por exemplo.

Sabe-se que, no português atual, verbos irregulares como *dar, estar, caber, dizer, fazer, haver, poder, querer, saber, ter, trazer, pôr* e *vir*, em determinadas pessoas do pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo, do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo, apresentam uma vogal média aberta (/ɛ/), na sílaba tônica, diferente, portanto, da vogal média fechada (/e/), presente na sílaba acentuada de verbos regulares de segunda conjugação (ex.: *aprender, beber, comer, conhecer, correr, descer, entender, esquecer, falecer, meter, morrer, perder* etc), flexionados nas formas correspondentes. Temos, assim, no português atual, para o verbo *fazer*, por exemplo, formas com vogal média aberta, na sílaba acentuada, como em *fiz/ɛ/ste(s), fiz/ɛ/ra(s), fiz/ɛ/ramos, fiz/ɛ/reis, fiz/ɛ/ram, fiz/ɛ/sse(s), fiz/ɛ/ssemos, fiz/ɛ/sseis, fiz/ɛ/ssem, fiz/ɛ/r(es), fiz/ɛ/rmos, fiz/ɛ/rdes, fiz/ɛ/rem*, ao passo que, para os verbos regulares, como *vencer*, por exemplo, a vogal tônica, nesses casos, é sempre fechada: *venc/e/ste(s), venc/e/ra(s), venc/e/ramos, venc/e/reis, venc/e/ram, venc/e/sse(s), venc/e/ssemos, venc/e/sseis, venc/e/ssem, venc/e/r(es), venc/e/rmos, venc/e/rdes* e *venc/e/rem*.

As estrofes do CG, apontadas nesta seção, mostraram que ocorre, na coletânea de Resende, rima entre muitas das formas verbais regulares e irregulares referidas acima. Se ignorássemos os dados do século XIII, apresentados na subseção anterior, poderíamos interpretar essas rimas do CG como um indício de que a diferença de timbre entre as vogais tônicas dessas formas verbais (regulares e irregulares) é recente no português. Contudo, as rimas das CSM sugerem que, na primeira fase do PA, as formas verbais regulares e irregulares em questão já não apresentavam o mesmo fonema vocálico, na sílaba acentuada.

Para aprofundarmos a discussão sobre as diferenças entre as rimas empregadas em cada obra, é importante que sejam apresentados os demais dados obtidos nesta pesquisa. Arrolamos, a seguir, outros exemplos de rima, no CG, entre termos que, no português atual, apresentam fonemas vocálicos distintos, na posição acentuada. Em (5.12), estão indicadas as rimas envolvendo vogal média anterior e, em (5.13), as terminações com vogal média posterior:

(5.12)

fe/mercê (nº: 394)
quê/fe/é (nº: 566)
peça/esqueça/empeça (nº: 597)
peço/mereço (nº: 501)
mereço/empeço/peço (nº: 566)
queda/seda (nº: 32, 504, 619)
arreda/leda (nº: 57, 82)
Raboreda/moeda/azeda/queda/vereda (nº: 71)
leda/queeda (nº: 104)
seda/moeda/queda (nº: 618)
leda/queda (nº: 668)
leda/moeda (nº: 869)
moedas/azedas (nº: 57)
entrega/chega (nº: 57)
negra/regra (nº 142)
enveja/sobeja (nº: 394)
Beeja/enveja (nº: 518)
deseja/enveja (nº: 574)
Beja/enveja (nº: 587)
enveja/Beja (nº: 589)
inveja/veja (nº: 618)
dela/sofrê-la (nº: 22)
querela/dizê-la (nº: 119)
vê-la/ela (nº: 251)
perdê-la/ela (nº: 251)
ela/dela/esquecê-la (nº: 308)
perdê-la/nela (nº: 333)
naquela/vê-la/nela (nº: 360)
dela/perdê-la/ela (nº: 376)
entendê-la/nela (nº: 453)
perdê-la/nela (nº: 571)
ela/perdê-la (nº: 579)
ela/conhecê-la/vê-la (nº: 582)
sofrê-la/ela (nº: 608)
perdê-la/querela (nº: 608)
perdê-la/ela (nº: 608)
dela/ela/vê-la (nº: 611)
vencê-la/ela (nº: 711)
ela/mazela/conhecê-la (nº: 725)
perdê-la/nela (nº: 814)
perdê-la/dela (nº: 816)
dizê-las/querelas (nº: 345)
delas/estrelas (nº: 361)
elas/conhecê-las (nº: 519)
estrelas/elas/querelas (nº: 832)
ele/pele (nº: 183)
pele/querele/ele (nº: 611)
velhas/ovelhas (nº: 623)
velho/conselho (nº: 595)

conselho/velho (nº: 615, 711, 803, 836, 880)
Arelho/conselho/coelho/vermelho/velho (nº: 802)
velho/artelho (nº: 838)
velho/coelho (nº: 865)
elo/perdê-lo (nº: 35)
capelo/selo/amarelo (nº: 480)
espero/desespero/quero (nº: 728)
desconcerto/descuberto (nº: 264)
certo/perto/concerto/incerto (nº: 333)
portugues/reves (nº: 169)
pesa/despesa (nº: 87, 519)
mesa/pesa (nº: 88)
Princesa/pesa (nº: 216)
defesa/pesa (nº: 249)
pesa/mesa/defesa/acesa (nº: 280)
pesa/empresa (nº: 613)
defesa/pesa/despesa (nº: 626)
pesa/defesa (nº: 803, 814)
Quaresma/mesma (nº: 805)
pressa/avessa (nº: 1)
processo/avesso (nº: 1)
arremesso/messo (nº: 602)
Valdevesso/atravesso/avesso (nº: 618)
fresta/besta (nº: 611)
festa/besta (nº: 611)
poetas/netas/planetas/profetas (nº 367)
reto/prometo/carreto (nº: 535)
deve/teve (nº: 20, 86, 561, 611)
teve/deve (nº: 62, 569)
reteve/deve (nº: 62)
fez/Fez (nº: 618)
vez/Fez (nº: 836)
tristeza/despreza (nº: 333)
Alteza/tristeza/largueza/reza (nº: 367)
vileza/lindeza/preza/fortaleza (nº: 445)
natureza/nobreza/graveza/despreza/rudeza (nº: 475)
preza/firmeza/gentileza (nº: 574)
gentileza/despreza (nº: 583)
despreza/Alteza (nº: 598)
preza/Alteza (nº: 598)

(5.13)

toca/boca (nº: 453)
modo/todo (nº: 588)
modos/todos (nº: 615)
fogo/logo (nº: 1)
logo/fogo (nº: 57, 102)
logo/rogo/fogo (nº: 87)
logo/jogo/fogo (nº: 183)
autor/maior/amador (nº: 1)

derredor/honor/emperador (nº: 1)
melhor/maior/Senhor (nº: 86)
dor/pior (nº: 103)
servidor/milhor (nº: 169)
cor/derredor/valor (nº: 457)
favor/pior (nº: 535)
redor/Senhor (nº: 711)
derredor/temor/Senhor (nº: 861)
maiores/valores/vencedores (nº: 1)
melhores/amores (nº: 31)
maiores/amores (nº: 119)
esforça/força (nº: 753)
socorre/torre (nº: 437)
mortos/tortos/portos/abortos (nº: 439)
renovo/novo (nº: 1)

Conforme se pode notar, algumas das rimas arroladas acima também ocorreram nas CSM - e são justamente as que Fonte (2010a,b) procurou justificar por meio da origem histórica de cada termo (ex.: *inveja*, *jogo*, *fogo*, *maior*, *melhor* etc.). Curioso, entre os dados desta pesquisa, é o caso dos adjetivos terminados em *-osa*, que aparecem rimando, no CG, com o substantivo *rosa* (lat. *rōsa*), e não mais com *esposa* (lat. *spōnsa*). Poderíamos supor, a partir desse dado, que, na segunda fase do PA, a vogal média desses adjetivos já não era fechada. Da mesma forma, poderíamos propor, para as rimas das CSM que se repetem no CG, que a vogal tônica dos termos rimantes não sofreu alterações, ao longo dos séculos que separam essas duas obras. Contudo, os demais dados indicados acima parecem apontar outro caminho.

Como já mencionado neste trabalho, o recurso à origem histórica das vogais tônicas explica somente algumas das rimas arroladas em (5.12) e (5.13). Além das rimas envolvendo as terminações *-eja*, *-ogo* e *-or*, também registradas nas CSM, a etimologia pode justificar os casos referentes às terminações *-essa*, *-esso* e *-ovo*, no CG. Como a vogal média dos termos *avesso* (*advēsus*) e *novo* (*nōvus*) é proveniente de uma vogal breve latina, poderíamos explicar as rimas *pressa/avessa*, *processo/avesso* e *renovo/novo* considerando a hipótese de, no português antigo, os vocábulos *avesso* e *novo* terem apresentado uma vogal média baixa, na sílaba tônica, diferente da atual (*av/ɛ/sso* e *n/ɔ/vo*).

O recurso à etimologia de cada termo, no entanto, não é suficiente para explicar todas essas possibilidades de rima, no CG, uma vez que a procedência latina dessas vogais médias, na maior parte dos casos, indica fonemas vocálicos diferentes, entre os termos rimantes.

Tomando como exemplo a rima *seda/moeda/queda*, se consultarmos o étimo latino de cada termo rimante - *seda* (lat. *saeta*), *moeda* (lat. *monēta*) e *queda* (lat. *caeda*) - veremos que o timbre atual não corresponde à origem histórica em dois desses vocábulos: *seda*, que deveria apresentar uma vogal média aberta, na sílaba tônica; e *moeda* que, ao contrário, deveria apresentar uma vogal média fechada, na posição acentuada. Ainda assim, a rima entre os três termos não estaria justificada, porque continua sendo entre fonemas diferentes: /ɛ/ e /e/, seja no timbre atual (*s/e/da* - *mo/ɛ/da*, *qu/ɛ/da*), seja no timbre correspondente à origem latina (*mo/e/da* - *s/ɛ/da*, *qu/ɛ/da*). Outro exemplo que merece destaque é o da rima *Arelho/conselho/coelho/vermelho/velho*. A origem latina determina, para *velho* (lat. *vētulus*), uma vogal média aberta (/ɛ/), na sílaba tônica, ao passo que, para os demais termos que compõem o grupo rimante - *conselho* (lat. *consīlium*), *coelho* (lat. *cunīculus*) e *vermelho* (lat. *vermīculus*) - a etimologia estabelece uma vogal média fechada (/e/), na posição acentuada. Para citar mais alguns exemplos entre as rimas envolvendo apenas nomes, vale dizer que a origem histórica também determina fonemas vocálicos diferentes para os termos rimantes em: *ele* (lat.: *ille*) / *pele* (lat.: *pēllis*), *fresta* (lat. *fěňestra*) / *besta* (lat. *bēstia*), *festa* (lat. *fěsta*) / *besta*, *modo* (lat. *mōdus*) / *todo* (lat. *tōtus*).

Diante desses dados, parece evidente que o modelo de rima empregado no CG não corresponde ao que observamos nas CSM. Estudos anteriores (cf. CUNHA, 1985, 1991) defendem que, no século XV (após Gil Vicente, na verdade), teria se tornado comum, na poesia portuguesa, rima entre vogal média aberta e fechada. Pode estar baseada nessa hipótese a explicação para as rimas do CG acima discutidas. Contudo, acreditamos que dizer, simplesmente, que era comum, na época, rima entre vogal média aberta e fechada significa reduzir demais as possibilidades de interpretação que os dados deste trabalho proporcionam. É preciso, antes, traduzir as pistas que esse tipo de rima pode estar revelando sobre as vogais médias da época.

Talvez seja o caso de dizer que, naquele momento da língua, contemporâneo aos poetas do CG, teria ocorrido uma variação na pronúncia das vogais médias tônicas portuguesas - daí as possibilidades de rima. Pode-se dizer, inclusive, que essa variação não acontecia, muito provavelmente, no período trovadoresco, a julgar pelas rimas das CSM, que só indicaram uma possível oscilação na pronúncia da vogal tônica da terminação *-ela*, em palavras como *ela*, *aquela* e *donzela*, por exemplo.

Um argumento a favor dessa hipótese é o fato de a diferença de timbre entre as vogais médias do português ser sutil e, muitas vezes, frágil, suscetível à variação. Alguns termos, ainda hoje, variam quanto à pronúncia da vogal média tônica, ou seja, ainda não apresentam um único timbre estabelecido (ex.: *f[ε]cha ~ f[e]cha*, *sap[e] ~ sap[ε]*, *T[e]jo ~ T[ε]jo*, *p[o]ça ~ p[ɔ]ça* etc.).⁹⁰ Outro dado a ser considerado é o fato de haver, no galego atual, variação na pronúncia da vogal tônica de muitos dos termos referidos neste trabalho: *l[e]da ~ l[ε]da*, *quer[e]la ~ quer[ε]la*, *aqu[e]la ~ aqu[ε]la*, *[e]la ~ [ε]la*, *cap[ε]lo ~ cap[e]lo*, *def[e]nsa ~ def[ε]nsa*, *av[ε]sa ~ av[e]sa*, *av[ε]so ~ av[e]so*, *proc[ε]so ~ proc[e]so*, *[e]u ~ [ε]u*, *m[e]u ~ m[ε]u*, *s[e]u ~ s[ε]u*, *t[e]u ~ t[ε]u*, *f[ɔ]go ~ f[o]go*, *x[ɔ]go ~ x[o]go* (*jogo*), *n[ɔ]vo ~ n[o]vo* (cf. *Dicionario de pronuncia da lingua galega*). Vale comentar, ainda, o caso de palavras como *velho* e *vermelho*, que rimam entre si, no CG. Enquanto no Brasil, há uma clara diferença entre as terminações desses vocábulos, porque apresentam vogais médias distintas, do ponto de vista fonológico (*v/ε/lho* e *verm/e/lho*), em Portugal, por vezes, essa diferença não é assim tão evidente, em virtude da influência da consoante palatal (/ʎ/) da sílaba seguinte (veja-se nota 87, p. 146). Todos esses dados permitem-nos considerar a possibilidade de as rimas do CG não serem, afinal, “imperfeitas”.

Além disso, há, no português atual, poucos exemplos de pares mínimos envolvendo os fonemas /e/ e /ε/, assim como /o/ e /ɔ/ (cf. WETZELS, 2011). As rimas apresentadas neste item do trabalho podem estar revelando, inclusive, que o português esteve a um passo de adquirir uma fonologia semelhante à do espanhol, em que a distinção de timbre, entre as vogais médias, não é fonológica. Não se pode desprezar, nesse caso, o fato de que os falantes de português tinham um contato frequente com a língua castelhana, na época. O próprio CG traz composições castelhanas em meio às portuguesas, que representam a grande maioria, na obra. A propósito, a influência das rimas da poesia castelhana, presente na coletânea de Resende, constitui outra explicação possível para as rimas apresentadas ao longo desta seção.

Outro ponto que merece ser discutido, quando o assunto é a diferença de timbre entre as vogais médias da língua, na posição acentuada, é o caso da flexão verbal do português. Segundo Mateus (1975, 2003), na primeira pessoa do singular do presente (indicativo e

⁹⁰ Estamos considerando, nesses exemplos, apenas pronúncias referentes ao português do Brasil - variedade padrão de São Paulo, precisamente.

subjuntivo), ocorre harmonização⁹¹ entre a vogal média tônica e a vogal temática dos verbos, nas três conjugações (-ar, -er, -ir). De acordo com a autora, a vogal temática, antes de ser suprimida, deixa o seu traço de altura flutuante, que se liga à vogal subespecificada (o que ocorre antes da colocação do acento). Assim, na primeira conjugação, a vogal média fica aberta (*levo, leve, moro, more*), por influência da vogal temática *a*; na segunda conjugação, a vogal média é fechada (*devo, deva, movo, mova*), por influência da vogal temática *e*; e na terceira conjugação, a vogal tônica torna-se alta (*firo, fira, durmo, durma*), por influência da vogal temática *i*. Há, entretanto, algumas exceções a essa regra: *chego, quero, peço* e *impeço*, por exemplo.

No que diz respeito ao abaixamento da vogal média, nas segunda e terceira pessoas do singular, e na terceira pessoa do plural, também no presente do indicativo e subjuntivo, Mateus (1975, 2003) explica que, nos casos em que a vogal temática não é suprimida, após a colocação do acento, a vogal média recebe o traço [+baixo] (ex.: *levas, moras, debes, moves, feres, dormes*). Cabe observar que tal regra só se aplica a vogais que não apresentem o traço [+alto] (*i, u*). Há, contudo, exceções envolvendo a vogal posterior: *fugir* e *subir*, por exemplo.⁹²

Mateus (2003) mostra que autores como Williams (1975[1938]) e Piel (1944) explicam essa alternância vocálica, nos verbos do português, a partir de analogia e assimilação com a vogal átona final (ou com a semivogal de alguns verbos latinos), mas não mencionam a influência da vogal temática. Para Williams (1975[1938]), nos verbos regulares das segunda e terceira conjugações, com vogal breve no radical latino (ex.: *verter, volver, servir, dormir*), a diferença de timbre entre a vogal tônica da primeira pessoa do singular e a das demais pessoas (nas formas rizotônicas) do presente do indicativo deve-se à influência da vogal átona final -o, marca de primeira pessoa. Segundo o autor, no português antigo, essa assimilação ainda não teria ocorrido e, portanto, as vogais tônicas eram médias abertas, na 2ª conjugação (*v[ɛ]rto, v[ɔ]lvo*), e médias fechadas, na 3ª conjugação (*s[e]rvo, d[o]rmo*), por

⁹¹ De acordo com Xavier e Mateus (1990, p. 200), a harmonia vocálica corresponde “ao modo como a articulação de uma vogal é influenciada pelas propriedades de outra(s) vogal(ais) na mesma palavra ou no mesmo grupo de palavras”. Neste trabalho, o termo *harmonia* foi designado tanto para os casos envolvendo a alternância vocálica nas formas verbais referidas, quanto para os casos de variação entre vogais altas e médias, na sílaba pretônica. Neste segundo emprego, estamos considerando a afirmação de Crystal (2000, p. 137) de que, no português, “dá-se harmonização vocálica nos casos em que as vogais médias pré-tônicas passam a altas, quando a vogal tônica é alta”.

⁹² Para conhecer outras propostas de análise fonológica à alternância vocálica envolvendo determinadas formas verbais do português, veja-se o trabalho de Battisti e Vieira (2005).

influência da semivogal latina (*sěrvĭo*, *dōrmĭo*). No que diz respeito ao presente do subjuntivo, o autor declara que a vogal média fechada ocorre por analogia às formas do indicativo.

Diante dessas asserções, Mateus (2003) indaga qual seria a explicação para a ocorrência da vogal média aberta em formas que, no latim, não apresentavam uma vogal média breve, mas outras vogais, que originaram, no português, vogais médias fechadas: *d[ɛ]ve* (*děbet*), *s[ɔ]be* (*sŭbĭt*), *t[ɔ]sse* (*tŭssĭt*).

Observando os dados arrolados em (5.12) e (5.13), verifica-se que muitas das rimas apontadas envolvem formas verbais do presente, tais como: *peça/esqueça/empeça*, *mereço/empeço/peço*, *espero/desespero/quero*, *pesa/despesa*, *reto/prometo/carreto*, *deve/teve* e *tristeza/despreza*. Tais exemplos contemplam tanto rimas exclusivamente entre verbos (*peça/esqueça/empeça*, *mereço/empeço/peço*, *deve/teve*), quanto rimas entre verbos e nomes (*espero/desespero/quero*, *pesa/despesa*, *reto/prometo/carreto*, *tristeza/despreza*).

Particularmente em relação ao primeiro caso, é interessante notar, entre os vocábulos rimantes, a ocorrência das formas verbais *peça*, *peço*, *empeça* e *empeço*, correspondentes aos verbos de terceira conjugação *pedir* e *impedir*, apontados anteriormente como uma exceção à regra de harmonização vocálica referida, que determina uma vogal tônica alta para os verbos da terceira conjugação flexionados na primeira pessoa do presente do indicativo e do subjuntivo (ex.: *firo*, *fira*). A rima *deve/teve* também traz um componente que merece apreço: o verbo *dever* (lat. *děbēre*), mencionado, acima, como um exemplo de que a origem latina não é suficiente para explicar todos os casos de abaixamento vocálico entre os verbos do português atual (ex.: *deve*, *deves* etc.). A ocorrência dessas formas verbais, nas rimas do CG, leva-nos a refletir sobre a atuação dos processos de harmonia e abaixamento vocálicos no português antigo. Parece aceitável a ideia de que, no século XV, essas regras ainda não estivessem totalmente estabelecidas e, em virtude de uma oscilação envolvendo a origem histórica dos verbos e a aplicação de processos fonético-fonológicos, fosse comum, entre os falantes da época, uma variação na pronúncia dessas formas verbais do presente. Nossa proposta é a de que, no português falado por Garcia de Resende e seus contemporâneos, as regras de harmonização e abaixamento estavam começando a atuar na flexão verbal, porque o que prevalecia, até então, era o timbre vocálico correspondente ao étimo latino (ex.: *pětĕre*, *děbēre*, *escaecer*, *quaerere*). Vale dizer que, em muitos casos, é esse timbre correspondente à

origem histórica que permanece no português atual (ex.: *peço, peça, quero, deseja* etc.), e não o timbre resultante dos processos fonético-fonológicos referidos.

No caso das rimas entre verbos e nomes (*pesa/despesa, tristeza/despreza, reto/prometo/carreto*), merece atenção o fato de todos os vocábulos envolvidos terminarem em *-a* ou *-o*: vogais tradicionalmente apontadas como gatilho em processos de metafonia, responsáveis pela abertura e fechamento de fonemas vocálicos. Tal razão autoriza-nos a suspeitar da influência dessas vogais na pronúncia da vogal tônica de termos como *despesa* (*desp[ɛ]sa*), *tristeza* (*trist[ɛ]za*) e *reto* (*r[e]to*), no português antigo. Essa hipótese tem respaldo em outros dados, já discutidos neste trabalho, referentes a mudanças de timbre vocálico, por influência, ao que tudo indica, da vogal átona final *-a* e *-o*: *gloriosa, formosa, essa, promessa, jogo, fogo*, entre outros exemplos. Essa explicação poderia, inclusive, ser estendida para outras rimas do CG envolvendo *-a* e *-o* postônicos finais, tais como *fresta/besta, festa/besta, defesa/pesa* etc. Um argumento a favor dessa hipótese é o fato de haver, no galego atual, variação na pronúncia da vogal tônica de termos como *despensa* (*despesa*) e *defensa* (*defesa*): segundo o *Dicionario de pronuncia da lingua galega*, ocorrem, na Galícia, *desp[e]nsa ~ desp[ɛ]nsa* e *def[e]nsa ~ def[ɛ]nsa*.

A rima *espero/desespero/quero*, também entre verbos e nome (*desespero*), constitui outro caso que poderia ser interpretado a partir dos dados do galego atual. Uma breve consulta ao *Dicionario de pronuncia da lingua galega* mostrou que muitos dos substantivos com terminação *-o*, que apresentam, no português atual, uma vogal média fechada, na sílaba tônica, são pronunciados, no galego, com uma vogal média aberta: *sos[ɛ]go* (*sossego*), *ap[ɛ]rto*, *[ɛ]rro*, *gob[ɛ]rno* (*governo*), *desesp[ɛ]ro*, *c[ɛ]lo* (*zelo*). Caso tivéssemos, no português de hoje, uma pronúncia como a do galego, para esses casos, não teríamos a seguinte distinção entre nomes e verbos: (*o*) *soss[e]go* - (*eu*) *soss[ɛ]go*, (*o*) *ap[e]rto* - (*eu*) *ap[ɛ]rto*, (*o*) *[e]rro* - (*eu*) *[ɛ]rro*, (*o*) *gov[e]rno* - (*eu*) *gov[ɛ]rno*, (*o*) *desesp[e]ro* - (*eu*) *desesp[ɛ]ro*, (*o*) *z[e]lo* - (*eu*) *z[ɛ]lo* etc. Se considerarmos a hipótese de, no português antigo, esses nomes terem sido pronunciados com vogal média aberta (em variação com a fechada, talvez), na sílaba tônica, a rima referida estaria explicada.

À luz desses fatos, somos levados a acreditar que, na segunda fase do PA, começavam a atuar (com maior frequência), entre as vogais tônicas da língua, processos fonético-fonológicos de natureza assimilatória tais como a harmonia vocálica e a metafonia, por exemplo. As rimas das CSM, analisadas na subseção anterior, sugeriram que, no século XIII,

o timbre das vogais médias, na posição acentuada, ainda correspondia à origem latina (ex.: [e]ssa, prom[e]ssa, env[e]ja, ferm[o]sa, glori[o]sa, f[ɔ]go, j[ɔ]go etc.). As rimas do CG, por seu turno, sugerem que, no século XV e início do século XVI, a atuação dos processos assimilatórios referidos passou a interferir na pronúncia das vogais tônicas da época, surgindo, assim, uma variação entre formas etimológicas, de um lado, e formas fonéticas, de outro. No decorrer da história da língua, essa variação foi diminuindo e estabeleceram-se os timbres vocálicos atuais. Em alguns casos, prevaleceu a variante fonética (ex.: [ɛ]ssa, prom[ɛ]ssa, env[ɛ]ja, av[ɛ]sso, form[ɔ]sa, glori[ɔ]sa, f[o]go, j[o]go, n[o]vo), em outros, a variante etimológica (ex.: b[e]sta, trist[e]za, r[ɛ]to, v[ɛ]lho, l[ɔ]go, m[ɔ]do).

Por fim, é interessante acrescentar que, entre tantas rimas possíveis, no CG, a divisão envolvendo a terminação *-eu*, nas CSM, permanece na coletânea de Resende. Verificamos que, no CG, como nas cantigas afonsinas, termos como *eu, meu, teu, seu* e *judeu* rimam entre si, mas jamais aparecem rimando com verbos da segunda conjugação⁹³ flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Esses verbos, inclusive, são grafados somente com a terminação *-eo* (ex.: *perdeo, venceo, escondo*), na obra de Resende. Vejamos alguns exemplos dessas rimas no CG:

(5.14)

Nuno Pereira

*E vosso pai e o meu
quatro gíolhos, e nós
outro tanto, vós e eu,
soes a mi e eu a vós.
(DIAS, nº 89, p. 283, v. I)*

(5.15)

Anrique de Sa

*O mordomo que laa vistas,
que cevada tão mal **deu**,
inda, senhor, nom é **meu**
pelo qual vivemos tristes
por nom comermos do **seu**.
Mas a cachaça **d'Abreu**,
que vimos emberrigada,
em Osela foi cevada
ou em cas d'algũ **judeu**.
(DIAS, nº 437, p. 353, v. II)*

⁹³ Como nas CSM, a forma verbal *deu* (primeira conjugação) é a única que rima, no CG, com os pronomes e substantivos terminados em *-eu*.

(5.16)

Diogo Brandam

*Do qual mui bem creio, sem contradiçam,
julgando sas obras e como **morreo**,
que deve bem certo de ter salvaçam,
pois tam justamente sempre **viveo**.*

(DIAS, nº 333, p. 213, v. II)

(5.17)

Rui Gonçalves

*Quem a de mim **escondeo**
val tanto com fremosura
que nam me pod'a Ventura
tornar o qu'ela **perdeo**.*

(DIAS, nº 397, p. 324, II)

Verificamos, entretanto, uma diferença significativa desse esquema rímico, em relação às rimas do século XIII. Nas CSM, o substantivo *sandeu*, cuja etimologia é desconhecida (ou incerta), rimava com os verbos da segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo, e jamais aparecia rimando, portanto, com os pronomes *eu*, *meu*, *teu*, *seu*, entre outras palavras pertencentes a este grupo rimante. No CG, essa situação inverteu-se, conforme mostram os exemplos a seguir:

(5.18)

Dom João Manoel

*A toda outra razam
acudo como **sandeu**,
ham-me ja por moucarrãao
e pior que o sam **eu**.*

(DIAS, nº 155, p. 435, v. I)

(5.19)

João Barbato

*_ Al me podês vós rogar,
respondi, senhora, **eu**,
mas de vos esta quitar,
eu seria de tachar
por muito mais que **sandeu**.*

(DIAS, nº 183, p. 490, v. I)

Para Cunha (1985, 1991), tal inversão revela que, no século XV e início do século XVI, a vogal média dos pronomes *eu* e *meu*, por exemplo, já não era aberta, como no século XIII - o que justifica a rima com o termo *sandeu*, cuja vogal média sempre teria sido fechada. A explicação de Cunha (1985, 1991) para não haver rima, ainda no século XV, entre esses termos (*sandeu*, *eu*, *meu*, *teu*, *seu*, *judeu* etc.) e os verbos referidos baseia-se na vogal átona final dessas formas verbais: o autor acredita que a nova grafia, com *-o* átono final (*morreo*, *venceo*, *viveo*), e não mais com *-u* (*morreu*, *venceu*, *viveu*), adotada na coletânea de Resende, indica que a pronúncia dessa semivogal não seria a mesma que em *meu* e *sandeu*, por exemplo. A diferença entre as vogais postônicas, portanto, estaria impedindo a rima. Learned (1950), por seu turno, defende que a mudança esteja no termo *sandeu*, que teria deixado de rimar com os verbos porque teve seu timbre vocálico alterado.

Considerando-se as hipóteses, levantadas neste trabalho, sobre as rimas do CG e as vogais médias da época, parece apropriada a proposta de Cunha (1985, 1991) de que não é a vogal média que está impedindo uma rima entre *meu* e *morreu*, por exemplo. Quanto à rima envolvendo o vocábulo *sandeu*, não é recusável a ideia de que, no século XV e início do século XVI, a vogal tônica desse substantivo permanecesse a mesma do século XIII. A mudança (em curso, talvez) estaria na vogal média dos pronomes *eu*, *meu*, *teu* e *seu*, entre outros termos.

A atestar o argumento de que a vogal postônica final pode interferir na escolha das rimas está o exemplo a seguir:

(5.20)

O cuidar e o sospirar

*Senhora, valhe-me Deos,
valha-me vossa mercê,
valê-me, senhora, vós,
poes meu agravo se vê.*

(DIAS, nº 1, p. 50, v. I)

Para Cunha (1985, 1991), no século XV, a vogal média de *Deus* já não era aberta, como no século XIII, e a rima entre *Deos* e *vós*, no CG, assim como a impossibilidade de rima entre *Deus* e termos como *judeus* e *meus*, por exemplo - rima que ocorria nas cantigas trovadorescas - podem ser um indício de que a segunda vogal do ditongo em *Deos*, grafada com *-o*, e não mais com *-u*, também não apresentasse, naquele período da língua, a mesma pronúncia da semivogal em *judeus* ou *meus*. Não se pode desconsiderar, no entanto, o fato de

que a rima entre *Deos* e *vós* pode não passar de uma influência das composições em língua castelhana, presentes na coletânea de Resende, já que, em espanhol, a rima entre *Dios* e *vos* é perfeitamente possível.

Os dados apresentados, até aqui, oferecem-nos uma visão geral sobre as vogais tônicas do PA, em suas duas fases. Com o intuito de obter informações sobre as vogais tônicas do período seguinte, o português moderno do século XVI, analisamos, na subseção a seguir, as rimas de *Os Lusíadas*.

5.1.3 As vogais médias nas rimas de *Os Lusíadas*

Na presente subseção, estão arrolados os dados desta pesquisa referentes ao mapeamento e análise das rimas empregadas em *Os Lusíadas*, de Camões. Conforme já mencionado neste estudo, esses dados foram obtidos a partir do rimário da obra épica de Camões, elaborado por Souza (1948).

Primeiramente, fizemos um levantamento, no rimário referido, de todas as rimas de *Os Lusíadas* envolvendo vogal média, na sílaba tônica. Em seguida, analisamos as possibilidades e impossibilidades de rima entre os vocábulos com terminação idêntica. Nesse ponto do trabalho, constatamos uma semelhança entre o esquema rímico adotado por Camões e aquele que verificamos para o CG. Como na coletânea de Resende, ocorrem, em *Os Lusíadas*, diversos casos de rima entre vocábulos que, no português atual, apresentam fonemas vocálicos diferentes, na sílaba tônica. Grande parte desses casos de rima envolve, inclusive, exatamente os mesmos termos registrados nas rimas do CG e apresentadas na subseção anterior.

Para a terminação *-er*, por exemplo, registramos, na obra de Camões, rima entre as formas verbais *disser* (futuro do subjuntivo), *dizer* (infinitivo) e *saber* (infinitivo):

(5.21)

*Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que **disser**,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por **dizer**:
Mas porque nisto a ordem leve e siga,
Segundo o que desejas de **saber**.*

(*Os Lusíadas*, canto III, estrofe 5)

Os casos de rima entre verbos regulares e irregulares, identificados no CG e discutidos anteriormente, também foram registrados em *Os Lusíadas*. Vejamos alguns exemplos envolvendo a terminação *-era*, em verbos flexionados no pretérito mais-que-perfeito do indicativo e no substantivo *fera*:

(5.22)

*Não he o outro que fica tão manhoso:
Mas nas mãos vay cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano,
Que como fosse debil e medroso,
Da pouca gente o fraco peito humano:
Não teve resistencia, e se a **tivêra**,
Mais dãno resistindo **recebêra**.*
(*Os Lusíadas*, canto II, estrofe 69)

(5.23)

*Cinco vezes a Lũa se **escondêra**,
E outras tantas mostrâra cheio o rosto,
Quando a Cidade entrada se **rendêra**,
Ao duro cerco, que lhe estava posto.
Foy a batalha tam sanguina e **fera**,
Quanto obrigava o firme prosuposto:
De vencedores asperos, e ousados,
E de vencidos, ja desesperados.*
(*Os Lusíadas*, canto III, estrofe 59)

(5.24)

*Mas a fermosa armada, que **viera**
Por contraste de vento, aaquella parte
Sancho quis ajudar na guerra **fera**,
Ia que em serviço vay, do Sancto Marte
Assi como a seu pay **acontecêra**,
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado Silves toma,
E o bravo morador destrue e doma.*
(*Os Lusíadas*, canto III, estrofe 88)

Para a terminação *-erão*, correspondente ao nosso *-eram* atual, também registramos, n' *Os Lusíadas*, rima entre verbos regulares e irregulares, conforme exemplificado a seguir:

(5.25)

*Cessem do sabio Grego, e do Troyano,
As navegações grandes que **fizerão**:
Callese de Alexandro, e de Trajano,
A fama das victorias que **tiverão**,
A quem Neptuno, e Marte **obedecerão**:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.*

(Os Lusíadas, canto I, estrofe 3)

(5.26)

*E como por toda Affrica se soa,
Lhe diz, os grandes feitos que **fizerão**,
Quando nella ganharão a coroa
Do Reino, onde as Hesperidas **viverão**:
E com muitas palavras apregoa,
O menos que os de Luso **merecerão**:
E o mais que pela fama o Rei sabia:
Mas desta sorte o Gama respondia.*

(Os Lusíadas, canto II, estrofe 103)

(5.27)

*A gente que esta terra possuya
Posto que todos Etiopes **erão**,
Mais humana no trato parecia
Que os outros, que tão mal nos **receberão**:
Com bailos e com festas de alegria
Pella praya arenosa a nos **vierão**,
As molheres consigo e o manso gado
Que apacentavão, gordo e bem criado.*

(Os Lusíadas, canto V, estrofe 62)

(5.28)

*Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos ombros, todos **erão**,
Hũs limos prenhes dagoa, e bem parecem
Que nunca brando pentem **conhecerão**:
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros Misilhões, que ali se **gerão**,
Na cabeça por gorra tinha posta
Hũa muy grande casca de Lagosta.*

(Os Lusíadas, canto VI, estrofe 17)

(5.29)

*Os ventos erão tais, que não **poderão**
 Mostrar mais força d'impeto cruel,
 Se pera derribar então **vierão**
 A fortissima torre de Babel:
 Nos altissimos mares, que **crecerão**,
 A pequena grandura d'hum batel,
 Mostra a possante nao, que move espanto
 Vendo que se sostem nas ondas tanto.*

(*Os Lusíadas*, canto VI, estrofe 74)

Encontramos também, na obra épica de Camões, rima entre verbos regulares e irregulares com terminação *-esse(m)*, flexionados no pretérito do subjuntivo, tais como *sometesse* (*submetesse*), *vivesse*, *recebesse*, *tivesse*, *viesses* e *podesse* (*pudesse*), por exemplo. Além dos verbos, integra o grupo rimante de terminação *-esse* o substantivo *interesse*, como mostram as rimas a seguir:

(5.30)

*Ja quiseram os Deoses que **tivesse**,
 O Filho de Filipo nesta parte,
 Tanto poder, que tudo **sometesse**
 Debaixo do seu jugo, o fero Marte:
 Mas asse de soffrer que o Fado **desse**;
 A tam poucos tamanho esforço, e arte
 Queu co gram Macedonio, e Romano,
 Demos lugar ao nome Lusitano?*

(*Os Lusíadas*, canto I, estrofe 75)

(5.31)

*Nem creais Nimphas nam que fama **desse**
 A quem ao bem comum, e do seu Rei
 Anteposer seu proprio **interesse**:
 Imigo da divina e humana ley,
 Nenhum ambicioso, que **quisesse**
 Subir a grandes cargos, cantarey,
 So por poder com torpes exercicios
 Vsar mais largamente de seus vicios.*

(*Os Lusíadas*, canto VII, estrofe 84)

(5.32)

*Por que se eu de rapinas so **vivesse**
 Vndivago, ou da patria desterrado,
 Como cres que tão longe me **viesse**,
 Buscar assento incognito e apartado?
 Por que esperanças, ou por que **interesse**,
 Viria experimentando o mar yrado,
 Os Antarticos frios, e os ardores
 Que sofrem do Carneyro os moradores?*

(*Os Lusíadas*, canto VIII, estrofe 67)

(5.33)

*Por ella o solta, crendo que ali tinha
 Penhor bastante, donde **recebesse**
 Interesse maior do que lhe vinha,
 Se o Capitão mais tempo **detivesse**:
 Elle vendo que ja lhe nam convinha
 Tornar a terra, porque nam **podesse**
 Ser mais retido, tendo aas naos chegado
 Nellas estar se deixa descansado.*

(*Os Lusíadas*, canto VIII, estrofe 95)

(5.34)

*Quantos montes então, que derribarão
 As ondas que batião denodadas,
 Quantas arvores velhas arrancarão
 Do vento bravo as furias indinadas:
 As forçosas raizes não cuidarão
 Que nunca pera o ceo fossem viradas,
 Nem as fundas arêas que **podessem**
 Tanto os mares que encima as **revolvessem**.*

(*Os Lusíadas*, canto VI, estrofe 79)

(5.35)

*Porem como a esta terra entam **viessem**,
 De la do feyo Arabico outras gentes,
 Que o culto Mahometico **trouxessem**,
 No qual instituirão meus parentes,
 Succedeo que pregando **convertessem**
 O Perimal, de sabios e elloquentes,
 Fazem lhe a ley tomar com fervor tanto,
 Que prosupos de nella morrer sancto.*

(*Os Lusíadas*, canto VII, estrofe 33)

Há que se mencionar, ainda, as rimas de *Os Lusíadas* envolvendo verbos regulares e irregulares no futuro do subjuntivo, flexionados na segunda e terceira pessoas do plural (terminações *-erdes* e *-erem*, respectivamente). Vejamos os exemplos a seguir:

(5.36)

*Rei tendes tal, que se o valor **tiverdes**
 Igual ao Rei que agora alevantastes,
 Desbaratareis tudo o que **quiserdes**,
 Quanto mais a quem ja desbaratastes:
 E se com isto em fim vos não **moverdes**,
 Do penetrante medo que tomastes,
 Atay as mãos a vosso vão receio,
 Que eu so resistirey ao jugo alheio.*

(*Os Lusíadas*, canto IV, estrofe 18)

(5.37)

*E porque he de vassallos, o exercicio,
 Que os membros tem regidos da cabeça,
 Não quereras, pois tês de Rei o officio,
 Que ninguem a seu Rei desobedeça:
 Mas as merçes, e o grande beneficio,
 Que ora acha em ti, promete que conheça
 Em tudo aquillo que elle e os seus **poderem**,
 Em quanto os rios pera o mar **correrem**.*

(*Os Lusíadas*, canto II, estrofe 84)

No caso da terminação *-este*, ocorre, no Canto VI de *Os Lusíadas*, rima entre *celeste*, *deste* (verbo *dar*) e *defendeste* e, no Canto X, o pronome *este* (em contração com a preposição *de*) aparece rimando com as formas verbais *naceste* (*nasceste*) e *fizeste*:

(5.38)

*Divina guarda, angelica, **celeste**,
 Que os ceos, o mar e terra senhoreas,
 Tu que a todo Israel refugio **deste**
 Por metade das agoas Eritreas:
 Tu que livraste Paulo e **defendeste**
 Das Syrtes arenosas e ondas feas,
 E guardaste cos filhos o segundo
 Povoador do alagado e vacuo mundo.*

(*Os Lusíadas*, canto VI, estrofe 81)

(5.39)

*Nem tu menos fugir poderas **deste**,
 Posto que rica, e posto que assentada
 La no gremio da Aurora, onde **naceste**,
 Opulenta Malaca nomeada:
 As setas venenosas que **fizeste**,
 Os Crises com que ja te vejo armada,
 Malaios namorados, Iaos valentes
 Todos faras ao Luso obedientes.
 (Os Lusíadas, canto X, estrofe 44)*

Além desses dados envolvendo verbos regulares e irregulares, registramos, em *Os Lusíadas*, muitos outros casos de rima entre termos que, no português atual, não poderiam compor uma rima perfeita, por não apresentarem os mesmos fonemas vocálicos, na sílaba tônica. Alguns desses casos de rima podem ser explicados a partir da etimologia dos termos rimantes, que justificaria a ocorrência de um fonema vocálico diferente, no português antigo. Entre esses casos, estão aqueles já discutidos nesta seção, que também ocorreram nas CSM e no CG, envolvendo as terminações *-eja*, *-ogo* e *-or*, por exemplo. A maior parte das possibilidades de rima, no entanto, não se justifica pela origem histórica da vogal tônica. Vejamos os exemplos apontados a seguir, referentes às rimas envolvendo vogais médias anteriores (5.40) e posteriores (5.41), em *Os Lusíadas*:

(5.40)

fê/crê/dê (I-63)
cabeça/começa/floreça (III-20)
faleça/começa/peça (VIII-78)
começa/cabeça/conheça (X-123)
começão/adereção/conheção (V-25)
peças/favoreças (X-118)
leda/seda/arremeda (II-93)
seda/veda/leda (II-96)
queda/leda (IX-67)
cega/nega/achega (II-98)
chega/nega/regá (V-7)
chegão/navegão (I-32)
navegão/chegão/regão (IV-62)
sosego/Mondego/cego (III-80)
sosego/cego/Mondego (III-120)
cego/Mondego/navego (VII-78)
enveja/deseja (I-39)
veja/Beja/deseja (III-76)
pelleja/deseja/enveja (V-93)
enveja/seja (VI-55)

enveja/seja/veja (X-113)
veja/enveja (X-156)
bella/nella/estrella (I-33)
Palmella/estrella/della (III-65)
*Castella/socorrella*⁹⁴ (III-99)
donzella/vencella/della (III-127)
estrella/della/bella (V-14)
Castella/estrella/nella (VI-47)
perdella/della (VI-83)
Castella/nella/estrella (VIII-25)
Estrella/Castella/bella (VIII-29)
della/estrella/donzella (IX-81)
dellas/vellas/estrellas (V-23)
bellas/estrellas (VI-87)
Caravellas/cometellas (X-18)
aquelle/elle/pelle (V-28)
aquelle/Hele/impelle (VI-63)
aquelle/pelle/nelle (IX-23)
velha/aparelha/ovelha (III-131)
aparelha/velha/aconselha (IX-50)
velho/conselho/aparelho (I-82)
velho/aparelho/vermelho (III-75)
conselho/velho/aparelho (IV-76)
velho/espelho (VIII-13)
zelo/amarelo (X-62)
regelos/Vasconcelos (IV-24)
cabellos/amarelos (V-39)
bellos/cabellos (V-55)
bellos/cabellos/amarelos (IX-56)
perde/verde (III-52, V-7)
perdes/verdes/quiserdes (IX-59)
receberes/poderes/quiseres (VI-15)
pareceres/poderes/quiseres (VIII-60)
enxerga/verga/erga (X-78)
eterno/governo/Inverno (I-28)
eterno/governo/moderno (VI-52)
ferro/erro/desterro (III-128, X-53)
ferro/desterro (VII-24)
temerte/converte (VI-89)
desconcerto/aperto/perto (III-138)
Portuguesa/defesa/pesa (I-90)
Teresa/pesa/defesa (III-34)
Portuguesa/empresa/pesa (III-41)
Inglesa/acesa/pesa (VI-44)
presa/pesa (IX-80)

⁹⁴ Como trabalhamos com a primeira edição (1572) de *Os Lusíadas*, a grafia dos dados corresponde exatamente à que foi empregada na época, ou seja, não há adaptações ortográficas como as que verificamos para o CG, na edição de Dias (1990-1993). Por isso, a grafia adotada para as formas verbais acompanhadas de clíticos não corresponde à grafia atual, nos dados arrolados acima: *socorrella* (*socorrê-la*), *vencella* (*vencê-la*), *perdella* (*perdê-la*), *regelos* (*regê-los*) etc.

Princesas/desprezas/estranhezas (III-122)
Meneses/Portugueses/reveses (X-104)
bestas/florestas/sestas (IX-67)
celeste/este (III-73)
celeste/deste/defendeste (VI-81)
Planeta/Meta/secreta (II-1)
inquieta/Mahometa/Planeta (III-19)
meta/secreta/preta (V-27)
penetras/letras (III-13)
treva/leva/atreva (V-30)
leva/escreva/treva (IX-15)
teve/atreve/leve (III-22)
teve/deve/breve (III-26)
leve/teve/neve (VI-43)
teve/leve/breve (VI-52)
atreve/deve/teve (VIII-32)
nobreza/preza/pureza (II-75)
Veneza/preza (II-97)
certeza/despreza/grandezza (III-29)
despreza/fortaleza/destreza (III-112)
certeza/pureza/preza (X-121)
Princesas/desprezas/estranhezas (III-122)

(5.41)

toda/roda/noda (III-17)
roda/noda/toda (VII-60)
todas/vodas/rodas (X-74)
todo/modo (II-58)
todo/modo (VII-59)
modos/todos (VI-12, VI-15, 50)
fogo/jogo/logo (IV-39)
logo/fogo (VI-34, 63)
logo/Diogo/rogo (VIII-94)
fogo/logo/jogo (X-19)
valor/milhor (III-18)
amor/maior (III-31)
senhores/milhores (II-46)
milhores/amores (VI-40)
temores/mayores/antecessores (VI-95)
pescadores/moradores/milhores (VII-16)
menores/corrutores (VIII-40)
milhores/regedores (VIII-52)
mercadores/milhores/trabalhadores (IX-10)
sabores/milhores/amores (IX-58)
moradores/cores/milhores (X-97)
senhores/mayores (X-114)
habitadores/peccadores/milhores (X-121)
Aurora/vencedora/chora (I-14)
guardadora/fora (I-102)

senhora/vencedora/adora (II-51)
fora/fora/senhora (III-95)
fora/mora/vencedora (VII-1)
agora/adora/fora (VII-32)
fora/Aurora/Flora (IX-61)
caçadora/fora/mora (IX-73)
fora/vencedora (X-31)
horas/roubadoras/moradoras (I-78)
pastoras/senhoras/horas (IX-35)
desacordo/bordo/acordo (VI-72)
choro/sonoro/coro (V-60)
morre/corre/torre (IV-5)
torre/morre (VIII-97)
sorte/morte/corte (IV-86)
corte/sorte (VI-7)
corte/sorte/forte (VI-60)
vos/avôs/pos (IV-17)
esposa/fermosa/preciosa (VI-21)
temerosas/esposas/bellicosas (IV-26)
esposas/deditosas (IV-44)
amorosas/rosas (VI-86)
rosas/fermosas/amorosas (IX-41)
rosas/fermosas (IX-68)
fermosas/deleitosas/esposas (IX-84)
fosse/posse (III-25)
posso/vosso/grosso (I-15)
posso/Colosso/grosso (V-40)
posta/Lagosta (VI-17)
postos/sottopostos/desgostos (V-58)
Piloto/noto/immoto (II-28)
nova/prova/mova (X-14)
mova/prova/nova (X-112)

Conforme se pode notar, muitas das rimas apontadas acima também ocorreram nas CSM e no CG. Merece destaque, entre esses dados, o caso da terminação *-osa*. Os exemplos arrolados em (5.41) mostram que, na obra de Camões, os adjetivos terminados em *-osa(s)*, tais como *fermosa* e *preciosa*, rimam tanto com o substantivo *esposa*, como nas CSM, quanto com o substantivo *rosa*, como no CG. Na subseção anterior, ao interpretar as rimas do CG entre os adjetivos referidos e o vocábulo *rosa*, chegamos a considerar a hipótese de, no século XV, já ter ocorrido o processo de mudança que originou o timbre atual da vogal tônica desses adjetivos. As rimas de *Os Lusíadas*, no entanto, vêm sugerir outra interpretação. Diante dos dados arrolados acima, somos levados a acreditar que, no século XVI, ocorriam as duas pronúncias (com *ô* e com *ó*), para a terminação *-osa* desses adjetivos. Essa variação,

registrada nas rimas de *Os Lusíadas*, estaria denunciando, assim, uma mudança em curso, no português quinhentista, que viria a se consolidar posteriormente.

As rimas apontadas acima que ocorrem nas três obras estudadas estão entre os poucos casos, na obra de Camões, conforme mencionado anteriormente, que podem ser explicados a partir da origem histórica das vogais acentuadas. Entre as rimas que não ocorreram nas obras de Afonso X e de Garcia de Resende, vale citar o exemplo envolvendo a terminação *-osso*: a rima, em *Os Lusíadas*, entre *posso*, *vosso* e *grosso* poderia ser justificada a partir da origem histórica da vogal tônica do adjetivo *grosso*, proveniente do latim *grōssus*. Sabendo que *ō* latino originou, no português, uma vogal média aberta (/ɔ/), na sílaba acentuada, poderíamos admitir a possibilidade de, no século XVI, a vogal média do adjetivo *grosso* apresentar um timbre vocálico diferente do atual. Esse tipo de explicação, no entanto, não vale para a maior parte das rimas indicadas nesta subseção.

Esses dados evidenciam, pois, uma clara semelhança entre as rimas do CG e as rimas de *Os Lusíadas*. Tal semelhança leva-nos a propor, para o século XVI, a hipótese levantada, na subseção anterior, para a segunda fase do PA: as possibilidades de rima, n'*Os Lusíadas*, entre vogais médias que, no português atual, apresentam timbres diferentes, podem ser um indício de que ocorria, também no português de Camões, variação na pronúncia das vogais médias, em posição tônica.

Desse modo, interpretamos as rimas de Camões a partir dos mesmos pressupostos admitidos para o CG - inclusive porque a maioria das rimas arroladas em (5.40) e (5.41) também ocorreu na coletânea de Resende. Particularmente em relação às rimas envolvendo formas verbais, em *Os Lusíadas*, merecem destaque os seguintes dados: *cega/nega/acheга*, *chega/nega/regа* e *navegão/chegão/regão*, por exemplo. Tendo em conta que as rimas são constituídas de verbos de primeira conjugação e conhecendo a pronúncia atual dessas formas verbais, vamos considerar a hipótese de que era possível, no português de Camões, uma pronúncia com vogal tônica aberta em todos esses termos rimantes. Nesse caso, teríamos de admitir a atuação dos processos de harmonia e abaixamento vocálicos em algumas das formas verbais em discussão, já que a origem histórica determina uma vogal média fechada para os verbos *chegar* (*plicare*), *regar* (*rigare*) e *navegar* (*navigare*). No caso do verbo *chegar*, que também ocorre em rimas do CG (ex.: *entrega/chega*), a atuação dos processos fonético-fonológicos parece ter perdido força, ao longo da história da língua, de modo que suas formas

do presente (indicativo e subjuntivo) representam uma exceção à aplicação das chamadas regras de harmonia e abaixamento, no português atual.

Ainda sobre a questão referente ao timbre vocálico dos verbos do português, comentamos, na subseção anterior, que muitas das distinções entre nomes e verbos (ex.: *eu erro* ~ *o erro*) não ocorreriam, no português atual, caso tivéssemos uma pronúncia, para os nomes, como a do galego atual, com vogal média aberta (ex.: *ap[ɛ]rto*, *c[ɛ]llo*, *[ɛ]rro*, *gob[ɛ]rno*, *sos[ɛ]go*, *desesp[ɛ]ro*). Se admitirmos que essa pronúncia com vogal média aberta também era comum no português antigo, explicaríamos as rimas de *Os Lusíadas* envolvendo esses nomes: *eterno/governo/Inverno*, *eterno/governo/moderno* e *ferro/erro/desterro*, embora também seja aceitável uma interpretação das rimas que considerasse a ocorrência de uma vogal tônica fechada, na pronúncia de todos esses termos.

Outro dado considerável é a rima entre *espelho* e *velho*, na obra de Camões. A origem histórica determina uma vogal tônica aberta tanto para *velho*, quanto para *espelho*: *větulus* e *spěcūlum*. No PB atual, entretanto, uma rima entre esses nomes não seria perfeita, já que o substantivo *espelho* apresenta uma vogal média fechada, na sílaba acentuada. Esse dado vem atestar a hipótese levantada neste trabalho de que processos assimilatórios influenciaram na pronúncia da vogal média (etimológica) dos termos, causando variações, em um determinado período da língua, e uma respectiva mudança, em alguns casos específicos (como o de *espelho*, por exemplo). Os fatos observados permitem-nos supor, para *velho*, uma variante fonética, nos séculos XV e XVI, com vogal média fechada, na sílaba tônica, condicionada, muito provavelmente, pela influência da vogal átona final *-o*. Ao contrário do que observamos para *espelho*, no entanto, é a variante etimológica *v[ɛ]lho* que prevalece no PB atual.

Os casos avaliados no parágrafo acima assemelham-se a outros dados, já discutidos neste trabalho, também envolvendo variação e mudança da vogal tônica ao longo da história do português. Trata-se de vocábulos com vogal tônica proveniente de *ō* latino, mas que apresentam, no português atual, uma vogal média fechada (ex.: *fogo*, *jogo*, *grosso*, *novo* etc.). Conforme mencionado anteriormente neste estudo, as Gramáticas Históricas e Manuais de Filologia do Português explicam o fechamento da vogal tônica, nesses casos, pela influência da vogal átona final, ou seja, a partir do processo tradicionalmente conhecido como metafonia. Vejamos, por exemplo, o que afirma Nunes (1960, p. 51) a respeito desses casos: “*ó* passa frequentemente a *ô* [...], quando precede a sílaba final e esta termina em *o* (metafonia); assim *fōcu-*, *fogo*, *grōssu-*, *grosso*, *jōcu-*, *jogo*, *cōrbu-*, *corvo*, *mōrtu-*, (por

mortuu) *morto*, *össu-*, *osso*, *törtu-*, *torto*, etc”. Também para Coutinho (1974, p. 105), o fechamento da vogal tônica, nesses termos, pode ser explicado pela influência da vogal átona final: “por influência da vogal final *u* ou da semivogal *i*, encontra-se às vêzes *õ* representado em português por *ô*: *cõrvu* > *corvo*, *põrcu* > *porco*, *fõcu* > *fogo*, *jõcu* > *jôgo*, *hõdie* > *hoje*, *fõrtia* > *fôrça*”. Da mesma forma, Williams (1975[1938], p. 49) afirma: “*o* tônico do latim vulgar seguido de uma sílaba terminada por *o* > *o*: *fõcum* > *fogo*; *põpũlum* > *povo*; *põsĩtum* > *pôsto*”.⁹⁵

Nenhum dos autores mencionados levantou a hipótese de esses termos terem apresentado, no passado, uma vogal média posterior com timbre vocálico aberto (/ɔ/). O presente estudo, por seu turno, vem propor, a partir da análise das rimas do passado, que a pronúncia com vogal média etimológica ocorria, no português antigo, e que os processos fonético-fonológicos de natureza assimilatória começaram a atuar (com maior frequência) na língua, por volta do século XV, ao que tudo indica, causando, a princípio, uma variação na pronúncia (refletida nas rimas da poesia da época) e, posteriormente, em alguns casos particulares, uma respectiva mudança.

Importa salientar que, no português atual, somente quando aparecem no plural, os vocábulos referidos acima apresentam uma vogal tônica correspondente à sua origem latina, ou seja, a vogal média aberta /ɔ/:⁹⁶

(5.42)

cõrvos > *c/ɔ/rvos*
cõrpos > *c/ɔ/rpos*
fõgos > *f/ɔ/gos*
jõcos > *j/ɔ/gos*
õvos > */ɔ/vos*
põrcos > *p/ɔ/rcus*
nõvos > *n/ɔ/vos*
õclos > */ɔ/lhos*
põrtos > *p/ɔ/rtos*
õssos > */ɔ/ssos*
grõssos > *gr/ɔ/ssos*
põstos > *p/ɔ/stos*

⁹⁵ Os símbolos [ɔ] e [o], adotados por Williams (1975[1938]), correspondem aos símbolos [ɔ] e [o], respectivamente, nos padrões do IPA.

⁹⁶ Exemplos retirados de Silva Neto (1952, p. 190).

tōrtos > *t/ɔ/rtos*
mōrtos > *m/ɔ/rtos*
fōssos > *f/ɔ/ssos*

Termos cujas vogais tônicas não são provenientes de um *ō* latino não apresentam, no português atual, vogais distintas, em suas sílabas acentuadas, no singular e no plural, conforme se pode observar nos seguintes exemplos, retirados de Silva Neto (1952, p. 193):

(5.43) Vogal média proveniente de *ō* latino

rōstros > *r/o/stos*
spōnsos > *esp/o/sos*
tōtos > *t/o/dos*

(5.44) Vogal média proveniente de *ū* latino

dūplos > *d/o/bros*
fūscos > *f/o/scos*
gūrdos > *g/o/rdos*
gūstos > *g/o/stos*
rūsseos > *r/o/xos*
lūpos > *l/o/bos*

Silva Neto (1952, p. 192) afirma, no entanto, que “em alguns exemplos insulados, causas inda meio obscuras - preponderantemente imitativas ou devidas à ultracorreção - desarticularam a harmonia do timbre”, como nos seguintes exemplos:

(5.45)

pūteos > *p/ɔ/ços*
medūllos > *mi/ɔ/los*
mūrnos > *m/ɔ/rnos*

Além desses dados apontados pelo autor, poderíamos mencionar inúmeros outros casos (menos reconhecidos, talvez), recorrentes no português atual, tais como *s[ɔ]gros* e *cach[ɔ]rros*, por exemplo. Esses dados reforçam a ideia de que, nem sempre, na história da língua, prevalecem os traços referentes à origem dos termos. Em muitos casos, a atuação de

processos fonético-fonológicos ou a influência de outros dados da língua interferem em regras já estabelecidas - como as de substituição das vogais latinas pelas portuguesas, por exemplo - alterando, assim, os rumos que se imaginavam previsíveis.

As razões expostas autorizam-nos a afirmar, inclusive, que a rima entre *modos* e *todos*, empregada tanto no CG, quanto em *Os Lusíadas*, pode estar sugerindo uma pronúncia fora dos padrões latinos para *todos* (lat.: *tōtus*), e não para *modos* (lat.: *mōdus*), ou seja, a pronúncia de ambos os termos seria com vogal média aberta, nesse caso específico envolvendo as formas do plural. Por outro lado, uma hipótese que considere uma pronúncia com vogal média fechada, para os dois vocábulos, também não seria recusável. O importante é levar em conta que, fossem as vogais abertas ou fechadas, se as rimas foram empregadas, na poesia de então, é porque havia, entre as pronúncias possíveis na época, uma perfeita correspondência entre os sons vocálicos envolvidos - eis a proposta deste estudo.

Entre tantas rimas possíveis, em *Os Lusíadas*, há o caso da impossibilidade de rima entre verbos de segunda conjugação flexionados na terceira pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo, e os vocábulos terminados em *-eu*. Como no CG, as formas verbais referidas apresentam terminação *-eo*, na obra de Camões, e jamais aparecem rimando com os pronomes *eu, meu, teu, seu*, entre outros termos. Particularmente em relação à terminação *-eu*, verificamos que ocorre em apenas duas rimas de *Os Lusíadas*, a saber:

(5.46)

*Mais ladrões castigando aa morte **deu**,
Que o vagabundo Alcides, ou **Theseu**.*

(*Os Lusíadas*, canto III, estrofe 137)

(5.47)

*Nesta remota terra, hum filho **teu**
Nas armas contra os Turcos serâ claro,
Ha de ser dom Christovão o nome **seu**,
Mas contra o fim fatal não ha reparo:
Ve ca a Costa do mar, onde te **deu**
Melinde hospicio gasaloso e caro
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obî, entra em Quilmance.*

(*Os Lusíadas*, canto X, estrofe 96)

Cabe lembrar que a rima entre a forma verbal *deu* e pronomes como *meu*, *teu*, *seu* e *eu* já ocorria nas CSM e no CG. O verbo *dar*, de primeira conjugação, é o único que aparece rimando, nas obras estudadas, com os pronomes referidos, e não rima, portanto, com os verbos de segunda conjugação flexionados na forma correspondente. A propósito, tanto no CG, como n'Os *Lusíadas*, a forma verbal *deu* diferencia-se das demais, por ser a única grafada com terminação *-eu*, e não *-eo*. Vejamos alguns exemplos de rima envolvendo a terminação *-eo*, nos versos de Camões:

(5.48)

*Isto dizendo yrado, e quasi insano,
Sobre a terra Affricana **descendeo**,
Onde vestindo a forma e gesto humano,
Pera o Prasso sabido se **moveo**.
E por melhor tercer o astuto engano,
No gesto natural se **converteo**,
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e co Xequé muy valido.*

(Os *Lusíadas*, canto I, estrofe 77)

(5.49)

*Desta arte em fim tomada se **rendeo**,
Aquella que nos tempos ja passados
Aa grande força nunca **obedeceo**,
Dos frios povos Sciticos ousados:
Cujo poder a tanto se **estendeo**,
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados.*

(Os *Lusíadas*, canto III, estrofe 60)

(5.50)

*Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no Reino forte **aconteceo**,
Despois que o Rei Fernando **falleceo**.*

(Os *Lusíadas*, canto IV, estrofe 1)

(5.51)

*Trouxe o filho de Iapeto do Ceo
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas **accendeo**
Em mortes, em desonras (grande engano)
Quanto melhor nos fora **Prometeo**,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estatua Illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera.*

(Os *Lusíadas*, canto IV, estrofe 103)

(5.52)

*Ia a vista pouco e pouco se desterra
 Daquelles pátrios montes que ficavão,
 Ficava o charo Tejo, e a fresca serra
 De Sintra, e nella os olhos se alongavão:
 Ficavamos tambem na amada terra
 O coração, que as magoas lâ diyxavão,
 E ja despois que toda se **escondeo**
 Não vimos mais em fim que mar e **ceo**.*

(*Os Lusíadas*, canto V, estrofe 3)

As estrofes transcritas em (5.51) e (5.52) revelam um ponto novo, em relação ao CG: a rima entre as formas verbais terminadas em *-eo* e o substantivo *ceo* (lat. *caelum*), que também aparece rimando, n' *Os Lusíadas*, com *Deos*:

(5.53)

*E do primeiro Illustre, que a ventura
 Com fama alta fizer tocar os **Ceos**,
 Serey eterna e nova sepoltura
 Por juizos incognitos de **Deos**:
 Aqui porà da Turca armada dura
 Os soberbos e prosperos **tropheos**,
 Comigo de seus danos o ameaça
 A destruida Quiloa com Mombaça.*

(*Os Lusíadas*, canto V, estrofe 45)

Para Cunha (1985, 1991), no século XVI, a vogal média de *Deos* já não era aberta, e a rima com o substantivo *ceo* constitui um exemplo claro de que, na época de Camões, era comum rima entre vogais médias abertas e fechadas, fruto da técnica versificatória implantada por Gil Vicente:

Foi, em verdade, o grande dramaturgo português - provavelmente influenciado pelo sistema fonológico do espanhol, que não opõe /e/ a /ɛ/ nem /o/ a /ɔ/ - quem introduziu na versificação portuguesa a liberdade de rima entre vogais tônicas abertas e fechadas, liberdade que se estendia também aos ditongos. (CUNHA, 1991, p. 923)

Aceitamos, neste trabalho, a interpretação de Cunha (1985, 1991), com a ressalva de que não basta, simplesmente, afirmar que era comum, na época, dispor em rimas vogais médias abertas e fechadas. O novo esquema rímico, introduzido por Gil Vicente, na poesia portuguesa, e desconhecido, portanto, dos trovadores, autoriza-nos a considerar a hipótese de haver, nos séculos XV e XVI, uma variação na pronúncia das vogais médias tônicas do português.

Desse modo, o presente estudo vem propor que as rimas do CG e de *Os Lusíadas*, ao contrário do que possam parecer, à luz de dados atuais, não eram imperfeitas, na época em que foram empregadas. Se os vocábulos analisados foram dispostos em rima pelos poetas dos séculos XV e XVI, não é recusável a ideia de que havia uma perfeita correspondência entre os fonemas rimantes, em alguma(s) das pronúncias recorrentes no português de então.

Pode-se dizer, portanto, que este trabalho traz informações relevantes, não apenas sobre as rimas empregadas em obras poéticas do passado, mas também sobre a pronúncia das vogais tônicas do português antigo. Particularmente em relação aos esquemas rímicos empregados na época, há poucos trabalhos que mencionam as diversas possibilidades de rima nas obras de Garcia de Resende e de Camões. Nunes (1960), por exemplo, tomando como base rimas isoladas de *Os Lusíadas*, nomeadamente os casos envolvendo a terminação *-ores*, afirma que, no século XVI, a vogal tônica de termos como *maior, menor, melhor, pior, redor, derredor* etc. ainda não havia passado pelo processo de mudança que originou seu timbre atual. Uma análise minuciosa de todas as rimas da obra épica de Camões veio sugerir exatamente o contrário: que os processos que originaram o timbre vocálico atual dos termos referidos neste trabalho já atuavam no português de Camões.

5.1.4. Considerações finais: vogais tônicas

Em suma, os resultados desta pesquisa sugerem, para os séculos XV e XVI, um comportamento das vogais médias portuguesas, em posição acentuada, diferente daquele atestado por Fonte (2010a,b) para o período trovadoresco. As rimas do CG e de *Os Lusíadas* levam-nos a acreditar que, da segunda fase do PA ao início do português moderno, pelo menos, houve uma variação fonética envolvendo o timbre das vogais médias (tônicas) da língua - e isso foi refletido nas rimas da poesia da época. Os quadros apresentados a seguir

elucidam, a partir de exemplos envolvendo nomes do português, esse suposto percurso da vogal média tônica, ao longo da história da língua:⁹⁷

Quadro 5.1. Pronúncia da vogal média anterior, em diferentes períodos da história da língua

Latim clássico	Século XIII	Séculos XV e XVI	Português atual
invīdia	env[e]ja	env[e]ja ~ env[ɛ]ja	inv[ɛ]ja
īpsa	[e]ssa	[e]ssa ~ [ɛ]ssa	[ɛ]ssa
monēta	(mo[e]da)	mo[e]da ~ mo[ɛ]da	mo[ɛ]da
bĕstia	(b[e]sta)	b[e]sta ~ b[ɛ]sta	b[ɛ]sta
vĕtulu	(v[ɛ]lho)	v[ɛ]lho ~ v[e]lho	v[ɛ]lho
pĕlle	(p[ɛ]le)	p[ɛ]le ~ p[e]le	p[ɛ]le

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 5.2. Pronúncia da vogal média posterior, em diferentes períodos da história da língua

Latim clássico	Século XIII	Séculos XV e XVI	Português atual
melīore	melh[o]r	melh[o]r ~ melh[ɔ]r	melh[ɔ]r
formōsa	form[o]sa	form[o]sa ~ form[ɔ]sa	form[ɔ]sa
fŏcu	f[ɔ]go	f[ɔ]go ~ f[o]go	f[o]go
jŏcu	j[ɔ]go	j[ɔ]go ~ j[o]go	j[o]go
lŏcu	l[ɔ]go	l[ɔ]go ~ l[o]go	l[ɔ]go
mŏdu	(m[ɔ]do)	m[ɔ]do ~ m[o]do	m[ɔ]do

Fonte: Elaboração própria.

⁹⁷ Estão transcritos entre parênteses os dados do século XIII que não ocorreram nas rimas das CSM, mas foram incluídos na tabela como uma hipótese da pronúncia no galego-português, a partir dos demais dados desta pesquisa. Os dados do português atual destacados em negrito correspondem aos casos cujo timbre vocálico etimológico foi preservado, após o período de variação. O traço mais escuro, separando as linhas do quadro, divide os dados em relação à vogal tônica do étimo latino: de um lado, estão os vocábulos com vogal média proveniente de *ĕ* e *ŏ* latinos; de outro, estão os itens lexicais com vogal tônica oriunda de *ī*, *ī*, *ē* e *ō* do latim clássico.

Esses exemplos autorizam-nos a admitir a hipótese de a variação na pronúncia da vogal média tônica ter sido condicionada, a princípio, por processos assimilatórios (como a metafoia, por exemplo). Poderíamos dizer, inclusive, que as vogais átonas finais *-a*, *-o* e *-e* constituíam gatilhos produtivos, nos processos de metafoia do português antigo. Pouco a pouco, entretanto, a variação teria se estendido a outros itens do léxico, passando a abranger, desse modo, vocábulos que não apresentam, necessariamente, um contexto fonético-fonológico específico, favorável à elevação ou ao abaixamento da vogal média.

Os quadros apresentados acima também mostram que muitas das variações fonéticas envolvendo a vogal média tônica, nos séculos XV e XVI, resultaram em mudança, de modo que a variante fixada na pronúncia atual não corresponde à forma etimológica. Em outros casos, no entanto, fixou-se a pronúncia mais antiga da língua.

Particularmente em relação às variações fonéticas do português antigo envolvendo os verbos da língua, quando comparamos a pronúncia atual às supostas pronúncias do século XIII, admitidas a partir das rimas das CSM, somos levados a acreditar que a determinação da variante fixa, no decorrer da história da língua, mostrou-se mais conservadora nos verbos do que nos nomes, sugerindo, portanto, que a morfologia é sensível ao sistema vocálico do português.

No caso das diferenças entre verbos regulares e irregulares do português, por exemplo, envolvendo a vogal média anterior da sílaba tônica, as rimas das CSM sugeriram, para o século XIII, pronúncias semelhantes às que se verificam no português atual. Em outras palavras, constatamos que, no século XIII, como no português atual, os verbos (sobretudo da segunda conjugação) cujo radical do presente é modificado, nas formas do passado, apresentavam uma vogal média aberta, na sílaba tônica, em determinados paradigmas (ex.: *fiz[ɛ]ram*, *quis[ɛ]ram*, *tiv[ɛ]ram* etc.), ao passo que as formas verbais regulares, ou seja, aquelas que exibem o mesmo radical, no presente e no pretérito, eram pronunciadas com vogal média fechada (ex.: *beb[e]ram*, *corr[e]ram*, *viv[e]ram* etc.). Uma possível explicação (diacrônica) para essa diferença pode estar no étimo latino. Segundo Dezotti (informação verbal),⁹⁸ poderíamos considerar a hipótese de as formas do pretérito e do futuro do subjuntivo dos chamados verbos regulares do português, ao contrário das formas ditas irregulares, não terem sido construídas a partir do radical do *perfectum* latino e da vogal

⁹⁸ Consultamos o Prof. Dr. José Dejalma Dezotti, em uma conversa informal, para esclarecer as dúvidas acerca da flexão verbal no latim clássico e vulgar.

tônica das terminações a ele associadas, como mostra o quadro a seguir, que reúne exemplos referentes à terceira pessoa do plural no pretérito perfeito do indicativo:

Quadro 5.3. Hipótese referente à constituição histórica de algumas formas verbais do português

Infinitivo	Radical do <i>Perfectum</i>	Evolução para a atual 3ª p.p. do Pretérito Perfeito
<i>facere</i>	<i>fec-</i>	<i>fecerunt</i> > <i>fez[ε]rom</i> > <i>fiz[ε]ram</i>
<i>dicere</i>	<i>dix-</i>	<i>dixerunt</i> > <i>diss[ε]rom</i> > <i>diss[ε]ram</i>
<i>scribere</i>	<i>scrips-</i>	<i>*scripserunt</i> mas <i>scribere</i> > <i>escrev[e]r</i> > <i>escrev[e]ram</i>
<i>vivere</i>	<i>vix-</i>	<i>*vixerunt</i> mas <i>vivere</i> > <i>viv[e]r</i> > <i>viv[e]ram</i>

Fonte: Elaboração própria.

Poderíamos dizer, inclusive, com base nos dados desta pesquisa, que a adesão de novos verbos à língua (sobretudo por empréstimo direto do latim clássico), nos séculos XV e XVI, teria contribuído para a variação na pronúncia. A referida semelhança entre o galego-português e o português atual, na pronúncia dessas formas verbais específicas, revela, pois, que a suposta variação fonética, nos séculos em questão, não resultou em mudança, ao contrário, privilegiou, posteriormente, a variante arcaica, principalmente nos casos envolvendo verbos irregulares. Talvez seja mais acertado afirmar que a vogal média aberta das formas irregulares é, de fato, mais conservadora, já que teria preservado, ao que tudo indica, o timbre correspondente a um étimo latino particular, assentado nas bases do *perfectum*. Provavelmente em virtude de um uso recorrente dessas formas, no dia a dia dos falantes, a pronúncia etimológica foi mantida, mesmo após esse período de variação. Nos demais casos, todavia, que correspondem à grande maioria, fixou-se a variante com vogal média fechada, que já era própria dos verbos que circulavam no português, antes do século XVI, com radical e vogal temática provenientes do infinitivo ou das formas do presente do latim vulgar, mas que também foi adotada (e, depois, fixada) na pronúncia dos novos verbos que entraram na língua posteriormente.

No tocante às variações envolvendo verbos flexionados no presente do indicativo e do subjuntivo, as pronúncias fixadas ao longo da história da língua mostraram-se, de um modo geral, menos conservadoras. Já mencionamos, nesta seção, a proposta de Mateus (1975, 2003) referente aos processos de harmonia e abaixamento das vogais portuguesas, em determinadas formas verbais do presente (do indicativo e do subjuntivo). Em relação à harmonia verbal, a autora defende que a vogal temática dos verbos, antes de ser suprimida, na primeira pessoa do presente do indicativo (ex.: *quebr+a+o* > *qu[ε]bro*, *toc+a+o* > *t[ɔ]co*; *beb+e+o* > *b[e]bo*, *mov+e+o* > *m[o]vo*; *serv+i+o* > *s[i]rvo*, *dorm+i+o* > *d[u]rmo*) e em todas as pessoas do presente do subjuntivo (ex.: *quebr+a+e* > *qu[ε]bre*, *toc+a+e* > *t[ɔ]que*; *beb+e+a* > *b[e]ba*, *mov+e+a* > *m[o]va*; *serv+i+a* > *s[i]rva*, *dorm+i+a* > *d[u]rma*), deixa seu traço de altura flutuante, que influencia a pronúncia da vogal da raiz, antes da atribuição do acento, conforme mostra o esquema a seguir:

$$(5.54) \quad \left[\begin{array}{c} V \\ - \text{alta} \\ \alpha \text{ rec} \\ \alpha \text{ arr} \end{array} \right] \longrightarrow \left[\begin{array}{c} \gamma \text{ alta} \\ \beta \text{ bx} \end{array} \right] / \text{--- Co+} \left[\begin{array}{c} V \\ \gamma \text{ alta} \\ \beta \text{ bx} \end{array} \right] +V \quad \text{[Vb]}$$

No caso do abaixamento vocálico, que se verifica nos verbos flexionados na segunda e terceira pessoas do singular, e na terceira pessoa do plural, do presente do indicativo (ex.: *qu[ε]bras*, *qu[ε]bra*, *qu[ε]bram*; *t[ɔ]cas*, *t[ɔ]ca*, *t[ɔ]cam*; *b[ε]bes*, *b[ε]be*, *b[ε]bem*; *m[ɔ]ves*, *m[ɔ]ve*, *m[ɔ]vem*; *s[ε]rves*, *s[ε]rve*, *s[ε]rvem*; *d[ɔ]rmes*, *d[ɔ]rme*, *d[ɔ]rmem*), Mateus (1975, 2003) propõe que a regra é aplicada após a atribuição do acento, em formas que não foram anteriormente harmonizadas:⁹⁹

⁹⁹ Harris (1974) lança mão do princípio de *Elsewhere Condition* (cf. KIPARSKY, 1973) para dar conta dessa relação disjuntiva entre as regras de harmonia e de abaixamento. Conforme já referido nesta seção, o trabalho de Battisti e Vieira (2005) contempla a proposta de outros estudiosos (inclusive a de Harris, 1974) acerca dos processos de harmonia e de abaixamento vocálicos nas formas verbais do português.

(5.55)

$$\left[\begin{array}{c} V \\ - \text{alta} \\ + \text{ac} \end{array} \right] \rightarrow \left[+ \text{bx} \right] / \text{--- Co} + V + \left[\begin{array}{c} C \\ \# \end{array} \right] \left[\text{Vb} \right]$$

Os dados desta pesquisa, indicados ao longo da presente seção, autorizam-nos a afirmar que, até meados do século XV, as regras de harmonia e abaixamento vocálicos ainda não atuavam de forma efetiva na pronúncia da vogal média dessas formas verbais do português, de modo que o timbre da vogal tônica ainda correspondia à quantidade do étimo latino (ex.: *v[ɛ]rto*, *v[ɔ]lvo*). Da segunda metade do século XV à segunda metade do século XVI, pelo menos, esses processos fonético-fonológicos (sobretudo o da harmonia) passaram a influenciar (com maior frequência, talvez) a pronúncia dessas vogais médias, ocasionando, assim, as variações entre as formas etimológicas e as formas resultantes dos processos referidos. Em alguns casos, essas variações resultaram em mudança (ex.: *v[e]rto*, *v[o]lvo*) e, em outros, foi mantida a forma etimológica (ex.: *ch[e]go*, *qu[ɛ]ro*). Em geral, pertencem a este último caso as formas que constituem, no português atual, uma exceção às regras de harmonia e abaixamento vocálicos.

Enfim, diante do que foi apresentado e discutido, ao longo desta seção, pode-se dizer que a observação das rimas dos séculos XIII, XV e XVI trouxe informações relevantes sobre a pronúncia das vogais médias tônicas do português, em diferentes períodos da história da língua.

5.2 Vogais pretônicas

A presente subseção traz os dados desta pesquisa referentes ao estudo das vogais pretônicas do português antigo, a partir da observação da grafia empregada nas CSM, no CG e n' *Os Lusíadas*.

Como o objetivo principal deste estudo é investigar a ocorrência de variação fonética, envolvendo alçamento vocálico, entre as vogais pretônicas dos séculos XIII, XV e XVI, buscamos, na escrita dos *corpora* referidos, pistas sobre a pronúncia da época. Sabendo que não havia, nos séculos em apreço, uma ortografia fixada para o português, levantamos, nas obras poéticas de Afonso X, Garcia de Resende e Camões, variações gráficas que pudessem ser interpretadas como variações fonéticas de antanho.

O procedimento metodológico adotado nesta pesquisa, portanto, consiste no mapeamento de todas as variações gráficas entre <e> e <i>, e <o> e <u>, pretônicos, nas CSM, no CG e em *Os Lusíadas*, conforme já mencionado neste trabalho. Além dos casos de variação, também foram contemplados, neste estudo, todos os dados que apresentaram, para as vogais pretônicas médias e altas, uma grafia invariável diferente da atual.

Após o levantamento dos dados, organizamos os casos segundo o contexto fonético-fonológico envolvido no suposto alçamento da vogal média pretônica. Tendo em conta os contextos favorecedores do alçamento, no PB atual (vide seção 3.4.2, deste trabalho), consideramos os seguintes fatores, na organização dos dados:

- a influência da vogal alta (/i/ ou /u/) da sílaba tônica (processo de harmonia vocálica);
- a assimilação ao timbre da vogal alta (/i/ ou /u/) presente na sílaba átona, imediatamente seguinte à vogal pretônica-alvo;
- a influência da consoante adjacente (processo de redução vocálica).

Particularmente em relação ao processo de redução vocálica, tomando como base os pontos de articulação das consoantes (Ponto de C), propostos pelo modelo de Geometria de Traços de Clements e Hume (1995), os dados foram organizados a partir dos traços *coronal*, *dorsal* e *labial* das consoantes adjacentes à vogal pretônica-alvo. Vale lembrar que

apresentam o traço [coronal] consoantes dentais, alveolares, palato-alveolares e palatais.¹⁰⁰ O traço [labial], conforme o próprio nome indica, é partilhado por consoantes bilabiais e labiodentais. Por fim, o traço [dorsal] está presente em consoantes velares.

Além disso, foram considerados, neste estudo, os casos de variação envolvendo vogal pretônica em início de palavra. Para as vogais anteriores ([e] e [i]), também mereceram atenção os dados iniciados pela sílaba átona *des-* (prefixo ou não) ou que continham encontros vocálicos.

Feita essa divisão dos dados segundo os contextos fonético-fonológicos envolvidos na variação, fez-se necessária, em alguns casos, uma subdivisão dos termos variantes, baseada na ortografia oficial (ou convencional) do português de hoje: de um lado, ficaram os termos que são grafados com vogal pretônica média e, de outro, os termos que apresentam uma vogal pretônica alta, nos padrões atuais da escrita. Para os termos grafados com vogal pretônica alta, na atual ortografia do português, investigamos a origem dessa vogal alta, no latim clássico,¹⁰¹ com o intuito de verificar se a pronúncia atual é etimológica ou resultado de mudança, ao longo da história da língua.

Apresentamos, nos itens a seguir, os dados e as constatações desta pesquisa. Em 5.2.1, estão indicados os resultados obtidos por Fonte (2010a,b), em seu estudo sobre as vogais pretônicas do século XIII, segundo a grafia empregada nas CSM. Os itens 5.2.2 e 5.2.3 trazem os dados desta pesquisa provenientes do CG e de *Os Lusíadas*, respectivamente.

5.2.1 As vogais pretônicas nas *Cantigas de Santa Maria*

Nesta subseção, estão apresentados os dados de Fonte (2010a,b) referentes às variações gráficas entre vogais médias e altas, em posição pretônica, registradas nas 420 CSM. Cabe ressaltar que a autora levantou os dados dessa pesquisa no *Glossário* das CSM, organizado por Mettmann (1972).

Segundo Fonte (2010a,b), favorecem, nas CSM, a variação entre <e> e <i>, e entre <o> e <u>, em posição pretônica, a ocorrência de: *i.* uma vogal alta (/i/ ou /u/) na sílaba adjacente (tônica ou átona), *ii.* uma consoante coronal ou dorsal, nos casos de variação entre

¹⁰⁰ Os estudiosos geralmente incluem as consoantes palatais entre os segmentos que apresentam o traço [coronal] (cf. MATZENAUER, 2005, p. 22), embora Chomsky e Halle não tenham atribuído esse traço aos sons palatais.

¹⁰¹ As informações sobre a etimologia dos termos, neste estudo, são baseadas em Corominas (1961), Cunha (2010) e Saraiva (2006).

vogais anteriores (<e> ~ <i>), e *iii*. uma consoante labial ou dorsal, nos casos de variação entre vogais posteriores (<o> ~ <u>). Além disso, mostrou-se considerável, entre os dados de Fonte (2010a,b), a variação envolvendo a vogal pretônica em início de palavra e, no caso das vogais anteriores, em encontros vocálicos.

A seguir, nas subseções 5.2.1.1 e 5.2.1.2, estão indicadas todas as variações gráficas identificadas por Fonte (2010a,b), nas CSM, entre os grafemas <e> ~ <i> e <o> ~ <u>, respectivamente.

5.2.1.1 Vogais anteriores

Fonte (2010a,b) mostra que os casos de variação entre <e> e <i> pretônicos, registrados nas CSM, ocorrem em contextos fonético-fonológicos específicos e bem delimitados. Segundo a autora, um dos contextos mais frequentes é o que envolve a ocorrência de uma vogal alta na sílaba tônica (processo de harmonia vocálica). As variações gráficas apontadas a seguir correspondem a casos registrados por Fonte (2010a,b), nas cantigas afonsinas, que podem ser atribuídos ao processo de harmonia vocálica. Em (5.56) e (5.57), estão indicados verbos¹⁰² e não-verbos da língua que apresentam uma vogal alta anterior, na sílaba tônica, e são oficialmente grafados, na ortografia atual do português, com uma vogal média, na sílaba pretônica em variação:

(5.56)

comedir
(CSM 115, 126, 143, 154, 295, 401)

comidir
(CSM 423)

consentir
(CSM 14, 64)

consintir
(CSM 281)

ferir
(CSM 12, 31, 35, 47, 239)

firir
(CSM 31 *To*, 59 *To*, 63 *To*)

pedir
(CSM 21, 22, 44, 64, 98)

pidir
(CSM 44 *To*, 98 *To*, 401)

repentir “arrepender-se”
(CSM 10, 94, 204, 390)

repintir
(CSM 98 *To*)

¹⁰² No trabalho de Fonte (2010a,b), os verbos foram arrolados no infinitivo, porque se considerou a forma de entrada desses vocábulos no dicionário de Mettmann (1972), de onde foram retiradas as variantes apontadas no estudo da autora. Cabe observar, no entanto, que esses verbos, aparecem, segundo Fonte (2010a,b), flexionados em diferentes formas verbais, em muitas das cantigas acima indicadas.

(5.57)

<i>crere<u>z</u>ia</i> “clerezia” (CSM 11, 115, 125, 208, 253, 405)	<i>crer<u>i</u>z<u>i</u>a</i> (CSM 66, 285)
<i>ere<u>g</u>ia</i> “heresia” (CSM 15 T, 18)	<i>er<u>i</u>g<u>i</u>a</i> (CSM 15 E, To)
<i>fer<u>i</u>da</i> (CSM 15, 22, 28, 35, 38, 84, 141, 159)	<i>f<u>i</u>r<u>i</u>da</i> (CSM 28 To, 63 To, 84 To)
<i>men<u>i</u>na</i> (CSM 79, 84, 94, 122, 132, 133, 180 T, 195, 378)	<i>min<u>i</u>na</i> (CSM 180, 317, 285, 321)
<i>men<u>i</u>no</i> (CSM 4, 5, 6, 21, 23, 53 T, 138 T, 215, 269, 378)	<i>min<u>i</u>no</i> (CSM 53, 115, 149, 323, 393, 403, 406)

Os casos de variação acima apontados são constituídos de termos que preservam, na ortografia atual do português, a vogal média etimológica <e> (*ferir*, *pedir*, *ferida*, *menino* etc.), na sílaba pretônica. Essa vogal média, no entanto, costuma ser alçada (*f[i]rir*, *p[i]dir*, *f[i]rida*, *m[i]nino*), na pronúncia dos falantes brasileiros, já que o processo de harmonia vocálica, de um modo geral, é o grande responsável pelos casos de elevação de vogal média pretônica, no Brasil. Esse dado constitui um argumento a favor de se considerarem as variações gráficas, apontadas em (5.56) e (5.57), como reflexos de variação fonética da língua falada no século XIII.

As variações gráficas arroladas a seguir também compreendem verbos (5.58) e nomes (5.59) do português que apresentam uma vogal alta /i/, na sílaba acentuada. Contudo, ao contrário dos casos apontados acima, estes termos são oficialmente grafados, no português atual, com vogal alta <i>, na sílaba pretônica em foco:

(5.58)

<i>cing<u>i</u>r</i> (CSM 419 E)	<i>ce<u>n</u>g<u>i</u>r</i> (CSM 306, 419 To)
<i>diz<u>i</u>a</i> (CSM 4, 6, 8, 9, 11)	<i>de<u>z</u>ia</i> (CSM 75 T, 152 E, 238, 349)

(5.59)

<i>vīgīa</i> (CSM 15, 52, 116, 124, 144, 151, 182, 193, 234, 244)	<i>veġīa</i> (CSM 221, 266, 269, 319, 333)
<i>virilla</i> “virilha” (CSM 19 <i>T, To</i>)	<i>verilla</i> (CSM 19, 224)
<i>vīzīa</i> “vizinha” (CSM 104 <i>To</i>)	<i>vezinna</i> (CSM 104, 241, 315)
<i>vīzinno</i> “vizinho” (CSM 359)	<i>vezinno</i> (CSM 323, 389, 392, 411)
<i>vīzīo</i> (CSM 23 <i>To</i>)	

De acordo com Saraiva (2006), a vogal pretônica dos vocábulos *vīgīa* e *virilha* é proveniente de *i* breve latino (*vīgīlāre* e *vīrīlis*). Já mencionamos, neste estudo, que, segundo as regras de substituição das vogais latinas pelas portuguesas, *ī* do latim clássico originou, no português, a vogal média /e/. Diante desses dados, Fonte (2010a,b) infere que, no século XIII, ocorriam as formas com vogal média etimológica <e> (*veġīa* e *verilla*), que variavam com *vīgīa* e *virilla*, devido à influência da vogal alta /i/, presente na sílaba tônica. Ao longo da história da língua, as variantes fonéticas (*vīgīa* e *virilla*) foram incorporadas pela fonologia e pela ortografia do português, em detrimento das variantes com vogal média etimológica (*veġīa* e *verilla*).

No que diz respeito ao vocábulo *vizinho*, verificamos, em Saraiva (2006), que sua vogal pretônica é proveniente de um *i* longo latino (*vīcīnus*). A vogal etimológica, portanto, não explica a ocorrência da variante grafada com <e>, no *corpus* analisado, uma vez que *ī* do latim clássico originou, no português, a vogal alta /i/ (*vīzinno*), conforme já mencionado neste trabalho. Para Fonte (2010a,b), a grafia com <e>, nas variantes *vezinno* e *vezinna*, pode ter aparecido, nas CSM, por influência da grafia de termos como *veġīa*, por exemplo, grafados com <e> etimológico, mas pronunciados, muito provavelmente, com [i], em determinadas situações, se considerarmos as variações gráficas (fonéticas?) acima apontadas.

Em relação ao verbo *cingir*, constatamos que os autores consultados neste estudo divergem sobre a duração da vogal alta latina que originou a vogal pretônica em destaque: *cīngĕre*, para Saraiva (2006), e *cīngĕre*, para Corominas (1961).

Segundo Fonte (2010a,b), também podem ser identificados, nas CSM, casos de harmonia vocálica envolvendo a vogal alta posterior (/u/), na sílaba tônica:

(5.60)

<i>f<u>i</u>g<u>u</u>ra</i> (CSM 29, 39, 44, 47, 76, 196, 256)	<i>f<u>e</u>g<u>u</u>ra</i> (CSM 82, 149)
<i>s<u>i</u>s<u>u</u>do</i> (CSM 28, 54, 65, 67, 95)	<i>s<u>e</u>s<u>u</u>do</i> (CSM 62 E)
<i>cr<u>i</u>at<u>u</u>ra</i> (CSM 392)	<i>cr<u>e</u>at<u>u</u>ra</i> (CSM 29, 39, 40, 201, 224, 335, 340, 399)
<i>mi<u>u</u>do</i> (CSM 28 E, T, To; 31 E, T; 46 T, To; 117 E, T; 119 E)	<i>me<u>u</u>do</i> (CSM 208 F, 337 E, 119 T, 208 E)
<i>ami<u>u</u>de</i> (CSM 42 To, 257, 303 E)	<i>ame<u>u</u>de</i> (CSM 46 E, T; 67 T, To; 146, 161, 175, 184, 255 E)
<i>f<u>i</u>z<u>u</u>a</i> (CSM 51, 362 To, F)	<i>f<u>e</u>z<u>u</u>a</i> (CSM 362)

No caso de *fegura* e *figura*, a variação estendeu-se para os derivados nas variantes gráficas *fegurar* (CSM 183, 188, 196, 205, 219, 264, 321, 342) e *figurar* (CSM 29, 161, 400), também identificadas por Fonte (2010a,b) no *corpus* analisado.

Saraiva (2006) mostra que a vogal pretônica dos termos *figura*, *miudo* e *amiude* é proveniente de *i* breve latino (*figuram*, *minutus*, *minute*), que originou, no português, uma vogal média /e/, em posição pretônica. Em *sisudo*, a vogal pretônica é proveniente de *e* longo latino (*sensus*). Diante desses dados, Fonte (2010a,b) infere que a grafia com a vogal média, para esses termos, no *corpus* analisado, pode ser atribuída à origem dessas vogais, no latim clássico. Para a autora, ocorriam, na primeira fase do PA, as formas *fegura*, *meudo*, *ameude* e *sesudo*, com <e> etimológico, que variavam com *figura*, *miudo*, *amiude* e *sisudo*, não apenas na grafia, mas também na fala, se considerarmos que a variação gráfica está refletindo uma variação fonética da época. Ao longo da história da língua, as variantes com vogal média etimológica deram lugar às variantes fonéticas, com vogal alta na sílaba pretônica, que foram incorporadas pelos sistemas fonológico e ortográfico do português.

A grafia com vogal média da variante *creatura*, identificada no *corpus*, também pode ser atribuída à sua origem no latim clássico: *crēatura*. A variação gráfica entre *creatura* e *criatura* leva-nos a acreditar que, no século XIII, a vogal média (etimológica) do termo *creatura* variava com a vogal alta (*criatura*), na escrita e, muito provavelmente, na fala da época. Não podemos afirmar, entretanto, como fizemos para o substantivo *figura*, que a vogal alta /i/, presente no termo *criatura* do português atual, possa ser atribuída exclusivamente ao processo de harmonia vocálica, uma vez que esse termo é um derivado do verbo *criar*,¹⁰³ que já aparece grafado com vogal alta no *corpus* analisado.

No que diz respeito à grafia com <e>, na variante *feuzza*, não podemos explicá-la a partir da etimologia da palavra, uma vez que sua vogal pretônica, segundo Saraiva (2006), é proveniente de um *i* longo do latim clássico (*fidūcia*). A grafia com vogal média, em *feuzza*, não é, portanto, etimológica, como em *fegura*. Ao contrário, a vogal etimológica, nesse caso, é a presente na variante *fiuzza*, que permanece no português atual. Como afirmamos para as variantes gráficas *vezinno* e *vezinna*, a grafia com vogal média, em *feuzza*, pode ter sido adotada por influência dos termos grafados com <e>, mas pronunciados, muito provavelmente, com [i], diante de uma vogal alta, na sílaba tônica. Nesse caso, poderíamos arriscar a dizer que, quem grafou *feuzza*, considerou, possivelmente, que a vogal média /e/ (e não /i/) representasse a vogal etimológica (como em *fegura*), e que uma grafia com <i> refletiria apenas uma variação da fala (também como em *figura*) e que, por isso, não seria a mais “adequada” para ser adotada (seria, pois, um caso de hipercorreção, no PA?).

Fonte (2010a,b) também registrou, nas CSM, casos de variação entre <e> e <i> pretônicos relacionados à assimilação ao timbre da vogal alta (/i/) da sílaba átona adjacente. Em (5.61), estão arrolados os casos envolvendo termos que são oficialmente grafados com <e> pretônico, no português atual. Em (5.62), estão os termos que apresentam, na ortografia atual do português, uma vogal alta <i>, na sílaba pretônica em variação:

¹⁰³ Os casos de levantamento de vogal pretônica em hiatos, como em *criar*, *incendiar* e *diante*, por exemplo, estão discutidos mais adiante, nesta seção.

(5.61)

<i>arcedi<u>a</u>go</i> (CSM 202 F, 204)	<i>arci<u>d</u>iago</i> (CSM 202)
<i>avezi<u>m</u>ao “infeliz”</i> (CSM 346)	<i>avizi<u>m</u>ao</i> (CSM 127, 329)
<i>nemi<u>g</u>alla “nada”</i> (CSM 65, 95, 117, 132, 178)	<i>nimi<u>g</u>alla</i> (CSM 65 To, 75 E, To; 253 E)
<i>pepi<u>o</u>n “antiga moeda de Castela”</i> (CSM 85 T, 102, 145, 305)	<i>pipi<u>o</u>n</i> (CSM 85 E)
<i>peti<u>ç</u>o<u>n</u> “petição”</i> (CSM 146, 265, 305, 386, 401)	<i>pi<u>t</u>i<u>ç</u>o<u>n</u></i> (CSM 146 T, 401 To)
<i>pre<u>g</u>ui<u>ç</u>oso</i> (CSM 37, 69, 171)	<i>pr<u>i</u>gui<u>ç</u>oso</i> (CSM 363)

(5.62)

<i>cruci<u>f</u>igar “crucificar”</i> (CSM 12, 99, 267)	<i>cro<u>c</u>efi<u>g</u>ar</i> (CSM 12 T, To; 267 F)
<i>espi<u>r</u>ital “espíritual”</i> (CSM 35)	<i>espe<u>r</u>ital</i> (CSM 16, 42, 91, 179, 324)

Particularmente em relação aos derivados *petiçõn* e *preguiçoso*, a explicação para o alçamento da vogal pretônica, nas formas *pitiçõn* e *priguiçoso*, também pode estar nos substantivos primitivos *preguiça* ([*priguiça*]) e *pedir* ([*pidir*]), segundo Fonte (2010a,b). Nesse caso, o alçamento provocado pela influência da vogal alta da sílaba tônica teria se estendido para outros paradigmas. Vale comentar, a propósito, que, dos termos arrolados em (5.61), entre aqueles que sobreviveram, ao longo da história, o alçamento da vogal pretônica é bastante frequente na pronúncia do vocábulo *preguiçoso*, no PB atual (talvez porque esse item lexical seja mais recorrente do que os outros, na fala cotidiana).

Em relação aos dados arrolados em (5.62), a vogal média pretônica é etimológica apenas em *crocefigar* (*crūcīfīgēre*). Em *espiritual*, a vogal pretônica destacada é proveniente de *ī* latino (*spīritūālis*), de acordo com Saraiva (2006). A vogal alta da variante *espiritual*, que sobrevive no português de hoje (*espiritual*), é etimológica, portanto, e não o resultado da atuação do processo de alçamento vocálico, ao longo da história da língua, como no caso de *crucificar*.

Fonte (2010a,b) também identificou, nas CSM, casos de variação condicionada pela influência de uma consoante adjacente (precedente ou seguinte). Particularmente em relação à variação entre <e> e <i> pretônicos, a autora constatou a influência da consoante coronal, precedente e seguinte, favorecendo o suposto alçamento da vogal média, no galego-português. Estão indicados, em (5.63), os casos de variação, nas CSM, envolvendo uma consoante coronal precedente à vogal pretônica-alvo:

(5.63)

cilurgiano “cirurgião”
(CSM 177 M)

celorgião
(CSM 157, 177, 385)

mantinente “imediatamente”
(CSM 253 E, 374)

mantenente
(CSM 9, 15, 23, 25, 34)

offeriçon “oferenda”
(CSM 417 E)

offereçon
(CSM 31, 327, 417 To)

Dos termos arrolados acima, apenas *cirurgião* permanece (com uma grafia próxima à antiga) no português atual. Nesse caso, a ortografia oficial da língua privilegiou a variante com vogal pretônica alta, que corresponde à forma etimológica *chīrūrǵūs* (cf. SARAIVA, 2006).

A seguir, estão arrolados os casos de variação registrados por Fonte (2010a,b), nas CSM, envolvendo termos que apresentam uma consoante coronal seguinte à vogal pretônica variante. Em (5.64), está representada a variação do termo *penhor*, nas cantigas afonsinas. Em (5.65), estão os vocábulos grafados com <i> pretônico, na atual ortografia do português:

(5.64)

pennor “penhor”
(CSM 25, 62, 305, 369)

pinnor
(CSM 62 T, To)

(5.65)

ligeiro
(CSM 242, 262, 354, 379, 408)

legeiro
(CSM 107 T)

virgĩndade “virgindade”
(CSM 2, 55, 90, 105, 132)

vergĩndade
(CSM 2 To)

Sobre o termo *penhor*, sabe-se que a ortografia oficial do português privilegiou a variante grafada com <e> pretônico. Particularmente em relação aos falantes brasileiros, parece-nos que a pronúncia com vogal média pretônica também seja preferível à pronúncia com vogal alçada (muito provavelmente, porque esse vocábulo é pouco comum, na fala cotidiana). No caso dos termos arrolados em (5.65), se tomarmos como base o dicionário de Saraiva (2006), diremos que a vogal média não é etimológica na variante *vergüindade*, uma vez que, de acordo com o autor, tal vogal pretônica é proveniente de *i* longo latino (*vīrgīnītātis*). Para Corominas (1961) e Cunha (2010), no entanto, a vogal pretônica em questão deriva de *i* breve latino (*vīrgīnis*), que originou, no português, uma vogal média /e/. Adotando esta última interpretação, diríamos que a vogal alta presente na forma atual *virgindade* é decorrente de uma variação fonética que resultou em mudança, ao longo da história da língua.

Também foram identificados, no *corpus* analisado por Fonte (2010a,b), casos de variação entre <e> e <i> envolvendo uma consoante dorsal (velar), precedente ou seguinte à vogal pretônica-alvo. Estão indicados, a seguir, os casos contendo uma consoante velar precedente à vogal pretônica variante. Em (5.66), transcrevemos a variação gráfica registrada, nas CSM, para o verbo *escrever*, oficialmente grafado com vogais pretônicas médias, no português atual. Em (5.67), estão arrolados os dados que apresentam uma vogal pretônica alta na escrita padrão do português de hoje:

(5.66)

escrever
(CSM 97, 251, 265)

esriver
(CSM 110)

(5.67)

crystal
(CSM 165, 172, 292)

crestal
(CSM 235)

crischãidade “cristandade”
(CSM 107, 325)

reschandade
(CSM 309)

crischão “cristão”
(CSM 4, 15, 25, 34, 46, 65, 253)

reschão
(CSM 205, 385)

No caso da variação arrolada em (5.66), a ortografia atual do português privilegia a variante com vogal média, que não é, todavia, etimológica, por ser proveniente de *i* longo latino (*scrībĕre*), de acordo com os dicionários consultados neste trabalho. A variante que permanece na escrita padrão do português atual não corresponde, portanto, à forma etimológica. No caso do PB atual, a vogal pretônica da sílaba inicial, em *escrever*, costuma ser alçada pela maioria dos falantes, mas a vogal pretônica que se mostrou variante, nas cantigas afonsinas, geralmente é [e], na fala dos brasileiros.

Sobre os dados arrolados em (5.67), importa dizer que a vogal média das variantes *crestal*, *creschandade* e *creschão* também não é etimológica, segundo as informações disponíveis em Saraiva (2006): *crȳstāllūs* e *chrīstīānus*.

Os casos de variação, registrados por Fonte (2010a,b), envolvendo consoante dorsal (velar) seguinte à vogal pretônica-alvo estão apresentados em (5.68):¹⁰⁴

(5.68)

<i>Alicante</i> (CSM 339 F)	<i>Alecante</i> (CSM 339)
<i>mingar</i> “minguar” (CSM 253)	<i>mengar</i> (CSM 185)
<i>minguar</i> (CSM 155, 180, 348, 414)	<i>menguar</i> (CSM 50, 308)
<i>minguado</i> (CSM 253, 273, 335)	<i>menguado</i> (CSM 1, 6, 23, 48, 75, 111, 211)
<i>vingar</i> (CSM 2, 5, 15, 35, 65, 72, 125, 215, 238)	<i>vengar</i> (CSM 125 To, 177, 379)
<i>vingador</i> (CSM 15)	<i>vengador</i> (CSM 15 To)
<i>vingança</i> (CSM 9, 15, 19, 57, 117, 136, 154, 235, 289, 326)	<i>vengança</i> (CSM 15 T, To; 115; 238)

¹⁰⁴ É importante observar que a consoante nasal /N/ está travando a vogal pretônica de quase todos os exemplos de (5.68) - o que também pode estar favorecendo o levantamento da pretônica.

Sobre o verbo *minguar* e derivados, pode-se dizer que as variantes com vogal alta, na sílaba pretônica, foram incorporadas pela ortografia oficial e pela fonologia do português, ao longo da história da língua, em detrimento das variantes com vogal média etimológica (*mĩnũěre*). No caso do verbo *vingar* e derivados, se considerarmos a origem histórica proposta por Corominas (1961) e Cunha (2010), também diremos que a vogal alta prevaleceu em detrimento da vogal média etimológica (*vĩndĩcare*). Por outro lado, se adotarmos a proposta de Saraiva (2006), diremos que a vogal média em *vengar* não é etimológica, já que, para o autor, a vogal pretônica do verbo em foco é proveniente de *i* longo latino (*vĩndĩcare*). Nesse caso, a vogal alta, na ortografia do português atual (*vingar*), não seria resultado de mudança, mas a preservação da vogal etimológica.

Fonte (2010a,b) também identificou, no *corpus* considerado, variação gráfica entre <e>, <i> e <ei>, em posição inicial absoluta, na palavra *igreja*, que aparece grafada, nas CSM, como *egreja* (CSM 398, 410), *eigreja* (CSM 8, 9, 12, 15, 65, 69, 76, 91, 280, 409) e *igreja* (CSM 35, 45, 52, 53, 59). Segundo Williams (1975[1938], p. 55), todo *ei-* inicial do PA tornou-se *i* no português atual. Desse modo, pode-se dizer que as variantes gráficas registradas por Fonte (2010a,b), nas CSM, revelam o percurso histórico do termo *igreja*, no português: da forma mais próxima ao étimo latino, *egreja* (lat. *eclěšiam*), até a representação atual (*igreja*), passando pelo intermediário *eigreja*.

Além disso, a autora registrou variação entre <e> e <i>, em posição inicial absoluta, diante de consoante nasal (5.69) e sibilante (5.70):

(5.69)

inchar
(CSM 199, 201, 244, 308, 315)

enchar
(CSM 54, 404)

Ingraterra
(CSM 35, 221, 226)

Engraterra
(CSM 85 T)

(5.70)

istoria
(CSM 219)

estoria
(CSM 78, 115)

Os termos em variação arrolados acima apresentam, no português atual, uma vogal alta /i/ na sílaba inicial. Segundo Saraiva (2006), essa vogal pretônica é proveniente de *i* longo latino (*īnflāre, hīstōria*), o que nos permite afirmar que as variantes com vogal média, nas CSM, não são etimológicas.

Vale mencionar que, para os termos com vogal pretônica anterior seguida de sibilante, em início absoluto de palavra, Fonte (2010a,b) também encontrou, nas CSM, variantes grafadas apenas com <s> inicial:¹⁰⁵

(5.71)

<i>esclarecer</i> (CSM 164)	<i>sclarece</i> (CSM 15)
<i>escolar</i> (CSM 291, v. 1)	<i>scolar</i> (CSM 291, v. 11)
<i>escrito</i> (CSM 35, 65, 97, 219, 261, 384, 386)	<i>scrito</i> (CSM 139)
<i>escritura</i> (CSM 6; 53, v. 38; 364, 384, 392, 403, 419)	<i>scritura</i> (CSM 53, v. 2)
<i>escuso</i> (CSM 212, 305)	<i>scuso</i> (CSM 102, 214)

No caso do termo *escolar* e dos vocábulos derivados do verbo *escrever*, a grafia com <s> inicial pode ser interpretada como uma influência das grafias latinas *schola* e *scribere* - influência que pode ter se estendido para outros vocábulos da língua, cuja sílaba inicial não provém de *sc-* latino: *esclarecer* e *escuso*.

Fonte (2010a,b) também identificou, nas CSM, um caso de variação entre <e> e <i> pretônicos em encontro vocálico:

¹⁰⁵ Massini-Cagliari (2005, p. 98), ao analisar a ocorrência, nas CSM, da consoante <s>, em início de palavra, seguida de outra consoante (ex. *strela, Spirito, sclareceu* etc.), constata que essa sequência sempre ocorre, no *corpus* analisado, depois de palavra terminada em vogal: o que “liga o ‘S desgarrado’ à coda da sílaba anterior”. Nos casos em que não há uma vogal precedendo a sequência S+C (consoante), a autora mostra que o editor das CSM (METTMANN, 1986, 1988, 1989) insere um <e> epentético para “acertar” a contagem das sílabas poéticas dessas cantigas.

(5.72)

alumear
(CSM 36, 49, 313 E, F; 316 E, F; 332 E; 340E, 362)

alumiar
(CSM 92)

Discussões sobre o estado atual da língua à parte, no que diz respeito à realização desses encontros vocálicos como hiato ou ditongo, são interessantes as seguintes palavras de Maia (1997[1986], p. 368-369) sobre a história dessas vogais pretônicas do português:

O grafema *e* da sílaba pretônica, quando seguido de vogal tónica com a qual se encontra em hiato, pelo menos durante os primeiros séculos do período estudado, pode representar a vogal *e* (possivelmente *e* fechado) ou *i*. Como é sabido, neste contexto, a vogal *e* passou a *i*, inicialmente com valor vocálico e, portanto, constituindo núcleo de sílaba, passando mais tardiamente a ter valor assilábico, ou seja, de semivogal. Nuns casos, essa alteração da língua falada fixou-se na grafia (cf. *incendiar*, *diante*, *vier*, *criança*, etc.), continuando, no entanto, muitas formas a manter, ainda hoje, as grafias mais antigas (cf. *nomear*, *geada*, *passear*, etc.). [...] As escassas formas com *i* (y ou *j*) (cf. *criança*, *diante*, *vier*) provam que, pelo menos desde o séc. XIII, *e* pretônico em hiato com a vogal da sílaba tónica tinha começado a fechar-se em *i*.

Segundo Fonte (2010a,b), também ocorrem, nas cantigas afonsinas, termos invariavelmente grafados com <e> pretônico, em encontros vocálicos:

(5.73)

ceoso (CSM 42, 341)

deante (CSM 77, 108, 256, 285, 314)

deanteiro (CSM 276, 409)

peor (CSM 47, 64, 72, 82, 102, 217) ~ *peyor* (CSM 5, 15, 54, 91, 130)

peon (CSM 22, 85, 102, 205, 245, 317, 374)

traedor (CSM 4, 15, 41, 102, 213, 245)

Por fim, alguns casos de variação gráfica, identificados por Fonte (2010a,b), nas cantigas afonsinas, são entre termos derivados, construídos a partir dos sufixos *-idade* e *-mento*, conforme se pode observar nos exemplos a seguir:

(5.74)

enfermidade
(CSM 54, 65, 93, 134, 166)

enfermedade
(CSM 218, 221, 321, 367)

(5.75)

atrevimento
(CSM 34 *T, To*)

atrevemento
(CSM 34)

entendimento
(CSM B, 34, 297, 423)

entendemento
(CSM 320, 382, 418)

No caso dos termos com sufixo *-mento*, a vogal <e>, presente em cada uma das variantes, está relacionada à vogal temática *e* dos verbos *atrever* e *entender*, a partir dos quais foram formados os substantivos *atrevimento* e *entendimento*, respectivamente.

Apresentamos, até aqui, todos os casos de variação gráfica entre <e> e <i> pretônicos registrados por Fonte (2010a,b) nas CSM. A fim de complementar o estudo da autora, esta pesquisa dedicou-se em buscar, no glossário de Mettmann (1972), todos os termos invariavelmente grafados com vogal pretônica (média ou alta) diferente da atual. Com vogal alta <i>, em substituição ao <e> atual, encontramos, no *corpus* referido, as grafias *cimiteiro* (CSM 45, 164, 224), *testimõya* (CSM 227) e *testimonio* (CSM 25), para *cemitério*, *testemunha* e *testemunho*. Os dados grafados com <e> pretônico, em lugar do <i> atual, foram mais numerosos, no *corpus* consultado:

(5.76)

enfengir (CSM 318)

virtude (CSM 9, 21, 30, 43, 54, 57, 65, 73)

virtuoso (CSM 195)

dereito

(CSM A, 9, 12, 15, 18, 26, 34, 35, 43, 47, 49, 52, 53, 56, 75, 89, 109, 113, 132, 163, 174, 175, 179, 186, 200, 201, 213, 219, 222, 225, 237, 240, 268, 269, 281, 286, 345, 361, 392)

endevedada (CSM 62 *E*) ~ *endevidada* (CSM 62 *T*)

leçença (CSM 55)

lenguage (CSM 426, 427)

enrriquecer (CSM 132)

riqueza (CSM 51, 75, 125, 132, 195, 302, 312, 406, 422)

emperio (CSM 265)

encensso “incenso” (CSM 424)

enqueredor “inquiridor” (CSM 97)
enquerer “inquirir” (CSM 97)
ensserir (CSM 339 F) ~ *enxerir* “inserir” (CSM 339 E)
enteiro (CSM 45, 61, 137, 151, 208, 224)
entençon “intenção” (CSM 85, 208, 259, 265, 305)
entrestecer (CSM 211)
enveja (CSM 67, 78, 184, 265, 280)
antiguedade (CSM 304)
*fezesse*¹⁰⁶ (CSM 5, 9, 16, 42, 45, 54, 65, 355, 401)
fezessen (CSM 33, 65, 73, 87, 169)
fezeran (CSM 12, 35, 91, 112, 115)
fezeres (CSM 65, 231, 237, 281, 334)
fezer (CSM 123, 203, 355, 382, 420)
tevesse (CSM 14, 121, 198, 203, 239)
teveste (CSM 201)
tevestes (CSM 45, 75)
teveron (CSM 5, 24, 85, 117, 184)
tevera (CSM 137, 192, 323, 358)
tever (CSM 35, 123, 203, 276, 318)
teverdes (CSM 45)

Segundo Saraiva (2006), a vogal média pretônica dos termos acima é etimológica apenas em *endevidar* (lat. *dēbītūm*) e *leceça* (lat. *līcēntiā*). Nos demais vocábulos (de origem latina), a vogal pretônica destacada é proveniente de *ī* do latim clássico, de acordo com Saraiva (2006): *enfingir* (lat. *fīngērē*), *virtude* (lat. *vīrtūtīs*), *dizer* (lat. *dīcērē*), *direito* (lat. *dīrēctō*), *imperio* (lat. *īmpērīum*), *incenso* (lat. *īncēnsūm*), *inquiridor* (lat. *īnquīrēre*), *inteiro* (lat. *īntēger*), *intenção* (lat. *īntēntiōnīs*), *entristecer* (lat. *trīstīs*) e *inveja* (lat. *īnvīdiā*). Para Corominas (1961), todavia, a vogal média em destaque é proveniente de *ī* latino nos seguintes termos: *vertude* (lat. *vīrtūtīs*), *emperio* (lat. *īmpērīum*), *enteiro* (lat. *īntēger*) e *enveja* (lat. *īnvīdiā*). Mais uma vez, portanto, os autores consultados não estão de acordo em relação à origem histórica da vogal pretônica alta do português atual.

¹⁰⁶ Nas CSM, a vogal alta pretônica ocorre nas formas *fiziste* (CSM 75 To, 362 To, 401 To) e *fizisti* (CSM 84 To), que variam com *feziste* (CSM 6, 14, 32, 75, 84), *fezisti* (CSM 40), *fezische* (CSM 75 T, 84 T, 216) e *fezeste* (CSM 21, 201).

Em síntese, os dados apresentados ao longo desta subseção evidenciam a ocorrência, nas CSM, de algumas grafias diferentes da atual (em variação ou não) na representação da vogal pretônica média e alta do século XIII.

Particularmente em relação aos casos de variação gráfica registrados por Fonte (2010a,b), constatamos que alguns deles permanecem como variação fonética no PB atual. Trata-se dos casos envolvendo termos que são oficialmente grafados com vogal média, no português de hoje, mas que são frequentemente pronunciados com vogal alta, na sílaba pretônica: *comedir, consentir, ferir, pedir, ferida, menino, menina, preguiçoso*. Em apenas três dos termos variantes nas CSM, a pronúncia com vogal alçada não é, ao que parece, a mais comum, entre os falantes brasileiros (pelo menos na variedade culta de São Paulo):¹⁰⁷ *heresia, clerezia, penhor*. Estes últimos dados, no entanto, são menos frequentes do que aqueles, na fala cotidiana - o que pode justificar o alçamento mais comum em um caso do que no outro.

Conforme já mencionado neste estudo, o processo de harmonização vocálica é o grande responsável pelo alçamento de vogal média pretônica, no PB atual, e os dados das CSM remontam a atuação desse processo ao português do século XIII.

Este trabalho também mostra que algumas das variações gráficas apontadas por Fonte (2010a,b) resultaram em mudança, ao longo da história do português (ex.: *vigia, virilha, figura, sisudo, criatura, miúdo, amiúde, crucificar, ligeiro, minguar*). Trata-se de termos que apresentam, no português atual, uma vogal alta /i/ não-etimológica, na sílaba pretônica destacada, que é resultado de uma variação fonética que teve início, ao que tudo indica, já na primeira fase do PA.

Esses dados levam-nos a refletir sobre os fatores responsáveis pela efetivação da mudança, em alguns casos, e pela preservação da variação, em outros. Analisando os dados de Fonte (2010a,b), notamos que, nos casos em que uma variante com vogal alta (ex.: *figura*) substituiu, na história da língua, uma variante com vogal média (ex.: *fegura*), a vogal alçada é proveniente, na grande maioria dos casos, de /ĩ/ latino (*fĩgura*). Nos casos em que a variação

¹⁰⁷ Estamos considerando, neste estudo, as variedades atuais do PB e do PE faladas no Estado de São Paulo e em Lisboa, respectivamente, por corresponderem aos locais onde esta pesquisa foi desenvolvida. No caso da variedade brasileira, para representar os casos mais comuns de alçamento de vogal média pretônica, no Estado de São Paulo, procuramos selecionar os dados em que a vogal alta ocorre, na sílaba pretônica, independentemente de fatores extralinguísticos, tais como região geográfica, escolaridade, classe social etc. Esses casos de alçamento, por não se enquadrarem em um grupo social específico, não costumam ser alvo de desprestígio entre os falantes. Por outro lado, sempre que afirmarmos que a variante alçada pode ocorrer, no Brasil ou em São Paulo, mas que a forma com vogal média é a preferida pelos falantes, estamos considerando os casos em que o alçamento não é condicionado apenas por fatores linguísticos (contexto fonético-fonológico, por exemplo), mas depende da região, grau de escolaridade e nível sociocultural do falante.

permaneceu, ao longo da história do português, observamos que a vogal pretônica alçada é, em geral, proveniente de uma vogal média latina (ex.: *pedir* < *pētĕre*, *ferir* < *fĕrire*). Tais dados permitem-nos considerar a possibilidade de informações etimológicas terem influenciado na mudança das vogais pretônicas em questão. Tendo em vista que a duração latina perdeu sua função distintiva, na passagem para o sistema vocálico do português, consideramos a possibilidade de que, diante de uma variação como *fegura* e *figura*, por exemplo, apenas a altura da vogal etimológica foi levada em consideração, no estabelecimento da forma atual. Em outras palavras, o fato de a vogal ser alta, no latim, favoreceu a efetivação da mudança.

A variação fonética, no português antigo, envolvendo esses termos, explica-se facilmente pela influência dos segmentos adjacentes à vogal pretônica alterada. Grande parte dos vocábulos referidos apresenta uma vogal alta na sílaba adjacente à vogal pretônica em questão: *vigia*, *virilha*, *figura*, *sisudo*, *criatura*, *miúdo*, *amiúde*, *crucificar*. A variação, nesses casos, teria sido ocasionada pelo espraimento dos traços de abertura da vogal alta para a vogal pretônica-alvo. Nos demais casos, envolvendo os termos *ligeiro* e *minguar*, a variação pode ser atribuída ao processo de redução vocálica. No caso da variação *legeiro* ~ *ligeiro*, por exemplo, pode-se propor que o alçamento da vogal média etimológica foi condicionado pela influência da consoante coronal /l/, se considerarmos o fato de [i], do ponto de vista fonético, ser mais coronal do que [e]. No tangente à variação *menguar* ~ *minguar*, poderíamos dizer que o levantamento da vogal média etimológica foi causado pela influência da consoante velar /g/ da sílaba seguinte, que, embora apresente o traço [dorsal], não partilhado por vogais anteriores, também apresenta um alto ponto de articulação, que poderia justificar o alçamento.

Em relação aos casos em que a vogal alta /i/ do português atual é etimológica, este trabalho vem sugerir que as grafias com vogal média, nas CSM, podem ser um mero recurso da escrita, baseado em outras grafias da época, mas também podem ser interpretadas como um reflexo da fala do século XIII, em que a pronúncia com vogal média (não-etimológica) seria comum: *vezinho*, *feuzo*, *esperital*, *crestal*, *creschão*. Essa segunda hipótese torna-se mais plausível se considerarmos alguns exemplos do português atual grafados com <i> pretônico, mas frequentemente pronunciados com [e], pelo menos entre os falantes brasileiros: *meritíssimo*, *hipocrisia*, *pernilongo*, *dispensar*, *distraído*, *disenteria*, entre outros termos. Outro argumento a favor de se admitir a possibilidade de essas pronúncias serem comuns, no século XIII, é o fato de o verbo *escrever* ser pronunciado e grafado, no português atual, com vogal média não-etimológica, na posição pretônica.

Discutimos, até aqui, os casos de variação contendo termos que não foram alvo de divergência, entre os autores consultados, no que diz respeito à duração de suas vogais pretônicas, no étimo latino. Vimos, ao longo desta subseção, que a etimologia proposta por Saraiva (2006), para os termos *vingar* e *virgindade*, por exemplo, difere daquela indicada por Corominas (1961) e Cunha (2010). Embora os autores referidos concordem que a vogal pretônica do étimo latino era alta (*i*), divergem em relação à duração dessa vogal. Para Saraiva (2006), a vogal alta do latim era longa, ao passo que, para Corominas (1961) e Cunha (2010), essa vogal era breve. Devido a essa divergência entre os autores, hesitamos em declarar que a vogal alta do português atual, no caso desses termos, seja etimológica ou resultado de mudança, ao longo da história da língua, já que as razões expostas neste estudo admitem as duas possibilidades.

Enfim, pode-se concluir que os dados deste trabalho evidenciam variações fonéticas do século XIII. Cabe observar que os contextos fonético-fonológicos (específicos) envolvidos nesses casos de variação sugerem que o alçamento da vogal média pretônica, no século XIII, assemelha-se mais ao caso brasileiro do que ao europeu atual.

Vejam, agora, os dados envolvendo as vogais pretônicas posteriores do século XIII. A seguir, estão apresentados os resultados de Fonte (2010a,b) referentes às variações entre as vogais pretônicas <o> e <u>, nas CSM.

5.2.1.2 Vogais posteriores

Como na série das vogais anteriores, os casos de variação gráfica entre as vogais posteriores <o> e <u>, na posição pretônica, identificados por Fonte (2010a,b), nas cantigas afonsinas, podem ser associados, basicamente, aos processos fonológicos de harmonia e redução vocálica.

Segundo Fonte (2010a,b), grande parte dos casos de variação entre <o> e <u> pretônicos, nas CSM, envolve termos que apresentam uma vogal alta /i/ na sílaba acentuada. Para facilitar a interpretação dos dados, dividimos os casos segundo a classe gramatical dos vocábulos envolvidos na variação (verbos e não-verbos). Particularmente em relação aos verbos, fez-se necessária a subdivisão dos dados de acordo com a ortografia atual da língua:

(5.77)

descobrir
(CSM 93, 97, 115, 131, 149, 151, 159, 299, 316, 404,
405, 410)

descubr̃ir
(CSM 316 F)

noz̃ir “prejudicar”
(CSM 109, 134, 193)

nuz̃ir
(CSM 5, 190)

(5.78)

bulir
(CSM 21 To)

bolir
(CSM 21)

destruir
(CSM 384, 392, 401, 414)

destr̃oir
(CSM 15, 45, 90, 113, 267)

fugir
(CSM 11, 33, 45, 155)

fog̃ir
(CSM 14, 17)

mug̃ir
(CSM 69)

mog̃ir
(CSM 325)

ung̃ir
(CSM 204, 404, 424)

ong̃ir
(CSM 54, 93)

recud̃ir “acudir”
(CSM 184, 257, 349)

recod̃ir
(CSM 64, 246)

resurg̃ir “ressurgir”
(CSM 1, 76, 149, 168, 178)

resorg̃ir
(CSM 21, 143, 204, 224, 226)

subir
(CSM 285, 423)

sobir
(CSM 40, 45, 146, 165, 168, 180, 383)

sumir-se
(CSM 36)

somir-se
(CSM 216)

consumir
(CSM 116, 413)

consomir
(CSM 141, 222, 225)

Dos termos arrolados em (5.77), apenas *descobrir* permanece no português atual. Esse verbo de terceira conjugação, embora seja oficialmente grafado com <o> pretônico (*descobrir*), na ortografia atual da língua, costuma ser pronunciado com vogal alta (*desc[u]brir*) por grande parte dos falantes do PB atual, devido ao fato de o processo de harmonia vocálica ser, ainda hoje, um dos principais responsáveis pelo alçamento de vogal média pretônica, no Brasil.

No caso dos verbos *bulir*, *destruir*, *fugir*, *ressurgir*, *subir* e *ungir*, arrolados em (5.78), para Fonte (2010a,b), as variantes grafadas com <o> (ex.: *bolir*, *destruir*, *fogir*, *resorgir*, *sobir*, *ongir*) sugerem que, no século XIII, a vogal etimológica *o*, proveniente de *u* breve latino (*būllīre*, *dēstrūĕre*, *fūĝĕre*, *rĕsŭrgĕre*, *sŭbīre*, *ŭngĕre*),¹⁰⁸ ainda ocorria no português (pelo menos na escrita). Por outro lado, a autora acredita que as variantes grafadas com <u> sejam um testemunho de que as formas com vogal alta, vigentes no português atual, já apareciam na primeira fase do PA, em virtude da atuação do processo de harmonia vocálica. Ao longo da história da língua, o português incorporou, em detrimento das variantes etimológicas (*bolir*, *destruir*, *fogir*, *resorgir*, *sobir*, *ongir*), as variantes fonéticas (*bulir*, *destruir*, *fugir*, *ressurgir*, *subir*, *ungir*), presentes na língua, ao que tudo indica, desde a época dos trovadores.

No que diz respeito às variantes *mogir* ~ *mugir*, *somir* ~ *sumir* e *consumir* ~ *consumir*, também indicadas em (5.78), Fonte (2010a,b) declara que a grafia com <o> não reflete a vogal etimológica desses termos, uma vez que a vogal pretônica em questão, segundo Saraiva (2006), é proveniente de um *u* longo latino (*mūĝīre*, *sūmĕre* e *cōnsūmĕre*), que originou, no português, uma vogal alta posterior (/u/). Em outras palavras, a vogal <u>, empregada na grafia atual desses termos (*mugir*, *sumir*, *consumir*), corresponde à sua vogal etimológica (*ū*), e não à vogal de uma variante fonética, como em *fugir*, por exemplo. À luz desses fatos, Fonte (2010a,b) declara que a grafia com <o>, registrada para esses verbos, no *corpus* analisado, pode ser uma influência da grafia de termos como *destruir* e *fogir*: quem grafou *mogir* ou *somir*, por exemplo, teria acreditado que o /o/ fosse a vogal etimológica (como em *destruir* e *fogir*), e que uma forma grafada com <u> não seria a mais apropriada, porque refletiria apenas uma variação da fala, provocada pelo processo de harmonia vocálica.

Além desses casos de variação envolvendo verbos do português, Fonte (2010a,b) constatou a atuação do processo de harmonia vocálica em alguns dos nomes presentes na obra de Afonso X, a saber:

¹⁰⁸ Cabe observar que os autores consultados novamente divergem no que diz respeito à informação sobre a duração da vogal etimológica dos termos *bulir*, *ressurgir* e *ungir*: para Cunha (2010) e Corominas (1961), a vogal pretônica desses termos é proveniente de *u* breve latino, enquanto que, para Saraiva (2006), essa vogal procede de um *u* longo latino (*būllīre*, *rĕsŭrgĕre*, *ŭngĕre*).

(5.79)

<i>Andalu<u>z</u>ia</i> (CSM 83, 221, 235, 248, 367, 398)	<i>Andalo<u>z</u>ia</i> (CSM 83 T, To)
<i>Tud<u>i</u>a</i> (CSM 325 F; 326; 329; 344, v. 1, 9, 18; 347)	<i>Tod<u>i</u>a</i> (CSM 325 E; 344, v. 12)
<i>madud<u>i</u>nno</i> “matutino” (CSM 65 E, 367)	<i>madod<u>i</u>nno</i> (CSM 54, 55, 111, 152, 262, 407)
<i>just<u>i</u>ça</i> (CSM 78, 119, 164, 221, 291, 392, 401)	<i>jo<u>s</u>t<u>i</u>ça</i> (CSM 164, 175, 186, 291, 326, 352)
<i>ju<u>i</u>z</i> (CSM 70, 76)	<i>jo<u>i</u>z</i> (CSM 5, 72, 119, 235)
<i>ju<u>i</u>zo</i> (CSM 79, 240)	<i>jo<u>i</u>zo</i> (CSM 26, 27, 48, 341, 401)

No caso de *jostiça ~ justiça*, Fonte (2010a,b) mostra que a variação estendeu-se para os derivados:

(5.80)

<i>just<u>i</u>ceiro</i> (CSM 45, 302, 379, 392)	<i>jo<u>s</u>t<u>i</u>ceiro</i> (CSM 175, 193, 213, 349)
<i>just<u>i</u>çar</i> (CSM 193, 301, 357)	<i>jo<u>s</u>t<u>i</u>ciar</i> (CSM 193 T)

As variações apontadas acima são compostas de termos que apresentam, na ortografia atual do português, uma vogal alta <u>, na sílaba pretônica variante. No caso dos substantivos comuns, essa vogal alta, de acordo com Saraiva (2006), é proveniente de *u* longo do latim clássico: *mātūtīnus*, *jūdīcīs*, *jūstīīa*. Sabendo que *ū* latino originou, no português, uma vogal alta posterior (/u/), Fonte (2010a,b) conclui que, nas variantes *madudino*, *juiz*, *justiça*, *justiceiro* e *justiçar*, a vogal alta <u> é etimológica, e não o resultado da assimilação ao timbre da vogal /i/, presente na sílaba adjacente. As variantes com vogal média (*madodinho*, *joiz*, *jostiça* etc.) estariam refletindo, portanto, a influência de outras grafias da época, em vocábulos cuja vogal média era etimológica (ex.: *fogir*).

Ainda em relação ao processo de harmonia vocálica, Fonte (2010a,b) registrou, no *corpus* estudado, apenas um caso de variação entre <o> e <u> pretônicos diante de vogal alta /u/, na sílaba tônica:

(5.81)

sepultura
(CSM 15 E, T; 419)

sepoltura
(CSM 15 To, 292, 312 F)

Os dicionários consultados também divergem sobre a duração da vogal latina que originou, no português, a vogal pretônica posterior do substantivo *sepultura*. Para Corominas (1961) e Cunha (2010), trata-se de uma vogal alta breve (*sepŭltāre*), ao passo que, para Saraiva (2006), a vogal alta latina era longa (*šepŭltūra*). Se adotarmos a proposta de Corominas (1961) e de Cunha (2010), diremos que a variação gráfica indicada em (5.81) está refletindo a atuação do processo de harmonia vocálica, no século XIII, responsável pelo alçamento da vogal média etimológica /o/, de *sepoltura*. Por outro, se considerarmos a informação de Saraiva (2006), seremos levados a afirmar que a vogal média, em *sepoltura*, não é etimológica e que a grafia foi empregada, nas CSM, por influência de outros vocábulos da época, grafados com vogal média etimológica, mas pronunciados com vogal alta resultante de processos fonético-fonológicos de natureza assimilatória.

Além disso, Fonte (2010a,b) identificou, no *corpus* analisado, casos de variação entre <o> e <u> pretônicos que podem ser atribuídos à assimilação ao timbre da vogal alta (/i/ ou /u/), presente na sílaba átona que segue imediatamente a vogal pretônica-alvo:

(5.82)

envurullar “embrulhar”
(CSM 180, 420)

envorullar
(CSM 215)

cilurgiano “cirurgião”
(CSM177 M)

celorgião
(CSM 157, 177, 385)

uviar “chegar”
(CSM 65, 108, 148, 228, 239, 345, 393, 420)

oviar
(CSM 45, 419)

ressucitar
(CSM 6; 11, v. 79; 43; 111, v. 51; 168)

ressocitar
(CSM 11, v. 2; 21; 84 T; 111, v. 2 ; 197)

suspīrar
(CSM 71)

sospīrar
(CSM 411)

Segundo Fonte (2010a,b), a variação *sospirar* ~ *suspirar* também pode estar associada à forma *suspiro*, que apresenta uma vogal alta na sílaba tônica.

Todos os termos arrolados em (5.82) apresentam, no português atual, uma vogal alta /u/, na sílaba pretônica variante. Dos dicionários consultados neste estudo, apenas Saraiva (2006) informa a duração dessas vogais pretônicas, no étimo latino: *chīrūrgŭs*, *rēsŭscītāre*, *sŭspīrare*. Se admitirmos esses dados, diremos que a vogal alta presente nas formas atuais corresponde à vogal etimológica, e não resulta, portanto, de uma variação fonética causada pela influência da vogal alta da sílaba seguinte.

Também foram identificados pela autora casos de variação entre <o> e <u> pretônicos, nas CSM, condicionada pela influência de uma consoante adjacente. Com consoante labial seguinte à vogal pretônica-alvo, Fonte (2010a,b) registrou apenas um caso de variação:

- (5.83)
- | | |
|-----------------------------------|----------------------|
| <i>adu<u>ba</u>r</i> | <i>ado<u>ba</u>r</i> |
| (CSM 95, 105, 172, 292, 335, 369) | (CSM 125, 286, 293) |

Com consoante labial precedente à vogal pretônica variante, foram identificados, no *corpus* analisado, os seguintes dados:

- (5.84)
- | | |
|--------------------------------------|--------------------------|
| <i><u>bu</u>rges “burguês”</i> | <i><u>bo</u>rges</i> |
| (CSM 93, 251, 265, 409) | (CSM 311) |
| <i>com<u>u</u>yon “comunhão”</i> | <i>com<u>o</u>yon</i> |
| (CSM 4 E, To; 104 To) | (CSM 104, 128) |
| <i>escom<u>u</u>yon “excomunhão”</i> | <i>escom<u>o</u>yon</i> |
| (CSM 65 T) | (CSM 65) |
| <i><u>fu</u>ndamento</i> | <i><u>fo</u>ndamento</i> |
| (CSM 358) | (CSM 33, 364) |
| <i><u>fu</u>rado</i> | <i><u>fo</u>rado</i> |
| (CSM 211, 315) | (CSM 211 M) |
| <i>co<u>fu</u>jon “confusão”</i> | <i>co<u>fo</u>jon</i> |
| (CSM 91 T, 272 F) | (CSM 91, 239, 272) |
| <i>conf<u>u</u>jon</i> | |
| (CSM 91 To) | |

Conforme se pode notar, todos os dados arrolados em (5.84) apresentam, no português atual, uma vogal alta /u/, na sílaba pretônica variante. De acordo com as informações fornecidas por Saraiva (2006), a vogal média <o> das variantes acima apresentadas é etimológica apenas em *forado* (lat. *fōrāre*). Nos demais vocábulos, segundo Saraiva (2006), a vogal pretônica em questão é proveniente de *u* longo latino: *būrgŭs*, *cōmmūnīōnis*, *fūndāmēntum*, *confūsīōnis*. Nessa perspectiva, a vogal pretônica alta, presente nos termos do português atual, é etimológica. Há, todavia, divergência entre os autores consultados, no que diz respeito à duração da vogal pretônica do étimo latino. Para Cunha (2010), a vogal pretônica de *burguês* deriva de um *u* breve latino: *bŭrgus*. Para Corominas (1961), a vogal pretônica variante em *fundamento* e *confusão*, nas CSM, também provém de *u* breve do latim clássico: *fŭndus* e *fŭndĕre*. Os autores concordaram somente em relação ao étimo latino do vocábulo *comunhão* (lat. *cōmmūnīōnis*).

Fonte (2010a,b) também registrou, nas CSM, casos de variação entre <o> e <u> pretônicos que podem ser associados à influência de uma consoante dorsal (velar) adjacente. Os dados apresentados a seguir correspondem aos casos de variação, nas CSM, envolvendo uma consoante velar precedente à vogal pretônica alterada. Em (5.85), estão arrolados os termos que são oficialmente grafados com <o> pretônico, no português atual. Em (5.86), foram transcritos os casos de variação entre vocábulos que apresentam uma vogal <u>, na atual ortografia da língua portuguesa:

(5.85)

coberto
(CSM 28, 69, 154, 208, 318, 406)

cuberto
(CSM 65, 208 F)

encoberto
(CSM 401 *To*)

encuberto
(CSM 194, 401)

(5.86)

ascuitar “escutar”
(CSM 57, 65, 67, 99, 135)

ascoitar
(CSM 16, 53, 214, 228, 236)

cuidado
(CSM 45, 65, 83, 88, 218)

coidado
(CSM 45 E, 199)

cuidar
(CSM B, 4, 5, 8, 9, 26, 206, 213, 380)

coidar
(CSM 75 E, T; 86 E; 104 E, *To*; 208 E; 209)

cuitelo “cutelo”
(CSM 5, 105, 157, 174, 184)

coitelo
(CSM 84 E; 105 T, To)

culpar
(CSM 38, 272)

colpar
(CSM 272 F)

custar
(CSM 128, 218)

costar
(CSM 5, 292, 306)

cuteife “soldado inferior”
(CSM 194)

coteife
(CSM 22)

crucifigar “crucificar”
(CSM 12, 99, 267)

crocefigar
(CSM 12 T, To; 267 F)

A maior parte dos termos arrolados em (5.86) permanece no português atual e, conforme acima observado, apresenta uma vogal alta /u/ na sílaba pretônica em destaque. Na proposição de Saraiva (2006), essa vogal alta não é etimológica nos termos *cuidar* (*cōgītāre*), *custar* (*cōnstāre*), *crucificar* (*crūcīfīgēre*) e derivados. Nos demais casos acima apontados, a vogal alta /u/ do português atual é etimológica, segundo Saraiva (2006): *culpar* (*cūlpāre*), *cutelo* (*cūltēllus*), *escutar* (*aūscūltāre*). Na etimologia proposta por Corominas (1961) e Cunha (2010), no entanto, a vogal pretônica em questão é proveniente de *u* breve latino: *cūlpāre*, *cūltēllus*, *auscūltāre*. Nesse caso, diríamos que a vogal média das variantes acima é etimológica, e o /u/ atual é resultado de mudança, ao longo da história da língua.

Fonte (2010a,b) também aponta casos de variação entre <o> e <u> pretônicos, nas cantigas afonsinas, condicionados pela influência da consoante dorsal (velar) seguinte à vogal variante. (5.87) indica a variação gráfica, registrada nas CSM, para o verbo *jogar*, grafado com <o> pretônico, na atual ortografia do português. Em (5.88), estão os termos que apresentam uma vogal alta <u>, na sílaba pretônica em destaque, segundo as regras ortográficas do português atual:

(5.87)

jogar
(CSM 6, 42, 136, 154, 156, 163, 254, 401)

jugar
(CSM 174 E)

(5.88)

juigar “julgar”
(CSM 1, 235)

joigar
(CSM 11, 26, 50, 75)

lugar
(CSM 65, 71, 73, 75, 105)

logar
(CSM 5, 7, 27, 28, 33, 34, 43, 63, 65, 94, 102, 125,
281, 403)

Portugal
(CSM 95, 222, 224, 235, 237, 245, 267, 271, 275 F,
316, 416)

Portogal
(CSM 271, 275)

No caso das variantes *Portogal* e *Portugal*, Fonte (2010a,b) chama a atenção para o fato de esse substantivo próprio ser o resultado da junção de duas palavras, na história da língua: *Porto Gale*. Nesse caso, portanto, uma vogal átona final <o>, que podia ser realizada como [o] ou como [u], originou uma vogal pretônica, em *Portogal* ~ *Portugal*.

A variação *logar* ~ *lugar*, identificada no *corpus*, sugere que, no século XIII, ocorria a forma com vogal média etimológica (do latim *locālis*), representada na variante grafada com <o> (*logar*), que variava com *lugar*. Ao longo da história do português, a forma com vogal alta (*lugar*) foi incorporada pela fonologia e pela ortografia da língua, em detrimento da forma com a vogal média etimológica (*logar*).

Em início absoluto de palavra, Fonte (2010a,b) registrou, nas CSM, apenas um caso de variação gráfica envolvendo vogais pretônicas posteriores. Mattos e Silva (2006, p. 60) afirma ter documentado, nos *Diálogos de São Gregório* e nas CSM, diversos casos de variação entre <o> e <u> pretônicos, em início absoluto de palavra, a saber: *homildade* ~ *humildade*, *homilde* ~ *humilde*, *homildoso* ~ *humildoso*, *homildança* ~ *humildança*, *orgulho* ~ *urgulho*. Das variantes apontadas pela autora, no que diz respeito às CSM, Fonte (2010a,b) documentou apenas a variação *omildade* (CSM 45, 75, 134, 210, 228) ~ *umildade* (CSM 45T, 375), registrada no Glossário organizado por Mettmann (1972), que também traz os termos *omil* “humilde” (CSM 361), *omildoso* (CSM 20, 48, 54, 56, 115, 195), *omildança* (CSM 9) e *orgullo* (p. 216), todos sem qualquer indicação a respeito da co-existência de variantes gráficas no *corpus* estudado.

Das variações entre <o> e <u> pretônicos, identificadas nas CSM por Fonte (2010a,b), somente os seguintes casos não apresentam condicionamento aparente:

(5.89)

pendurar
(CSM 13 E, T; 158 T; 242 F; 308)

volunter “de boa vontade”
(CSM 35 To)

pendorar
(CSM 158, 159, 242, 271, 355)

volonter
(CSM 5, 35, 53, 115, 246, 256)

Sobre a vogal pretônica variante do verbo *pendurar*, os autores consultados afirmam ser proveniente de *u* breve latino: *pēndūlus*. Nesse termo, portanto, a vogal pretônica alta do português atual é resultado de mudança fonológica. No caso do vocábulo *voluntário* do português atual, há divergência, nas propostas dos autores estudados, sobre a duração da vogal latina que originou a vogal pretônica /u/ do português atual. Para Corominas (1961) e Cunha (2010), a vogal em questão é proveniente de *u* breve latino (*volūntātis*). Partindo dessa pressuposição, diríamos que a vogal pretônica *u* de *voluntário*, no português atual, também é resultado de mudança, na história do português. Saraiva (2006), por sua vez, acredita que tal vogal seja proveniente de *u* longo do latim clássico (*vōlūntārius*) e, nesse caso, diríamos que a vogal alta do português atual é etimológica.

Para finalizar, apresentamos, a seguir, os dados invariavelmente grafados, nas CSM, com vogal média pretônica, em lugar do <u> atual:

(5.90)

comprir (CSM 9, 16, 23, 24, 26, 59, 65, 78, 143, 312)

cospir (CSM 12, 238, 329, 403)

mogir (CSM 325)

ordir (CSM 200, 222, 235)

rogir (CSM 143)

rogido (CSM 422)

boliço (CSM 241, 253)

bronido (CSM 175)

sospiros (CSM 133, 171)

sotil (CSM 35, 64, 115, 245, 419)

costura (CSM)

boliçoso (CSM 195)

costosa (CSM 106)

afondar (CSM 111, 112, 226, 264)
cofonder “confundir” (CSM 5, 119, 130, 156, 237, 427)
avondadamente “abundante” (CSM 305)
avondado “abundante” (CSM 132, 135, 199, 273, 288, 335)
avondamento “abundante” (CSM 34)
avondança “abundância” (CSM 9)
avondar “abundante” (CSM 1, 26, 88, 128, 258, 328)
avondo “abundante” (CSM 23, 102, 215, 307, 356)
avondoso “abundante” (CSM 48, 195, 319)
moller “mulher” (CSM 1, 5, 6, 17, 21, 42, 58, 75, 76)
podesse (CSM 5, 19, 21, 31, 35, 165, 272)
podesses (CSM 334)
podessen (CSM 33, 43, 50, 215, 248)
poderon (CSM 5, 19, 26, 51, 52, 64)
podera (CSM 57, 88, 96, 113, 166)
posesse (CSM 155, 221, 253, 305, 314)
possessen (CSM 217)
poseron (CSM 42, 51, 95, 115, 116, 135, 186)
posera (CSM 6, 23, 25, 58, 59, 356)
poseran (CSM 51, 262)
dovidar (CSM 368)
dovidosa (CSM 319)
torvar (CSM 33, 88, 123, 157, 357, 358)
soportar (CSM 53)
sospeita (CSM 84, 132, 341, 344)
sospeitar (CSM 26, 38, 84, 151, 213, 315, 334)
sospeitosa (CSM 106, 195)
sogeitos (CSM 166)
omildar “humildar” (CSM 180, 207, 295)
omillar “humilhar” (CSM 15)
onçon (CSM 270)

Dos termos apresentados acima, a vogal média pretônica é etimológica, de acordo com Saraiva (2006), em: *comprir* (lat. *cōmplērĕ*), *conspirar* (lat. *cōnspūrĕ*), *ordir* (lat. *ōrdīrĭs*), *rogir* (lat. *rŭgĭrĕ*), *moller* (lat. *mŭllĕrĭs*), *dovidar* (lat. *dŭbĭtārĕ*) e *omillar* (lat. *hŭmĭlis*). Nos demais casos, segundo o autor, a vogal pretônica alta (do português atual) é proveniente de *ū* latino: *mugir* (lat. *mŭgĭre*), *buliçoso* (lat. *bŭllĭrĕ*), *suspiro* (lat. *sŭspĭrārĕ*), *sutil* (lat. *sŭbtĭlĭs*), *afundar* (lat. *fŭndŭs*), *confundir* (lat. *fŭndĕrĕ*), *abundar* (lat. *ābŭndārĕ*), *turvar* (lat. *tŭrbare*), *suportar* (lat. *sŭppŏrtārĕ*), *suspeitar* (lat. *sŭspĕctārĭs*), *sujeito* (lat. *sŭbjĕctŭs*) e *unção* (lat. *ŭngĕre*). Contudo, a etimologia proposta por Saraiva (2006) não coincide com aquela apresentada por Corominas (1961) ou Cunha (2010), nos seguintes casos: *buliçoso* (lat. *bŭllĭre*), *sutil* (lat. *sŭbtĭlis*), *afundar* (lat. *fŭndus*), *confundir* (lat. *fŭndĕre*), *abundar* (lat. *ŭnda*), *turvar* (lat. *tŭrbare*), *suportar* (lat. *sŭppŏrtāre*), *sujeito* (lat. *sŭbjĕctŭs*) e *unção* (lat. *ŭngĕre*).

Em síntese, diante do que foi apresentado ao longo desta subseção, pode-se dizer que os dados de Fonte (2010a,b) revelam, como para as vogais anteriores, casos de variação gráfica entre <o> e <u> pretônicos, nas CSM, que podem estar refletindo variações fonéticas do português falado no século XIII.

Os fatos até aqui observados mostraram que alguns dos casos de variação registrados por Fonte (2010a,b), tanto entre vogais anteriores, quanto entre vogais posteriores, permanecem no português de hoje. Particularmente em relação às vogais pretônicas posteriores, permanece, no PB atual, a variação fonética entre os termos oficialmente grafados com <o> pretônico: *descoberto*, *coberto* e *encoberto*. A pronúncia desses vocábulos com vogal média alçada pode ser atribuída à influência da consoante dorsal /k/ à vogal pretônica contígua, se considerarmos o fato de [u] ser mais dorsal do que [o], do ponto de vista fonético. O alçamento, nesses casos, também pode ser atribuído ao espraçamento do traço [labial] da consoante /b/, seguinte à vogal pretônica-alvo, considerando-se que [u] é mais labial do que [o], do ponto de vista fonético. Outra explicação possível para o alçamento da vogal pretônica, nesses vocábulos, pode estar baseada no verbo *cobrir*, frequentemente pronunciado com vogal média alçada, no PB atual, em virtude do processo de harmonia vocálica. Nessa interpretação, o alçamento teria se estendido a outros paradigmas do verbo *cobrir*, em que a vogal alta não ocorre.

Sobre a variação *jogar* ~ *juagar*, nas CSM, importa referir que constitui o único caso, entre os dados grafados com <o> pretônico, na atual ortografia do português, cuja variante com vogal alçada não costuma ser a mais frequente na fala dos brasileiros (pelo menos na variedade culta de São Paulo), embora o alçamento seja perfeitamente justificável pela influência da consoante velar /g/, que segue a vogal pretônica-alvo.

Também há, entre os dados de Fonte (2010a,b), variações gráficas (e fonéticas) do século XIII que resultaram em mudança, ao longo da história da língua, na qual uma variante com vogal alçada substituiu a variante com vogal média etimológica: *destruir*, *fugir*, *ressurgir*, *subir*, *cuidar*, *custar*, *crucificar*, *lugar* e *furado*. O alçamento da vogal média etimológica, nesses vocábulos, também é perfeitamente explicável a partir do espraçamento dos traços de abertura da vogal alta da sílaba contígua (ex.: *destruir*, *fugir*, *subir*) ou da influência das consoantes (dorsal ou labial) adjacentes à vogal pretônica-alvo (ex.: *cuidar*, *custar*, *lugar*, *furado*).

No que tange aos termos grafados com <u> pretônico etimológico (*mugir*, *sumir*, *consumir*, *matutino*, *juiz*, *juízo*, *justiça*, *cirurgião*, *ressuscitar*, *suspirar*, *comunhão*), no português atual, este trabalho vem propor que a grafia com vogal média, nas CSM, pode ser entendida como uma peculiaridade da escrita, influenciada por outras grafias da época, ou como um reflexo da fala de então, em que seria comum a pronúncia com vogal média não-etimológica: *mogir*, *somir*, *consumir*, *madodinho*, *joiz*, *joizo*, *jostiza*, *celorgião*, *ressocitar*, *sospirar*, *comoyon*. Corrobora esta segunda hipótese o fato de muitos vocábulos do português atual, que apresentam uma vogal alta, na sílaba pretônica, serem pronunciados com vogal média, em determinadas variedades do PB: *carruagem*, *endurecer*, *escurecer*, *funcionar*, *jobuticaba*, *limusine*.

Sobre os demais dados desta pesquisa grafados com <u> pretônico, no português atual, devido à divergência entre os autores consultados, no que diz respeito à duração da vogal alta, no latim clássico, ficamos sem saber, ao certo, se a vogal pretônica /u/ do português atual é etimológica ou não: *bulir*, *ressurgir*, *ungir*, *sepultura*, *burguês*, *fundamento*, *confusão*, *culpar*, *cutelo* e *escutar*. O fato de os autores não concordarem sobre a duração dessa vogal alta, no latim clássico, leva-nos a supor que não haja evidências suficientes a respeito dessa informação. Como os textos remanescentes em latim não trazem qualquer indicação sobre a duração das vogais, na época (os diacríticos sobrepostos às vogais foram colocados posteriormente, pelos estudiosos da língua), essa informação, muitas vezes, é de difícil acesso e, em geral, decorre da observação do resultado dessas vogais nas línguas românicas.

No caso de a vogal alta do português atual, nos itens lexicais mencionados acima, não ser etimológica, cabe notar que o alçamento da vogal média pretônica, em todos esses dados, é perfeitamente justificável a partir dos traços dos segmentos adjacentes: vogal alta (*bulir, ressurgir, ungir, sepultura*), consoante labial (*burguês, fundamento, confusão*) e consoante velar (*culpar, cutelo, escutar*).

Enfim, a propósito dos contextos fonético-fonológicos envolvidos nos casos de variação entre <o> e <u> pretônicos, nas CSM, pode-se dizer, como fizemos para as vogais anteriores, que as regras associadas ao alçamento de vogal média pretônica, no século XIII, estão mais próximas do PB do que do PE atual.

Por meio da análise da grafia empregada nas 420 CSM de Afonso X, este trabalho trouxe dados e considerações relevantes sobre as vogais pretônicas da primeira fase do PA. Buscando ampliar essa pesquisa, de modo a abarcar todo o período da língua portuguesa tradicionalmente conhecido como arcaico, investigamos as vogais pretônicas do século XV e início do século XVI, a partir da grafia empregada no CG de Garcia de Resende. Os dados dessa pesquisa estão apresentados e discutidos na subseção (5.2.2) a seguir.

5.2.2 As vogais pretônicas no *Cancioneiro Geral*

Este tópico do trabalho traz informações sobre as vogais pretônicas da segunda fase do PA, tomando como base a grafia empregada nos poemas do CG (edição de Dias, 1990-1993).

Como na obra de Afonso X, há, na coletânea de Resende, diversos casos de variação gráfica na representação das vogais tônicas, pretônicas e postônicas da época. Dentre todas as variações registradas no CG, isolamos aquelas envolvendo vogais médias (*e, o*) e altas (*i, u*), na posição pretônica, com o intuito de averiguar a ocorrência de alçamento entre as vogais pretônicas do século XV e início do século XVI. Além dos casos de variação, foram contemplados, neste estudo, todos os dados que apresentavam, na obra analisada, uma grafia (invariável) diferente da atual para representar as vogais pretônicas médias e altas de antanho.¹⁰⁹

¹⁰⁹ É importante observar que, na edição de Dias (1990-1993), que forneceu os dados desta pesquisa, os grafemas <y> da edição príncipe foram substituídos por <i>. Queremos dizer, com esta nota, que muitos dos dados transcritos, neste trabalho, com vogal <i>, na sílaba átona ou tônica, estão grafados, na versão original do CG, com <y>.

Os dados obtidos nesse levantamento foram organizados segundo o contexto fonético-fonológico da vogal pretônica. Como nas CSM, os supostos casos de alçamento vocálico registrados no CG podem ser interpretados como um compartilhamento de traços entre a vogal pretônica-alvo e os segmentos contíguos. Verificamos que o alçamento, em muitos dos casos analisados neste item do trabalho, pode ser atribuído ao espriamento dos traços de abertura de uma vogal alta, presente na sílaba adjacente (tônica ou átona) à vogal pretônica-alvo. No tangente ao processo de redução vocálica, constatamos a influência de consoante coronal ou dorsal, nos casos envolvendo vogal pretônica anterior, e de consoante labial, dorsal ou coronal, nos casos com vogal pretônica posterior. O contexto “início de palavra” também mostrou-se relevante, tanto para as vogais anteriores, quanto para as vogais posteriores. Particularmente em relação às vogais anteriores, mereceram destaque as vogais pretônicas em sílaba inicial *des-* e em encontros vocálicos.

Os dados desta pesquisa também foram organizados de acordo com sua representação oficial, na atual ortografia da língua portuguesa. Desse modo, os casos envolvendo termos com vogal pretônica alta, na ortografia do português atual, foram separados daqueles contendo vocábulos oficialmente grafados com vogal pretônica média.

Todos esses dados estão apresentados e discutidos nas subseções a seguir, dedicadas às vogais pretônicas anteriores (5.2.2.1) e posteriores (5.2.2.2) do CG.

5.2.2.1 Vogais anteriores

Nesta subseção da tese, estão apresentados os supostos casos de alçamento de vogal média anterior, na sílaba pretônica, registrados na grafia do CG (em variação ou não).

Conforme mencionado anteriormente, os casos de variação entre <e> e <i> pretônicos, na coletânea de Resende, enquadram-se nos seguintes contextos: *i.* vogal alta (/i/ ou /u/) na sílaba adjacente (tônica ou átona) à vogal pretônica-alvo, *ii.* início de palavra, *iii.* sílaba inicial *des-* (prefixo ou não), *iv.* encontros vocálicos (especialmente os hiatos), *v.* consoante coronal e *vi.* consoante dorsal. Esses mesmos contextos foram observados nos casos em que, embora a variação não ocorra, no *corpus* estudado, a grafia empregada para as vogais médias anteriores fez-se notável, por ser diferente da atual.

Registramos, na obra de Resende, diversos termos grafados com <i> em lugar de <e> etimológico, na posição pretônica (em variação ou não). Esses dados foram interpretados, no presente estudo, como casos de alçamento vocálico na pronúncia do português do século XV e início do século XVI.

A seguir, estão arrolados os casos de elevação de /e/ pretônico, registrados nos poemas do CG, que podem ser atribuídos à influência da vogal alta /i/, presente na sílaba tônica contígua à vogal pretônica-alvo. Para facilitar a interpretação, organizamos os dados segundo sua classe gramatical - verbos (5.91) e não-verbos (5.92):

(5.91)

espedio
(p. 48, III)

espidio
(p. 90, III)

pedir
(p. 149, I; p. 371, 458, II; p. 77, 288, 314, III; p. 28, 71, 85, 86, 112, 159, 203, 221, 236, 245, 256, 286, 311, 313, 327, 336, IV)

pidir
(p. 235, 299, 301, 305, II; 178, IV)

queria
(p. 141, 143, 144, I; p. 458, II; p. 87, 213, 231, 313, 348, III; p. 105, 115, 137, 138, 158, 176, 192, 229, 235, 243, 249, 290, 303, 318, IV)

quiria
(p. 214, 245, II)

seguir
(p. 74, 76, 92, 94, 154, I; p. 311, 390, 398, II; p. 161, 212, III; p. 18, 30, 54, 70, 124, 136, 151, 218, 287, IV)

siguir
(p. 487, I; 243, II; 88, 91, 100, III)

sentir
(p. 75, 77, 80, 84, 105, 132, 141, 143, 145, 150, I; p. 63, 68, 170, 174, 234, 248, 350, 357, 373, 412, 417, 448, 463, 468, II; p. 7, 13, 42, 58, 63, 114, 117, 123, 124, 131, 144, 149, 164, 183, 193, 211, 290, 301, 352, III; p. 3, 12, 15, 16, 36, 42, 58, 82, 87, 92, 95, 105, 113, 117, 122, 130, 143, 147, 233, 236, 245, 253, 290, 297, 302, 319, 321, IV)

sintir
(p. 180, I; p. 65, 68, 131, 170, 211, 223, 228, 235, 244, 245, 256, 346, II)

servir
(p. 14, 80, 81, 85, 92, 93, 121, 141, 143, I; p. 417, II; p. 163, 176, 191, 213, 277, 287, 290, 304, III; p. 26, 34, 81, 84, 86, 117, 119, 124, 130, 156, 159, 192, 230, 234, 236, 245, 248, 256, 264, 279, 285, 287, 292, 294, 299, 301, 321, 327, IV)

sirvir
(p. 488, I)

escrivi (p. 305, II)

escrivia (p. 416, II)

impidir (p. 416, II)

repirir (p. 50, II)

- (5.92)
- enl̄iços*
(p. 214, I)
- espr̄ito*
(p. 63, 268, 272, 405, II; p. 108, 111, 151, 172, 336, IV)
- fant̄esia*
(p. 19, 303, 383, 401, 436, I; p. 56, 144, 174, 177, 221, 235, 238, 318, 325, 333, 344, 367, 410, 418, 443, 451, 454, 472, II; p. 14, 118, 122, 147, 160, 169, 231, 232, 241, 255, III; p. 6, 21, 57, 91, 129, 213, 243, 294, 336, IV)
- med̄ida*
(p. 18, 27, 46, 300, 325, 339, IV)
- men̄ina*
(p. 78, 302, IV)
- ment̄ira*
(p. 67, 205, 298, 435, I; 17, 52, 452, 454, II; p. 3, 24, III; p. 136, 335, IV)
- met̄ido*
(p. 62, 88, I; p. 413, II; p. 4, 355, 381, III; p. 179, IV)
- mezqūinho*
(p. 215, III; p. 163, 276, IV)
- mezqūinhos*
(p. 204, I)
- ped̄ido*
(p. 95, I; p. 347, III)
- ped̄idos*
(p. 161, I; p. 51, IV)
- sent̄idos*
(p. 154, I; p. 245, 246, II; p. 63, 99, III; p. 46, 246, 253, 255, IV)
- inl̄iço*
(p. 214, I)
- Ispr̄ito*
(p. 211, IV)
- fant̄isia*
(p. 156, IV)
- mid̄ida*
(p. 211, II)
- min̄inas*
(p. 128, III)
- mint̄iras*
(p. 203, III; p. 104, IV)
- mit̄ido*
(p. 270, II)
- mizqūinho*
(p. 272, I)
- pid̄ido*
(p. 272, II)
- pid̄idos*
(p. 222, IV)
- sint̄idos*
(p. 210, II)
- bil̄iz* “beliz” (p. 222, IV)
- bix̄igas* (p. 179, I)
- mind̄igo* (p. 214, IV)
- pip̄ino* (p. 309, II)
- pr̄igo* “perigo” (p. 158, II)
- rep̄it̄ida* (p. 219, II)
- siḡuinte* (p. 301, II)

Dos termos arrolados acima, apenas a variação *fantesia* ~ *fantisia* não ocorre no português atual, já que a vogal pretônica, variável no português antigo, fixou-se como /a/, ao longo da história da língua. No caso da grafia *prigo*, para *perigo*, nota-se a supressão da vogal pretônica anterior - um processo bastante comum na fala atual dos portugueses. No PB atual, a vogal média pretônica do vocábulo *perigo* costuma ser alçada pelos falantes, mas o apagamento, nesse caso, não é comum nas variedades brasileiras.

A vogal alta /i/ da sílaba tônica também mostrou-se um contexto recorrente entre os dados grafados, no CG, com vogal média pretônica <e>, em lugar do <i> atual. Em (5.93), apresentamos exemplos dessas grafias em verbos do português. Em (5.94), estão indicados os casos envolvendo os nomes da língua:

(5.93)

<i>adivⁱⁿhar</i> (p. 305, III)	<i>adevⁱⁿha</i> (p. 198, I)
	<i>adevⁱⁿho</i> (p. 267, I; p. 7; p. 50, IV)
<i>dir^{ia}</i> (p. 221, 442, II; p. 14, 27, 172, 190, 233, 255, III; p. 189, IV)	<i>der^{ia}</i> (p. 458, II)
<i>dir^{iam}</i> (p. 20, I)	<i>der^{iam}</i> (p. 20, I)
<i>dir^{jeis}</i> (p. 77, I)	<i>der^{jeis}</i> (p. 77, I)
<i>div^{id}ir</i> (p. 38, III)	<i>dev^{id}e</i> (p. 193, I)
<i>diz^{ia}</i> (p. 244, II; p. 92, 205, 253, 285, 317, 355, III; p. 189, IV)	<i>dez^{ia}</i> (p. 39, 41, 63, p. 76, 132, 310, 427, 428, 490, I; p. 36, 37, 50, 51, 407, 445, II; p. 210, 356, III; p. 77, 235, 305, IV)
<i>diz^{iam}</i> (p. 40, 244, II)	<i>dez^{iam}</i> (p. 300, II; p. 3, 22, 207, III)
<i>fing^{ir}</i> (p. 80, 170, I; p. 14, 87, III)	<i>feng^{ir}</i> (p. 48, 215, I; p. 54, 146, 173, 184, II; p. 103, 322, IV)
<i>resist^{ir}</i> (p. 463, I; p. 358, II; p. 70, IV)	<i>reses^{ir}</i> (p. 227, 286, I; p. 49, 57, 245, 438, II; p. 166, III; p. 37, 136, 185, 203, IV)

restituir
(p. 167, 388, III)

restetuir
(p. 253, I)

vivia
(p. 301, 398, II; p. 302, IV)

vevia
(p. 35, I; p. 160, II; p. 308, 351, III; p. 104, IV)

demenuir (p. 90, 426, I)

deminuir (p. 180, IV)

permetir (p. 38, 149, 393, III)

redemir (p. 336, 406, I)

regestir “resistir” (p. 324, I)

reria “riria” (p. 233, III)

rerieis “ririeis” (p. 36, I)

retenir (p. 346, I)

senteria (p. 426, I)

serveria (p. 472, II; p. 14, III)

tengir (p. 432, II)

(5.92)

afrigida
(p. 193, I)

afregida
(p. 406, I)

divina
(p. 270, 272, I; p. 248, II)

devina
(p. 60, 78, III)

divinas
(p. 322, I)

devinas
(p. 269, 374, 381, II)

divino
(p. 470, II;)

devino
(p. 405, I; p. 305, II; p. 139, III)

diviso
(p. 242, II)

deviso
(p. 222, I; p. 241, II)

fingidas
(p. 250, IV)

fengida
(p. 260, I; p. 223, 419, II; p. 254, IV)

fengidas
(p. 86, I)

fingido
(p. 213, 301, 441, II; p. 87, III)

fengido
(p. 287, I; p. 159, III; p. 87, IV)

fingidos
(p. 227, II)

- adevinha* (p. 268, 276, III)
adevinho (p. 323, III)
devinho (p. 179, I)
alquemista (p. 419, I; p. 393, III; p. 339, IV)
artelharia (p. 469, I; p. 200, 302, II)
atrebuidos (p. 18, I)
defenetiva (p. 17, I)
defícil (p. 213, II)
demenuida (p. 56, II; p. 92, III)
devisa (p. 491, I; p. 151, 214, IV)
entrestecida (p. 253, IV)
entrestecidas (p. 75, I)
entrestecido (p. 182, IV)
estroidas (p. 329, II)
estruída (p. 92, III)
fengediça (p. 120, I)
homecida (p. 85, 147, I; p. 125, IV)
ministro (p. 296, I)
perdedinha (p. 279, I)
restetuhida (p. 58, I)
restetuída (p. 282, IV)
sensetivo (p. 34, I)
sensetivos (p. 358, II)
tengidas (p. 406, II)
vevido (p. 119, IV)
vezinha (p. 182, 184, I)
vezinho (p. 179, 420, I; p. 76, 280, III)
vezinhos (p. 204, 210, I; p. 426, II)

De acordo com Saraiva (2006), a vogal média em destaque é etimológica apenas em alguns poucos casos: *redemir* (lat. *řědĭměre*), *atrebuidos* (lat. *ātrĭbŭěre*), *homecida* (lat. *hŏmĭcĭda*) e *ministro* (lat. *mĭnĭstrŭm*), por exemplo. Nos demais termos, a vogal pretônica é proveniente de *i* longo latino, segundo o autor: *adivinhar* (lat. *āddĭvĭnāre*), *dizer* (lat. *dĭcĕre*), *dividir* (lat. *dĭvĭdĕre*), *fingir* (lat. *fĭngĕre*), *resistir* (lat. *řĕsĭstĕre*), *diminuir* (lat. *dĭmĭnŭěre*),

divino (lat. *divīnŭs*), *definitiva* (lat. *dēfīnīre*), *instruída* (lat. *īnstrūĕre*), entre outros exemplos. Em alguns casos, há divergência entre os autores estudados, sobre a duração da vogal alta, no latim clássico: *permitter*, *tingir*, *difícil*. Para Saraiva (2006), a vogal alta (pretônica) era longa (*pērmittĕre*, *tīngĕre*, *dīffīcīlis*), no étimo latino, ao passo que, para Corominas (1961), essa vogal alta era breve (*pĕrmittĕre*, *tīngĕre*, *dīffīcīlis*).

Também registramos, nos poemas do CG, grafias diferentes da atual que podem ser associadas à influência da vogal alta /u/ da sílaba tônica. Entre os dados grafados com <i> em lugar de <e> etimológico, o contexto de vogal alta /u/, na sílaba acentuada, ocorre em apenas um verbo: *assigura* (p. 342, II). Os demais casos registrados são entre nomes, a saber:

(5.95)

mesura
(p. 184, I; p. 233, 260, IV)

misura
(p. 320, I)

progenitura
(p. 355, II)

proginitura
(p. 378, II)

vestiduras
(p. 101, III)

vistidura
(p. 365, III)

A vogal alta /u/ também integra a sílaba acentuada de alguns dos nomes do CG grafados com <e> pretônico, em lugar do <i> atual:

(5.96)

figura
(p. 259, I; p. 410, 422, II; p. 180, III; p. 72, IV)

fegura
(p. 19, 150, 279, 435, 436, I; p. 158, 463, II; p. 151, 167, III; p. 343, IV)

feguras
(p. 118, 212, I)

mistura
(p. 378, 380, 383, 387, II; p. 207, 270, III)

mestura
(p. 146, 209, I; p. 193, II)

tristura
(p. 28, 139, 142, 148, 310, 337, 344, 372, 379, 393, 395, 426, I; p. 2, 39, 71, 160, 169, 193, 231, 270, 284, 286, 331, 342, 347, 350, 351, 357, II; p. 24, 28, 72, 111, 189, III; p. 82, 121, 169, 201, 251, 301, 342, IV)

trestura
(p. 18, 139, 227, 343, 346, 347, 350, 351, 359, 361, 362, 385, 394, 395, 422, 477, I; p. 193, 220, 331, II; p. 296, 365, III; p. 192, 233, IV)

tresturas
(p. 345, I)

virtudes
(p. 152, IV)

virtude
(p. 214, 248, 260, 261, 264, 405, 420, 479, I; p. 55, 174, 212, 239, 249, 254, 355, II; p. 314, III; p. 168, 258, 307, IV)

virtudes
(p. 61, 207, 232, 248, 257, I; p. 212, 266, 298, 375, 471, II; p. 159, 302, 344, IV)

viuva
(p. 409, II)

veuva
(p. 288, IV)

ameude (p. 473, I; p. 16, II; p. 258, 287, 325, IV)

ceumes (p. 277, 280, 431, I; p. 231, IV)

escretura (p. 299, I)

escreturas (p. 212, I; p. 30, III)

fressura (p. 314, IV)

freura (p. 301, I)

meudas (p. 335, IV)

meudo (p. 25, 34, 390, I)

sesuda (p. 219, I; p. 2, 8, II)

sesudo (p. 164, 173, 188, 222, 250, 389, 417, 470, 489, I; p. 147, 445, 449, 457, II; p. 2, 243, III; p. 215, 347, IV)

sesudos (p. 20, I; p. 76, 264, III)

Segundo Saraiva (2006), a vogal média pretônica é etimológica em *fegura* (lat. *fīgūrā*), *veuva* (lat. *vidūā*), *ameude* (lat. *mīnūte*), *meudo* (lat. *mīnūtus*), *ceumes* (lat. *zēlūs*), *sesudo* (lat. *sēnsūs*) e derivados. Nos demais casos, de acordo com o autor, a vogal em destaque é proveniente de *i* longo latino: *mistura* (lat. *mīxtūs*), *tristura* (lat. *trīstīs*), *virtude* (lat. *vīrtūtīs*) etc. Contudo, há divergência, entre os autores consultados, na duração da vogal pretônica dos vocábulos *virtude* e *mistura*, no latim clássico. Para Corominas (1961), a vogal pretônica, nesses termos, é proveniente de *i* breve do latim clássico (*vīrtūtīs*, *mīxtus*).

A influência da vogal alta (/i/ ou /u/) da sílaba átona adjacente à vogal pretônica-alvo também mostrou-se relevante nos casos de alçamento vocálico considerados neste estudo. A seguir, apresentamos verbos (5.97) e nomes (5.98) grafados, nos poemas do CG, com <i> pretônico (em variação ou não), em substituição ao <e> etimológico. A vogal pretônica-alvo, em todos os termos arrolados em (5.97) e (5.98), está seguida (ou precedida, em alguns poucos casos) de uma sílaba átona com vogal alta /i/:

(5.97)

anticiparam (p. 70, III)*entristicer* (p. 107, IV)*vivirá* (p. 271, I)*vivirei* (p. 79, 339, II; p. 93, 119, IV)*vivireis* (p. 85, III)

(5.98)

competidor

(p. 155, III)

compitidor

(p. 24, II)

mentirosos

(p. 76, III)

mintiroso

(p. 410, II)

nemigalha

(p. 306, 435, 473, I; p. 34, 38, II; p. 32, 214, 288, III; p. 90, 170, IV)

nimigalha

(p. 193, IV)

sentimento

(p. 93, 101, I; p. 36, III)

sintimento

(p. 234, II)

sintimentos

(p. 246, II;)

cirimonia (p. 218, II)*cirmonias* (p. 429, II)*dilicada* (p. 191, IV)*dirivados* (p. 212, I)*livianas* (p. 446, II)*livindade* (p. 63, III)*mixilhão* (p. 473, I)*mixilhoa* (p. 201, III)*persiguidores* (p. 240, II)*prigosa* “perigosa” (p. 408, II)

Conforme se pode notar, em (5.97), há casos em que a vogal pretônica alçada está precedida, e não seguida, de uma sílaba com vogal alta /i/: *entristicer*, *vivirá*, *vivirei*, *vivireis*. Também ocorrem, no CG, as formas *entresticer* (p. 278, III; p. 303, IV) e *vevirei* (p. 388, I; p. 18, 120, IV), em que as vogais médias e altas inverteram sua posição, nas sílabas pretônicas dos termos.

Em relação aos dados arrolados em (5.98), o alçamento da vogal média pretônica também pode estar associado a outros paradigmas dos termos, que apresentam uma vogal alta /i/ na sílaba tônica: *competir*, *mentir*, *sentir*, *perseguir* e *perigo*. Sobre a grafia *prigosa*, para *perigosa*, cabe salientar que reflete, novamente, uma característica bastante comum na fala atual dos portugueses - a supressão da vogal pretônica.

A vogal alta /i/ da sílaba átona adjacente à vogal pretônica-alvo também mostrou-se um contexto considerável entre os dados grafados, no CG, com <e> pretônico (etimológico ou não), em lugar do <i> atual. Esses dados estão arrolados a seguir e foram distribuídos segundo sua classe gramatical - verbos (5.99) e nomes (5.100):

(5.99)

visitar
(p. 403, II; p. 19, III)

vesitar
(p. 420, I)

certeficar (p. 481, I; p. 127, 441, II; p. 155, III; p. 164, 249, 288, IV)

daneificar (p. 252, I)

deceprinar (p. 325, IV)

edeficar (p. 38, III)

metreficar (p. 316, II)

noteficar (p. 222, I)

devinhar (p. 199, III; p. 303, IV)

(5.100)

crucificado
(p. 280, II)

cruceificado
(p. 141, 405, I)

diligente
(p. 417, I)

deligente
(p. 308, II)

divinal
(p. 215, 448, II; p. 150, IV)

devinal
(p. 224, 236, 270, 271, 476, I; p. 371, II)

devinaes (p. 217, 375, II)

fingidores
(p. 332, II; p. 63, III)

fengidores
(p. 32, 33, 48, 71, I)

fingimentos
(p. 287, I; p. 9, III)

fengimento
(p. 150, II)

fengimentos
(p. 71, I)

oficial
(p. 57, 81, 276, III)

oficiais
(p. 46, II)

opiniã
(p. 127, II)

opiniã
(p. 387, II)

ofecial
(p. 237, I)

ofeciaes
(p. 237, I)

openiam
(p. 94, 188, 297, 300, 306, 404, I; p. 129, 435, II; p. 2, 242, 250, IV)

openiã
(p. 468, II; p. 128, III)

openiã
(p. 456, II)

openiões
(p. 115, 247, I)

openiões
(p. 219, I; p. 3, III)

adevinhado (p. 450, II; p. 51, IV)

artefecial (p. 214, I)

artefecial (p. 56, II)

certeficado (p. 304, I; p. 220, IV)

creminal (p. 229, I)

denidade “dignidade” (p. 293, I)

devindade (p. 279, II)

devinhaçam (p. 328, IV)

devisam (p. 461, I)

dezimados (p. 81, IV)

edeficada (p. 412, 429, II)

falseficadas (p. 130, II)

falseficado (p. 399, III)

josteficado (p. 266, IV)

melitar (p. 319, II)

menistraçam (p. 162, I)

noteficado (p. 302, II)

oreginal (p. 305, I; p. 59, III)

partecipantes (p. 407, I)

ponteficado (p. 162, I)

pontefical (p. 162, I; p. 394, III)

relegioso (p. 328, IV)

santeficado (p. 405, I; p. 121, IV)

vereficadas (p. 68, I)

vesitador (p. 347, IV)

Em alguns desses dados, a vogal média destacada é etimológica, tais como em *daneficar* (lat. *dāmnīfīcūs*), *edeficar* (lat. *aedīfīcāre*), *noteficar* (lat. *nōtīfīcāre*), *ofecial* (lat. *ofīciālīs*), *arteficial* (lat. *ārtīfīciālīs*), *certeficado* (lat. *cērtīfīcāre*), *cruceficado* (lat. *crūcīfīgēre*), *dezimados* (lat. *dēcīmūs*), *josteficado* (lat. *jūstīfīcāre*), *ponteficado* (lat. *pōntīfīcātūs*) e *vereficadas* (lat. *vērīfīcāre*), por exemplo (cf. SARAIVA, 2006). Em outros, a vogal pretônica é proveniente de *i* longo latino, segundo Saraiva (2006): *adivinhar* (lat. *āddīvīnāre*), *visitar* (lat. *vīsītāre*), *deligente* (lat. *dīlīgēntīs*), *opinião* (lat. *ōpīnīōnīs*), *dignidade* (lat. *dīgnūs*), *divindade* (lat. *dīvīnūs*), *militar* (lat. *mīlītāre*), *original* (lat. *ōrīgīnālīs*) e derivados. No caso do termo *deceprinar*, os autores consultados concordam que a vogal pretônica da sílaba não-inicial (*ce*) seja proveniente de *i* breve latino, mas discordam sobre a duração, no latim clássico, da vogal pretônica da sílaba inicial *de-*: *dīscīpūlus*, para Saraiva (2006), e *dīscīpūlus*, para Corominas (1961).

Também registramos, na obra de Resende, casos em que a vogal pretônica, grafada com <e>, em lugar do <i> atual, está seguida de uma vogal alta que é, na verdade, uma semivogal, como em *rebeiros* (p. 116, I) e *premeiro* (p. 116, I), por exemplo. Além disso, documentamos, no CG, a grafia *prevelegiar* (p. 374, III), para *privilegiar*, em que a vogal alta não está na sílaba contígua à vogal pretônica em questão. Segundo Saraiva (2006), a vogal média em destaque, nesses termos, é etimológica apenas na sílaba pretônica não-inicial do termo *privilegiar* (lat. *privīlegius*). Nos demais casos, a vogal pretônica provém de *i* longo latino (*rīpā*, *prīmārīūs*, *prīvīlēgīūs*).

No que tange à vogal alta posterior, verificamos que /u/ integra a sílaba átona adjacente à vogal pretônica-alvo em verbos (5.101) e nomes (5.102) grafados com <e> pretônico, no CG, em lugar do <i> atual:

(5.101)

misturar
(p. 411, II)*mesturar*
(p. 54, 133, I; p. 384, II)*afegurar* (p. 198, II; p. 118, 311, III)*devulgar* (p. 33, 82, I; p. 65, II)

(5.102)

minguada
(p. 402, 424, I; p. 357, II; p. 308, III)*menguado*
(p. 51, II)*virtuosas*
(p. 8, 214, II)*vertuosa*
(p. 257, I)*virtuoso*
(p. 151, IV)*vertuoso*
(p. 218, 265, II; p. 327, IV)*vertuosos*
(p. 213, I)*ameudado* (p. 104, III)*arteculado* (p. 101, I)*atrebulada* (p. 411, II)*atrebulado* (p. 103, I)*devulgada* (p. 54, I)*devulgado* (p. 195, III)*fegurados* (p. 252, III)*mesturada* (p. 413, II; p. 325, III; p. 183, 203, IV)*partecular* (p. 221, I)*trebulação* (p. 348, II)*trebulações* (p. 228, I; p. 298, IV)*trebulado* (p. 104, I)*trebutareos* (p. 297, II)*treunfantes* (p. 79, I)*regurosos* (p. 419, I)

Segundo Saraiva (2006), a vogal média em destaque é etimológica nos seguintes termos: *menguado* (lat. *mīnūēre*), *ameudado* (lat. *mīnūte*), *fegurados* (lat. *fīgūram*), *partecular* (lat. *pārīcūlārīs*) e *regurosos* (lat. *rīgōrīs*). Nos demais vocábulos, de acordo com o autor, a vogal pretônica é proveniente de *i* longo latino (ex.: *dīvūlgāre*, *trībūlāitōnīs* etc.). No caso dos termos *virtuoso* e *misturada*, conforme já mencionado neste estudo, as propostas dos autores consultados não coincidem, no que diz respeito à duração da vogal alta latina que deu origem à vogal pretônica em questão.

Outro contexto que se mostrou favorável ao alçamento da vogal média, entre os dados coletados no CG, é o da vogal pretônica em início de palavra, seguida de uma consoante nasal ou sibilante, na mesma sílaba ou na sílaba seguinte. Em (5.103), indicamos os casos de alçamento vocálico, registrados na grafia do CG, envolvendo verbos do português iniciados por *en-*. Em (5.104), arrolamos os casos envolvendo nomes da língua:

(5.103)

envidar
(p. 315, III; p. 284, IV)

invidar
(p. 336, III)

insinar (p. 364, I)

(5.104)

inorme (p. 266, II)

inormes (p. 332, I)

iminencia “eminência” (p. 59, III)

istenso “extenso” (p. 267, II)

isame “exame” (p. 207, I)

Além disso, documentamos, na coletânea de Resende, casos em que a vogal pretônica <e> foi suprimida da sílaba inicial travada por /S/:

(5.105)

screver (p. 465, II)

scrita (p. 397, II)

scrito (p. 384, II)

scritura (p. 391, II)

stam “estão” (p. 65, IV)

star “estar” (p. 164, 190, 258, IV)

Cumprе lembrar que, no latim clássico, a vogal média anterior também não ocorria na sílaba inicial desses termos: *scribere* e *stare*.

Também foram registrados, nos poemas do CG, muitos termos grafados com <e> pretônico, em lugar do <i> atual, em início absoluto de palavra e seguido de uma consoante nasal:

(5.106)

emnovados (p. 71, III)
emnovar (p. 213, 276, III)
empeça (p. 84, IV)
empedida (p. 157, III)
emperador (p. 230, 233, 418, I; p. 266, 379, II; p. 308, IV)
emperatriz (p. 390, I; p. 433, II)
emperial (p. 406, I)
emportunado (p. 265, IV)
empossivel (p. 175, 177, II)
empremir (p. 21, III)
empressam (p. 435, I; p. 233, IV)
emproviso (p. 199, I; p. 242, II; p. 111, III)
encenço (p. 411, II)
encorporado (p. 96, I)
encrinaçam (p. 29, II)
encrinações (p. 213, I)
encrinar (p. 57, II)
enculcada (p. 362, III)
enculcar (p. 367, III)
endevida (p. 219, I)
endicio (p. 339, IV)
endinar (p. 91, IV)
enfengir (p. 186, II)
enfinda (p. 479, I; p. 258, IV)
enfindos (p. 289, III)
enfinito (p. 211, IV)
enfenito (p. 330, IV)
enformaçam (p. 100, I)
enformado (p. 252, II)

- enformações* (p. 102, I)
enflamado (p. 328, IV)
enframados (p. 219, IV)
 enicio (p. 267, I)
 enjuriar (p. 421, I)
ennovada (p. 217, III)
 ennovar (p. 98, I)
enovada (p. 391, III)
 enteiras (p. 342, I)
 enteiros (p. 85, IV)
entençam (p. 54, II; p. 393, 396, III)
 entenções (p. 115, I)
enveja (p. 248, 281, 336, 467, I; p. 317, 413, 458, II; p. 21, 144, 188, 204, 220, 372, III; p. 155, IV)
 envejada (p. 142, III)
 envejosa (p. 180, II)
envejoso (p. 326, I; p. 76, III)
 envejosos (p. 419, I)
envençam (p. 229, 233, 248, 326, 359, 362, 391, III; p. 82, IV)
 envenção (p. 442, II; p. 239, 373, 382, III)
 envencionado (p. 260, III)
 envenções (p. 25, III)
envenções (p. 291, I; p. 34, 313, 456, II; p. 251, 375, III)
 eventados (p. 357, III)
eventar (p. 106, III; p. 261, 327, 350, 392, III; p. 40, IV)
 eventivo (p. 32, III)
 evesivel (p. 349, III)
 investir (p. 174, II)
 envocar (p. 268, II)

Para Saraiva (2006), a vogal média em destaque, nesses termos, é etimológica apenas em *enicio* “início” (lat. *īnitiāre*). Nos demais casos, segundo o autor, a vogal pretônica inicial é proveniente de *i* longo do latim clássico. A etimologia proposta por Saraiva (2006), no entanto, não é compartilhada por Corominas (1961) ou Cunha (2010), nos seguintes casos: *impedir* (lat. *īmpēdīre*), *imperatriz* (lat. *īmpērātor*), *inclinare* (lat. *īnclīnāre*), *indício* (lat.

indiciūm), *injúria* (lat. *īnjūria*), *inteiro* (lat. *īntegrum*) e *inveja* (lat. *īnvidīa*). Vale dizer que, devido ao fato de haver, na ortografia atual da língua, tanto *i-/im-/in-*, quanto *e-/em-/en-*, frequentemente pronunciados com vogal alta [i], na sílaba pretônica inicial, os falantes do português de hoje também costumam apresentar dúvidas em relação à grafia adequada dessas vogais.

Em sílaba inicial travada por sibilante, há a vogal pretônica do termo *estorias* (p. 385, II), no CG, que apresenta, no português atual, uma vogal alta <i>, na sílaba em questão, proveniente de *i* longo do latim clássico (*hīstōria*), segundo Saraiva (2006).

Além disso, há um caso de variação, no *Cancioneiro* de Resende, em início de palavra, sem travamento silábico:

(5.107)

hipocresia
(p. 345, III)

hepocresia
(p. 212, I)

Sabemos que, na atual ortografia da língua, essa vogal variante, oriunda do grego *y* (*hypokrisia*), é grafada com <i>.

No início desta subseção, afirmamos que a vogal pretônica <e> presente na sílaba inicial *des-* (prefixo ou não) também fez-se notável entre os dados levantados na coletânea de Resende. Em (5.108), transcrevemos a variação, registrada no CG, para a sílaba átona *des-* do substantivo *desfavores*. Em (5.109), estão os vocábulos que apresentam um *dis-* inicial, na atual ortografia do português, mas que foram grafados com *des-*, nos poemas do CG:

(5.108)

desfavores
(p. 106, 122, 124, 153, I; p. 82, 122, 161, IV)

disfavores
(p. 99, 106, I)

(5.109)

discreta
(p. 462, II; p. 84, III)

descreta
(p. 122, I; p. 3, 471, II; p. 60, 158, 299, III)

discriçam
(p. 219, 403, I; p. 261, IV)

descriçam
(p. 51, 171, 223, 307, 425, I; p. 29, 82, 158, II; p. 28, 113, 118, 255, 396, III; p. 45, 177, 344, IV)

descrição
(p. 357, 446, 468, II; p. 243, III)

descriçãao
(p. 450, II)

disforme
(p. 313, 441, II; p. 91, III; p. 194, IV)

dissimulada
(p. 64, III)

dissimular
(p. 399, I; p. 440, II; p. 94, III)

desforme
(p. 45, II)

dessimulada
(p. 120, IV)

dessemulada
(p. 352, I)

dessemular
(p. 215, I; p. 128, 146, 241, II; p. 128, 168, 222, 293,
335, 355, 376, III; p. 84, 91, 94, 96, 170, 250, IV)

dessemular
(p. 81, I; p. 181, II)

desavezado (p. 372, II)

descreto (p. 100, I; p. 348, IV)

descretos (p. 416, I)

desformidades (p. 332, I)

desposiçam (p. 403, I)

desposta (p. 346, IV)

desposto (p. 169, 300, I; p. 14, 314, 410, II; p. 211, 325, 335, 349, IV)

desputas (p. 122, I)

dessemulado (p. 105, I)

dessemulados (p. 147, I)

dessimulações (p. 14, III)

dessolutos (p. 203, 213, I)

destinto (p. 253, I; p. 160, IV)

O alçamento da vogal média pretônica da sílaba inicial *des-* (prefixo ou não), como em *desfavor*, por exemplo, é bastante frequente no PB atual. O fato de existirem, na ortografia atual da língua portuguesa, termos oficialmente grafados tanto com *des-*, quanto com *dis-*, na sílaba inicial, costuma gerar dúvidas acerca da grafia adequada para representar a vogal pretônica anterior. Desse modo, são frequentes, em textos do português atual, tanto termos grafados com <i>, em lugar do <e> oficial, refletindo o alçamento da vogal média pretônica, quanto vocábulos grafados com <e>, em substituição ao <i>, sugerindo uma hipercorreção por parte dos falantes.

Também merece destaque, entre os dados desta pesquisa, a vogal pretônica <e> em encontros vocálicos. Em (5.110), estão indicados os verbos do CG grafados com <e> pretônico em encontros vocálicos que, no português atual, apresentam uma vogal alta /i/. Em (5.111), estão indicados os não-verbos com grafia diferente da atual, na representação da vogal átona do encontro vocálico, no CG:

(5.110)

criar
(p. 430, 465, II; p. 67, 97, 155, 333, III)

crear
(p. 473, I; p. 210, II)

negocear (p. 276, III)

sentencear (p. 101, 102, I)

(5.111)

cordial
(p. 318, 377, 394, III)

cordeal
(p. 201, 279, III)

criada
(p. 271, II; p. 227, III; p. 331, IV)

creada
(p. 193, I)

criatura
(p. 423, I; p. 170, II; p. 153, III; p. 201, 343, IV)

creatura
(p. 247, 248, I)

pior
(p. 53, 82, 149, 194, 223, 226, 256, 270, 303, 393,
426, II; p. 41, 70, 147, 190, III; p. 13, 66, 86, 94, 100,
167, 169, 200, 243, 284, 345, IV)

peor
(p. 66, II; p. 96, IV)

piores
(p. 461, I; p. 57, 352, IV)

peores
(p. 58, IV)

greceanos (p. 212, II)

medeante (p. 268, II)

negoceado (p. 373, II)

negoceador (p. 347, IV)

sentenceado (p. 73, 101, I)

valenceano (p. 312, 316, IV)

quaesquer (p. 70, III)

Já vimos, neste estudo, que alguns encontros vocálicos contendo /e/ etimológico sofreram alterações, ao longo da história da língua, e apresentam, hoje, uma vogal alta /i/, na sílaba pretônica. Os dados arrolados acima sugerem que, na segunda fase do PA, a vogal média ainda ocorria nesses encontros vocálicos (pelo menos na escrita) e, em alguns casos, variava com a vogal alta. Sobre os termos que preservam, na ortografia atual, a vogal média etimológica do encontro vocálico, cabe dizer que são frequentemente pronunciados com vogal alçada, no PB atual (ex.: *pass~~e~~ear*, *nom~~e~~ear*, *sort~~e~~ear*, *geada*, *cadeado* etc.).

Conforme mencionado no início desta subseção, muitas das grafias empregadas no CG podem ser associadas à atuação do processo de redução vocálica. Particularmente em relação aos casos envolvendo a vogal pretônica anterior, mostrou-se relevante o contexto de consoante coronal precedente ou seguinte à vogal pretônica-alvo. Nos dados apresentados a seguir, há uma consoante coronal contígua à vogal pretônica que foi grafada, no CG, com <i> (em variação ou não), em lugar de <e> etimológico. Em (5.112) e (5.113), a consoante coronal precede a vogal pretônica-alvo de verbos e não-verbos, respectivamente:

(5.112)

ensand~~e~~cer
(p. 20, I; 174, III; p. 59, 297, IV)

ensand~~i~~cer
(p. 31, I)

boc~~i~~jar (p. 71, I)

d~~i~~vera (p. 13, 185, II; 104, III)

(5.113)

s~~e~~quer
(p. 24, 308, 400, I; 19, 88, II)

s~~i~~quer
(p. 202, III)

cac~~i~~reiro (*carcereiro*) (p. 99, IV)

l~~i~~am (p. 318, II; p. 398, III; p. 169, IV)

l~~i~~ão (p. 376, 380, 382, 387, 388, 389, 467, II)

l~~i~~oa (p. 282, III; p. 331, IV)

l~~i~~ões (p. 302, 378, 379, 381, I)

l~~i~~ões (p. 334, IV)

l~~i~~ões (p. 327, I)

l~~i~~ões (p. 150, IV)

l~~i~~onado (p. 84, IV)

Nos dados arrolados em (5.114), há uma consoante coronal na sílaba seguinte à vogal pretônica alçada:

(5.114)

melhor

(p. 161, 324, 470, I; p. 140, 195, 196, 228, 354, 419, 421, 422, 429, II; p. 24, 29, 189, 237, 272, III; p. 7, 8, 13, 286, 289, 296, 309, 327, 331, IV)

milhor

(p. 21, 34, 63, 105, 124, 125, 141, 169, 174, 181, 182, 190, 205, 221, 280, 282, 285, 367, 380, 382, 391, 417, 418, 424, 426, 472, 473, 488, 489, I; p. 12, 39, 53, 79, 149, 170, 186, 187, 190, 192, 218, 244, 247, 267, 312, 329, 346, 350, 356, 459, 472, II; p. 26, 51, 90, 103, 108, 118, 129, 137, 143, 151, 164, 169, 174, 177, 178, 206, 217, 236, 251, 281, 294, 314, 318, 326, 351, 359, 368, 384, 392, III; p. 11, 31, 91, 94, 101, 102, 103, 123, 136, 167, 169, 225, 242, 243, 280, 296, IV)

melhores

(p. 150, 461, 469, I)

milhores

(p. 174, I; p. 314, II; p. 356, III)

rendeiro

(p. 370, II; p. 377, III)

rindeiros

(p. 233, III)

bisouro (p. 338, IV)

Marichal (p. 29, 259, III)

ninhũ (p. 376, III)

pineira “peneira” (p. 435, I)

pirnalta (p. 366, III)

A consoante coronal também ocorre nos dados do CG grafados com <e> pretônico, em lugar do <i> atual. Com consoante coronal precedente à vogal pretônica em análise, registramos, na coletânea de Resende, os seguintes termos, organizados segundo sua classe gramatical - verbos (5.115) e não-verbos (5.116):

(5.115)

estivera

(p. 93, 309, 368, III)

estevera

(p. 424, II)

dizer

(p. 162, I; p. 404, 459, 462, 463, 464, 468, 469, II; p. 1, 7, 16, 17, 21, 26, III; p. 32, 36, 40, 46, 64, 107, 110, 111, 115, 118, 120, 125, 135, 152, 155, 161, 166, 168, 177, 191, 223, 231, 259, 308, 319, 329, 372, 398, III; p. 11, 19, 51, 55, 59, 63, 66, 75, 93, 96, 99, 101, 111, 112, 113, 117, 129, 154, 164, 173, 187, 193, 230, 234, 249, 250, 257, 265, 273, 282, 284, 293, 296, 303, 315, 326, 335, 341, IV)

dezer

(p. 162, I; p. 302, 393, 420, 423, II)

tever (p. 161, 308, I; p. 196, II; p. 28, 72, III; p. 11, 15, 175, IV)
tevera (p. 147, 215, II; p. 117, 184, 281, 381, III; p. 5, 166, 256, 340, IV)
teveram (p. 192, I; p. 212, II; p. 204, IV)
teverdes (p. 470, I; p. 319, II; p. 16, III; p. 1, 12, IV)
tevereis (p. 177, II)
teverem (p. 281, II)
teverom (p. 149, IV)
tevesse (p. 152, I; p. 51, 256, 338, 373, 414, II; p. 63, III; p. 138, 294, IV)
tevessemos (p. 331, III)
teveste (p. 94, IV)
tevestes (p. 134, 270, II)

(5.116)

<i>singular</i> (p. 403, I; p. 145, 379, II; p. 59, 107, III)	<i>sengular</i> (p. 249, 261, 417, 424, I; p. 3, 349, II; p. 57, 390, III; p. 329, IV)
<i>singelos</i> (p. 233, II; p. 239, III)	<i>senjelos</i> (p. 147, I)
<i>ninguem</i> (p. 53, 66, 68, 86, 108, 111, 112, 118, 120, 125, 130, 138, 147, 159, 165, 172, 179, 187, 191, 200, 231, 236, 259, 298, 308, 318, 347, 356, 395, III; p. 1, 39, 47, 56, 65, 74, 77, 84, 86, 88, 95, 101, 104, 106, 117, 119, 124, 127, 145, 171, 178, 207, 209, 229, 239, 257, 260, 277, 290, 294, 302, 323, 326, 342, IV)	<i>nenguem</i> (p. 400, 472, II)
<i>diferente</i> (p. 270, 283, II; p. 84, III)	<i>deferente</i> (p. 375, 385, II)
<i>dinheiro</i> (p. 161, 242, I; p. 197, 201, 371, II; p. 16, 25, 46, 52, 73, 178, 237, 287, 314, 320, 326, 344, 357, 363, 378, 393, III; p. 63, 84, 100, 163, 209, 274, IV)	<i>denheiro</i> (p. 242, I)
<i>direita</i> (p. 446, II; p. 380, III)	<i>dereita</i> (p. 250, I)
<i>direito</i> (p. 89, 307, I; p. 253, 373, 403, II; p. 133, 243, 296, 374, 379, 389, 397, III; p. 77, 215, IV)	<i>dereitas</i> (p. 68, I)
	<i>dereito</i> (p. 15, 16, 29, 40, 45, 50, 61, 73, p. 87, 90, 91, 96, 100, 115, 134, 174, 244, 257, 308, 461, I; p. 55, 358, II; p. 4, 20, 73, 385, III)

direitos

(p. 9, II)

dereitos

(p. 58, 215, 216, 296, I)

tristeza

(p. 155, 179, 186, 298, 300, III; p. 18, 28, 41, 42, 44, 83, 105, 147, 154, 252, 292, 296, 300, 304, 324, 342, IV)

tresteza

(p. 43, III)

acedental (p. 112, I)*cercuuncidado* (p. 309, II)*lejongeiros “lisonjeiros”* (p. 416, I)*lejungeiros* (p. 76, III)*lemitadas* (p. 60, IV)*malecioso* (p. 420, I)*contenença* (p. 102, I)*contenências* (p. 147, I)*trepecadas “triplicadas”* (p. 123, I)*defamadas* (p. 17, II)*defamar* (p. 216, I; p. 464, II; p. 205, IV)*deferença* (p. 35, 90, 117, 134, 268, I; p. 131, 328, 366, II; p. 130, 150, III; p. 69, 220, IV)*deferençado* (p. 376, III)*deferenças* (p. 147, I)*dereiteza* (p. 269, III)*dereitoso* (p. 236, I)

A vogal média em destaque é etimológica, segundo Saraiva (2006), nos seguintes termos: *nenguem* (lat. *nēc quem*), *denheiro* (lat. *dēnārīūs*), *acedental* (lat. *āccīdētīs*). Nos demais casos, a vogal pretônica em apreço é proveniente de *i* longo latino, de acordo com o autor (ex.: *sīngŭlārīs*, *dīffērētīs*, *dīrēctūs*, *trīstīs*, *līmītāre*, *dīffāmāre*). Para Corominas (1961), no entanto, a vogal pretônica anterior dos vocábulos *singular* e *singelo* é proveniente de *i* breve latino (*sīngŭlus*).

Com consoante coronal seguinte à vogal pretônica-alvo, registramos, na coletânea de Resende, as formas verbais arroladas em (5.117), referentes ao verbo *fazer*:

(5.117)

fizer
(p. 68, 152, 179, 363, 386, 393, III; p. 295, 299, IV)

fezer
(p. 215, II)

fizera
(p. 93, 115, 116, 202, 235, 253, 264, 284, 285, 329, 386, III; p. 14, 94, 95, 117, 304, IV)

fezera
(p. 69, 403, 424, II; p. 154, IV)

fizeram
(p. 193, 246, 248, II; p. 384, 396, III; p. 17, 52, 77, 123, 232, IV)

fezeram
(p. 236, 304, 309, 405, II)

fizesse
(p. 485, I; p. 51, 57, 59, 126, 287, 448, II; p. 192, 282, 320, 329, 353, III; p. 169, 230, 317, IV)

fezesse
(p. 484, I; p. 203, 214, II; p. 193, IV)

fizesseis
(p. 293, IV)

fezesseis
(p. 305, II)

fizestes
(p. 69, 434, II; p. 48, 69, 193, 220, 229, 254, 351, III; p. 4, 6, 47, 92, 145, 212, 298, 334, IV)

fezestes
(p. 404, 469, I; p. 356, 444, 451, II; p. 48, 195, IV)

A consoante dorsal também é contexto de variações entre <e> e <i> pretônicos, no CG. Com consoante dorsal (velar) precedente à vogal pretônica-alvo, registramos, na obra de Resende, variantes gráficas associadas ao verbo *querer*, além das grafias *lagremejar* e *liqedada*, todas arroladas em (5.118). Com consoante velar seguinte à vogal pretônica variante, registramos a variação, indicada em (5.119), envolvendo o verbo *vingar* e o derivado *vingador*, que apresentam, no português atual, uma vogal alta /i/, na sílaba pretônica em destaque:

(5.118)

quiser
(p. 454, 462, II; p. 27, 56, 64, 66, 72, 112, 118, 126, 141, 157, 163, 170, 178, 189, 190, 217, 300, 315, 320, 327, 365, 383, 392, III; p. 3, 95, 122, 130, 180, 235, 273, 277, 301, 343, IV)

queser
(p. 58, II)

quiserdes
(p. 65, II; p. 16, 114, 159, 184, 219, 221, 294, 376, III; p. 1, 52, 96, 102, 160, 197, 271, 345, IV)

queserdes
(p. 96, IV)

liqedada (p. 237, I)

lagremejando (p. 99, III)

(5.119)

vīngador
(p. 406, 421, II)

vengador
(p. 102, III)

vīngar
(p. 274, 280, 391, 423, 486, I; p. 37, II; p. 8, 37, 86,
318, III; p. 70, 91, 165, 232, 238, 308, IV)

vengar
(p. 276, I)

Segundo Saraiva (2006), a vogal média em destaque é etimológica em *liquedada* (lat. *līquīdūs*) e *lagremejar* (lat. *lacrīma*). Sobre o verbo *vingar* e derivados, já comentamos, neste estudo, que os autores consultados não concordam sobre a duração da vogal alta latina que originou a vogal pretônica desses termos: *vīndīcāre*, para Saraiva (2006), e *vīndīcāre*, para Corominas (1961) e Cunha (2010).

Conforme já mencionado neste estudo, a vogal anterior /e/ não apresenta o traço [dorsal] das consoantes velares /k/ e /g/ que, por vezes, condicionam seu alçamento (ex.: *p[i]queno*, no PB atual). Se considerarmos que a vogal alta dos termos acima, no português atual, é resultado de mudança, na história da língua, provocada pela influência das consoantes velares destacadas, poderemos atribuir o alçamento ao fato de essas consoantes apresentarem um alto ponto de articulação.

Os dados até aqui expostos revelam, ao que tudo indica, casos de alçamento de vogal média anterior (/e/), na segunda fase do PA. É interessante salientar que muitos dos termos grafados, no CG, com <i> pretônico, em substituição ao <e> etimológico, também são pronunciados com vogal média alçada, no português atual: *pedir*, *seguir*, *sentir*, *medida*, *metido*, *mentira*, *mentiroso*, *pedido*, *pepino*, *bexiga*, *desfavor*, *sequer*, entre outros exemplos. O alçamento, em todos esses casos, é perfeitamente explicável por meio do compartilhamento de traços entre os segmentos adjacentes.

Cabe notar, todavia, que alguns dos casos de alçamento documentados na grafia do CG são mais comuns no PE do que no PB atual:¹¹⁰ *servir*, *mesquinho*, *progenitura*, *antecipar*, *viverei*, *entristecer*, *competidor*, *sentimento*, *cerimônia*, *delicado*, *derivado*, *leviano*, *perseguidor*, *rendeiro*, *enorme*, *ensandecer*, *dever*, *carcereiro*, *leão*, *melhor*, *marechal*, *nenhum*, *penalta*, *peneira*. Em todos esses casos, a variação entre [e] e [i] pretônicos pode ocorrer, no PB atual, mas a forma com vogal média parece ser a mais frequente, pelo menos

¹¹⁰ É importante observar que, sempre que nos referirmos ao alçamento de vogal média pretônica, no PE atual, estamos considerando as realizações [i] e [u], para [e] e [o], respectivamente (ex.: *p[i]gar* “pegar”, *m[u]rar* “morar”), já que, no caso das vogais anteriores, o resultado do alçamento não é idêntico, no PB e no PE (variedade padrão de Lisboa), de acordo com Mateus e d’Andrade (2000).

na fala culta de São Paulo. Os dados do CG sugerem, pois, uma tendência, já na segunda fase do PA, à ampliação dos contextos envolvidos no alçamento de vogal média pretônica - seria, talvez, o início da generalização da regra de elevação das vogais átonas que se verifica no PE atual. Cumpre observar, no entanto, que os segmentos adjacentes à vogal pretônica-alvo, em todos esses dados, apresentam traços ([coronal], por exemplo) que podem justificar o alçamento da vogal média de cada termo.

No tangente aos termos que apresentam, no português atual, uma vogal alta /i/, na sílaba pretônica que se mostrou variável, no português antigo, este trabalho revela que, em alguns casos, a vogal alta é resultado de mudança, na história do português (ex.: *redimir*, *atribuir*, *homicida*, *ministro*, *figura*, *miúdo*, *viúva*, *edificar*, *diligente*, *oficial*, *artificial*, *notificar*, *justificar*, *verificar*, *minguar* etc.), em outros, a vogal alta é etimológica (ex.: *adivinhar*, *divino*, *dividir*, *visitar*, *opinião*, *dignidade*, *original*, *limitar* etc.).

Enfim, comparando os dados do CG aos dados das CSM, constatamos que alguns dos termos invariavelmente grafados com <e> etimológico, na coletânea de Afonso X, apresentam variantes com vogal alta <i> (ex.: *vertude* ~ *virtudes*, *dereito* ~ *direito*, *fengir* ~ *fingir*, *dezer* ~ *dizer*) ou foram totalmente substituídos por formas com vogal pretônica alta (ex.: *linguagem*, *riqueza*), na obra de Resende. Particularmente em relação às variações gráficas registradas nas CSM, este trabalho mostra que algumas mantiveram-se no CG (ex.: *fegura* ~ *figura*, *menguar* ~ *minguar*, *vingar* ~ *vengar*). Outras, no entanto, desapareceram, na coletânea de Resende, tendo permanecido, em alguns casos, apenas a forma com vogal alta, na sílaba pretônica (ex.: *virilha*, *ligeiro*, *virgindade*, *crystal*, *cristão*).

Vejamos, agora, no item 5.2.2.2 a seguir, os dados desta pesquisa referentes às vogais pretônicas posteriores do século XV e início do século XVI.

5.2.2.2 Vogais posteriores

Para as vogais posteriores <o> e <u>, na posição pretônica, também estão registradas, na obra de Resende, muitas grafias diferentes da atual, em variação ou não. Foram identificados, nesta pesquisa, tanto termos grafados com <u> pretônico, em substituição ao <o> etimológico, quanto dados grafados com <o>, etimológico ou não, em lugar do <u> pretônico que apresentam no português de hoje. Os contextos envolvidos nesses casos são os seguintes: *i.* vogal alta (/i/ ou /u/) presente na sílaba (tônica ou átona) adjacente à vogal pretônica-alvo, *ii.* início de palavra, *iii.* consoante labial, *iv.* consoante dorsal e *v.* consoante coronal.

Com vogal alta /i/ na sílaba tônica, encontramos, nos poemas do CG, tanto termos grafados com <u> pretônico, em lugar de <o> etimológico, quanto vocábulos grafados com <o> pretônico, em lugar do <u> atual. Apresentamos, a seguir, exemplos do primeiro caso, na obra de Resende. Em (5.120) e (5.121), estão arrolados os casos envolvendo verbos e nomes do português, respectivamente:

(5.120)

encobrir
(p. 81, 152, 429, I; p. 50, 412, 436, 438, II; p. 11, 21, 131,
158, 163, 167, III; p. 12, 28, 52, 249, 295, IV)

encubrir
(p. 183, III; p. 96, IV)

chuvia (p. 424, II)

pussiuir (p. 324, I)

(5.121)

corisco
(p. 209, II)

curiscos
(p. 220, 317, I)

focinho
(p. 212, 258, I)

fucinhos
(p. 220, III)

durido (p. 250, II)

lijuniaria “lisonjaria” (p. 237, II)

pulicia (p. 209, I)

assuvios (p. 106, I)

Entre os termos grafados, na coletânea de Resende, com <o> pretônico (etimológico ou não), em lugar do <u> atual, a vogal alta /i/ ocorre na sílaba tônica dos verbos e não-verbos arrolados em (5.122) e (5.123), respectivamente:

(5.122)

acudir
(p. 163, I; p. 143, 210, 213, 355, 359, 367, III; p.
218, IV)

acodir
(p. 169, I; p. 138, II; p. 278, III)

bulir
(p. 191, 348, IV)

bolir
(p. 417, I; p. 331, III; p. 174, 325, 336, IV)

cumprir
(p. 57, I; p. 128, 181, 429, II; p. 73, 154, IV)

comprir
(p. 24, 33, 93, 124, 142, 151, 160, 164, 182, 190, 195, 203,
227, 290, 461, 462, 479, 484, 486, 487, I; p. 1, 3, 16, 30, 41,
66, 85, 129, 130, 147, 148, 174, 215, 353, 372, 401, 413,
428, 431, 435, 440, 462, II; p. 68, 78, 86, 88, 119, 127, 150,
156, 171, 180, 191, 194, 227, 233, 258, 277, 281, 294, 325,
349, 355, 382, III; p. 44, 69, 87, 159, 188, 207, 218, 228,
285, 314, 319, IV)

destruīr
(p. 464, I; p. 104, III)

destrōir
(p. 13, 201, 213, I; p. 10, 191, 348, 408, 438, II; p. 54, III; p. 13, 26, 236, IV)

destrōhīr
(p. 26, IV)

fugīr
(p. 328, I; p. 223, 245, 251, 303, 338, 417, II; p. 300, 384, III; p. 226, IV)

fōgīr
(p. 320, 329, I; p. 137, 151, 200, 234, 316, 338, 403, 428, II; p. 90, 164, 207, 230, 280, 287, 298, III; p. 77, 183, 287, IV)

fujīr
(p. 13, IV)

presumīr
(p. 75, 425, I; p. 12, 442, 472, II; p. 121, 320, III; p. 13, 65, 130, IV)

presomīr
(p. 380, II)

redozīr (p. 329, I)

sobīr (p. 158, 200, 201, 277, 495, I; p. 38, 124, 219, III)

somīr (p. 246, IV)

soprīr (p. 201, III)

sospiro (p. 13, I)

(5.123)

bugia
(p. 313, II)

bogio
(p. 177, IV)

cupido
(p. 319, I; p. 250, 419, II; p. 184, IV)

copido
(p. 406, I; p. 170, II)

destruīda
(p. 143, 280, IV)

destrōida
(p. 22, 171, 186, 190, 392, 396, 422, II; p. 56, 87, III; p. 193, 251, IV)

destrōidas
(p. 314, I)

destruīdo
(p. 157, III)

destrōido
(p. 74, II; p. 135, III; p. 26, 105, IV)

destruīdos
(p. 435, I; p. 390, III)

destrōidos
(p. 394, II; p. 246, IV)

estruīda
(p. 92, III)

estroīdas
(p. 329, II)

Hungria
(p. 335, IV)

Hongria
(p. 275, 312, IV)

juvenīl
(p. 243, II)

jovenīl
(p. 316, I)

- arroido* (p. 281, III; p. 76, IV)
- bolido* (p. 162, IV)
- consumida* (p. 313, III)
- consumidas* (p. 255, I)
- cortida* (p. 309, III)
- despossoido* (p. 103, III)
- fogida* (p. 489, I)
- ortigas* (p. 285, III)
- possoida* (p. 351, II)
- resomido* (p. 115, I)
- robis* (p. 321, I)
- robins* “rubis” (p. 393, III)
- rogido* (p. 209, III)
- roim* (p. 35, 204, 313, II; p. 74, 364, 382, III; p. 15, 164, 198, 274, 315, 337, IV)
- roins* (p. 418, I; p. 3, 74, III)
- sobida* (p. 21, 425, I; p. 187, II; p. 62, 108, 117, 173, 278, III; p. 148, IV)
- sobido* (p. 30, I; p. 191, 237, 454, 459, II; p. 120, 294, III; p. 181, 208, IV)
- sobidos* (p. 28, 84, 89, I)
- soiço* (p. 378-79, III)
- sometido* “submetido” (p. 157, II)
- sometidos* “submetidos” (p. 236, II)
- somida* (p. 193, IV)
- somidos* (p. 315, II)
- solorgia* “cirurgia” (p. 49, I; p. 63, II; p. 230, III)
- sospiro* (p. 50, 329, IV)
- sospiros* (p. 13, 16, 17... C 1; p. 145, 288, 291, 328, 333, 341, 345, 352, 363, 371, 377, 384, 385, 386, 388, 401, I; p. 173, 233, 244, 351, II; p. 19, 21, 32, 47, 144, 185, 201, 244, 254, 280, IV)
- sossidio* (p. 299, II)
- sotil* (p. 46, 233, 296, 317, 461, I; p. 243, II; p. 79, 379, III; p. 222, 335, 348, IV)
- sotis* (p. 214, 318, 321, I; p. 264, III)
- sovertidas* “subvertidas” (p. 88, III)
- Torquia* (p. 199, II; 348, III)

Há, entre esses dados, casos em que a vogal média em destaque é etimológica (ex.: *comprir, destruir, fogir, sobir, copido, estroidas, juvenil, robi, rogado*), e casos em que essa vogal é proveniente de *u* longo latino (ex.: *resumir, suspiro*), segundo Saraiva (2006). A proposta desse autor, no entanto, não coincide com a de Corominas (1961), no que diz respeito à duração, no latim clássico, da vogal pretônica do termo *sutil: sūbtīlis*, para Saraiva (2006), e *sūbtīlis*, para Corominas (1961).

Além da vogal alta anterior (/i/), há que se mencionar a influência da vogal alta /u/ no alçamento de /o/ pretônico, em muitos dos casos registrados no CG. Em (5.124), estão transcritos os termos do CG que foram grafados com <u>, na posição pretônica, em substituição ao <o> etimológico:

(5.124)	<i>cob<u>u</u>rtura</i> (p. 183, 259, I)	<i>cub<u>u</u>rtura</i> (p. 239, III)
	<i>cost<u>u</u>mes</i> (p. 79, III)	<i>cust<u>u</u>mes</i> (p. 283, 391, II; p. 120, IV)
	<i>doç<u>u</u>ras</i> (p. 318, 357, II)	<i>duç<u>u</u>ra</i> (p. 310, 315, 359, I; p. 16, II; p. 270, III; p. 191, IV)
		<i>duç<u>u</u>ras</i> (p. 85, I; p. 26, 120, III)
	<i>fort<u>u</u>na</i> (p. 169, 322, 323, 324, 350, 422, I; p. 215, 227, 253, 266, 391, 430, 437, II; p. 4, 6, 12, 68, 89, 186, III; p. 54, 106, 252, 302, IV)	<i>furt<u>u</u>na</i> (p. 76, II; p. 182, 252, IV)
	<i>mont<u>u</u>ro</i> (p. 208, I)	<i>mun<u>u</u>ro</i> (p. 309, II)
		<i>bud<u>u</u>m</i> (p. 309, II)
		<i>apust<u>u</u>ra</i> “compostura” (p. 251, II)
		<i>cumpust<u>u</u>ra</i> (p. 133, I)
		<i>rebul<u>u</u>do</i> (p. 337, IV)

A vogal alta posterior (/u/) também está presente na sílaba tônica de termos do CG grafados com <o> pretônico, em lugar do /u/ atual:

(5.125)

futuro
(p. 183, IV)*foturos*
(p. 271, II)*sepultura*
(p. 139, 148, 151, 393, 395, 477, I; p. 40, 178,
427, II; p. 144, 169, IV)*sepoltura*
(p. 118, I; p. 289, III; p. 39, IV)*fonduras (p. 333, I)**tomultos (p. 250, II)*

Para Saraiva (2006), a vogal média em destaque é etimológica em *foturos* (lat. *fūtūrūs*) e *tomultos* (lat. *tūmūltūs*). Nos demais casos, segundo o autor, a vogal pretônica em apreço é proveniente de *u* longo latino. Sabemos, no entanto, que, no caso do termo *sepultura*, a proposta de Saraiva não é compartilhada pelos demais autores consultados neste estudo, já que, para Corominas (1961) e Cunha (2010), a vogal pretônica desse termo é proveniente de *u* breve latino.

Também à vogal /u/ da sílaba átona pode ser atribuído o alçamento de <o> pretônico, entre os dados coletados no CG. Em (5.126) e (5.127), estão arrolados exemplos desses casos envolvendo verbos e nomes do português, respectivamente, que foram grafados (em variação ou não), na obra de Resende, com <u> pretônico, em substituição ao <o> etimológico:

(5.126)

procurar
(p. 68, I)*prucurar*
(p. 40, I)*acustumar (p. 101, III)**cuustumar (p. 402, III; p. 266, IV)*

(5.127)

cogumelos
(p. 337, IV)*cugumelo*
(p. 273, IV)*costumado*
(p. 389, III)*acustumado*
(p. 128, II)*portugueses*
(p. 198, II)*purtugues*
(p. 235, III)*acustumada (p. 191, IV)**cumunal (p. 124, III)**custureiro (p. 45, II)**custureiros (p. 222, III)**custumada (p. 236, II)**desacustumada (p. 128, II)*

Entre os dados desta pesquisa que apresentam uma vogal alta posterior (/u/) na sílaba átona adjacente à vogal pretônica-alvo, apenas um é grafado com <o>, em lugar do <u> pretônico atual, a saber: *sojugar* “subjugar” (p. 152, IV).

Com vogal alta anterior (/i/) na sílaba átona adjacente à vogal pretônica-alvo, foram registrados, no CG, os dados arrolados a seguir, em (5.128) e (5.129), divididos em verbos e não-verbos, respectivamente:

(5.128)

<i>duvidar</i> (p. 142, 166, 189, 427, I; p. 209, 211, II; p. 118, 120, III; p. 208, IV)	<i>dovidar</i> (p. 142, 144, 242, I; p. 52, 325, 424, 427, II; p. 183, 185, 194, 204, 234, III; p. 38, 72, 208, 286, IV)
---	---

alomiar (p. 184, IV)

sogigar “subjugar” (p. 7, 27, II; p. 42, 158, IV)

soprīcar “suplicar” (p. 151, IV)

sospirando (p. 13, I; p. 22, IV)

sospirar (p. 14, 15, 16, 17, 228, 285, 303, 315, 334, 335, 339, 340, 346, 350, 362, 378, 379, 384, 395, 427, I; p. 48, 52, 83, 189, 221, 245, II; p. 99, III; p. 35, 40, 50, 142, 170, 199, 291, 325, IV)

(5.129)

destruīcam
(p. 469, I; p. 155, II)

destrōīcam
(p. 37, IV)

destruīção
(p. 87, III)

destrōīção
(p. 392, II;)

duvidosa
(p. 52, IV)

dovidosa
(p. 158, II; p. 112, 143, III)

duvidoso
(p. 340, II)

dovidoso
(p. 287, 303, I; p. 41, 140, 150, II)

dovidosos
(p. 316, I)

comprīdor (p. 382, III)

cortīdores (p. 312, III)

destrōimento (p. 495, I)

dovidado (p. 286, IV)

jostefīcado (p. 266, IV)

roīndade (p. 366, II;)

roīndades (p. 79, III)

sogigado “subjugado” (p. 404, I)

solorgiam “cirurgião” (p. 335, IV)

sopricantes (p. 123, 407, I)

sopridora (p. 238, I)

sospiradas (p. 232, 246, II)

sospirados (p. 226, 288, I)

sotileza (p. 263, III; p. 338, IV)

De acordo com Saraiva (2006), a vogal média em destaque é etimológica em *dovidar* (lat. *dŭbītāre*), *destruição* (lat. *dēstrŭĕre*), *compridor* (lat. *cōmplēre*) e derivados. Nos demais casos, segundo o autor, a vogal pretônica em questão é proveniente de *u* longo latino (ex.: *alumi*ar, *subjug*ar, *suspir*ar, *suplic*ar, *justific*ar, *sutil*eza etc.). Para Corominas (1961), todavia, a vogal média pretônica dos termos *sojugar* e *sotil* é proveniente de *u* breve latino (*sŭbjŭgāre*, *sŭbtīle*), conforme já mencionado neste estudo.

Outro contexto que se mostrou relevante, entre os dados desta pesquisa, é o de vogal pretônica em início de palavra. Os termos apresentados a seguir foram grafados com <o> pretônico (em variação ou não), nos poemas do CG, em lugar do <u> atual:

(5.130)

universal
(p. 152, 348, IV)

oniversal
(p. 237, I; p. 56, III)

homildade (p. 187, III; p. 303, IV)

homiliar (p. 490, I)

oivar (p. 424, II)

Segundo Saraiva (2006), a vogal média em destaque é etimológica nos termos derivados de *humilde* (lat. *hŭmīlis*) e em *uivar* (lat. *ŭlŭlāre*). Em *universal*, a vogal pretônica posterior é proveniente de *u* longo latino (*ŭnīvērsus*), de acordo com a etimologia proposta pelo autor.

Conforme mencionado no início desta subseção, grande parte das grafias consideradas neste estudo pode ser associada ao processo de redução vocálica. Os casos de alçamento vocálico apresentados a seguir podem ser atribuídos à influência da consoante labial que antecede a vogal pretônica-alvo:

(5.131)

fogueira
(p. 382-83, III)*fugueiras*
(p. 330, I)*muela* (p. 110, 198, III)*pumar* (p. 294, I)

No caso da grafia *muela*, o alçamento também pode ser atribuído ao contexto referente ao encontro vocálico.

A consoante labial também ocorre entre os dados do CG grafados com <o> em lugar do <u> atual, na posição pretônica. Com consoante labial precedente à vogal pretônica-alvo, registramos, na coletânea de Resende, os termos arrolados nos itens (5.132) e (5.133), dedicados aos verbos e não-verbos do português, respectivamente:

(5.132)

pudera
(p. 192, II)*podera*
(p. 367, 465, I; p. 172, 282, 398, II; p. 133, 179, 265, III; p. 136, 340, IV)*podeera*
(p. 8, III)*puderão*
(p. 88, III)*poderam*
(p. 212, 405, II; p. 122, 241, III; p. 145, 225, 277, IV)*pudesse*
(p. 334, I; p. 59, II; p. 89, III; p. 37, IV)*podesse*
(p. 337, 352, 493, 497, I; p. 51, 57, 58, 144, 176, 184, 244, 286, 287, 338, 414, 465, II; p. 109, 117, 120, 167, 172, 191, 374, III; p. 251, IV)*pudeesse*
(p. 189, III;)*puseram*
(p. 232, IV)*poseram*
(p. 202, IV)*pusestes*
(p. 39, 334, IV)*posestes*
(p. 34, IV)*mormurar* (p. 156, I; p. 327, IV)*pobricar* (p. 125, I; p. 415, II)*porgar* (p. 310, II)*porificar* (p. 405, I)*poser* “puser” (p. 326, IV)

(5.133)

furioso
(p. 403, II)*forioso*
(p. 164, I)*mulher*
(p. 418, I)*molher*
(p. 192, 194, 275, 307, 364, 402, 417, 419, 421, 487, 488, 489, 494, I; p. 9, 18, 19, 133, 143, 184, 199, 201, 268, 304, 356, 372, 398, 405, 408, 412, 414, 418, 422, 454, II; p. 35, 55, 74, 89, 96, 112, 148, 178, 198, 344, 364, III; p. 56, 100, 173, 260, 285, 287, 304, 329, 343, IV)*molheres*
(p. 212, 270, 299, I; p. 8, 12, 21, 22, 23, 391, 394, II; p. 52, 178, III; p. 99, 327, IV)*puridade*
(p. 446, II; 171, VI)*poridade*
(p. 489, I; p. 347, IV)*molherigos* (p. 80, III)*pobricada* (p. 317, III)*poniçam* (p. 244, III)

A vogal média em destaque é etimológica, segundo Saraiva (2006), em *forioso* (lat. *fūrīōsūs*), *molher* (lat. *mūliērīs*) e derivados. Nos demais termos, de acordo com o autor, a vogal pretônica é proveniente de *u* longo latino (ex.: *murmurar*, *publicar*, *purgar*, *purificar*, *puridade*, *punição*).

Com consoante labial seguinte à vogal pretônica-alvo, registramos, no CG, os verbos e nomes apresentados a seguir, em (5.134) e (5.135), grafados com <o> pretônico, em lugar do <u> atual:

(5.134)

someter “submeter” (p. 430, II)*soportar*

(p. 81, 249, 262, 363, I; p. 1, 2, 27, 52, 61, 64, 66, 183, 188, 327, 431, II; p. 114, 226, 299, 391, III; p. 280, IV)

toryar (p. 307, IV)

(5.135)

somario (p. 47, I)*toryaçam* (p. 45, 185, IV)*torjado* (p. 306, IV)*torjados* (p. 2, II)

A vogal pretônica em destaque de todos esses termos, segundo Saraiva (2006), é proveniente de *u* longo do latim clássico. Contudo, para Corominas (1961), a vogal alta pretônica de *turvar* e *suportar* é proveniente de *u* breve latino (*tŭrbare, sŭppŏrtāre*).

A consoante dorsal (velar) também é contexto relevante entre os dados desta pesquisa. Nos exemplos arrolados em (5.136), a consoante velar precede a vogal pretônica <u>, que está substituindo, nesses casos, o <o> etimológico:

(5.136)

coitado
(p. 104, 146, I)

cuitado
(p. 200, II)

cuberta (p. 174, 192, 271, I; p. 224, III)

cubertas (p. 345, I; p. 32, 247, 397, II)

cuberto (p. 167, 347, I; p. 42, 249, 406, II)

cubertos (p. 275, IV)

cubertos (p. 332, II; p. 97, III)

descuberta (p. 371, 385, I; 326, 438, II; p. 45, IV)

descubertas (p. 345, 405, I; p. 217, II; p. 74, III)

descuberto (p. 81, 213, 400, I; p. 136, 436, 461, II; p. 361, III; p. 12, 52, 153, IV)

descubertos (p. 332, II)

encuberta (p. 350, 371, I; p. 150, II; p. 59, IV)

encubertas (p. 153, I; p. 136, 146, II)

encuberto (p. 143, 286, 296, I; p. 189, II)

encubertos (p. 326, II; p. 18, III; p. 114, IV)

regurosos “rigoroso” (p. 419, I)

No caso dos nomes derivados do verbo *cobrir* (ex.: *coberto, descoberto, encoberto*), o alçamento da vogal pretônica posterior, bastante frequente no PB atual, também pode ser atribuído à influência da consoante labial seguinte à vogal pretônica-alvo, ou à vogal alta /i/ da sílaba tônica presente na forma primitiva (*cobrir*), que serviu de base aos nomes referidos. Neste último caso, diríamos que o resultado do processo de harmonia vocálica estendeu-se para os derivados do verbo, em que a vogal alta não ocorre.

Com consoante velar seguinte à vogal pretônica-alvo, registramos, no CG, os seguintes casos, distribuídos em verbos (5.137) e não-verbos (5.138), grafados com <u> pretônico, em lugar do <o> etimológico:

(5.137)

jugar “jogar” (p. 149, 150, 169, 170, 297, 303, I; 452, II; p. 18, 78, 329, III; p. 3, 172, IV)*jugatar* (p. 301, I)*juguetar* (p. 382, III)

(5.138)

jugador (p. 18, III)*jugadores* (p. 311, I)*juguetador* (p. 298, I)*juguetas* (p. 83, IV)

Também registramos, na obra de Resende, um caso de variação envolvendo a consoante velar seguinte à vogal pretônica que, no português atual, é representada por <u>:

(5.139)

lugar

(p. 14, 59, 69, 87, 89, 96, 104, 147, 320, 322,
371, 460, 488, I; p. 9, 18, 25, 52, 83, 133, 147,
149, 151, 211, 245, 248, 303, 327, 328, 395, 397,
427, 451, 452, 470, II; p. 9, 62, 77, 85, 97, 111,
121, 171, 219, 241, 257, 281, 285, 351, 374, 386,
391, 396, III; p. 37, 93, 105, 125, 184, 229, 235,
238, 244, 263, 289, IV)

logar

(p. 301, 310, II;)

logo

(p. 278, I; p. 285, IV)

Os demais dados deste estudo não se enquadram nos contextos acima apresentados. Um desses casos diz respeito ao acentamento da vogal pretônica do termo *joelho*, que também ocorre no PB atual e pode ser justificado tanto pela influência da consoante palatal, quanto pelo contexto de hiato:

(5.140)

joelhos

(p. 493, I)

juelhos

(p. 35, II)

A consoante palatal também ocorre diante da vogal pretônica <o> que, no português atual, é representada por <u>:

(5.141)

sugeito
(p. 257, I)*sogeito*
(p. 97, 262, I; p. 129, 131, 300, 401, II; p. 4, III; p. 172, 217, IV)*sogeiçam* (p. 93, 247, 253, I; p. 7, 28, II; p. 4, 177, III; p. 43, IV)*sogeita* (p. 25, 153, 195, 273, 280, I; p. 185, III)*sojeiçam* (p. 27, 49, 236, II; p. 178, III)*sojeições* (p. 236, II)*sojeita* (p. 284, IV)*sojeito* (p. 299, 488, I; p. 56, 61, 151, 213, II; p. 59, 166, 170, 334, III; p. 324, IV)*sojeitos* (p. 236, II)

Para Saraiva (2006), a vogal pretônica alta do termo *sujeito*, no português atual, é etimológica (lat.: *sūbjēctūs*). Cunha (2010), por sua vez, acredita que a vogal pretônica desse vocábulo seja proveniente de *u* breve latino: *sūbjēctūs*. Nesse caso, a vogal alta do português atual seria resultado de uma mudança fonológica, ao longo da história da língua. Adotando esta última hipótese, poderíamos explicar o alçamento da vogal média pretônica, na diacronia do português, por meio da influência da semivogal /i/ ou da consoante palatal /j/. Como vogais posteriores não partilham o traço [coronal] das consoantes palatais, seria complicado explicar o alçamento da vogal média pretônica a partir do espraçamento desse traço. Por outro lado, sabemos que consoantes palatais apresentam um alto ponto de articulação, que poderia justificar o alçamento, apesar de o modelo de Geometria de Traços, de Clements e Hume (1995), não contemplar os traços de abertura das consoantes.

Os casos restantes também envolvem termos que apresentam, no português atual, uma vogal alta /u/ na sílaba pretônica em apreço. A vogal pretônica de todos os termos apresentados a seguir ocorre em contexto análogo: entre duas consoantes coronais /s/. Em (5.142), a sibilante está na sílaba seguinte à vogal pretônica-alvo e, em (5.143), a consoante ocorre na mesma sílaba da vogal em apreço (CVC):

(5.142)

soceder (p. 375, II)*socessão* (p. 381, II)*socessões* (p. 379, II)*socessor* (p. 218, II)*socessos* (p. 212, II)

(5.143)

sospeiçam (p. 51, I; p. 217, IV)*sospeição* (p. 85, III)*sospeita* (p. 25, 116, 153, 176, 181, 220, 419, 491, I)*sospeitar* (p. 85, III)*sospeitas* (p. 134, I; p. 222, 234, II; p. 225, IV)*sospeito* (p. 10, II; p. 192, 201, 221, III)*sostedor* (p. 419, I; p. 152, IV)*sostem* (p. 150, 176, II; p. 94, III)*sostenha* (p. 468, II)*sostenho* (p. 338, 373, 380, 381, 385, I; p. 472, II)*soster* (p. 267, 401, II; p. 161, 166, 366, III; p. 32, 86, 123, IV)*sosteve* (p. 213, II)

Para Saraiva (2006), a vogal pretônica destacada, em todos esses termos, é proveniente de *u* longo latino. No caso dos vocábulos *suspeitar* e *sustentar*, Corominas (1961) e Cunha (2010) acreditam que as vogais altas, na posição pretônica, sejam provenientes de *u* breve latino (*sŭspĕctāre*, *sŭstĕntāre*).

Em suma, as grafias empregadas na coletânea de Resende para representar as vogais pretônicas posteriores do século XV e início do século XVI permitem-nos afirmar que eram frequentes, no português de então, variações fonéticas associadas ao alçamento de vogal média pretônica. O presente estudo mostra que muitas dessas variações, registradas na grafia do CG, ainda são comuns no PB atual: *chovia*, *corisco*, *focinho*, *polícia*, *assovio*, *costume*, *fortuna*, *bodum*, *encobrir*, *cobertura*, *coberto*, *descoberto*, *encoberto*, *acostumar*, *acostumado*, *costureiro*, *procurar*, *fogueira*, *joelhos*. O alçamento, em todos esses casos, pode ser atribuído à influência dos segmentos adjacentes à vogal pretônica-alvo. Há, inclusive, em alguns desses dados, mais de um contexto favorável ao levantamento da vogal.

É curioso, no entanto, o fato de alguns dos casos de alçamento vocálico documentados no CG não serem, ao que parece, muito comuns no PB atual, embora apresentem contextos fonético-fonológicos favoráveis ao fechamento da vogal média pretônica: *possuir*, *dorido*, *lisonjaria*, *doçura*, *compostura*, *cogumelo*, *português*, *pomar*, *coitado*, *rigoroso*, *jogar*,

jogador.¹¹¹ A pronúncia desses vocábulos com vogal alçada pode até ocorrer, em algumas variedades do PB atual, mas não costuma ser a mais frequente (pelo menos na variedade culta de São Paulo). Nesses casos, a pronúncia com vogal pretônica alta é mais comum no PE do que no PB atual. Pode-se dizer, portanto, que os dados do CG envolvendo vogal pretônica posterior reforçam a hipótese, levantada anteriormente neste estudo, quando analisamos os dados com vogal pretônica anterior, de que a ampliação dos contextos fonético-fonológicos envolvidos no alçamento vocálico, que resultou na generalização da regra, no PE atual, já começava a se manifestar na segunda fase do PA.

O presente estudo também vem mostrar que muitas das variações registradas nos poemas do CG resultaram em mudança, no decorrer da história do português, na qual uma variante com vogal média etimológica foi substituída pela variante com vogal média alçada (ex.: *cumprir, destruir, fugir, subir, futuro, mulher, cupido, juvenil, tumulto, duvidar, furioso, humilhar*). Nos casos em que a vogal alta do português atual é etimológica, este trabalho vem propor que a grafia com vogal média, no CG, pode estar refletindo casos de hipercorreção na escrita e, talvez, na fala do português de então.

Enfim, a comparação entre os dados do CG e os dados das CSM revela que algumas das variações entre <o> e <u> pretônicos, registradas na obra de Afonso X, permanecem na coletânea de Garcia de Resende (ex.: *bolir ~ bulir, destoir ~ destruir, fogir ~ fugir, sepultura ~ sepultura*). Por outro lado, há dados que apresentaram variantes gráficas, na obra do século XIII, mas aparecem invariavelmente grafados com vogal alta, no século XV e início do século XVI (ex.: *ressurgir, justiça, juiz, juizo, fundamento, confusão, escutar, cuidar, culpar, custar, crucificar, julgar, portugal*). Há, ainda, termos que, nas CSM, foram grafados invariavelmente com vogal média etimológica, mas apresentam, nos poemas do CG, uma variante com vogal alta <u>, na sílaba pretônica (ex.: *mulher, cumprir, duvidar, sujeito*).

Os dados apresentados até aqui constituem um testemunho importante sobre as vogais pretônicas do PA, em suas duas fases. Analisamos, no tópico a seguir (5.2.3), as vogais pretônicas do século XVI, com o intuito de obter dados do português moderno e, desse modo, transpor os limites do PA.

¹¹¹ No caso do vocábulo *português*, parece haver uma relação semântica na aplicação da regra de alçamento, já que a vogal média pretônica costuma ser alçada quando o nome refere-se ao cidadão nascido em Portugal, mas tende a ser mantida, quando o nome refere-se à língua portuguesa (cf. OLIVEIRA, 1992).

5.2.3 As vogais pretônicas em *Os Lusíadas*

Esta seção dedica-se às grafias empregadas em *Os Lusíadas* para representar as vogais pretônicas, médias e altas, do português do século XVI.

Os dados da presente pesquisa foram colhidos no *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*, de Cunha (1980). Buscamos, na referida obra, grafias diferentes da atual, em variação ou não, na representação das vogais médias e altas do português, na posição pretônica. Por meio dessa pesquisa, constatamos a ocorrência de diversos casos de variação entre <e> e <i>, bem como entre <o> e <u>, pretônicos, na obra épica de Camões. Também foram contemplados, neste estudo, os termos invariavelmente grafados com vogal pretônica (média ou alta) diferente da atual. Todos esses dados forneceram pistas importantes sobre a atuação do processo de alçamento vocálico no português do século XVI.

Nesta seção do trabalho, apresentamos e discutimos os resultados desta pesquisa. Para facilitar a interpretação, os termos foram organizados segundo o contexto fonético-fonológico da vogal pretônica avaliada. Além disso, ao organizar os dados desta pesquisa, levamos em consideração a representação oficial da vogal pretônica, na atual ortografia do português.

Sobre os contextos fonético-fonológicos envolvidos em cada caso, notamos que é bastante frequente, nos dados desta pesquisa, a ocorrência de uma vogal alta na sílaba (tônica ou átona) adjacente à vogal pretônica (anterior e posterior) analisada. Particularmente em relação às vogais anteriores ([e] e [i]), além do ambiente envolvendo vogal alta, mostraram-se relevantes os contextos em que a vogal pretônica ocorre em início de palavra ou está contígua a uma consoante coronal. Para as vogais posteriores ([o] e [u]), destacam-se os casos em que a vogal pretônica está precedida ou seguida de uma consoante velar ou coronal.

Apresentamos a seguir, nas subseções 5.2.3.1 e 5.2.3.2, os dados desta pesquisa referentes às vogais pretônicas anteriores e posteriores de *Os Lusíadas*, respectivamente.

5.2.3.1 Vogais anteriores

Conforme mencionado acima, a grafia empregada em *Os Lusíadas* para representar as vogais pretônicas médias e altas da época de Camões é, por vezes, diferente da atual. No que diz respeito às vogais anteriores <e> e <i>, as grafias avaliadas nesta pesquisa envolvem, em geral, os seguintes contextos: *i.* vogal alta (/i/ ou /u/) na sílaba contígua à vogal pretônica analisada, *ii.* início de palavra e *iii.* consoante coronal precedente ou seguinte à vogal em questão.

Nos dados apresentados a seguir, há uma vogal alta /i/ na sílaba tônica seguinte à vogal pretônica em destaque. Em (5.144) e (5.145), estão arrolados os verbos e nomes do português que aparecem grafados, em *Os Lusíadas*, com <i> pretônico, em substituição ao <e> etimológico (em variação ou não):

(5.144)

<i>sentir</i> (I-15; II-15, 66; III-65, 66, 141; IV-14, 29, 36; V-58, VI-31, 36; VIII-35, 58; IX-48; X-12, 33, 36, 48)	<i>sintir</i> (V-52)
--	-------------------------

difirir
(I-30; VIII-80)

(5.145)

<i>devida</i> (I-56)	<i>divido</i> (III-1; VI-55)
<i>embebidos</i> (X-24)	<i>embibidos</i> (V-90)
<i>perigo</i> (I-43; II-14, 27, 28, 30, 44; III-21; IV-8, 29, 80, 101; V-43; VII-2, 39; VIII-48, 85)	<i>pirigos</i> (VIII-89)
<i>Sevilha</i> (III-75; VIII-24)	<i>Sivilha</i> (IV-46)

gingivas (V-81)

minina (III-134; IV-3)

minino (II-36, 43; III-125; IV-92; IX-30, 35)

niquicia “nequícia” (VIII-65)

Apinino “Apenino” (III-15)

Cyfsia “cefísio” (IX-60)

Cizimbra “Sesimbra” (III-65)

Hircinia “Hercínia” (III-11)

A vogal tônica /i/ também é contexto relevante entre os termos de *Os Lusíadas* grafados com <e> em lugar do <i> atual, na posição pretônica. No caso dos verbos do português, registramos, na obra épica de Camões, a grafia *adquerir* (VIII-8, 52), para o verbo *adquirir* (lat. *ācquirĕre*). Em (5.146), estão arrolados os casos com grafia diferente da atual entre os nomes de *Os Lusíadas*:

(5.146)	<i>artilheria</i> (I-89)	<i>artelharĩa</i> (VII-12)
	<i>feminil</i> (IX-46)	<i>femenil</i> (VI-45)
	<i>opprimidos</i> (IV-47)	<i>opremido</i> (IX-7)
	<i>vizinha</i> (III-89; VII- 30, 67; X-141)	<i>vezinha</i> (VII-27)
	<i>vizinho</i> (II-34; V-79, 82; VI-1, 43; VII-19; X-52, 94)	<i>vezinhos</i> (II-108)
	<i>arteficio</i> (II-90)	
	<i>arteficios</i> (X-27)	
	<i>homicidio</i> (X-114)	
	<i>Melciades</i> “Milcíades” (V-93)	
	<i>Terintio</i> “Tiríntio” (IV-55)	

Segundo Saraiva (2006), a vogal média em destaque é etimológica nos termos *femenil* (lat. *fēmīnīnus*), *arteficio* (lat. *ārtīfīcīum*), *homicidio* (lat. *hōmīcīdius*) e *opremido* (lat. *ōpprīmēre*). Nos demais casos, se considerarmos apenas os substantivos comuns de origem latina, restarão os vocábulos *vizinha* e *vizinhos* para serem analisados. Já vimos, neste estudo, que a vogal pretônica desses termos, de acordo com Saraiva (2006), é proveniente de *i* longo do latim clássico.

A vogal alta posterior (/u/) também ocorre na sílaba tônica dos termos grafados com <e> pretônico em lugar do <i> atual, em *Os Lusíadas*:

(5.147)	<i>mi<u>u</u>da</i> (VI-84)	<i>me<u>u</u>das</i> (I-92)
	<i>mi<u>u</u>stura</i> (X-4)	<i>me<u>u</u>stura</i> (IV-64, 84)
	<i>virt<u>u</u>de</i> (IV-35, 81; VI-24, 96; VII-70; VIII-40, 54, 99; IX-81, 90; X-55, 104, 113, 155)	<i>vert<u>u</u>de</i> (VI-63, 98)
	<i>ses<u>u</u>do</i> (III-122)	

Já vimos, neste estudo, que a vogal média acima destacada é etimológica, segundo Saraiva (2006), em *meudas* e *sesudo*. No caso de *mistura* e *virtude*, houve divergência na proposta dos autores consultados, no que diz respeito à duração da vogal alta latina que originou a vogal pretônica em destaque: *mīxtus* e *vīrtūtīs*, para Saraiva (2006), e *mīxtus* e *vīrtūtīs*, para Corominas (1961).

A vogal alta da sílaba átona também parece ter exercido influência em alguns dos casos analisados neste estudo. Com vogal alta anterior /i/ na sílaba átona contígua à vogal pretônica-alvo, registramos, no *corpus* investigado, as variações transcritas em (5.148) e (5.149), referentes a verbos e não-verbos que apresentam, no português atual, uma vogal média /e/, na sílaba pretônica em destaque:

(5.148)

derivar
(X-99)

dirivar
(III-21; IV-8; IX-54; X-67)

viverão
(II-103; VI-78)

vivirão
(II-105)

(5.149)

mentirosas
(I-11)

mintirosa
(IX-44)

misilhões “mexilhão” (VI-17)

Entre os termos de *Os Lusíadas* grafados com <e> pretônico em lugar do <i> atual, a vogal alta /i/ ocorre na sílaba átona, adjacente à vogal pretônica referida, dos verbos e não-verbos arrolados em (5.150) e (5.151):

(5.150)

edificar
(I-1; II-46; III-57, 98, 126; VII-50, 52; X-110, 130)

edeficar
(VIII-4)

(5.151)

diligente
(I-67, 92; II-109; III-80; IV-88; VII-36, 66; VIII-57;
IX-36; X-151)

deligente
(III-65)

deligencia (IX-15)

vezinhança (VII-24)

Conforme já mencionado neste estudo, a vogal média em destaque, nos termos acima, é etimológica em *edeficar*, *deligente* e *deligencia*, segundo Saraiva (2006). Em *vizinhança*, de acordo com o autor, a vogal pretônica é proveniente de *i* longo latino.

A vogal alta posterior (/u/) também ocorre na sílaba átona adjacente à vogal pretônica grafada, no CG, com <e>, em lugar do <i> atual:

(5.152)

rigurosos
(III-125)

reguroso
(III-137)

rigurosas
(X-149)

misturado
(X-154)

mesturar
(VII-37)

misturada
(II-38)

Também já comentamos, neste estudo, que a vogal média anterior em destaque, no termo *reguroso*, é etimológica, na proposta de Saraiva (2006). Em relação ao termo *misturar*, já vimos que os autores consultados não concordaram sobre a duração da vogal alta latina que originou sua vogal pretônica anterior.

Outro contexto considerável, entre os dados desta pesquisa, é o da vogal pretônica em início de palavra. Os verbos e não-verbos, indicados em (5.153) e (5.154), foram grafados (em variação ou não), na obra épica de Camões, com <i> pretônico inicial, em lugar do <e> etimológico. Em todos os casos arrolados a seguir, a vogal pretônica alçada está seguida de uma consoante nasal na mesma sílaba:

(5.153)

enfiar
(VI-98)

infiar
(VI-87)

ensinar
(I-71, 97; II-78; III-1)

insinar
(I-53; II-70; III-120, 140; VI-33; VII-37; VIII-79; IX-27; X-83, 84, 109, 112, 118)

incurtar (IX-20)

(5.154)

engenho
(I-2, 4; III-13, 14; IV-102; V-17, 98; VII-82; VIII-2,
71, 89; X-9, 19, 80, 82, 110, 145, 154)

ingenho
(V-98)

infiado (I-37; II-49)

Importa dizer que todos esses termos, arrolados em (5.153) e (5.154), também são pronunciados com vogal pretônica alçada, no português atual (europeu e brasileiro).

Além desses dados envolvendo consoante nasal, registramos, em *Os Lusíadas*, um caso de alçamento de /e/ pretônico em sílaba inicial travada por sibilante: *Hisperia* “Hespéria” (VIII-61, 69). Há casos, ainda, em que a vogal inicial <e>, seguida de sibilante, não ocorre (como no latim clássico), na grafia de *Os Lusíadas*:

(5.155)

esprito
(IV-80; IX-69; X-5, 37)

sprito
(II-64; VI-4, 55)

espirito
(I-26; III-34; VIII-69; X-83)

spirito
(II-11; III-28)

estrella
(I-22, 33, 58; II-33, 34, 60, 105; III-45, 65; IV-67, 85;
V-14, 23; VI-47, 87; VIII-25, 29; IX-81; X-56, 82, 88)

strela
(VI-85)

Smirna “Esmirna” (V-87)

Com vogal <e> inicial, em lugar do <i> atual, registramos, em *Os Lusíadas*, os seguintes dados, em que a vogal pretônica é seguida de uma consoante nasal na mesma sílaba:

(5.156)

impedir
(II-41; VI-55; VIII-58, 75, 91; IX-8; X-70)

empedir
(V-96; VIII-82)

Imperio
(I-2, 8, 38, 60, 65; III-11; IV-96; VII-22, 36; X-52, 62,
93, 103, 123, 129, 130, 151)

Emperador
(VII-36, 57; IX-79)

encenço (X-101)

enveja (I-4, 39; V-92, 93; VI-55; VIII-26; X-113, 116, 156)

envejoso (II-50)

Sobre a origem dessas vogais pretônicas, no latim clássico, já vimos, neste estudo, que há divergência na proposta dos autores consultados. Para Saraiva (2006), a vogal média em destaque provém de *i* longo latino, em todos os termos. Corominas (1961), por seu turno, acredita que essa vogal pretônica seja proveniente de *i* breve do latim clássico (exceto no caso de *incenso*, cuja duração da vogal alta, na sílaba inicial, não foi informada pelo autor).

Há que se mencionar, ainda, a atuação do processo de redução vocálica entre os dados desta pesquisa. Nos termos arrolados a seguir, o emprego da vogal alta <i>, em substituição ao <e> etimológico, na grafia de *Os Lusíadas*, pode ser atribuído à influência da consoante coronal. Em (5.157), estão transcritos os casos em que a consoante referida precede a vogal pretônica-alvo. Em (5.158), estão indicados os casos em que a vogal pretônica variante é seguida de uma consoante coronal:

(5.157)

leoneses
(VIII-9)

liones
(III-70, 89; IV-8)

bocijar (VI-39)

cigueira (V-54)

diclinada (II-98)

lião (I-68; III-129; IV-34, 80; X-43, 69, 147)

Lião (III-19, 70; VI-56)

lioa (IV-36; V-12)

(5.158)

melhormente
(IX-12)

milhor
(I-77; II-46; III-18; IV-103; V-34, 35; VI-40; VII-16;
VIII-52, 85; IX-8, 10, 12, 58, 93; X-95, 97, 114, 121)

pelouros
(X-35, 38)

pilouro
(I-67; VI-98; X-31, 43, 147)

A consoante coronal também precede a vogal pretônica de alguns dos termos grafados, em *Os Lusíadas*, com <e>, em lugar do <i> atual:

(5.159)

direito

(I-38; VI-48, 99; VII-7, 49; VIII-77; IX-28)

dereito

(III-83; VII-86; VIII-43)

dereita

(I-76; IV-24; V-4; VII-39, 77)

dizer

(I-23, 56, 67, 77, 87, 97, 104; II-43, 61, 71, 85, 102, 106; III-2, 3, 4, 5, 29, 38, 41, 46, 125; IV-6, 7, 19, 33, 90, 92; V-1, 49; VI-34, 36, 40, 41, 42, 53, 84, 86, 90; VII-6, 8, 55, 64, 68, 87; VIII-13, 46, 48, 49, 53, 63; IX-76, 85; X-75, 152)

dezer

(I-30, 45, 62; II-2, 6, 29, 109; VIII-76)

*despota (V-6)**despoto (V-100; IX-75)**devulgado (I-9)**endereitar (X-125)*

Segundo Saraiva (2006), conforme já mencionado neste estudo, a vogal pretônica em destaque, nos dados acima, é proveniente de *i* longo do latim clássico. As grafias com vogal média, portanto, não podem ser atribuídas ao étimo latino, na proposta de Saraiva (2006).

Resta-nos, enfim, apenas um caso para ser considerado, que não se enquadra nos contextos apontados acima. Trata-se da grafia *piões* (III-66), para o substantivo *peões*, que pode ser interpretada como um indício de que a pronúncia com vogal pretônica alçada, para esse termo, era comum entre os falantes do século XVI. O alçamento, nesse caso, talvez possa ser atribuído ao contexto de hiato, que se mostrou favorável ao alçamento da vogal média pretônica em outros vocábulos analisados neste estudo.

Os dados de *Os Lusíadas* apresentados ao longo desta subseção fornecem pistas importantes sobre a atuação do processo de alçamento vocálico no início do português moderno. Alguns dos casos de alçamento registrados nos versos de Camões ainda são comuns no português atual: *sentir*, *perigo*, *gengiva*, *menino*, *menina*, *mentirosa*, entre outros exemplos. A elevação da vogal média, em todos esses dados, pode ser atribuída ao espraiamento dos traços de abertura da vogal alta /i/, presente na sílaba seguinte à vogal pretônica-alvo. Nos demais dados desta pesquisa, oficialmente grafados com <e> pretônico, no português de hoje, o alçamento da vogal média ocorre, no PE atual, mas não costuma ser muito frequente, na fala dos brasileiros (tomando como base a variedade culta de São Paulo): *diferir*, *devido*, *embebido*, *Sevilha*, *derivar*, *mexilhão*, *leão*, *cegueira*, *declinada*, *melhor*,

pelouro. Conforme se pode notar, alguns desses termos também foram grafados com vogal pretônica <i>, nos poemas do CG. Pode-se dizer, portanto, que o português moderno continua o processo iniciado na segunda fase do PA que resultou, ao longo da história da língua, na generalização da regra de alçamento de vogal média pretônica que se verifica no PE atual.

Os dados de *Os Lusíadas* também reforçam a proposição deste estudo de que muitas das variações entre vogais pretônicas médias e altas, no português antigo, resultaram em mudança, no decorrer da história da língua. A comparação dos dados de *Os Lusíadas* aos dados do PA mostra que algumas das variações gráficas documentadas nas coletâneas de Afonso X e de Garcia de Resende também ocorrem na obra de Camões (ex.: *vezinho ~ vizinho, meudo ~ miudo*, como nas CSM; e *vertude ~ virtude, dereito ~ direito, dezer ~ dizer*, como no CG). Há, por outro lado, variações que ocorreram nas obras do PA, mas que desapareceram em *Os Lusíadas*, tendo permanecido apenas a forma com vogal alta (ex.: *figura, vingar*). Além disso, há casos de variação, nas CSM, entre vocábulos que aparecem grafados invariavelmente com vogal pretônica alta, tanto no CG, quanto em *Os Lusíadas* (ex.: *ligeiro, cristal, cristão, virgindade/virginal*). Esses dados levam-nos a considerar a hipótese de, no início do português moderno, a pronúncia desses termos com vogal alta, se já não era a definitiva, era, pelo menos, a mais comum entre os falantes da época.

É interessante, entre os dados desta pesquisa, o caso do verbo *fingir*, que aparece, nas CSM, grafado com vogal média invariável (*enfengir*), apresenta variação, no CG (*fengir ~ fingir*), e é grafado invariavelmente com vogal alta (*fingir*), em *Os Lusíadas*.

Na subseção 5.2.3.2 a seguir, estão apontados os dados desta pesquisa envolvendo as vogais pretônicas posteriores documentadas na obra épica de Camões.

5.2.3.2 Vogais posteriores

Este tópico do trabalho contempla os dados de *Os Lusíadas* grafados com <u> pretônico, em substituição ao <o> etimológico, bem como os vocábulos grafados com <o>, etimológico ou não, em lugar do <u> pretônico que apresentam na atual ortografia do português.

Os dados foram organizados de acordo com o segmento adjacente à vogal pretônica analisada: *i.* vogal alta (/i/ ou /u/) átona ou tônica, *ii.* consoante labial, *iii.* consoante dorsal e *iv.* consoante coronal.

Em grande parte dos termos considerados neste estudo, há uma vogal alta /i/ ou /u/ na sílaba adjacente à vogal pretônica alterada. Com vogal alta /i/, na sílaba tônica, registramos, em *Os Lusíadas*, os casos de alçamento de <o> pretônico arrolados a seguir. Em (5.160) e (5.161), estão transcritos os verbos e nomes grafados, nos versos de Camões, com <u> pretônico, em lugar do <o> etimológico:

(5.160)		
<i>descobrir</i>		<i>descubrir</i>
(I-43, 103; IV-6; V-4, 44; VIII-70, 71, 72; IX-40, 69, 86; X-52, 140)		(V-25; VI-26)
<i>sorrir</i>		<i>surrir</i>
(V-35)		(IX-70)
	<i>cubrir</i> (II-15; VII-37)	
	<i>engulir</i> (VI-97)	
(5.161)		
<i>cobiça</i>		<i>cubiça</i>
(VII-2, 11; VIII-59, 77; IX-93)		(III-32; IV-95; X-55, 58, 145)
<i>homicida</i>		<i>humicidas</i>
(X-115)		(III-136)
	<i>insuffridas</i> (V-43)	
	<i>insufribil</i> (I-65)	

Entre os termos grafados com <o> pretônico, em lugar do <u> atual, a vogal alta /i/ ocorre na sílaba tônica dos verbos e não-verbos de *Os Lusíadas* apontados a seguir, em (5.162) e (5.163), respectivamente:

(5.162)		
<i>cumprir</i>		<i>comprir</i>
(X-9)		(II-5, 83, 102)
<i>destruir</i>		<i>deströir</i>
(II-17; III- 58, 88, 138, 140; X-11, 55)		(X-65)
<i>fugir</i>		<i>fögir</i>
(I-91, II-29, III-56, VI-23, 77; IX-70, 78, 79, 81, 82; X-44)		(II-27, 66)
<i>subir</i>		<i>söbir</i>
(I, 49, 65; II-16, 17; III-58; IV-69; V-35; VI-76, 80, 99; VII-84; VIII-19; IX-15, 20, 35, 56, 90; X, 2, 7, 71)		(I, 9)

(5.163)

<i>destru<u>i</u>dos</i> (I- 73, 79; II-10; VI-71)	<i>destr<u>o</u>idos</i> (VI-19)
<i>destru<u>i</u>do</i> (I-81, II-66, 81)	
<i>destru<u>i</u>da</i> (III-64, V-45)	
<i>sub<u>i</u>do</i> (II-42, 85, 96; III-55, 83; IV-79; VII, 83; IX, 88; X, 70, 117)	<i>sob<u>o</u>ido</i> (II-86)
<i>suspi<u>r</u>os</i> (IV-89)	<i>sospi<u>r</u>os</i> (IX-32, 47)
	<i>sospi<u>r</u>o</i> (IV-38)
<i>sut<u>i</u>s</i> (IX-33; X-5)	<i>sot<u>i</u>s</i> (I-92; VIII-8, 52)
<i>sut<u>i</u>l</i> (II-113; V-19, 25, 82; VIII-83, 89; IX-23, 78)	
	<i>arro<u>i</u>do</i> (X-117)
	<i>sost<u>i</u>do</i> “sustido” (X-79)
	<i>zon<u>i</u>do</i> (II-91; X-17)

Já vimos, neste trabalho, que a vogal média em destaque, nos dados acima, é etimológica em *cumprir*, *destruir*, *fugir* e *subir*, segundo Saraiva (2006). Nos demais termos, a vogal pretônica é proveniente de *i* longo do latim clássico, de acordo com o autor. Em relação ao vocábulo *sutil*, conforme já mencionado neste estudo, houve divergência entre os autores consultados, no que diz respeito à duração da vogal alta posterior no étimo latino.

Com vogal alta /u/, na sílaba tônica, registramos apenas um caso de variação gráfica, em *Os Lusíadas*, entre os termos grafados com <o> pretônico no português atual:

(5.164)

<i>costu<u>m</u>e</i> (I-45; II-81, 94, 110; III-13, 96; IV-65; V-2, 98; VII- 15, 41, 44, 58, 66; X-91)	<i>custu<u>m</u>e</i> (V-1; VIII-42; X-68, 139)
---	--

No caso dos termos grafados, no português de hoje, com <u> pretônico, a vogal alta posterior (/u/) da sílaba tônica é contexto fonético-fonológico nos seguintes casos de variação registrados na obra de Camões:

(5.165)

<i>fu<u>t</u>uro</i> (II-43; V-60; VII-55, 82; VIII-11, 80; X-111, 142)	<i>fo<u>t</u>uro</i> (III-132)
<i>purp<u>u</u>rea</i> (II-77)	<i>porp<u>u</u>rea</i> (II-73)
<i>purp<u>u</u>reos</i> (VII-74)	<i>porp<u>u</u>reas</i> (IX-58)
<i>sep<u>u</u>ltura</i> (V-83; VII-9; VIII-3)	<i>sep<u>o</u>ltura</i> (V-45)

Segundo Saraiva (2006), conforme já mencionado neste estudo, a vogal média em destaque é etimológica apenas em *futuro*. Nos demais termos, a vogal pretônica é proveniente de *u* longo latino, para Saraiva (2006), e de *u* breve latino, para Corominas (1961).

A vogal alta da sílaba átona adjacente à vogal pretônica alterada também pode ser a responsável por alguns dos casos de alçamento vocálico considerados neste estudo. Nos exemplos arrolados em (5.166), a vogal alta /i/ destacada pode ter condicionado o alçamento, registrado na grafia de *Os Lusíadas*, da vogal média <o>:

(5.166)

<i>co<u>b</u>içoso</i> (III-76; IV-44, 81; VIII-96; IX-72)	<i>cu<u>b</u>içosos</i> (IX-66)
<i>descob<u>r</u>idor</i> (VIII-37, 57)	<i>descub<u>r</u>idores</i> (IX-1)
<i>cu<u>b</u>içadas</i> (II-80)	
<i>ru<u>c</u>iada</i> “rociado” (IX-62)	

Entre os termos grafados com <u>, no português atual, a vogal alta /i/ ocorre, na sílaba átona adjacente à vogal pretônica variante, nos seguintes vocábulos de *Os Lusíadas*:

(5.167)

Guadiana
(IV-28; VIII-3)*Goadiana*
(VII-70; VIII-29)*suspirar*
(III-41; VIII-32; IX-60; X-10)*sospirar*
(X-88)

A vogal alta posterior (/u/) da sílaba átona também é contexto fonético-fonológico em alguns dos casos de alçamento vocálico do século XVI, documentados na grafia de *Os Lusíadas*:

(5.168)

costumado
(II-57; III-93; IV-45)*custumado*
(IV-93)*costumada*
(II-18; III-81; IV-56)*costumar*
(I-18, 58; II-20; III-4)*custumar*
(X-122)

Entre os dados grafados, na obra de Camões, com <o> pretônico, em lugar do <u> atual, a vogal alta /u/ ocorre, na sílaba átona contígua à vogal pretônica modificada, nos seguintes termos:

(5.169)

subjugada
(IV-61)*sojugada*
(III, 55, 65; IV-19)*sojugado* (I-32; II-46, 49; X-86)*sojugar* (III-56; V-42, 96; VII-54)

No que diz respeito à origem latina da vogal pretônica acima destacada, já comentamos, neste estudo, que os autores consultados divergem sobre a duração da vogal alta, no étimo latino: *sūbjugare*, para Saraiva (2006), e *sǔbjugare*, para Corominas (1961).

Consideremos, agora, os casos de alçamento vocálico que podem ser atribuídos ao processo de redução vocálica. A consoante labial mostrou-se relevante entre os dados que são grafados, no português atual, com <u> pretônico. Com consoante labial precedente à vogal pretônica em apreço, registramos, em *Os Lusíadas*, os dados arrolados em (5.170) e (5.171), organizados segundo sua classe gramatical - verbos e não-verbos, respectivamente:

(5.170)

puderão
(VI-83; VIII-6)*poderão*
(III-60; VI-74; X-38)*podesse* (I-70, VIII-95; IX-20)*podessem* (II-7; V-36; VI-79; VIII-94)*poderem* (II-84)*podeste* (III-117)*podestes* (III-133)*poderas* (III-133)*tremolar* “tremular” (VII-54; X-50)

(5.171)

abundanças
(VII-62)*abondanças*
(V-54)*munições*
(II-88)*monições*
(II-17)*molher*

(I-79; III-38, 92, 101; IV-89; V-62, 63; VI-47; VII-41; VIII-14; IX-11; X-122)

Segundo Saraiva (2006), a vogal média é etimológica em *molher* e *monições*, conforme já mencionado neste estudo. Nos demais casos, de acordo com o autor, a vogal pretônica em destaque provém de *u* longo latino. Para Corominas (1961), no entanto, a vogal alta do termo *abundar* é proveniente de *u* breve do latim clássico.

Com consoante labial seguinte à vogal pretônica alterada, ocorrem, nos versos de Camões, os verbos e não-verbos arrolados em (5.172) e (5.173):

(5.172)

someter (I-75; VIII-57; X-57)*sospeitar* (I-84; II-83; V-33)

(5.173)

instrumento
(II-90, 107; V-25; VII-12, 76; IX-7; X-5)*instrumento*
(III-48; X-6, 122)*sospeito* (I-38; III-4)*sospeitosas* (II-59)

Para Saraiva (2006), a vogal pretônica de todos esses termos provém de *u* longo latino. No caso do termo *suspeitar*, a vogal alta do latim clássico, na posição pretônica inicial, era breve, segundo Corominas (1961).

A consoante dorsal também é contexto fonético-fonológico em alguns dos casos de alçamento de vogal média posterior, na posição pretônica, registrados em *Os Lusíadas*. Nos dados transcritos a seguir, há uma consoante velar precedente à vogal pretônica alçada:

(5.174)

cuberto (I-19, 105; VI-18, 39; X-63)*descuberta* (IV-63; IX-65)*descuberto* (I-105; II-30; V-14, 32, 65; VI-9, 50, 86; VIII-56, 86)*encuberta* (VIII-55; X-69)*reguroso* (III-137)*rigurosos* (III-125)*rigurosas* (X-149)

Nos demais dados desta pesquisa, a vogal pretônica alterada está contígua a uma consoante coronal. A vogal pretônica dos termos arrolados em (5.175) é precedida de uma sibilante e seguida de uma consoante palatal:

(5.175)

sujeitar
(III-19; X-125)*sojeitar*
(I-31; II-54; III-14, 122; VIII-14)*sugeito*
(III-11, 12; VIII-59)*sogeito*
(II-72; III-36, 139; IV-15; X-137)*subjeito*
(III-127)*sojeitos*
(VII-34)*sujeita*
(VIII-53)

Sobre a origem histórica da vogal pretônica acima destacada, já vimos, neste estudo, que os autores consultados não partilham a mesma opinião. Para Saraiva (2006), a vogal alta do étimo latino era longa, ao passo que, para Cunha (2010), essa vogal era breve.

Nos termos arrolados em (5.176), a vogal pretônica posterior ocorre entre duas sibilantes:

(5.176)

suceder
(III, 91; IV, 7)*soceder*
(III-78; IV-66; X-56, 61, 67)*succeder*
(VII-33; VIII-72)*socceder*
(I-44; II-70; IV-83)*sustentar*
(I-33, 36; II-52; III-34, 62, 63, 64; III-123; V-21, 53;
VI-45, 46, 48; VIII-28, 38, 42, 63; X-62, 69, 72, 83)*sostentar*
(I-39; IV-86)*suspeitas*
(VIII-64)*sospeita*
(II-6, 15, 86; V-4; VIII-65)*suster*
(VI-11)*soster*
(III-132; IV-22; VI-74, 83; X-19)*sostentadas* (X-20)

Segundo Saraiva (2006), conforme já mencionado neste estudo, a vogal pretônica posterior, nos termos acima apresentados, é proveniente de *u* longo latino. Para Corominas (1961), no entanto, a vogal média em destaque é etimológica em *sustentar* e derivados.

Por fim, há, em *Os Lusíadas*, a grafia *dozentos* (X-86), para *duzentos* (lat. *dūcēnti*), em que a vogal pretônica é precedida e seguida de consoante coronal.

Em síntese, os dados de *Os Lusíadas* apresentados nesta subseção evidenciam a ocorrência de variação entre [o] e [u] pretônicos, no português do século XVI. Alguns desses casos de variação resultaram em mudança, ao longo da história da língua, outros, no entanto, preservam a vogal média etimológica, na atual ortografia do português, mas são frequentemente pronunciados com vogal alta: *cobrir*, *descobrir*, *coberto*, *descoberto*, *encoberto*, *engolir*, *costume*, *acostumar*. Ainda sobre os termos grafados com <o> pretônico, no português atual, verificamos que alguns dos casos de alçamento, registrados na obra épica de Camões, ocorrem no PE atual, mas não são muito comuns na fala dos brasileiros: *sorrir*, *cobiça*, *homicida* e *rigoroso* (pelo menos na variedade culta de São Paulo). Em todos esses casos, no entanto, o levantamento da vogal média pretônica é perfeitamente justificável por meio da influência dos segmentos adjacentes (vogal alta e consoante dorsal) à vogal pretônica em questão.

Comparando os dados dos diferentes séculos considerados nesta pesquisa, constatamos que algumas das variações gráficas apontadas ao longo deste trabalho ocorreram nas três obras poéticas consultadas (ex. *destruir* ~ *destruir*, *fogir* ~ *fugir*, *sepultura* ~ *sepultura*). Outras, no entanto, foram registradas apenas nas CSM, pois os termos envolvidos já aparecem invariavelmente grafados com <u> pretônico, tanto no CG, quanto n’*Os Lusíadas* (ex.: *ressurgir*, *justiça*, *juiz*, *juizo*, *fundamento*, *escutar*, *cuidar*, *culpar*, *custar*, *crucificar*, *julgar*, *Portugal*). Tais dados permitem-nos inferir que, no início do português moderno, a pronúncia desses termos com vogal alta, se já não era a única, era, pelo menos, a mais comum.

Além disso, há termos invariavelmente grafados com <o> pretônico, nas CSM, mas que apresentaram variação, nas obras dos séculos XV e XVI (ex. *cumprir*, *sutil*, *suspiro*, *sujeito*). É interessante, nesta pesquisa, o caso do verbo *duvidar*, grafado invariavelmente com vogal média pretônica, nas CSM, com vogal média e alta, no CG, e somente com vogal alta, em *Os Lusíadas*. Pode-se dizer que tais dados ilustram perfeitamente o percurso histórico da vogal alta presente na sílaba pretônica desse verbo (*duvidar*), no português atual.

5.2.4. Considerações finais: vogais pretônicas

Os dados do presente estudo, expostos ao longo desta subseção, indicaram frequentes casos de grafia diferente da atual (convencional) na representação da vogal pretônica (média e alta) em textos poéticos remanescentes do português antigo. Interpretamos essas grafias do português antigo como reflexos da pronúncia de antanho, considerando que a ausência de um padrão ortográfico, nos séculos estudados (XIII, XV e XVI), proporcionava aos falantes da época uma maior liberdade para representar, na escrita, particularidades da fala.

Sabemos que, no português atual, embora haja um sistema ortográfico prescrito por lei, também é possível encontrar, eventualmente, reflexos da fala na escrita. De acordo com Cagliari (1998), algumas dessas grafias não-convencionais do português atual podem ser entendidas como *erros por transcrição fonética* e *erros por hipercorreção*. A reflexão sobre os dados desta pesquisa seguiu, de certo modo, essa classificação. É evidente que não faz sentido chamar de *escritas não-convencionais*, e muito menos de *erros*, as grafias analisadas ao longo desta subseção, já que não havia na época, como vimos acima, um padrão ortográfico estabelecido. Contudo, afirmamos que algumas das grafias do português antigo estavam refletindo, ao que tudo indica, pronúncias com vogal pretônica alçada (*transcrição fonética*) de antanho, e outras estavam indicando casos em que os falantes, sabendo que os

termos com vogal média etimológica eram frequentemente pronunciados com vogal alta, na sílaba pretônica, atribuíam a grafia com vogal média a vocábulos que apresentavam, na verdade, uma vogal alta etimológica (*hipercorreção*).¹¹²

Reis (2011), ao analisar a grafia empregada por alunos da quinta série (sexto ano) do Ensino Fundamental para representar as vogais pretônicas médias e altas do português atual (variedade de São José do Rio Preto - SP), documentou diversos casos de escrita não-convencional associada à transcrição fonética ou à hipercorreção. Particularmente em relação ao segundo caso, a autora mostra dados como *enfanceia, riqueza, cedades, avestou, fecaram*, na série das vogais anteriores, e *logar, fogir, molher, popila, conhado*, na série das vogais posteriores. Esses dados do português atual corroboram a hipótese levantada por este estudo de que algumas das grafias do passado podem ser interpretadas como hipercorreção dos falantes da época e, mais do que isso, constituem um exemplo claro de que certos comportamentos linguísticos tendem a ser mantidos, no decorrer da história.

É importante ressaltar, todavia, que, neste trabalho, não descartamos a hipótese de a hipercorreção, nos dados dos séculos XIII, XV e XVI, não ser apenas uma particularidade da escrita, mas estar refletindo pronúncias de então.¹¹³ Nesse caso, também há dados do PB atual que podem fundamentar essa proposta, como as pronúncias *mer[e]tíssimo* e *lim[o]sine*, para *meritíssimo* e *limusine*, por exemplo.

Além disso, particularmente em relação aos dados colhidos em *Os Lusíadas*, poderíamos justificar as grafias com vogal média não-etimológica, na sílaba pretônica, levando em consideração a proposta ortográfica postulada por Fernão de Oliveira (2000[1536]), que defendia, conforme vimos na terceira seção deste trabalho, o emprego de <e> e <o> para representar as vogais da sílaba átona. Poderíamos, pois, dizer que Camões e seu compositor tipográfico seguiram a ortografia proposta na Gramática de Oliveira

¹¹² Cabe esclarecer que, ao interpretar os dados desta pesquisa com base nos conceitos de *transcrição fonética* e *hipercorreção*, partimos do pressuposto de que as formas com vogal etimológica correspondiam, de certo modo, a uma espécie de variante convencional ou padrão. É certo que parece estranho falar em variante convencional ou padrão tendo em conta um período da língua que não dispunha de um sistema ortográfico fixado. Contudo, ao lançar mão dessas concepções, estamos considerando que, embora não houvesse uma ortografia regida por lei (o que favoreceu a variação gráfica), os escribas e compositores da época seguiam alguns parâmetros, determinados, genuinamente, pela consciência ou pela reflexão do usuário sobre o sistema de escrita. No caso das vogais, especificamente, acreditamos que as grafias do português antigo eram baseadas, em geral, nas variantes etimológicas. Desse modo, todas as representações gráficas, nas obras poéticas analisadas, que privilegiaram uma forma com vogal média ou alta não-etimológica foram interpretadas, neste estudo, como um indício de transcrição fonética ou de hipercorreção.

¹¹³ Não consideramos, no presente estudo, a hipótese de a grafia com vogal média, em lugar da vogal alta etimológica, ter sido empregada, nas obras referidas, para evitar uma sequência de vogais semelhantes *i-i* ou *u-u* (processo de dissimilação), porque tal sequência não ocorre em todos os dados desta pesquisa grafados com <e> ou <o> pretônicos (ex.: *vengar, porgar*).

(2000[1536]). Importa salientar, a propósito, que as variações gráficas, a despeito dessa suposta normatização, persistiram na obra, conforme mostraram os dados indicados ao longo desta subseção.

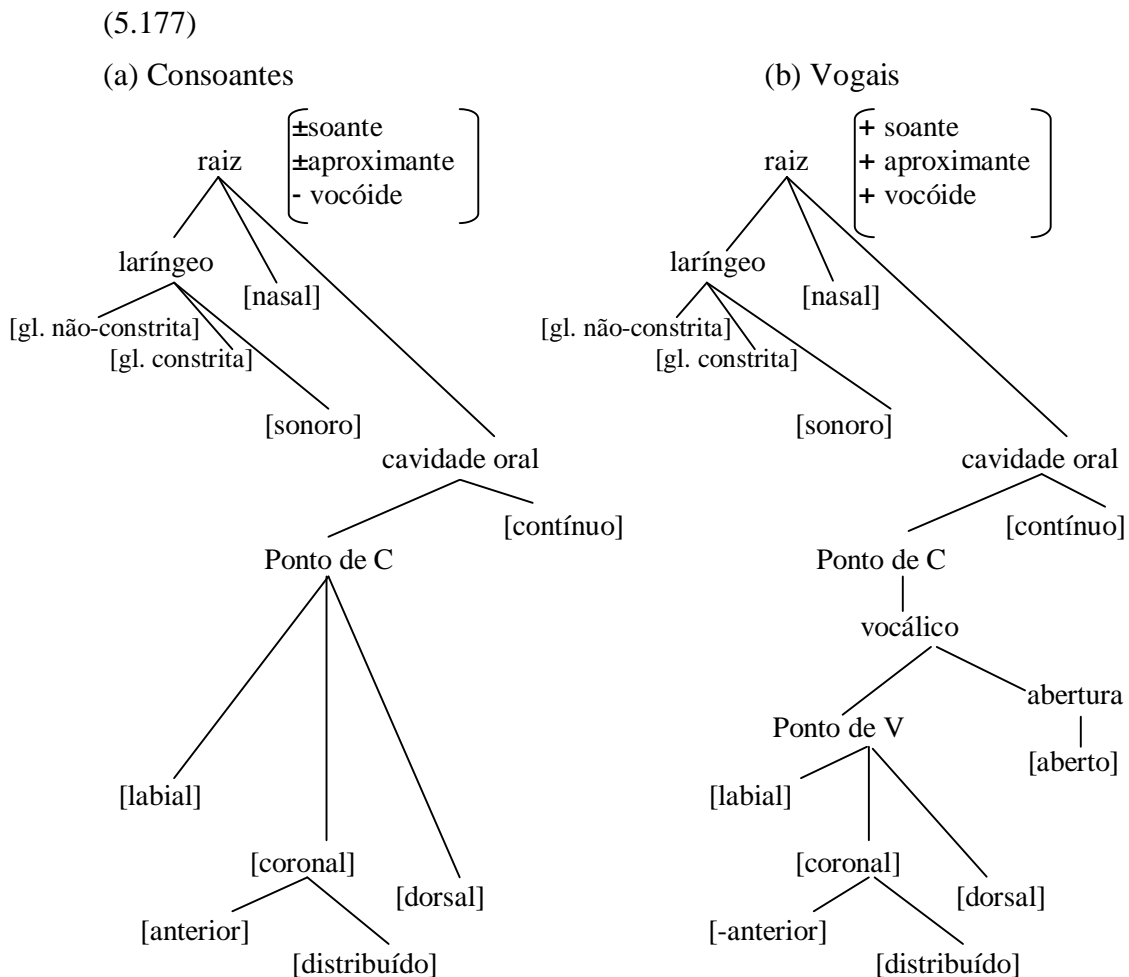
A hipercorreção, contudo, não se aplica a todos os dados desta pesquisa grafados com vogal média pretônica em lugar da vogal alta do português atual. Muitos desses casos, conforme mostrado nesta seção, correspondem a dados com vogal pretônica alterada ao longo dos séculos. Em outras palavras, a variação entre vogal média etimológica e vogal alta fonética, em alguns casos, resultou em mudança, na história do português, na qual a variante fonética foi adotada pela fonologia e pela ortografia oficial da língua, em detrimento da variante etimológica.

Em outros casos, no entanto, a variação fonética sobreviveu à passagem do tempo e permanece no português atual. Particularmente em relação ao PB, estudos variacionistas mostram, conforme referido na terceira seção deste trabalho, que a ocorrência de uma vogal alta na sílaba tônica (ex.: *menino*, *perigo*, *descobrir*, *engolir*) costuma condicionar o alçamento da vogal média pretônica em todas as variedades da língua falada no Brasil - principalmente nos casos envolvendo vogal média anterior, em que o alçamento é mais frequente do que nos casos com vogal média posterior (em *notícia*, *tolice* e *volume*, por exemplo, o alçamento não se aplica em todas as variedades do PB atual). Para as vogais anteriores, o alçamento também costuma ser categórico, entre os falantes brasileiros, quando envolve a vogal pretônica em início absoluto de palavra (em sílaba travada por /S/ ou /N/), na sílaba inicial *des-* (prefixo ou não) e em hiatos (ex.: *emprego*, *enfeite*, *escola*, *esconder*, *desgraça*, *desfazer*, *passar*, *negocear*). O processo de redução vocálica, por seu turno, tende a variar de acordo com os fatores extralinguísticos envolvidos (região geográfica, escolaridade, classe social etc.). Sendo assim, em alguns casos, mesmo que as consoantes adjacentes à vogal pretônica apresentem os traços favoráveis ao alçamento, a elevação da vogal média pode não ocorrer, na maior parte das variedades brasileiras (ex.: *pegar*, *morar*). O fato é que o alçamento da vogal pretônica, no Brasil, seja por redução, seja por harmonia, ainda é uma regra variável. Já no PE atual, como mostraram Mateus e d'Andrade (2000), a elevação da vogal média pretônica é uma regra geral (ex.: *m[u]rar* “morar”, *p[ɨ]gar* “pegar”), com pouquíssimas exceções.

Voltando ao caso brasileiro, também vimos, na terceira seção deste estudo, que Bisol (2009), em virtude do caráter abrangente da harmonia vocálica, nos falares do PB atual, associa esse processo, tipicamente assimilatório, ao modelo neogramático. Já a redução

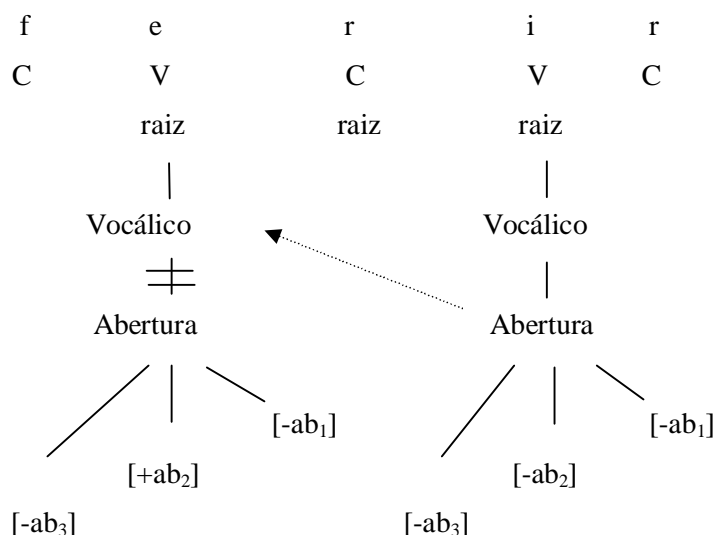
vocálica, segundo a autora, enquadra-se perfeitamente nos moldes difusionistas, na medida em que atua como um autêntico processo de neutralização, buscando reduzir o sistema fonológico de vogais da língua, sem ficar restrito, necessariamente, ao contexto fonético-fonológico envolvido. Para Bisol (2009), portanto, a redução vocálica, ao contrário da harmonia vocálica, não pode ser interpretada como um processo assimilatório.

Um argumento a favor dessa proposta de Bisol (2009) é fato de que o próprio modelo de Geometria de Traços, de Clements e Hume (1995), associado à Fonologia Autossegmental (não-linear) e frequentemente adotado pelos estudiosos para representar processos assimilatórios, não fornece uma representação satisfatória para os casos envolvendo a influência da consoante adjacente. O esquema a seguir, adaptado de Matzenauer (2005, p. 50), indica os traços que compõem vogais e consoantes de uma língua, segundo a proposta da Fonologia de Geometria de Traços. Conforme se pode observar, os segmentos consonantais não contemplam os traços de abertura característicos das vogais. Desse modo, somente a partir do espriamento dos traços que compõem o Ponto de C ([coronal], [dorsal] ou [labial]), não é possível justificar a mudança de abertura da vogal adjacente:



Já no caso da harmonia vocálica, que envolve o espriamento do nó abertura de uma vogal a outra, o modelo fonológico de Geometria de Traços consegue representar satisfatoriamente o processo assimilatório, como mostra o diagrama a seguir, também adaptado de Matzenauer (2005, p. 61):

(5.178)



Com base nessas evidências, interpretamos os casos de harmonia vocálica apresentados ao longo desta seção como um legítimo processo de assimilação, e os casos de redução vocálica, como uma autêntica regra de neutralização, sendo difundida, pouco a pouco, ao longo dos séculos, a novos itens lexicais da língua. Ora, os resultados desta pesquisa sugerem exatamente esse processo de difusão lexical da regra de neutralização das vogais pretônicas médias e altas, no decorrer da história do português. Ao comparar os dados oriundos dos três períodos abordados neste estudo, é possível notar um aumento significativo dos casos de alçamento associados ao processo de redução vocálica. Dito de outro modo, os dados do presente estudo autorizam-nos a afirmar que, no século XIII, a elevação das vogais pretônicas da língua era uma regra variável, condicionada, sobretudo, por assimilação. Nos séculos XV e XVI, entretanto, essa regra, embora ainda variável, já abarcava novos contextos fonético-fonológicos até tornar-se, posteriormente, uma regra geral (em Portugal, mas não no Brasil). Pode-se dizer, portanto, que os dados do século XIII são os que mais se aproximam da realidade brasileira e, ao mesmo tempo, estão mais distantes do PE atual.

Poderíamos supor, assim, que os dados desta pesquisa revelam um aumento contínuo, na passagem de um período ao outro, dos casos de alçamento envolvendo o processo de redução vocálica, de modo que os dados de *Os Lusíadas* seriam os mais próximos do PE atual, em termos de vogais pretônicas, e mais distantes, portanto, do PB. Contudo, não foi isso que observamos: os dados do CG revelam mais casos de alçamento “estranhos” ao PB atual do que os dados de *Os Lusíadas*. Esse fato pode ser explicado, no entanto, se levarmos em consideração a grande extensão do *Cancioneiro* de Resende, em relação ao poema épico de Camões. Além disso, essa abundância de dados colhidas no CG também pode estar indicando que, na segunda fase do PA, por se tratar de um período de transição, houve maior oscilação na pronúncia das vogais pretônicas, aumentando, assim, os casos de variação.

Assim, a partir dos resultados desta pesquisa, também é possível repensar a afirmação de estudiosos como Teyssier (1994), por exemplo, de que não há evidências, antes do século XVIII, de elevação de vogal média pretônica semelhante à que se verifica no PE atual. Os dados do CG e de *Os Lusíadas* mostraram diversos casos de alçamento, nos séculos XV e XVI, que ocorrem atualmente em Portugal, mas que não são muito frequentes no Brasil. Esses dados, embora não sejam suficientes para atestar a generalização da regra de alçamento de vogal média pretônica nos séculos referidos, sugerem que o processo já começava a se manifestar em períodos anteriores ao proposto pelo estudioso.

Enfim, sobre os dados desta pesquisa que causaram dúvidas de interpretação, devido à discordância entre os autores consultados, no que diz respeito à origem histórica da vogal pretônica em apreço, este trabalho vem mostrar que, em muitos casos, a etimologia dos termos não está totalmente esclarecida. A discordância entre os autores, como vimos, consiste na duração, no latim clássico, da vogal alta pretônica dos termos referidos. Se levarmos em consideração a proposta predominante, entre autores considerados neste estudo (Cunha, Corominas e Saraiva), diremos que a vogal alta do português atual, nesses vocábulos, é proveniente de uma vogal alta breve do latim clássico, já que dois (Cunha e Corominas) dos três dicionaristas consultados concordam a esse respeito. Nesse caso, a vogal alta do português atual, na sílaba pretônica desses termos, seria resultado de uma mudança fonológica, ao longo da história da língua, que teve início na variação fonética documentada nos textos do português antigo. À luz dos fatos atuais, também parece mais sensato dizer que a variação está refletindo o alçamento da vogal média etimológica - assim, não seriam atribuídos casos de mais à hipercorreção. Esses dados viriam, desse modo, ampliar os casos de mudança, apontados nesta seção, com vogal pretônica alçada proveniente de vogal alta

breve do latim clássico. Em outras palavras, tais dados reforçariam a hipótese anteriormente levantada neste estudo de que a altura da vogal pretônica etimológica, independentemente de sua duração, foi determinante na efetivação da mudança, em alguns casos, e na preservação da variação, em outros. De qualquer forma, vale dizer que a vogal alta do português atual, na grande maioria dos termos analisados neste trabalho, provém de vogal alta latina, e a vogal média, que se mantém variante, deriva de uma vogal média latina.

Por outro lado, as razões expostas neste trabalho também admitem a hipótese de hipercorreção - nos dados com vogal alta longa indiscutível (pelo menos entre os autores consultados), no latim clássico, essa hipótese foi a única assumida, no presente estudo. Uma possível explicação para o número elevado de casos de variação associados à hipercorreção pode ser baseada em uma (provável) maior liberdade dos falantes da época em variar na pronúncia e na escrita das vogais pretônicas médias e altas da língua, independentemente de sua origem histórica. Nessa perspectiva, empregar, na escrita ou na fala, uma vogal pretônica média, em lugar de uma vogal alta, seria tão comum quanto empregar uma vogal pretônica alta, em lugar de uma vogal média. No caso particular dos dados de *Os Lusíadas*, a grafia também pode ser associada às propostas ortográficas de Fernão de Oliveira (2000[1536]), conforme já referido neste trabalho. Outra explicação possível, não apenas para os dados provenientes da obra de Camões, mas para todos os casos abordados neste estudo, pode estar na pronúncia dessas vogais pretônicas já no latim vulgar, que teria perdido algumas características do latim clássico. No caso do vocábulo *direito*, por exemplo, os autores consultados neste estudo mostram vogais pretônicas distintas no latim clássico e vulgar: *dīrēctus* e *dērēctus*, respectivamente. Na lista, divulgada no *Appendix probi*, contendo “erros” frequentes no latim vulgar, há casos de variação envolvendo hipercorreção das vogais médias e altas na posição pretônica, a saber: “*puella* non *poella*, *dimidius* non *demidius*, *hirundo* non *herundo*, *Sirena* non *Serena*”. Poderíamos dizer, partindo desses dados, que a hipercorreção, em alguns dos vocábulos mencionados neste estudo, vinha do latim vulgar e não era, portanto, uma peculiaridade do português antigo.

Comparando a língua portuguesa (atual) a outras línguas românicas, chegamos a resultados interessantes sobre as vogais pretônicas de determinados termos, conforme mostram os quadros a seguir, dedicados às vogais anteriores e posteriores, respectivamente:

Quadro 5.4. A vogal pretônica anterior nas línguas românicas

latim clássico	português (atual)	galego	castelhano	italiano	francês
<i>crēatura</i>	<i>criatura</i>	<i>criatura</i>	<i>criatura</i>	<i>creatura</i>	<i>créature</i>
<i>līcentia</i>	<i>licença</i>	<i>licenza</i>	<i>licencia</i>	<i>licenza</i>	<i>licence</i>
<i>īmperiu</i> ou <i>īmperiu</i>	<i>império</i>	<i>imperio</i>	<i>imperio</i>	<i>imperio</i>	<i>empire</i>
<i>īnvidia</i> ou <i>īnvidia</i>	<i>inveja</i>	<i>envexa</i>	<i>envidia</i>	<i>invidia</i>	<i>envie</i>
<i>vīndicare</i> ou <i>vīndicare</i>	<i>vingança</i>	<i>vinganza</i>	<i>venganza</i>	<i>vendetta</i>	<i>vengeance</i>
<i>vīrginitate</i> ou <i>vīrginitate</i>	<i>virgindade</i>	<i>virxindade</i>	<i>virginidad</i>	<i>verginità</i>	<i>virginité</i>
<i>vīrtutis</i> ou <i>vīrtutis</i>	<i>virtude</i>	<i>virtude</i>	<i>virtud</i>	<i>virtù</i>	<i>vertu</i>
<i>cr̄ystallus</i>	<i>crystal</i>	<i>crystal</i>	<i>crystal</i>	<i>crystallo</i>	<i>crystal</i>
<i>dīrectus</i>	<i>direito</i>	<i>dereito</i>	<i>derecho</i>	<i>diretto</i>	<i>droit</i>
<i>vīcinus</i>	<i>vizinho</i>	<i>veciño</i>	<i>vecino</i>	<i>vicino</i>	<i>voisin</i>

Fonte: elaboração própria.

Quadro 5.5. A vogal pretônica posterior nas línguas românicas

latim clássico	português (atual)	galego	castelhano	italiano	francês
<i>crūcifigere</i>	<i>crucificar</i>	<i>crucificar</i>	<i>crucificar</i>	<i>crocifiggere</i>	<i>crucifier</i>
<i>destrūere</i>	<i>destruir</i>	<i>destruír</i>	<i>destruir</i>	<i>distruiggere</i>	<i>détruire</i>
<i>dūbitare</i>	<i>duvidar</i>	<i>dubidar</i>	<i>dudar</i>	<i>dubitare</i>	<i>douter</i>
<i>hūmiliare</i>	<i>humilhar</i>	<i>humillar</i>	<i>humillar</i>	<i>umiliare</i>	<i>humilier</i>
<i>fūndere</i> ou <i>fūndere</i>	<i>confundir</i>	<i>confundir</i>	<i>confundir</i>	<i>confondere</i>	<i>confondre</i>
<i>auscūltare</i> ou <i>auscūltare</i>	<i>escutar</i>	<i>escoitar</i>	<i>escuchar</i>	<i>ascoltare</i>	<i>écouter</i>
<i>sūbtīl</i> ou <i>sūbtīl</i>	<i>sutil</i>	<i>sutil</i>	<i>sutil</i>	<i>sottile</i>	<i>subtil</i>
<i>jūstitia</i>	<i>justiça</i>	<i>xustiza</i>	<i>justicia</i>	<i>justicia</i>	<i>justice</i>
<i>sūspirar</i>	<i>suspiro</i>	<i>suspiro</i>	<i>suspiro</i>	<i>sospiro</i>	<i>soupir</i>

Fonte: elaboração própria.

Os quadros acima revelam casos em que a vogal alta pretônica atual é resultado de uma vogal alta breve do latim clássico (*līcentia*, *destrūere*, *hūmiliare*), não apenas no português, mas em todas as línguas românicas consideradas. Por outro lado, há casos em que uma vogal alta longa do latim clássico (*vīcinus*, *sūspirar*) é representada, em algumas das línguas românicas referidas, por uma vogal média pretônica. No caso dos termos com vogal pretônica incerta, no latim clássico, os quadros mostram diferentes resultados nas línguas românicas avaliadas. Enfim, a comparação entre essas línguas românicas revela que algumas formas do português antigo, com vogal média pretônica (ex.: *vezinho*, *enveja*, *vengança*, *dereito*, *sotil*, *sospiro* etc.), apresentadas neste estudo, sobrevivem em outras línguas românicas. Tal fato vem confirmar que os dados apresentados nesta subseção representam, de fato, a realidade linguística da época, ou seja, não são simples especificidades da escrita.

Diante do que foi exposto, ao longo desta subseção, pode-se dizer que o presente estudo, além de indicar o comportamento das vogais pretônicas em diferentes fases do português, também traz reflexões importantes sobre variação e mudança, mostrando que certos distanciamentos, em relação à origem, são naturais, no decorrer da história, e, ao contrário do que possa insinuar uma interpretação superficial, não descaracterizam (nem empobrecem) a língua.

5.3 Vogais postônicas

Na presente seção, estão apresentados e discutidos os dados desta pesquisa referentes às vogais postônicas dos séculos XIII, XV e XVI.

Vimos, na terceira seção deste trabalho, que não há distinção fonológica, em posição postônica (final ou não), entre vogais médias e altas, no português de hoje (brasileiro e europeu).

Particularmente em relação às vogais postônicas finais, é interessante notar que, nessa neutralização entre vogais médias e altas, foi favorecida a pronúncia com vogal alçada, tanto no Brasil ([i], [u]), quanto em Portugal ([ī], [i], [u]), embora a representação ortográfica da língua privilegie as vogais médias. Isso quer dizer que o processo de alçamento entre as vogais postônicas finais do português, ao contrário do que foi observado para as vogais pretônicas da língua, é uma regra geral, condicionada pela posição do acento, não apenas no PE, mas também no PB atual (pelo menos, na grande maioria das variedades). Marquilhas (2003) observa, inclusive, que, no caso do PE, a generalização da regra de alçamento das vogais médias átonas deu-se primeiro entre as vogais postônicas (finais) e, depois, estendeu-se para o contexto pretônico.

No que diz respeito à posição postônica não-final, enquanto no PE atual, o alçamento da vogal média também é uma regra geral, no PB atual, conforme referido na terceira seção deste trabalho, essa regra de alçamento ainda é variável, sobretudo no caso das vogais anteriores.

Com o intuito de obter informações sobre a atuação do processo de alçamento entre as vogais postônicas (finais e não-finais) do português antigo, investigamos a possibilidade de rima entre vogais postônicas médias e altas, nas CSM, no CG e n'Os *Lusíadas*. Além das rimas, analisamos a grafia adotada nos *corpora* referidos, buscando casos de representação diferente da atual (em variação ou não) para as vogais postônicas da língua.

Partindo do mesmo procedimento adotado para as vogais pretônicas, organizamos os dados desta seção de acordo com os seguintes critérios: anterioridade/posterioridade da vogal postônica-alvo, seu contexto fonético-fonológico e a classe gramatical do vocábulo envolvido. No caso do contexto fonético-fonológico, foram considerados os seguintes ambientes: final absoluto de palavra, posição átona final travada por consoante, sílaba postônica não-final e encontro vocálico. Nessa última categoria, entram os chamados ditongos crescentes e decrescentes do português atual. A principal justificativa para incluir esses encontros

vocálicos entre os dados desta seção, dedicada às vogais postônicas da língua, baseia-se no fato de muitas dessas semivogais serem, historicamente, derivadas de uma vogal postônica (ex.: *sinales* > *sina-es* > *sinaes* > *sinais*; *estades* > *esta-es* > *estaes* > *estais*; *malu* > *ma-o* > *mao* > *mau* etc.). Além disso, no caso dos ditongos crescentes aqui considerados, a vogal assibilábica compõe uma sílaba postônica (ex.: *memória*, *águia*, *tábua*, *água* etc.).

Nas subseções 5.3.1, 5.3.2 e 5.3.3, a seguir, estão apresentados os dados desta pesquisa, documentados, respectivamente, nas CSM de Afonso X, no CG de Garcia de Resende e n'Os *Lusíadas* de Camões. Particularmente em relação às CSM, convém lembrar que os dados aqui apontados são provenientes de pesquisas anteriores desta autora (cf.: FONTE, 2010ab).

5.3.1 As vogais postônicas nas *Cantigas de Santa Maria*

A presente subseção, dedicada às vogais postônicas do século XIII (primeira fase do PA), fundamenta-se, conforme acima mencionado, nos dados obtidos por Fonte (2010a,b) a partir do mapeamento e análise das rimas e da grafia empregadas nas 420 cantigas medievais religiosas.

Os dados desse trabalho estão apresentados a seguir, de acordo com os critérios de classificação estabelecidos neste estudo. Assim, o item 5.3.1.1 traz os resultados referentes às vogais postônicas anteriores ([e] e [i]) do galego-português, e o item 5.3.1.2 contempla os resultados concernentes às vogais posteriores ([o] e [u]) desse mesmo período.

5.3.1.1 Vogais anteriores

Fonte (2010a,b), ao consultar o rimário das CSM, elaborado por Betti (1997), não encontrou casos de rima direta entre <e> e <i> postônicos. Por outro lado, a autora registrou, nas rimas da CSM 40, uma variação gráfica envolvendo a vogal postônica final de uma mesma terminação: *-iste* ~ *-isti*. Essas variantes, embora não rimem entre si, norteiam todo o esquema rímico da cantiga, conforme se pode observar em (5.179), a seguir, e talvez possam ser aceitas como um exemplo de rima (indireta) entre vogal postônica média e alta, no *corpus* em questão:

(5.179)

*Deus te salve, groriosa
Rea Maria,
Lume dos Santos fremosa
e dos Ceos Via.*

Salve-te, que **concebiste**
mui contra natura,
e pois teu padre **pariste**
e ficaste pura
Virgen, e poren **sobiste**
sobela altura
dos ceos, porque **quesiste**
o que el queria.
Deus te salve groriosa...

Salve-te, que **enchoisti**
Deus gran sen mesura
en ti, e dele **fezisti**
om' e creatura;
esto foi porque **ouvisti**
gran sen e cordura
en creer quando **oisti**,
ssa mesageria.
Deus te salve, groriosa...

Salve-te Deus, ca nos **disti**
en nossa figura
o seu Fillo que **trouxisti**,
de gran fremosura,
e con el nos **remisti**
da mui gran locura
que fez Eva, e **vencisti**
o que nos vencia.
Deus te salve, groriosa...

Salve-te Deus, ca **tollisti**
de nos gran tristura
u por teu Fillo **frangisti**
a carcer escura
u yamos, e **metisti**
nos en gran folgura;
con quanto ben nos **visti**,
queno contaria?
Deus te salve, groriosa...

(CSM 40)

Para Fonte (2010a,b), a variação gráfica, nessa terminação, representa um indício de que o alçamento da vogal média postônica já começava a se manifestar no século XIII.

Fora do ambiente de rima, os exemplos de variação entre <e> e <i> postônicos, documentados por Fonte (2010a,b), foram menos escassos, mas continuam restritos. Em final absoluto de palavra, por exemplo, a autora identificou os seguintes casos de variação gráfica, envolvendo verbos e nomes do português, grafados, na atual ortografia da língua, com <e> postônico:

(5.180)

dixe (CSM 55, 125, 144, 233, 238)

dixi (CSM 196)

diste (CSM 105)

disti (CSM 40)

feziste (CSM 6, 14, 32, 75, 84)

fezisti (CSM 40)

ouve (CSM 1, 2, 4, 5, 7)

ouvi (CSM 25, 38)

ouviste (CSM 241, 350, 420, 422)

ouvisti (CSM 40)

(5.181)

sangue (CSM 38 *T To*, 73, 104, 133, 149)

sanguí (CSM 38 *E*, 101, 104, 154, 222)

Também em posição final de palavra, mas em sílaba travada por consoante nasal, Fonte (2010a,b) registrou o seguinte caso de variação gráfica:

(5.182)

orden (CSM 13, 42, 47, 59, 76, 82, 201, 204, 365)

ordin (CSM 7, 88, 154, 241, 354, 304, 332, 365)

Esses foram os únicos casos de variação entre <e> e <i> postônicos documentados por Fonte (2010a,b), nas CSM. Em todos os outros dados mapeados pela autora, a vogal postônica anterior é representada pelo grafema <e>. Baseada nessas evidências, Fonte (2010a,b) conclui que a pronúncia com vogal média [e], na posição postônica, ao contrário do que se verifica no português atual, era a predominante entre os falantes do século XIII. A autora observa, no entanto, que esses casos de variação gráfica, apesar de reduzidos, são suficientes para atestar a atuação (no início, talvez) do processo de alçamento entre as vogais postônicas da primeira fase do PA. Em outras palavras, embora a pronúncia com vogal média pareça ser a mais comum, naquele período da língua, os dados colhidos nas CSM permitem-nos afirmar que a variação entre [e] e [i] postônicos já ocorria, na época dos trovadores.

Enfim, o outro caso de grafia diferente da atual, nas CSM, não foi discutido por Fonte (2010a,b) porque diz respeito a uma semivogal da língua, e a autora não considerou, em seu estudo, os encontros vocálicos do PA. Trata-se de uma grafia <e> para representar a semivogal [i] das terminações *-ais* do português atual, conforme mostram os exemplos a seguir:

(5.183)

mortaes (CSM 144)

sinaes (CSM 31, 101, 163, 207) ~ *synaes* (CSM 195)

taes (CSM 114, 232, 336)

Vê-se, portanto, que a grafia adotada no cancionero mariano conserva a vogal média derivada da terminação latina *-ales* (em *mortales*, *signales* e *tales*), já que o ditongo atual resulta da queda do *-l-* intervocálico. O emprego do grafema <e>, nos dados apontados em (5.183), pode ser interpretado como um indício de que a segunda vogal desse encontro vocálico ainda não se teria fechado, na primeira fase do PA. A propósito, na métrica das cantigas afonsinas, esse encontro vocálico é um hiato, ou seja, o grafema <e> representa uma vogal postônica, e não uma semivogal. Essa última informação, portanto, também justifica o emprego da vogal média, na grafia do século XIII.

Em suma, diante do que apresentamos até aqui, pode-se dizer que a grafia documentada nas CSM, por privilegiar o grafema <e>, em detrimento de <i>, sugere, para as vogais anteriores do século XIII, uma pronúncia predominante [e], em possível variação com [i], na posição postônica.

5.3.1.2 Vogais posteriores

No que diz respeito às vogais posteriores, Fonte (2010a,b) não registrou, nas CSM, rima entre vogal média e alta, em posição postônica. De acordo com a autora, em todas as terminações contempladas nas rimas das cantigas afonsinas, a vogal postônica posterior é representada pelo grafema <o>.

Mudando o foco para os termos que não ocorrem, no *corpus* analisado, no contexto de rima, os resultados não são muito diferentes. Na posição átona final, Fonte (2010a,b) declara ter registrado apenas o grafema <o>, sem qualquer variação: *engano* (CSM 26), *estado* (CSM 65), *feito* (CSM 6), *forno* (CSM 258), *grosso* (CSM 242), *louros* (CSM 325), *raivoso* (CSM 393) etc.

Para a posição postônica não-final, Fonte (2010a,b) aponta um único caso de variação gráfica entre <o> e <u>:

(5.184)

discipulo (CSM 398)

dicipolo (CSM 426, 427)

Sabemos que o substantivo *discípulo*, proveniente do latim *discipŭlus*, é grafado com vogal alta <u>, no português atual. Se admitirmos, todavia, que a vogal média postônica, em *dicipolo*, é etimológica, diremos que a forma grafada com <u> é o único indício, no *corpus* analisado, de alçamento de vogal média posterior na sílaba postônica.

Conforme se pode notar, os dados registrados nas CSM, no que se refere ao processo de alçamento entre as vogais postônicas do século XIII, são, para as vogais posteriores, ainda menos abrangentes do que para as vogais anteriores. Com base nesses dados, Fonte (2010a,b) conclui que [o] postônico sobrepunha-se a [u], na fala dos trovadores, e considera a hipótese de a variação fonética ser, entre as vogais posteriores, menos frequente do que entre as vogais anteriores. Por outro lado, a autora pondera que o emprego da vogal alta pode ter sido inibido, na grafia do cancionero afonsino, por questões morfológicas, já que <o> átono final também representa o morfema marcador de gênero, no português.

Os demais casos de grafia diferente da atual (em variação ou não), nas CSM, não foram apontados por Fonte (2010a,b) porque integram encontros vocálicos e, conforme já observado nesta subseção, a autora não contemplou, em seu estudo, os ditongos e hiatos do PA. No exemplo indicado a seguir, a vogal posterior precede a vogal baixa final:

(5.185)

Pascoa

(CSM 4, 115.87, 115.284, 208)

Pascua

(CSM 226, 235.100)

Pasqua

(CSM 226, 235.93, 295, 333)

Antes de qualquer interpretação, é importante esclarecer que a métrica das CSM não separa, na maior parte dos casos, as vogais desse encontro, sugerindo, pois, que a terminação do substantivo *páscoa* já era realizada como um ditongo crescente, no século XIII.¹¹⁴ Das mais de dez ocorrências desse vocábulo, no *corpus* estudado, em apenas dois casos (v. 87, da CSM 115, e v. 50, da CSM 333, na edição de Mettmann, 1988 e 1989), a métrica das cantigas evidencia um hiato. Tendo em conta essas informações, pode-se dizer que os dados do cancionero mariano autorizam-nos a remeter à primeira fase do PA a pronúncia alçada (atual) para essa semivogal, representada, ainda hoje, pelo grafema <o>, em variação, ao que tudo indica, com a vogal postônica [o], em hiato com a vogal precedente.

Nos outros encontros vocálicos considerados neste estudo, a vogal posterior sucede a vogal adjacente, como mostram os dados a seguir, organizados de acordo com suas respectivas classes gramaticais (verbos e nomes):

(5.186)

viu

(CSM 1, 3, 4, 5, 7, 58)

vio

(CSM 178, 363 E)

comeo (CSM 178)*falleceo* (CSM 192)*meteo* (CSM 206)*ofereo* (CSM 206)*recebeo* (CSM 178)*respondeo* (CSM 192)*venceo* (CSM 206)*viveo* (CSM 178)

(5.187)

mao (CSM 65, 75)*maos* (CSM 9, 10, 19, 83)*ceo* (CSM 5, 12, 35)*ceos* (CSM 40, 50)*veo* (CSM 28, 39, 115, 332, 405)

¹¹⁴ Os substantivos *agua* e *lingua*, assim grafados nas CSM, constituem outro exemplo de ditongo crescente do século XIII, segundo a métrica adotada nos versos do cancionero mariano.

No caso dos verbos, esses dados constituem os poucos exemplos, no *corpus* analisado, em que o segundo elemento do encontro vocálico está representado por <o>, e não por <u>. Em todos os outros casos, os verbos de segunda e terceira conjugações, flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, são grafados com <eu> e <iu> (ou <yu>) finais, respectivamente: *apareceu* (CSM 15, 56, 92, 101, 115, 131, 138, 246, 281), *comeu* (CSM 52, 147, 339, 353, 404), *meteu* (CSM 5, 13, 16, 18, 25, 59, 60, 64, 104, 106, 122, 131, 135, 142, 156, 157, 185, 212, 245, 246, 275, 281, 286, 292, 313, 317, 324, 380, 382, 427), *morreu* (CSM 13, 17, 21, 87, 123, 124, 168, 244, 255, 263, 292, 381, 427), *perdeu* (CSM 17, 18, 72, 263, 281, 292, 314, 407), *prometeu* (CSM 18, 64, 106, 122, 185, 313, 317, 382, 427), *feriu* (CSM 22, 35, 51, 201, 371), *oyu* (CSM b, 4, 5, 12, 13), *sayu* (CSM 4, 5, 12, 31, 38), *sentiu* (CSM 5, 16, 17, 37, 61, 155, 208), *serviu* (CSM 42, 55), *sobiu* (CSM 168, 205), entre outros exemplos.

Em relação aos encontros vocálicos presentes nos nomes arrolados acima, a julgar pela métrica das CSM, diremos que constituíam um hiato, na primeira fase do PA. A grafia com <o>, portanto, está representando, no *corpus* analisado, uma vogal postônica, e não uma semivogal, que é geralmente representada, nas CSM, por <u> (ex.: *eu, meu, teu, seu, Deus* etc.).

À luz desses dados, pode-se concluir, para os encontros vocálicos documentados nas CSM, que o grafema <u> era empregado (preferencialmente) para representar as semivogais (ex.: *serviu, morreu, teu*) de então - talvez mais para diferenciá-las das vogais postônicas da época (ex.: *rio*,¹¹⁵ *ceo*), do que para representar a pronúncia mais comum.

5.3.2 As vogais postônicas no *Cancioneiro Geral*

Nesta subseção, estão apresentados os resultados deste estudo referentes às vogais postônicas do século XV e início do século XVI, obtidos a partir da avaliação das rimas e da grafia empregadas no CG de Garcia de Resende.

O primeiro passo desta pesquisa foi investigar a possibilidade de rima, na coletânea de Resende, entre vogais postônicas representadas por grafemas diferentes (<e>/<i>, <o>/<u>). Em seguida, fizemos um levantamento de todas as palavras (inclusive aquelas que não ocorreram no ambiente de rima) grafadas com vogal postônica média ou alta diferente da atual.

¹¹⁵ A métrica das CSM separa as vogais das terminações de nomes como *brio, navio e rio*, por exemplo.

Os dados desta pesquisa estão indicados nos itens 5.3.2.1 e 5.3.2.2, a seguir, dedicados, respectivamente, às vogais postônicas anteriores e posteriores da segunda fase do PA.

5.3.2.1 Vogais anteriores

A consulta aos versos do CG revelou alguns casos de rima direta entre <e> e <i> postônicos. Em apenas um desses casos, no entanto, a vogal postônica não integra um encontro vocálico:

(5.188)

*Faz-se santa nestes Santos
por nos dar mores **aferes**,
faz-se-me chea d'espantos
mas oo mis secretos lhantos
qu'ũ preverso **preverteris**.*

(DIAS, nº 279, p. 146, II)

No que se refere às rimas envolvendo encontros vocálicos, seguindo a pronúncia atual dos termos rimantes, classificamos os dados em ditongos crescentes e decrescentes. As estrofes apresentadas a seguir constituem exemplos do primeiro caso (ditongos crescentes do português atual):

(5.189)

*A qual como pobricasse
mandou a mim, seu **secretario**,
que logo a treladasse
e o propeo leixasse
por registo em seu **almareo**.*

(DIAS, nº 1, p. 125, I)

(5.190)

*Fostes trazido com tanta **eicelencea**
per mandado do Rei, primeiro no nome,
cujas vertudes nom haa quem assome
com toda moderna, antiga **ciencia**.
Este foi filho na obediencia,
este nas obras nam pode mais ser,
este com lagrimas quis preceder,
no modo e forma que tem **priminencia**.*

(DIAS, nº 367, p. 270, II)

(5.191)

*Tambem acabou o filho de dar
fim eesta vida de tanta **miserea**,
no qual determino ãu pouco falar,
posto qu'emprenda mui alta **materia**.*

(DIAS, nº 333, p. 213, II)

(5.192)

*D'esperança vi desertas
minhas groreas sem **vitorea**,
com suspiros mui espertas
as lembranças da **memoria**.*

(DIAS, nº 106, p. 345, I)

(5.193)

*Se meus males à **memoria**
me vêm de quantos sostenho,
a vida por morte tenho,
a morte por viva **grorea**
onde mais sento **vitorea**.*

(DIAS, nº 124, p. 381, I)

(5.194)

*S'em todo o ponente se sente gram **grorea**
por serem as Indias a nos descubertas,
ele foe causa de serem tam certas
e tam manifestas por nossa **vitorea**.
Pois é sua fama a todos **notoria**,
culpem-me muitas e mais d'ũa vez,
se dele nam faço aquela **memorea**
que justa merecem os feitos que fez.*

(DIAS, nº 333, p. 217, II)

(5.195)

*Ali vos trouxeram, u sam congregados
todolos corpos de vosso **abolorio**,
durante o mundo sera mui **notoreo**
a grande memoria dos i sepultados.*

(DIAS, nº 367, p. 271, II)

A variação gráfica na representação da semivogal anterior¹¹⁶ das terminações *-ário*, *-ência*, *-éria*, *-ória* e *-ório*, assim como a possibilidade de rima entre essas terminações variantes, sugerem que os grafemas <e> e <i>, nesses dados, estão representando sons equivalentes.

Entre os encontros vocálicos que, no português atual, correspondem a ditongos decrescentes, também documentamos casos de rima, conforme mostram os seguintes exemplos:

(5.196)

*Nam dá pena nem prazer
bem nem mal que me **façaes**,
folgo menos de vos ver
do que vós a mi **folgais**.*

(DIAS, nº 3, p. 129, I)

(5.197)

*E pois dizeis e **contaes**
que fareis mui crua guerra
cos **fronteiros** qu'**esperaes**,
tambem quero que **saibais**
a qu'achei cá nesta terra.*

(DIAS, nº 159, p. 460, I)

(5.198)

*Ó morte, porque **tardais**?
Vind'asinha ser emparo
de quem vê o **desemparo**,
senhora, que nos **leixaes**.*

(DIAS, nº 171, p. 477, I)

(5.199)

*Fundai-vos que dos **sinaes**
tenha sempre os **milhores**,
porque sempre estes **tais**
sam prezados dos **senhores**.*

(DIAS, nº 32, p. 174, I)

¹¹⁶ Veremos, mais adiante, nesta seção, que a escansão dos versos em que esses vocábulos não ocorrem na posição de rima autoriza-nos a afirmar que o primeiro elemento desse encontro vocálico já era uma semivogal, na segunda fase do PA.

(5.200)

*As gengivas tenha **taes**,
qu'arresse quem lhas vir,
por inda ver penar **mais**
quem minhas dores **mortaes**
fez sobir.*

(DIAS, nº 87, p. 277, I)

(5.201)

*Por nam serem mais lembradas
as **desiguaes**
tristezas minhas, **mortais**,
que sento por vos amar,
nam vos quero mais contar,
que as passar,
por me nam matarem **mais**.*

(DIAS, nº 124, p. 382, I)

(5.202)

*Os que nũ cordão com noos
têm labeo d'armas **reaes**
e os pontos trazem **mais**
das quinas, têm por avoos
infantes e reis seus **pais**.*

(DIAS, nº 457, p. 377, II)

(5.203)

*Linhajes de grande preço
outras tão boas e **taes**
ficação por nom saber **mais**,
mas quem seguir meu começo,
se as souber, diraa **quaes**.*

(DIAS, nº 457, p. 390, II)

(5.204)

*Leixa os deoses **inmortais**
e reliquias a quem dana
tocá-las tu e nom **mais**,
mal serve os **celestriaes**
a mão do cruel qu'engana.*

(DIAS, nº 460, p. 427, II)

(5.205)

*Elas ficam saudosas,
todas cheas de paixam
atá nam **mais**,
porem andam tam fermosas
como vós sabeis que sam
lá ond' **estaes**.*

(DIAS, nº 216, p. 40, II)

(5.206)

*Nam vos enganês, senhora,
nos desenganos que **daes**,
porque com eles **causaes**
que vos queira muito **mais**
o triste que vos adora.*

(DIAS, nº 353, p. 240, II)

(5.207)

*As duvidas que nos **dais**,
cada hora em nossas vidas,
eu as tinha bem sabidas,
senhora, em vossos **sinaes**.
Em vossos **sinaes mortaes**
em que nam vi dovidosa
minha vida perigosa.*

(DIAS, nº 574, p. 150, III)

(5.208)

*Isto nam mo **agardeçaaes**,
porqu' isto vos ham-d' achar:
que o que mais vos louvar
vos fica devendo **mais**.
Nem queirais outros **sinais**
de serdes tam perigosa
senam serdes tam fremosa.*

(DIAS, nº 574, p. 153, III)

Vimos, na subseção anterior, que a terminação *-ais* do português atual, proveniente da terminação latina *-ales*, era grafada, nas CSM, com vogal média <e>, sem qualquer variação, e constituía um hiato do século XIII, segundo a métrica atribuída aos versos desse cancionero medieval. O CG, por seu turno, registra tanto <e> quanto <i>, não apenas para a terminação *-ais* dos nomes, resultante da queda de um *-l-* intervocálico, mas também para a terminação *-ais* dos verbos, derivada da supressão de um *-d-* intervocálico.¹¹⁷ Além disso, na métrica dos poetas do CG, as vogais desse encontro vocálico não se separam, ou seja, compõem um ditongo decrescente. Sob essa perspectiva, somos levados a acreditar que as variantes gráficas, registradas no *Cancioneiro* de Resende, bem como a possibilidade de rima entre elas, sugerem que, no século XV e início do século XVI, ocorria uma variação na pronúncia da então recente semivogal anterior dessa terminação. No decorrer da história da língua, entretanto, apenas a semivogal alta prevaleceu, tanto na pronúncia, quanto na grafia dos termos.

Fora do ambiente de rima, também documentamos, no CG, alguns casos de grafia diferente da atual na representação da vogal postônica anterior. Grafados com <i> átono final, em lugar do <e> atual, registramos, no *corpus* analisado, um verbo e dois nomes, a saber:

(5.209)

dizi (p. 97, III)

(5.210)

quase
(p. 203, IV)

quasi
(p. 227, 230, 234, 284, 334, 427, I; p. 7, 217, 248, 397,
400, 401, 405, 471, II; p. 1, 65, 80, 96, 216, 255, 316,
379, III)

mongi (p. 43, 44, II; p. 222, 281, III)

¹¹⁷ Nas CSM, esses verbos ainda aparecem grafados com o *-d-* intervocálico: *ajades* (CSM 27, 64, 96, 145, 265), *prendades* (CSM 36), *tennades* (CSM 145, 287, 294, 316) etc.

Considerando-se que *i* átono final do latim clássico (tanto breve, quanto longo) originou, no português, uma vogal média anterior, é possível afirmar que o grafema <i>, nos dados acima apresentados, não é etimológico, ao contrário, representa a atuação do processo de alçamento entre as vogais átonas finais da segunda fase do PA.

No que diz respeito à posição postônica não-final, verificamos que a vogal alta <i> foi empregada, na coletânea de Resende, em lugar do <e> atual, nos seguintes casos:

(5.211)

intrínseco (p. 197, IV)

lobriço (p. 349, II)

Novamente, se considerarmos que a vogal média anterior, adotada na representação ortográfica atual desses termos (*intrínseco* e *lobriço*), é etimológica, tomaremos esses dados como exemplos de alçamento de vogal média postônica não-final, no século XV e início do século XVI.

O outro caso de alçamento, registrado na grafia do CG, envolve um encontro vocálico que, no português atual, corresponde a um ditongo nasal:

(5.212)

mãĩ (p. 196, 283, I; p. 405, 420, 421, 423, 425, 427, 428, II; p. 65, 90, III; p. 2, 77, 304, IV)

mãai (p. 23, 433, II)

mãis (p. 51, III)

Sabemos que, no português atual, embora a semivogal do substantivo *mãe* seja grafada com <e>, sua pronúncia geral é com vogal alçada ([i]). Os dados do CG, acima apontados, permitem-nos assentar as origens desse alçamento vocálico já na segunda fase do PA.

Também documentamos, na grafia do CG, o emprego da vogal média <e>, em lugar do <i> atual, na posição postônica não-final:

(5.213)

musica
(p. 193, I; p. 204, III)

principe
(p. 246, 298, I; p. 258, IV)

musca
(p. 252, II)

princepe
(p. 300, 418, 479, 480, I; 79, 202, 212, 214, 218, 266, 267, 302, 375, II; p. 263, III; p. 301, IV)

princepes
(p. 416, I; p. 210, 215, II)

Se admitirmos que a grafia adotada na representação atual desses termos, com vogal postônica <i>, não é etimológica, seremos levados a afirmar que a vogal alta, no *corpus* consultado, também representa um caso de alçamento de vogal média postônica, no português falado por Garcia de Resende e seus contemporâneos.

Nos demais casos mapeados neste estudo, a vogal média <e> foi empregada, no *corpus* estudado, em lugar da semivogal <i> do português de hoje. Nos vocábulos arrolados a seguir, a vogal média (em variação, ou não, com <i>) integra terminações que, na pronúncia atual, constituem ditongos crescentes:

(5.214)

necessarias
(p. 207, I)

materia
(p. 213, 467, II; p. 83, III)

miseria
(p. 82, III)

groria
(p. 139, 271, 305, 314, 321, 337, 378, 392, 393, 394, 420, 492, I; p. 82, 141, 144, 159, 210, 317, 324, 333, 412, II; p. 59, 81, 111, 115, 164, 252, 295, 374, III; p. 34, 69, 74, 92, 121, 185, 253, 330, IV)

gloria
(p. 272, I; p. 2, 70, 297, 374, 408, II; p. 43, III; p. 152, IV)

grorias
(p. 255, 333, I)

necessarea
(p. 366, II)

materea
(p. 311, I, p. 419, II)

miserea
(p. 213, II)

grorea
(p. 60, 84, 125, 261, 344, 367, 371, 373, 381, I; p. 128, 210, 212, 215, 217, 219, 251, 269, 272, 282, 283, 284, 285, 299, II; p. 163, 168, III; p. 37, 143, 252, IV)

glorea
(p. 129, I)

groreas
(p. 345, I)

estorias
(p. 385, II)

estoreas
(p. 331, III)

estorea
(p. 212, 251, 269, 299, 390, II)

estoorea
(p. 1, III)

memoria
(p. 220, 261, 271, 304, 305, 310, 321, 329, 335, 344, 345, 367, 378, 379, 381, 393, 394, I; p. 2, 70, 144, 159, 179, 210, 240, 267, 271, 297, 333, 408, II; p. 47, 58, 81, 140, 192, 248, III; p. 55, 74, 121, 152, 252, 318, 342, IV)

memorea
(p. 60, 94, 125, 129, 344, 347, I; p. 212, 217, 269, 283, 284, 299, 374, 377, 390, 440, II; p. 1, 43, 251, 252, III; p. 143, IV)

memoreas
(p. 331, III)

notoria
(p. 220, I; p. 217, 297, II; p. 59, 140, III)

notorea
(p. 269, II)

vitoria
(p. 314, 405, 492, I; p. 179, 272, 297, 358, 379, 408, 412, 440, 452, II; p. 43, 58, 62, 140, 192, 252, III; p. 34, 43, 55, 156, 185, 318, 342, IV)

vitorea
(p. 16, 60, 125, 129, 261, 345, 373, 381, 383, I; p. 212, 217, 213, 267, 283, 299, 304, II; p. 44, III; p. 156, 254, IV)

victoria
(p. 329, 335, I)

vitorias
(p. 375, II)

eicelencia
(p. 213, 269, 272, II)

eicelencea
(p. 219, 270, II)

excelencia
(p. 270, I; p. 130, II; p. 186, IV)

estancias
(p. 301, II)

estanceas
(p. 302, II)

estancia
(p. 316, I)

aguías
(p. 185, I)

aguea
(p. 325, I; p. 382, 386, II)

propia
(p. 412, 449, II)

propea
(p. 270, II)

propio
(p. 95, 119, I; p. 376, II)

propeo
(p. 100, 125, I)

secretario
(p. 125, I)

secretareo
(p. 47, I)

remedio

(p. 39, 270, 328, 350, 352, 383, 384, 395, 465, I; p. 155, 159, 175, 183, 187, 327, 338, 339, 436, 438, II; p. 59, 66, 143, 149, 153, 179, 190, III; p. 11, 47, 72, 75, 104, 125, 135, 242, 248, 251, 284, 291, IV)

remedios

(p. 233, II; p. 145, III)

negocios

(p. 394, II)

neicios

(p. 431, I)

remedeo

(p. 39, I; p. 186, 223, 231, 247, 284, 286, 325, 436, II; p. 40, 148, 150, 183, III; p. 39, 147, IV)

remedeos

(p. 237, II)

remedeo

(p. 246, II)

negoceos

(p. 417, I; p. 264, 281, IV)

nesceos

(p. 4, III)

cremencea (p. 273, II)

diligencea (p. 219, II)

pestelencea (p. 273, II)

provincea (p. 292, 293, I)

duzea (p. 158, I)

almareo (p. 125, I)

voluntareo (p. 47, I)

trebutareos (p. 297, II)

notoreo (p. 271, II)

labeo (p. 375, 377, II)

Associando-se o grafema <e>, nesses dados, à representação etimológica, diremos que os vocábulos grafados com <i>, no CG, atestam a ocorrência da pronúncia com vogal média alçada, em variação com [e], já na segunda fase do PA. É importante ressaltar que, em todos esses casos de variação, o grafema variável representa uma semivogal, segundo revelou a escansão dos versos do CG, que não separa as vogais desses encontros vocálicos. Nos casos em que a variação não ocorre, apenas a terminação do substantivo *aguea* representa um caso indiscutível de hiato, na métrica do CG.

Por fim, verificamos que a vogal média <e> também substitui, na obra de Resende, a semivogal <i> presente em encontros vocálicos que, no português atual, podem ser classificados como ditongos decrescentes. Vejamos os seguintes exemplos, envolvendo verbos e nomes do português antigo:

(5.215)

<i>andai</i> (p. 494, I)	<i>andae</i> (p. 177, I)
<i>cai</i> (p. 18, II)	<i>cae</i> (p. 40, 55, 61, 65, I; p. 320, II)
<i>cuidai</i> (p. 408, II)	<i>caae</i> (p. 352, IV)
<i>guardai</i> (p. 474, 494, I; p. 444, 450, 456, II)	<i>cuidae</i> (p. 343, I)
<i>leixai</i> (p. 63, 472, I; p. 81, 281, 296, II)	<i>guardae</i> (p. 172, I)
<i>perdoai</i> (p. 490, I; p. 346, IV)	<i>leixae</i> (p. 55, 184, I)
<i>sai</i> (p. 432, 450, II; p. 187, IV)	<i>perdoae</i> (p. 179, I)
<i>trabalhai</i> (p. 173, 292, I; p. 123, IV)	<i>sae</i> (p. 117, I; p. 180, II; p. 1, IV)
<i>achais</i> (p. 216, 350, III; p. 206, IV)	<i>sahe</i> (p. 351, III)
<i>alegais</i> (p. 27, 85, I; p. 176, IV)	<i>trabalhae</i> (p. 175, I)
<i>amais</i> (p. 430, I)	<i>achaes</i> (p. 434, II)
<i>andaiis</i> (p. 470, 481, I; 177, 433, II; p. 206, IV)	<i>alegaes</i> (p. 25, 33, 56, 59, 119, I)
<i>apartais</i> (p. 472, II)	<i>amaes</i> (p. 130, 393, II)
<i>buscáis</i> (p. 412, II; p. 147, III; p. 65, 77, 208, IV)	<i>andaes</i> (p. 267, 282, 314, I)
<i>causais</i> (p. 125, III; p. 19, 130, 154, IV)	<i>apartaes</i> (p. 65, I)
<i>chamais</i> (p. 45, II)	<i>buscaes</i> (p. 145, IV)
<i>cobrais</i> (p. 285, II)	<i>causaes</i> (p. 227, I; p. 240, II)
	<i>chamaes</i> (p. 60, I)
	<i>cobraes</i> (p. 313, I)

confessais
(p. 75, 293, 299, IV)

contais
(p. 399, II)

creais
(p. 81, 330, 373, 434, II; p. 48, 96, 205, 234, 266, 323, IV)

cuidais
(p. 290, I; p. 5, 20, 388, III; p. 192, 229, 255, 316, 339, IV)

curais
(p. 63, II; p. 125, IV)

dais
(p. 339, 363, 391, 393, I; p. 19, 43, 135, 256, 371, 443, 459, II; p. 31, 43, 150, 167, 176, 177, 238, 278, 328, 361, 380, 402, III; p. 40, 41, 58, 62, 70, 75, 87, 96, 101, 111, 112, 125, 147, 154, 159, 194, 206, 209, 210, 254, 255, 298, 343, IV)

desejais
(p. 26, 52, 53, 79, 114, 116, 225, 255, 264, 298, 299, IV)

deixais
(p. 80, II; p. 2, 124, III; p. 105, 191, IV)

digais
(p. 433, I; p. 11, 196, III; p. 28, 40, 174, IV)

errais
(p. 456, II; p. 20, IV)

esperais
(p. 290, I)

estais
(p. 295, I; p. 320, 449, II; p. 46, 49, 85, 177, 201, 210, 234, 309, III; p. 191, 244, 312, 325, 351, IV)

façais
(p. 287, 456, II; p. 25, 27, 217, 277, III; p. 44, 72, 74, 87, 102, 211, 233, 325, 342, IV)

falais
(p. 24, 63, 319, II; p. 56, 77, 192, 340, 346, IV)

folgais
(p. 129, 142, 143, 380, 385, 423, 468, I; p. 19, 80, 287, 399, II; p. 5, 197, 292, III; p. 19, 26, 63, 74, 75, 89, 102, 145, 255, 259, 292, 293, 294, 298, 299, IV)

confessaes
(p. 305, I; p. 130, II)

contaes
(p. 460, I)

creaes
(p. 473, 479, I; p. 458, II; p. 57, IV)

cuidaes
(p. 32, 36, 40, 53, 65, 199, 231, I; p. 205, 285, II)

curaes
(p. 181, I; p. 7, II)

daes
(p. 26, 28, 56, 88, 188, 196, 199, 310, I; p. 134, 157, 240, 242, 434, II)

desejaes
(p. 56, 474, I; p. 130, II)

deixaes
(p. 279, I)

digaes
(p. 56, 57, 259, 264, 473, I; p. 25, II)

erraes
(p. 83, IV)

esperaes
(p. 460, I)

estaes
(p. 59, I; p. 40, 146, 450, II)

façaes
(p. 91, 106, 129, 473, I; p. 137, 287, 311, II; p. 177, III)

falaes
(p. 27, 31, 35, 36, 53, 199, 231, I; p. 346, II; p. 210, 222, IV)

folgaes
(p. 129, I; p. 134, 156, 230, II)

<i>ficais</i> (p. 73, 327, II; p. 26, IV)	<i>ficaes</i> (p. 39, I)
<i>ganhais</i> (p. 80, II; p. 294, III; p. 27, 161, 211, 214, IV)	<i>ganhaes</i> (p. 285, II)
<i>guanhais</i> (p. 31, III)	<i>guanhaes</i> (p. 25, II)
<i>gastais</i> (p. 203, II; p. 361, III)	<i>gastaes</i> (p. 66, II)
<i>hajais</i> (p. 26, 435, II; p. 216, 271, 334, 363, III; p. 174, 307, IV)	<i>hajaes</i> (p. 203, I; p. 18, 71, 202, 314, II; p. 334, III)
<i>leixais</i> (p. 477, I; p. 29, 160, 216, III; p. 28, 58, 101, 105, 106, 228, IV)	<i>leixaes</i> (p. 476, 477, I; p. 134, II)
<i>lembrais</i> (p. 70, 74, 255, 293, IV)	<i>lembraes</i> (p. 36, I)
<i>levais</i> (p. 139, 371, 477, I; p. 203, 319, 362, 413, II; p. 29, 126, 216, 253, III; p. 60, 105, 106, 298, IV)	<i>levaes</i> (p. 172, 197, 491, I; p. 230, II; p. 223, IV)
<i>mandais</i> (p. 93, 147, 482, I; p. 29, 79, 357, 372, 433, 437, 439, II; p. 5, III; p. 306, IV)	<i>mandaes</i> (p. 26, 199, I)
<i>matais</i> (p. 144, I; p. 155, 158, 286, II; p. 29, 31, 85, 126, 177, 186, 388, III; p. 29, 40, 70, 147, 154, 254, 306, IV)	<i>mataes</i> (p. 264, I)
<i>mostrais</i> (p. 267, I; p. 125, III; p. 53, 147, 214, 240, 280, IV)	<i>mostraes</i> (p. 188, 266, 267, 310, I)
<i>mudais</i> (p. 306, IV)	<i>mudaes</i> (p. 249, I)
<i>olhais</i> (p. 90, 130, 228, 255, IV)	<i>oulhaes</i> (p. 119, I)
<i>pareçais</i> (p. 344, IV)	<i>pareçaes</i> (p. 137, II)
<i>passais</i> (p. 24, II; p. 165, IV)	<i>passaes</i> (p. 199, I)
<i>penais</i> (p. 385, I; p. 196, III)	<i>penaes</i> (p. 64, II)
<i>pensais</i> (p. 63, II)	<i>pensaes</i> (p. 7, II)
<i>perçais</i> (p. 126, 198, 389, III; p. 176, 214, IV)	<i>percaes</i> (p. 222, 223, IV)

<i>preguntais</i> (p. 152, I)	<i>preguntaes</i> (p. 284, II)
<i>prestais</i> (p. 153, I)	<i>prestaes</i> (p. 412, II)
<i>queirais</i> (p. 386, 461, I; p. 15, 23, 468, 470, II; p. 153, 176, 388, III; p. 48, 70, 71, 76, 89, 125, 129, 162, 205, 280, 286, 323, 332, IV)	<i>queiraes</i> (p. 30, 225, I; p. 242, 255, 347, II)
<i>querais</i> (p. 472, II; p. 25, IV)	
<i>queixais</i> (p. 285, III)	<i>queixaes</i> (p. 65, II; p. 83, IV)
<i>saibais</i> (p. 460, I; p. 111, III; p. 194, 287, IV)	<i>saibaes</i> (p. 36, 50, 201, I)
<i>sejais</i> (p. 147, 467, I; p. 60, 170, 457, II; p. 16, 33, 85, 144, 352, III; p. 208, 331, 352, IV)	<i>sejaes</i> (p. 24, 25, II; p. 305, III)
<i>sintais</i> (p. 187, 260, III; p. 117, IV)	<i>sintaes</i> (p. 65, II; p. 307, III)
<i>servais</i> (p. 366, III)	<i>servaes</i> (p. 472, I)
<i>temais</i> (p. 292, III)	<i>temaes</i> (p. 242, II)
<i>tenhais</i> (p. 79, 491, I; p. 196, 354, 439, 452, II; p. 20, 139, 147, 266, 277, 318, 388, III; p. 171, IV)	<i>tenhaes</i> (p. 424, I; p. 434, II; p. 308, III)
<i>tirais</i> (p. 135, II; p. 124, 125, III; p. 107, 130, IV)	<i>tiraes</i> (p. 59, I; p. 134, II)
<i>tratais</i> (p. 40, 80, IV)	<i>trautaes</i> (p. 181, I)
<i>trovais</i> (p. 433, II; p. 339, IV)	<i>trovaes</i> (p. 407, I)

vejais

(p. 486, I; p. 24, 354, II; 84, 192, III; p. 79, IV)

venhais

(p. 153, 181, I)

doi

(p. 275, 489, I; p. 419, II)

foi

(p. 48, 198, 242, 246, 259, 270, 271, 303, 304, 305, 306, I; p. 7, 16, 33, 40, 76, 141, 179, 185, 188, 191, 212, 218, 223, 239, 243, 269, 270, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 309, 354, 365, 370, 371, 379, 388, 390, 392, 393, 412, 416, 417, 421, 423, 429, 433, 451, 463, 467, 468, 471, 472, II; p. 98, 142, 154, 166, 188, 199, 228, 235, 260, 284, 306, 319, 328, 348, 388, III; p. 65, 82, 92, 94, 115, 127, 149, 155, 160, 175, 183, 194, IV)

sois

(p. 36, 181, 307, 402, 490, I; p. 63, 80, 362, 448, 456, 459, 460, II; p. 32, 67, 84, 108, 110, 111, 112, 113, 125, 144, 176, 197, 218, 253, 275, 283, 300, 321, 398, III; p. 35, 56, 60, 74, 98, 112, 161, 177, 190, 193, 215, 253, 283, 286, 295, 304, 311, 313, 318, 339, 342, IV)

vejaes

(p. 30, 72, 203, 291, I)

venhaes

(p. 289, I)

veniaes

(p. 146, II)

doe

(p. 86, 274, I)

dooe

(p. 170, II)

foe

(p. 193, I; p. 212, 213, 214, 215, 216, 217, II)

soes

(p. 18, 29, 31, 32, 126, 129, 144, 145, 191, 202, 203, 230, 231, 233, 234, 248, 259, 266, 269, 271, 272, 279, 283, 284, 338, 341, 371, 400, 466, 467, 471, 491, I; p. 45, 65, 69, 83, 137, 139, 155, 157, 180, 181, 186, 191, 198, 202, 226, 243, 269, 285, II; p. 137, 174, 245, 248, 331, 351, III; p. 45, 86, 155, 156, 160, 210, 265, 273, 315, 320, 329, IV)

sões

(p. 473, 498, I; p. 3, 250, 255, II)

sões

(p. 365, II)

soies

(p. 222, 276, IV)

soe

(p. 121, IV)

apartae (p. 177, I)
braadae (p. 176, I)
beijae (p. 172, I)
começae (p. 176, I)
desenganae (p. 55, I)
levantae (p. 181, I)
afirmaes (p. 119, I)
agardeçaaes (p. 153, III)
alentaes (p. 26, I)
ataes (p. 212, IV)
autorizaes (p. 56, I)
calçaes (p. 137, II)
cansaes (p. 67, II)
carregaes (p. 201, I)
casaes (p. 476, I)
cegaes (p. 67, II)
comparaes (p. 268, I)
concertaes (p. 188, I)
degolaes (p. 119, I)
deleitaes (p. 56, I)
demandaes (p. 137, II)
despachaes (p. 88, I)
determinaes (p. 287, II)
devulgaes (p. 65, II)
dobraes (p. 284, II)
emmendaes (p. 142, II)
entendaes (p. 189, III)
escrevaes (p. 30, I)
estudaes (p. 137, II; p. 222, IV)
ferraes (p. 37, I)
firmaes (p. 201, II)
fujaes (p. 201, I)
gabaes (p. 67, II)
invocaes (p. 407, I)
louvaes (p. 406, 407, I)
navegaes (p. 222, IV)

notaes (p. 119, I)
ofereçaes (p. 79, I)
orjaes (p. 37, I)
outorgaes (p. 119, I)
pecaes (p. 142, II)
picaes (p. 181, I)
quiçaes (p. 57, III)
respondaes (p. 188, I)
semelhaes (p. 64, II)
sofraes (p. 313, I)
sospiraes (p. 37, I)
tolhaes (p. 434, II)
tornaes (p. 196, I)
demenue (p. 426, I)
destrue (p. 426, I)

(5.216)

<i>cordeaaes</i> (p. 217, I)	<i>cordiais</i> (p. 51, IV)
<i>desiguais</i> (p. 26, 41, 79, 112, 124, IV)	<i>desiguaes</i> (p. 67, 249, 317, 327, 382, 424, I; p. 205, 234, 410, 465, II; p. 160, III)
<i>desleais</i> (p. 22, 412, II)	<i>desleaes</i> (p. 196, III)
<i>especiais</i> (p. 431, I; p. 60, II)	<i>especiaes</i> (p. 216, II)
<i>iguais</i> (p. 165, IV)	<i>iguaes</i> (p. 218, 242, 255, I; p. 205, II; p. 51, 188, III)
<i>immortais</i> (p. 427, II)	<i>immortaes</i> (p. 252, II)
<i>infernais</i> (p. 424, II)	<i>infernaes</i> (p. 330, I; p. 251, II)
<i>leais</i> (p. 154, I)	<i>leaes</i> (p. 203, I; p. 250, 386, II)

mais

(p. 17, 19, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 96, 97, 98, 100, 102, 104, 119, 120, 122, 123, 124, 126, 134, 139, 141, 142, 143, 144, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 170, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 184, 185, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 203, 204, 205, 206, 209, 210, 211, 212, 217, 219, 221, 222, 225, 227, 228, 229, 230, 236, 240, 241, 242, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 255, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 268, 269, 270, 271, 274, 275, 277, 278, 279, 282, 284, 286, 288, 293, 295, 298, 299, 301, 304, 308, 309, 312, 313, 314, 315, 317, 322, 323, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 342, 343, 346, 351, 353, 360, 367, 372, 373, 380, 382, 383, 385, 386, 388, 390, 391, 393, 401, 403, 404, 405, 406, 416, 417, 418, 419, 420, 424, 425, 426, 430, 431, 435, 461, 467, 468, 469, 473, 475, 476, 477, 479, 482, 484, 485, 486, 490, 491, 494, 495, 496, 497, I; p. 1, 2, 8, 9, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 30, 34, 38, 40, 41, 45, 48, 49, 53, 54, 55, 56, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 81, 83, 87, 127, 128, 129, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 144, 146, 149, 151, 155, 156, 158, 159, 169, 170, 171, 174, 175, 179, 180, 181, 182, 184, 187, 189, 190, 191, 194, 200, 203, 204, 209, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 219, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 233, 234, 238, 240, 241, 244, 245, 246, 248, 249, 251, 252, 253, 255, 256, 267, 269, 270, 272, 281, 282, 284, 286, 292, 293, 299, 301, 303, 311, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 327, 331, 332, 341, 344, 345, 346, 347, 349, 350, 351, 353, 354, 359, 362, 365, 366, 368, 370, 371, 372, 374, 376, 377, 378, 380, 381, 382, 384, 386, 390, 391, 392, 393, 398, 399, 402, 403, 409, 410, 411, 419, 420, 421, 424, 425, 426, 427, 428, 433, 435, 437, 442, 445, 446, 448, 449, 450, 451, 452, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 464, 465, 469, 471, 473, II; p. 11, 28, 36, 48, 71, 84, 86, 99, 111, 112, 114, 116, 119, 120, 122, 123, 125, 129, 145, 147, 153, 158, 160, 164, 169, 173, 176, 177, 178, 180, 181, 186, 189, 192, 194, 198, 202, 211, 221, 224, 226, 229, 238, 251, 253, 254, 265, 276, 284, 287, 289, 290, 300, 304, 323, 347, 354, 357, 362, 382, 388, 396, 397, 398, 399, 402, III; p. 3, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 19, 20, 29, 31, 34, 35, 37, 38, 41, 42, 44, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 59, 60, 62, 63, 69, 70, 71, 74, 75, 79, 80, 87, 89, 91, 93, 95, 96, 97, 105, 114, 118, 127, 128, 130, 131, 136, 145, 146, 147, 155, 159, 164, 171, 174, 177, 179, 182, 188, 191, 206, 216, 225, 228, 240, 250, 254, 255, 259, 264, 272, 280, 304, 342, IV)

metais

(p. 150, I; p. 457, II; p. 285, 312, III; p. 191, IV)

mortais

(p. 134, 154, 324, 382, 461, I; p. 80, 184, 320, 424, II; p. 134, 399, III; p. 73, 90, 127, 280, 298, IV)

maes

(p. 15, 23, 24, 28, 33, 38, 41, 50, 51, 59, 61, 120, I; p. 132, II)

metaes

(p. 66, 313, II; p. 216, IV)

mortaes

(p. 17, 56, 67, 211, 227, 249, 255, 256, 277, 317, 319, 327, 330, I; p. 65, 251, 394, 413, II; p. 36, 150, 188, 189, III; p. 144, IV)

<i>mundanais</i> (p. 124, IV)	<i>mundanaes</i> (p. 256, I)
<i>naturaais</i> (p. 469, I)	<i>naturaes</i> (p. 137, 217, 266, 374, II; p. 15, III)
<i>oficiaais</i> (p. 146, III)	<i>oficiaes</i> (p. 237, I; p. 276, III; p. 347, IV)
<i>paais</i> (p. 304, 377, 378, II; p. 36, 57, III)	<i>paes</i> (p. 306, II)
<i>paais</i> (p. 63, III)	
<i>principaais</i> (p. 308, IV)	<i>principaes</i> (p. 405, II; p. 57, 217, III)
<i>quaais</i> (p. 290, I; p. 373, 424, II; p. 100, III; p. 18, IV)	<i>quaes</i> (p. 28, 53, 81, 92, 99, 166, 175, 191, 192, 194, 240, 299, 300, 435, 480, 487, I; p. 66, 175, 209, 216, 267, 302, 326, 351, 374, 390, 395, 400, 404, 411, 471, II; p. 51, 57, 207, 225, 236, 319, 326, 343, 357, III; p. 3, 255, 257, 262, 287, 304, 334, IV)
<i>quintaais</i> (p. 216, IV)	<i>quintaes</i> (p. 124, I)
<i>reaais</i> (p. 31, 254, III)	<i>reaes</i> (p. 216, 217, 374, 375, 377, 378, 382, 383, 384, 406, 434, II; p. 25, 51, 336, III)
<i>sinaais</i> (p. 77, 154, 324, I; p. 424, II; p. 153, 181, 280, 294, 391, III; p. 58, 59, 65, 91, 113, 145, 175, 176, 250, 297, IV)	<i>sinaes</i> (p. 70, 118, 119, 174, 267, 351, I; p. 351, I; p. 130, 223, 234, 252, 375, 377, 394, II; p. 150, 279, III; p. 57, IV)
<i>taais</i> (p. 71, 76, 85, 174, 203, 241, 430, 462, 486, I; p. 63, 373, II; p. 6, 25, 56, 65, 94, 123, 161, 176, 221, 253, 266, 274, 285, 287, 291, 347, 356, 374, 376, 391, III; p. 13, 56, 79, 83, 114, 127, 149, 183, 194, 254, 287, IV)	<i>taes</i> (p. 22, 68, 88, 122, 157, 167, 171, 185, 205, 212, 213, 218, 249, 255, 263, 267, 277, 312, 315, 317, 324, 325, 326, 328, 329, 336, 342, 474, I; p. 30, 187, 214, 237, 246, 253, 266, 349, 377, 381, 383, 390, 410, 455, 456, II; p. 215, 257, 321, 358, III)
	<i>signaes</i> (p. 252, II)

açacaes (p. 311, III)
animaes (p. 327, I)
animaes (p. 314, I)
bocaes (p. 137, II)
campaes (p. 394, 465, II)
carnaes (p. 379, II)
celestriaes (p. 199, I; p. 384, 427, II)
criminaes (p. 211, I)
descomunaes (p. 205, 264, I)
devinaes (p. 217, 375, II)
espritaes (p. 313, II)
esprituas (p. 223, I; p. 272, II; p. 15, III)
geeraes (p. 209, I) ~ *jeraes* (p. 216, II)
judiciaes (p. 241, I)
memoriaes (p. 217, I)
olivaes (p. 313, II)
temporaes (p. 171, 209, 223, I; p. 209, 217, 272, II; p. 15, III)
lençoes (p. 275, I; p. 313, II)

Conforme já observado neste trabalho, a métrica do CG evidencia um ditongo decrescente em todas essas terminações. Ao contrário do que vimos para o século XIII, a vogal destacada, nesses vocábulos, já não corresponde a uma vogal postônica. Os dados acima apresentados permitem-nos afirmar que, no século XV e início do século XVI, o grafema <e> representa a semivogal média (etimológica), ainda recorrente, ao que tudo indica, na pronúncia de então. Contudo, as variações gráficas, bem como as grafias invariáveis com semivogal alta (ex.: *beijais*, *calais*, *cardeais*, *cordiais* etc.), registradas na coletânea de Resende, constituem um testemunho irrefutável de que a pronúncia com semivogal alçada também ocorria na segunda fase do PA.

Diante dos resultados apresentados ao longo desta subseção, pode-se concluir que os dados do CG, para as vogais anteriores, deixam transparecer alguns vestígios, embora poucos, da atuação do processo de alçamento entre as vogais postônicas do século XV e início do século XVI. A constatação, nesse caso, é semelhante à que foi atribuída à fase galego-potuguesa, a partir dos dados das CSM: a pronúncia com vogal média [e], na sílaba postônica, ao que tudo indica, ainda era a predominante entre os falantes da segunda fase do PA. No caso da realização das semivogais de antanho, pode-se dizer que a escrita do CG fornece mais pistas acerca do alçamento. Esse fato permite-nos considerar duas hipóteses: ou a pronúncia alçada era, realmente, mais comum nos encontros vocálicos do que nas vogais postônicas propriamente ditas, ou a escrita ofereceu menos resistência na adoção do grafema <i> para representar a semivogal, talvez em virtude de uma tentativa de diferenciar as vogais assilábicas das demais vogais.

5.3.2.2 Vogais posteriores

Entre as vogais posteriores <o> e <u>, as poucas rimas documentadas no CG envolvem um contexto de encontro vocálico, em sílaba postônica:

(5.217)

*Vi Tantalo esfaimado
com gram sed'estando n'agua,
e Cios muito penado
d'abutres espedaçado
em seu peito com gram magoa.*

(DIAS, nº 102, p. 331, I)

(5.218)

*Oh quem das leteas aguas
se fartara,
porque mais se nam lembrara
destas magoas!*

(DIAS, nº 334, p. 223, II)

(5.219)

*E o que me faz sentir
dobrarem-se minhas magoas,
que nom nas posso encobrir,
é quererdes vós partir
contra vontade das aguas.*

(DIAS, nº 459, p. 412, II)

(5.220)

*Os satiros, faunos, qu'andavão caçando,
silvanos dos montes e ninfas das **aguas**,
que tinha paixão perder suas **maguas**
e quem prazer tinha vi i-lo mudando.*

(DIAS, nº 493, p. 470, II)

Interpretamos esses casos de rima, no CG, como um indício de que os grafemas <o> e <u>, nesses dados, estão representando sons equivalentes do século XV e início do século XVI. Para justificar as grafias diferentes, em cada terminação, levamos em consideração não apenas o fato de o substantivo *mágua* (lat. *macūla*) ser mais recente, na língua, em relação ao seu par assonante *água* (lat. *āqua*),¹¹⁸ mas também o dado importante de que o encontro vocálico, em *mágua*, resulta da queda de um *-l-* intervocálico. Cumpre dizer, todavia, que a métrica, tanto das CSM, quanto do CG, não separa as vogais da terminação postônica *-ua(s)* ou *-oa(s)*, sugerindo, pois, uma pronúncia ditongada para esse encontro vocálico, nas duas fases do PA.

O mapeamento da grafia empregada no *corpus* também não mostrou casos de <u> postônico representando <o> atual. Registramos, por outro lado, um caso de <o> postônico (não-final) grafado, na coletânea de Resende, em lugar do <u> atual:

(5.221)

título (p. 379, II)*tíolos* (p. 376, II; p. 98, III)

Admitimos como sendo etimológica essa grafia com <o> postônico não-final, na coletânea de Resende, e consideramos que a vogal alta do português atual, em *título* (lat. *tītūlus*), é o resultado de uma mudança, ao longo da história da língua, ocasionada pelo processo de alçamento vocálico.

Nos demais dados considerados neste estudo, o grafema <o>, empregado em lugar do <u> atual, integra encontros vocálicos. Nos dados a seguir, a vogal posterior destacada precede a vogal baixa /a/ (ditongos crescentes, no português atual):

¹¹⁸ Conforme já observado neste estudo, documentamos, nas CSM, a ocorrência do vocábulo *água*, invariavelmente grafado com <u>. Já o substantivo *mágua* não aparece nas cantigas afonsinas, confirmando a proposição dos autores consultados, que remetem ao século XV as primeiras ocorrências desse vocábulo em textos portugueses.

(5.222)

tavoa (p. 232, IV)*tavoas* (p. 219, III)*magoa* (p. 331, I)*magoas* (p. 223, 412, 470, II)

Novamente, com base na origem latina desses dados (*macūla* e *tabŭla*), associamos o grafema <o>, empregado no *corpus* estudado, à vogal postônica etimológica dos vocábulos. Contudo, tendo em conta a métrica dos versos do CG e as rimas (acima referidas) entre *magoas* e *aguas*, documentadas na coletânea de Resende, consideramos a hipótese de ocorrer, no século XV e início do século XVI, uma variação entre as semivogais [o] e [u], na pronúncia desses termos.

Restam, enfim, as grafias associadas a ditongos decrescentes do português atual. Nos verbos e nomes arrolados a seguir, a vogal <o> destacada corresponde à semivogal <u>, na atual ortografia da língua:

(5.223)

aconteceo (p. 200, II; p. 158, III)*agradeceo* (p. 33, II)*apareceo* (p. 379, II)*aprendeo* (p. 373, III)*avorreceo* (p. 308, II; p. 1, III)*careceo* (p. 219, II)*comeo* (p. 290, III)*cometeo* (p. 93, III)*compredeo* (p. 400, I)*conheceo* (p. 391, II; p. 158, III; p. 185, 231, 302, IV)*converteo* (p. 317, I)*demoveo* (p. 33, II)*desapareceo* (p. 200, II)*desconheceo* (p. 231, IV)*despendeo* (p. 53, III)*empeceo* (p. 424, II)*encheo* (p. 404, II)

- escolheo* (p. 273, II) ~ *escolheo* (p. 273, 421, II)
escondeo (p. 317, I; p. 324, II)
escreveo (p. 263, III)
espargo (p. 427, II)
esqueceo (p. 217, II) ~ *esquece* (p. 214, 348, III)
estendeo (p. 93, III)
faleceo (p. 470, I; p. 36, 129, IV)
fedeo (p. 309, II)
froreceo (p. 213, II)
lambeo (p. 16, II)
mereceo (p. 213, 273, 309, II, 314, III)
meteo (p. 45, 162, 241, 301, 428, I; p. 309, 424, II; p. 149, 207, 229, 231, 258, 370, III)
morreo (p. 14, 247, I; p. 40, 213, 388, 423, II; p. 91, 110, 114, 234, 243, 307, 309, 314, III; p. 166, 169, 185, 210, 308, IV)
moveo (p. 7, II; p. 219, IV)
naceo (p. 46, 198, 421, II; p. 98, 114, 137, 153, 158, 183, 290, 333, 346, 370, III; p. 161, 185, 262, 331, IV)
pareceo (p. 197, 198, 308, II; p. 250, 255, 306, III; p. 77, IV)
perdeo (p. 104, 150, 298, I; p. 31, 284, 301, 324, II; p. 1, 137, 319, 362, III; p. 77, 176, 210, 231, 238, 302, 308, IV)
precedeo (p. 52, III)
prende (p. 303, 382, II)
recebeo (p. 98, III; p. 308, IV)
rendeo (p. 125, IV)
respondeo (p. 63, 100, 336, 428, I; p. 441, II; p. 210, 223, 270, 316, III; p. 65, 185, IV)
rompeo (p. 469, I)
sofreo (p. 384, III)
temeo (p. 139, II)
torceo (p. 476, I)
valeo (p. 349, III)
venceo (p. 104, 335, I; p. 309, II; p. 210, 231, IV)
vendeo (p. 309, 314, III; p. 14, IV)
viveo (p. 470, I; p. 213, II; p. 185, 335, IV)
abrio (p. 217, II)
acodio (p. 138, 404, II) ~ *acudio* (p. 163, I)
cahio “caiu” (p. 174, IV)
cobrio (p. 97, 347, III; p. 186, IV)

- comprio* (p. 174, II; p. 207, 228, IV)
- consentio* (p. 406, I; p. 223, II; p. 132, III; p. 30, IV)
- departio* (p. 85, II)
- descobrio* (p. 203, II; p. 132, 350, 352, 358, III; p. 91, 115, 116, 151, IV)
- dormio* (p. 303, 394, II)
- envestio* (p. 174, II)
- espedio* (p. 48, III) ~ *espidio* (p. 90, III)
- ferio* (p. 432, II; p. 115, IV)
- fogio* (p. 200, II; p. 90, III; p. 183, IV) ~ *fugio* (p. 303, II)
- ouvio* (p. 85, II; p. 175, III; p. 76, 160, 344, IV)
- partio* (p. 163, I; p. 218, 265, 297, 302, II; p. 35, 224, 287, III; p. 30, IV)
- pedio* (p. 206, 223, II)
- permetio* (p. 38, 393, III)
- persequio* (p. 49, I)
- presumio* (p. 75, I)
- redemio* (p. 406, I)
- remio* (p. 319, IV)
- revestio* (p. 393, III)
- saio* “saiu” (p. 72, 348, III; p. 76, IV)
- sahio* “saiu” (p. 138, 359, II; p. 352, III)
- seguio* (p. 76, I; p. 151, IV) ~ *siguio* (p. 88, III)
- sentio* (p. 35, 49, I; p. 85, II; p. 117, 352, III; p. 319, IV)
- servio* (p. 34, 174, II; p. 72, III; p. 342, IV)
- sobio* (p. 38, III)
- transluzio* (p. 186, IV)
- vestio* (p. 42, II; p. 391, III; p. 67, IV)
- vio* (p. 49, 101, 229, 426, 477, I; p. 34, 45, 46, 85, 174, 195, 223, 253, 298, 300, 357, 381, 437, 467, II; p. 48, 88, 107, 117, 138, 141, 143, 148, 170, 182, 203, 206, 230, 235, 278, 282, 307, 320, 347, 348, 352, 358, 373, 383, 392, III; p. 11, 21, 93, 103, 186, 233, 261, 294, 305, 342, IV)

(5.224)

Deus

(p. 267, 479, I; p. 392, II; p. 76, IV)

Deu

(p. 168, IV)

Deos

(p. 47, 50, 100, 102, 113, 114, 126, 140, 141, 147, 159, 168, 171, 180, 198, 200, 202, 206, 207, 208, 217, 218, 220, 222, 223, 224, 225, 232, 236, 240, 241, 243, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 266, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 278, 281, 282, 296, 299, 303, 304, 313, 360, 400, 401, 403, 404, 406, 407, 423, 461, 463, 492, 494, 495, I; p. 15, 17, 21, 26, 51, 57, 62, 65, 78, 83, 185, 186, 195, 211, 213, 215, 217, 218, 219, 220, 237, 254, 267, 268, 269, 271, 272, 279, 283, 300, 302, 305, 306, 310, 313, 314, 345, 347, 352, 353, 358, 359, 365, 366, 370, 372, 374, 394, 402, 408, 413, 419, 441, 467, 468, 470, 472, II; p. 7, 8, 13, 14, 23, 26, 27, 32, 33, 35, 38, 42, 62, 85, 96, 110, 111, 112, 121, 131, 134, 149, 158, 163, 166, 173, 183, 188, 191, 200, 203, 205, 218, 227, 230, 236, 266, 274, 280, 283, 287, 308, 324, 357, 376, 378, 393, 399, III; p. 6, 50, 55, 58, 77, 91, 93, 100, 120, 151, 159, 171, 177, 185, 191, 211, 225, 245, 247, 249, 257, 265, 287, 307, 312, 320, 341, IV)

judeus

(p. 204, 214, 215, 216, I; p. 304, II; p. 76, IV)

judeu

(p. 242, I; p. 45, 65, 354, II; p. 384, III; p. 175, 311, 316, 339, IV)

judeos

(p. 214, I)

teus

(p. 471, I; p. 47, 239, 240, 271, 400, 401, 403, 404, 406, 418, 422, 430, II; p. 99, 234, 359, 394, III; p. 157, IV)

teos

(p. 99, III)

teu

(p. 62, 114, 149, 296, 407, 421, I; p. 12, 13, 45, 173, 400, 401, 408, 419, 423, 424, 425, 427, 428, 429, 431, 432, II; p. 200, 381, III; p. 73, 82, 84, 171, 186, IV)

deosa (p. 472, II; p. 89, 95, III)*deosas* (p. 98, III)*deoses* (p. 222, 394, 401, 402, 406, 409, 422, 451, 458, 470, II; p. 104, 113, III; p. 149, IV)*ceo* (p. 185, 267, 330, I; p. 47, 222, 270, 271, 377, 449, 456, II; p. 279, III)*ceos* (p. 268, 270, 319, I; p. 268, II)*chapeo* (p. 449, II)*reo* (p. 449, 458, II)*veo* (p. 222, 456, II)

grao (p. 124, 268, I; p. 406, 414, II; p. 32, III)

graa (p. 332, IV)

mao (p. 24, 61, 65, 120, 179, 191, 212, 234, 276, 279, 293, I; p. 44, 352, 420, 443, II; p. 18, 20, 98, 103, 104, 115, 161, 202, 219, 229, 235, 264, 284, 347, 371, 380, III; p. 1, 9, 64, 92, 107, 160, 163, 169, 247, 328, 340, IV)

maao (p. 255, 404, 406, 409, II; p. 76, 147, 186, 219, 306, 332, III; p. 162, 339, IV)

maos (p. 150, 213, I; p. 2, 78, 212, III; p. 59, 265, 337, IV)

maaos (p. 214, I; p. 215, 219, II)

nao (p. 209, I; p. 404, 410, II; p. 100, 104, III; p. 222, IV)

naos (p. 417, 424, II; p. 99, III)

pao (p. 209, 293, I; p. 179, IV)

paa (p. 32, 77, 217, III; p. 314, IV)

paos (p. 210, III)

Constatamos, aqui, uma mudança, para alguns termos, em relação à grafia adotada nas CSM. Com exceção das terminações *-ao* e *-éo*, caracterizadas, anteriormente, como hiatos da primeira fase do PA, e também grafadas com <o>, nos dados do século XIII, todas as demais terminações arroladas acima foram grafadas, nas cantigas afonsinas (salvas raras exceções) com <u> assilábico. Já consideramos, neste estudo, a hipótese de o grafema <u> ter sido adotado, no galego-português, para marcar a semivogal, diferenciando-a, desse modo, da vogal postônica. Sendo assim, desfeitos alguns hiatos (ex.: *mao*, *ceo*, *veo* etc.), no século XV, já não faziam sentido, ao que tudo indica, os grafemas diferentes para representar os mesmos ditongos (embora de origens distintas), surgindo, desse modo, uma suposta tentativa de padronizar a grafia a partir do uso geral do grafema <o>.

Entre os dados apresentados acima, merece especial atenção o caso da terminação *-eo(s)*, em variação com *-eus*, no *corpus* analisado, apenas nas grafias envolvendo os nomes. Assim como é curioso verificar a ausência de variação entre os verbos terminados em *-eo*, não menos curioso é constatar que os pronomes *eu*, *meu*, *teu* (no singular) e *seu* são invariavelmente grafados com <u> assilábico, no *Cancioneiro* de Resende. À luz desses dados, consideramos a hipótese de o alçamento ser predominante entre esses pronomes, no século XV e início do século XVI, e, por outro lado, ser pouco frequente na pronúncia dos verbos. Desse modo, o grafema <o>, eleito na suposta “padronização” para representar a semivogal, teria sido adotado não apenas por ser a vogal etimológica, mas também por corresponder à pronúncia mais frequente, naquele momento da língua.

Essa hipótese consegue explicar, assim, a impossibilidade de rima, ainda na segunda fase do PA, entre os verbos e não-verbos terminados em *-eo* e *-eu*. Na seção 5.3 deste trabalho, lançamos mão da proposta de Cunha (1985, 1991) para justificar a ausência dessas rimas, no CG, apesar das tantas rimas possíveis nos versos dessa coletânea de Resende. Para o autor, *meu* não rima com *morreo*, por exemplo, porque a vogal final de um vocábulo não seria pronunciada do mesmo modo que a do outro, ou seja, a semivogal estaria impedindo a rima. A hipótese de que o alçamento ainda seria pouco comum, no século XV e início do século XVI, entre a semivogal dos verbos do português, e mais frequente entre os não-verbos, não apenas confirma a proposta de Cunha (1985, 1991), como também aprofunda a explicação do autor.

Nesse caso, estamos considerando que, no século XIII, [o] era a pronúncia predominante para a semivogal tanto dos verbos, quanto dos nomes. A grafia com <u>, adotada nas CSM para representar essa semivogal, portanto, seria apenas uma estratégia da escrita, conforme já observado neste estudo, para diferenciar a vogal assilábica da vogal postônica dos hiatos. O principal indício de que a pronúncia com semivogal média era comum, na época, são as grafias com <o> final, documentadas na obra, para representar a terminação de alguns verbos (vejam-se os exemplos apresentados em 5.186, nesta seção): apesar da tendência referida em grafar com <u> a vogal assilábica, escaparam, na escrita, os vestígios da pronúncia não-alçada. No decorrer da história da língua, o alçamento teria se tornado comum na pronúncia dos não-verbos, por um lado, mas teria encontrado alguma resistência na realização dos verbos - eis a sugestão da grafia e das rimas do CG.

Em suma, os dados discutidos ao longo desta subseção apontam uma tendência geral em representar por <o>, não apenas a vogal postônica, mas também a semivogal posterior. Embora algumas rimas e variações esporádicas entre <o> e <u>, nos versos do CG, possam ser interpretadas como um indício de variação entre vogais médias e altas posteriores, na segunda fase do PA, os dados da coletânea de Resende não nos autorizam a afirmar que a pronúncia com vogal alçada fosse a mais geral na época.

5.3.3 As vogais postônicas em *Os Lusíadas*

A presente subseção dedica-se às vogais postônicas do século XVI, documentadas nos versos de Camões, em *Os Lusíadas*.

Partindo do rimário elaborado por Souza (1948), buscamos, na obra épica de Camões, casos de rima entre vogal média e alta, na posição postônica. Além disso, fizemos um levantamento, no *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*, organizado por Cunha (1980), de todos os termos grafados, no *corpus* referido, com vogal postônica diferente da atual.

Os resultados desta pesquisa, referentes às vogais postônicas anteriores e posteriores, respectivamente, estão indicados a seguir, nos itens 5.3.3.1 e 5.3.3.2.

5.3.3.1 Vogais anteriores

Ao consultar o rimário proposto por Souza (1948), verificamos que, diferentemente das demais obras consideradas neste estudo, *Os Lusíadas* não apresentam rima entre <e> e <i> no contexto postônico.

A análise da grafia adotada na obra de Camões, por seu turno, apontou frequentes casos de representação diferente da atual, para a vogal postônica. Grafados com <i> postônico final, em lugar do <e> atual, registramos, em *Os Lusíadas*, os seguintes casos:

(5.225)

Tigre (IV-64)

Tigris (X-102)

quasi (I-10, 77, 79; II-63; III-20)

Interpretamos essas grafias com <i> postônico final, na obra de Camões, como um indício da pronúncia [i], nesse contexto, entre os falantes do século XVI. Não está descartada, todavia, a hipótese de essas grafias serem um mero reflexo da grafia latina (ou grega). Cumpre lembrar que a forma *quasi* também foi documentada na coletânea de Resende, em variação com <e> final.

A vogal <i> também foi empregada em lugar do <e> atual em sílaba átona final travada pela consoante /l/:

(5.226)

imobil (IX-53, 86)*implacabil* (V-48)*impossibil* (IV-54; V-53; VI-80; VIII-29)*incansabil* (III-68)*inexpugnabil* (II-50; III-101)*insensibil* (I-65)*insufribil* (I-65)*instabil* (X-91)*invencibil* (VIII-6)*invisibil* (I-65; VI-11)*possibil* (VIII-69)*vendibil* (VIII-92)*visibil* (I-65)*volubil* (VII-60)

Essas grafias, atribuídas a adjetivos incorporados mais recentemente ao português e, portanto, não documentados nas CSM, conservam, claramente, traços da representação latina: *possibile* > *possibil*, *visibile* > *visibil* etc. Sabe-se que, no português atual, todos esses adjetivos apresentam a terminação *-vel*. No CG, estes adjetivos também aparecem grafados com *-vel* final. Encontramos, em *Os Lusíadas*, um único caso de grafia próxima a essa: *notavel* (VI-68), no singular, e *notaveis* (VIII-12, 53), no plural.

Também registramos, na grafia de *Os Lusíadas*, alguns casos de alçamento de vogal média <e> em contexto de encontro vocálico:

(5.227)

mãy (I-53, 90; II-92; III-29, 30, 31, 33, 69, 92, 125, 126, 129, 131; IV-63, 93; VII-69; IX-35)*mãĩ* (IX-51)*mãis* (II-10; IV-26, 28, 44, 89)

Vimos, na subseção anterior, que a semivogal do substantivo *mãe* também é representada pelo grafema <i>, no CG. Essa semelhança, portanto, requer uma interpretação equivalente à que foi conferida aos dados da segunda fase do PA: os grafemas <i> e <y> sugerem, também para o século XVI, uma pronúncia alçada da semivogal desse substantivo, grafado com <e> final, na atual ortografia da língua.

Também em contexto de encontro vocálico, no *corpus* consultado, ocorre o grafema <e>, em lugar do <i> atual (assilábico). Nos termos arrolados a seguir, a vogal média destacada precede a vogal átona final /a/:

(5.228)

agueas (VIII-5)

Canareas (V-8)

A julgar por esses casos específicos, diríamos que os dados de *Os Lusíadas*, ao contrário do que foi observado em relação ao CG, não deixam transparecer traços da pronúncia alçada para a semivogal do ditongo crescente do século XVI. Contudo, em todos os demais casos de ditongos crescentes (assim reconhecidos, mediante a metrificação dos versos), documentados na obra de Camões, o grafema <i> foi invariavelmente empregado para representar a semivogal anterior:

(5.229)

gloria (I-13, 25, 31; II-52, 105, 113; III- 3, 17, 118; IV-45, 57, 64, 95, 96, 102; V-92, 94; VI- 66; VII-56, 62, 64, 82; VIII-16; IX-18, 22, 39, 89; X-37, 45, 75, 103, 118, 127, 144, 150)

glorias (VIII-12; X-73)

memoria (I-13, 17, 26, 31; II-72, 105, 113; III-7, 54, 115, 118, 135; IV-45, 64, 102; V-92; VII-82; VIII-4; IX-39; X-7, 37, 54, 71)

memorias (I-2; III-121; VI-83; VII-55)

victoria (I-7, 13, 25, 90; II-52, 53; III-53, 55, 68, 71, 76, 82, 114, 115, 118; IV-45; VI-66; VIII-16, 29, 31; X-42, 58)

vitoria (X-37)

victorias (I-3, 31, 74; III-10, 26, 83; IV-47, 55, 74, 97, 100; VII-55)

vitorias (X-107)

noticia (II-107; VII-51, 67; VIII-54, 58, 79)

ciencia (III-54; V-17; VII-40; X-76) ~ *sciencia* (V-96; VII-56; X-83)

ciências (VIII-98)

negocio (VI-36, 59; VII-68; X-111)

negocios (VIII-54, 55)

notorio (V-50)

remedio (II-79, 89; VI-7, 34, 80; VIII-86; X-12, 17)

remedios (VI-39)

proprio (II-102; III-31; V-41; VII-34, 52, 84; VIII-45; X-42, 114)

proprios (I-53, 54; III-4, 22, 24, 32; V-92; X-51)

Esses dados não apenas confirmam aquela tendência do CG em grafar as semivogais com <i>, como intensificam essa predisposição, excluindo completamente a variação com <e>, na grafia empregada na obra (para esses vocábulos). Cumpre referir, a propósito, que o grafema <i> foi empregado, na posição postônica, mesmo após a publicação da Gramática de Fernão de Oliveira (2000[1536]), que recomenda o emprego do grafema <e> para representar a vogal média anterior, na sílaba átona.

Enfim, nos dados apontados em (5.230) e (5.231), organizados segundo suas classes gramaticais, a vogal média destacada sucede a vogal adjacente em encontros vocálicos que, no português atual, classificam-se como ditongos decrescentes:

(5.230)

say

(VIII-19)

sae

(IV-23; V-75, 77; X-28, 137, 154)

cae (VI-65; IX-47, 71; X-134)

possue (IX-21)

(5.231)

principais (III-32; VIII-51, 53; IX-27)

reais (III-108; IX-27)

principaes (IV-12; VII-42)

reaes (I-41; III-63)

Heroe (IV-50; V-94)

Heroes (IX-34, 95)

azues (III-53, 54)

caes “cais” (VIII-79)

A escansão dos versos de *Os Lusíadas* também aponta, para essas terminações, uma pronúncia ditongada. Nesses casos, embora ocorra a grafia com <e> final, as variações com <i>, bem como as formas invariavelmente grafadas com vogal alta (ex.: *amais, façais, vejais, animais, immortais, naturais, tais* etc), nos versos de Camões, sugerem, como nos dados do CG, a ocorrência da semivogal [i] também entre as pronúncias do português moderno.

Em suma, na representação das vogais postônicas (principalmente finais) anteriores, a grafia adotada em *Os Lusíadas*, como aquela observada nas CSM e no CG, privilegia o emprego do grafema <e>, sugerindo, assim, que a vogal média ainda era a mais comum na pronúncia do português moderno. Por outro lado, também como nas coletâneas de Afonso X e de Garcia de Resende, eventuais casos de <i> postônico, na obra épica de Camões, autorizam-nos a considerar a hipótese de uma realização alçada, em variação com [e], no século XVI.

Em relação aos encontros vocálicos, também como no CG, os dados de *Os Lusíadas* evidenciam uma predisposição (talvez ainda maior do que a observada na obra de Resende) em grafar com <i> a semivogal anterior, tanto nos ditongos crescentes, quanto nos ditongos decrescentes. Para essa tendência, consideramos as mesmas hipóteses assumidas em relação aos dados do CG: ou a pronúncia alçada era, de fato, mais comum entre as semivogais do que entre as vogais postônicas anteriores da época, ou a grafia com vogal alta reflete somente uma estratégia da escrita para marcar as semivogais do século XVI (a despeito das propostas ortográficas de Fernão de Oliveira, em 1536), sendo sua frequência, na pronúncia de então, equivalente àquela atestada para as vogais postônicas.

5.3.3.2 Vogais posteriores

Entre as vogais posteriores <o> e <u>, como para as vogais anteriores, também não encontramos, na obra épica de Camões, rima em contexto postônico.

Partindo para a análise da grafia empregada no *corpus*, também não registramos o emprego de <u> postônico em lugar do <o> atual. Documentamos, ao contrário, casos de vogal média <o> representando, em *Os Lusíadas*, a vogal <u>, adotada na atual ortografia da língua. Em um dos casos, registrado na posição átona não-final, ocorre variação entre <o> e <u>, no *corpus* analisado:

(5.232)

titulo
(III-110; VII-36)

titolo
(IX-22)

titolos
(X-53, 144)

Essa variação envolvendo o substantivo *titulo* também foi documentada na coletânea de Resende, tendo sido interpretada, na subseção anterior, como um caso de variação entre <o> e <u> postônico não-final, que resultou em mudança, ao longo da história da língua. Diante dessa perspectiva, pode-se dizer que os dados de *Os Lusíadas* atestam a ocorrência dessa variação, envolvendo alçamento vocálico, ainda no século XVI.

Nos demais casos considerados, a vogal média foi empregada (em variação ou não), nos versos de Camões, em contexto de encontro vocálico. Nos exemplos apontados a seguir, a vogal posterior destacada precede ou sucede a vogal adjacente:

(5.233)

lingua
(V-63)

lingoa
(I-33, 50, 64; III-39; V-77; VII-25, 29, 44; VIII-5, 54;
X-24)

lingoas
(II-11)

agoa (I-32, 80, 82, 84, 86; II-20, 26, 27, 28, 35, 48, 107; III-2, 13, 135; IV-64, 72, 104; V-20, 22, 69, 73, 87; VI-14, 16, 17, 20, 34, 72; IX-2, 49, 51, 63, 65, 67, 73, 74; X-1, 4, 12, 19, 33, 52, 99, 102, 116, 121)

agoas (I-4, 19, 28, 56, 72, 101; II-19, 29, 47, 77, 89, 100; III-10, 14, 56, 61, 63, 72, 80, 84, 87, 116; IV-9, 23, 71; V-6, 10, 11, 15, 18, 52, 59, 79, 88; VI-8, 12, 54, 77, 81; VII-20, 54; VIII-48; IX-21, 31, 42, 55; X-6, 98, 127, 136)

Como no CG e, portanto, ao contrário do que foi observado nas CSM, há uma tendência, na obra épica de Camões, em representar por <o> o primeiro elemento do encontro vocálico *-ua*, do português atual, diante de consoante velar (/k/ ou /g/). A variação com <u>, no entanto, embora escassa, faz-se presente, em *Os Lusíadas*, e pode ser admitida como um reflexo da variação fonética vigente na época. Cabe observar, nesse caso, que a metrificação dos versos de *Os Lusíadas*, assim como a das CSM e do CG, também não separa as vogais desse encontro vocálico. Em outras palavras, o grafema <o> desses vocábulos continua representando, no português de Camões, uma semivogal, e não uma vogal postônica posterior.

Enfim, nos verbos e nomes arrolados a seguir, a vogal posterior destacada constitui encontros vocálicos que correspondem a ditongos decrescentes do português atual:

(5.234)

- accendeo* (IV-103)
agardeceo (VI-93)
aconteceo (IV-1)
concedeo (X-7)
converteo (I-42, 77; IX-2)
deceo (I-65; II-19)
descendeo (I-77)
engrandeceo (IX-2)
escondeo (V-3)
estendeo (III-60)
falleceo (IV-1)
moveo (I-77; II-33; III-77, 87; IV-66; VI-36)
nasceo (II-19)
obedeceo (III-60; IV-57)
padeceo (III-87)
pareceo (VI-36)
rendeo (III-60, 87)
socedeo (IV-66)
abrio (V-4; VI-1; IX-53; X-98)
conduzio (III-103)
consentio (I-41; III-123; IV-50)
descobrio (IV-6; V-4, 44)
destruio (III-140)
dividio (X-124)
fingio (I-26)
fogio (III-82)
ouvio (II-33, 102; IV-28; VI-63)
pario (IX-23, 53)
partio (I-41, 72; III-82)
permitio (III-82, 140)
produzio (III-103; X-124)
seguio (IX-71)
sentio (III-65; IV-36; X-48)
vio (I-69; II-53; III-7, 27, 60, 65, 73, 103, 115, 126, 139, 140, 143; IV-6, 51, 52, 69; VI-47; VII-5, 67; IX-53;
 X-7, 48, 124) ~ *veo* (I-8)

(5.235)

Thioneu
(II-12)*Tioneo*
(VI-6)*Tyoneo*
(VI-26)*Anteo* “Anteu” (III-77; V-4; VII-24)*Hebreo* (IV-12)*Hymeneo* (III-29)*Lieo* (I-49)*Lyeo* (VI-14, 20)*Tifeo* (I-42; VI-13)*Nereo* (I-96; II-19, 112; V-52; VI-20; IX-40)*Deos* (I-6, 66; II-1, 12, 65; III-15, 26, 27, 31, 33, 43, 48, 54, 69, 72, 82, 100, 140; IV-13, 87, 88; V-12, 45, 60; VI-19, 24, 93, 94; VII-31, 47, 69, 87; VIII-11, 18, 24, 29, 31, 32, 55, 99; IX-19, 57; X-29, 38, 40, 58, 69, 80, 85, 89, 116, 118, 119)*Deoses* (I-20, 23, 26, 30, 35, 36, 41, 42, 75; V-58, 59; VI-8, 13, 15, 16, 19, 23, 25, 26, 28, 29, 32, 33, 35, 46; IX-20, 46, 92; X-15, 84)*Deosa* (I-36, 100, 102; II-22, 38; V-53; VI-85; VIII-5; IX-18, 24, 36, 44, 45, 50, 53, 60, 73; X-3, 10, 79)*Deosas* (V-52; VI-25; IX-64, 69, 70, 72)*gueos* “gueus” (X-126)*Bornèò* “Bornéu” (X-133)*ceo* (I-20, 21, 25, 37, 39, 43, 59, 65, 106; II-18, 33, 34, 37, 42, 50, 60, 61, 65, 72, 90, 91, 92, 104, 106, 112; III-13, 20, 21, 22, 43, 46, 77, 113, 125; IV-3, 40, 50, 60, 66, 75, 103; V-1, 3, 22, 24, 52, 58, 65, 80, 94; VI-7, 29, 32, 34, 37, 46, 72, 79, 80, 93; VII-1, 2, 3, 56, 60; VIII-23; IX-20, 36, 51, 56, 61; X-7, 17, 70, 89, 117, 118, 155)*ceos* (I-21, 29, 51, 58; II-59, 70, 85; III-58; IV-3; V-45, 70; VI-81, 85; VIII-17; IX-5, 17; X-68, 99)*ilheo* (V-65)*tropheos* (I-25; III-89; V-45, 93)*trofeos* (III-53; VIII-26)*graos* (VI-95)*mao* (III-92; VI-6; VIII-79; IX-46; X-38, 48)*maos* (III-137; VI-66; VIII-92; X-83, 84, 117)*naos* (II-28)*pao* (I-91; V-74; VII-47; X-129, 134, 140)*paos* (X-38)*Laos* “lau” (X-126)

Conforme se pode notar, esses dados documentados em *Os Lusíadas* também conservam a tendência, observada nos dados do CG, em grafar com <o> o segundo elemento dos encontros vocálicos -au, -eu, -éu e -iu do português atual, caracterizados como ditongos decrescentes também na época de Camões, a julgar pela escansão dos versos de *Os Lusíadas*.

Particularmente em relação às terminações -eo(s) e eu(s), convém observar que, como no CG, a variação registrada na obra épica de Camões também não contempla os verbos e, além disso, privilegia a grafia com <u> assilábico na representação de pronomes como eu, meu, teu, seu etc., que, a propósito, jamais aparecem rimando, nos versos de *Os Lusíadas*, com os verbos terminados em <eo>, conforme já mencionado neste estudo. Esses dados autorizam-nos a estender, para o português moderno, a proposição sugerida para a segunda fase do PA: na época de Camões, a pronúncia com semivogal alçada ainda era mais comum entre os não-verbos do que entre os verbos do português.

A prática de escrita adotada em *Os Lusíadas* preserva, portanto, a predisposição em grafar com <o> não apenas a vogal postônica, mas também a semivogal posterior. A conclusão para as vogais posteriores, desse modo, é diferente daquela atestada para as vogais anteriores, entre as quais era comum o emprego de <i> para representar as semivogais de então. Novamente, as hipóteses consideradas, aqui, são equivalentes àquelas referidas para a segunda fase do PA: a grafia <o>, predominante também entre as semivogais, pode ter surgido como o resultado de uma suposta necessidade de estabelecer uma mesma grafia para representar os antigos e recentes ditongos da língua, derivados de hiatos da primeira fase do PA. Nessa tentativa de amenizar, talvez, a variação gerada, tanto na grafia, quanto na pronúncia, dos velhos e novos ditongos, foram favorecidas as formas com vogal média etimológica para representar as semivogais posteriores - inclusive porque a própria Gramática de Fernão de Oliveira (2000[1536]) já privilegiava o emprego de <o> para representar a vogal média posterior, na sílaba átona.

5.3.4. Considerações finais: vogais postônicas

Enfim, comparando os dados provenientes das três obras consultadas (CSM, CG e *Os Lusíadas*), constata-se que o predomínio dos grafemas <e> e <o>, na posição átona final, para representar as vogais anteriores e posteriores da língua, respectivamente, mantém-se nos três períodos abordados nesta pesquisa. Dada a ocorrência esporádica, nos *corpora* estudados, dos grafemas <i> e <u>, para representar as vogais da sílaba átona final, somos levados a acreditar que o alçamento da vogal postônica, embora pudesse ocorrer, no PA e no início do português moderno, em variação com a vogal média, não era, ao que tudo indica, preponderante, na língua, até a segunda metade do século XVI, pelo menos. Em outras palavras, os dados deste trabalho não nos autorizam a afirmar que, nos séculos referidos, a pronúncia das vogais postônicas finais era semelhante à atual. Os resultados desta pesquisa confirmam, pois, a proposta de Teyssier (1994[1980]) de que não há evidências, antes do século XVIII, de generalização da regra de alçamento entre as vogais postônicas da língua portuguesa.

Não é descabida, no entanto, a hipótese de a grafia do português antigo ter sido, em relação às vogais pretônicas de então, mais conservadora na representação das vogais postônicas. Mais do que isso, esse predomínio das grafias com vogal média, nos *corpora* considerados, pode estar indicando que um padrão de escrita fixou-se mais facilmente entre as vogais postônicas do que entre as pretônicas, e que havia, portanto, uma convenção geral em representar todas as vogais átonas finais por <e> e <o>. No caso das vogais posteriores, há ainda o argumento baseado em questões morfológicas para justificar a escassez do grafema <u>, nos dados desta pesquisa, já que <o> átono final também representa o morfema marcador de gênero, no português. Contudo, sabendo que as regras de escrita, na época, não eram oficiais e que os falantes dispunham, pois, de uma maior liberdade para representar traços da fala na escrita, é de se estranhar o fato de haver tão poucos dados denunciando uma suposta pronúncia predominante [i] e [u], na sílaba átona final de antanho.

Em relação às vogais postônicas não-finais, os dados analisados neste trabalho levaram-nos a constatar que são as proparoxítonas do português que deixam transparecer, em sua grafia, as mudanças, ao longo da história, associadas ao processo de alçamento entre as vogais postônicas da língua. Encontramos, nas três obras analisadas, casos de variação entre vogal média, que consideramos etimológica, e vogal alta, na sílaba átona não-final, em vocábulos grafados, no português atual, com <i> ou <u> postônicos: *discipulo* ~ *dicipolo*, nas CSM, *museca* ~ *musica*, no CG, e *titolo* ~ *titulo*, em *Os Lusíadas*, por exemplo. Cabe dizer,

inclusive, que o substantivo *música*, na obra de Camões, já aparece invariavelmente grafado com vogal alta postônica, entre tantos outros vocábulos também representados por uma grafia equivalente à atual (ex.: *dadivas, lagrima, subito, tremulos* etc.).

À luz desses fatos, chegamos, para a grafia atual das vogais postônicas não-finais do português, a uma conclusão semelhante à que foi atribuída às vogais pretônicas. Acreditamos que, como no caso das vogais átonas finais, também entre as postônicas não-finais, as vogais médias e altas anteriores e posteriores do latim clássico originaram, no português (ou já no latim vulgar), uma vogal média /e/ e /o/, respectivamente. As grafias com vogal média registradas nos *corpora* estudados seriam, portanto, etimológicas. No decorrer da história da língua, essa vogal média etimológica passou a variar com a vogal alta, tanto na pronúncia, quanto na grafia dos portugueses. Em alguns casos, a variante com vogal alta foi incorporada pelo sistema ortográfico da língua (ex.: *música, próximo, trágico, último, discípulo, título, púrpura, cônjuge*). Coincidentemente (ou não), a vogal postônica não-final desses vocábulos provém de uma vogal alta do latim clássico (ex.: *mūsīca, proxīmus, tragīcus, ultīmo, discipŭlus, tītŭlus, purpŭra, conjŭgis*). Nos casos em que a vogal média permanece na atual ortografia do português (ex.: *número* < *lat. numĕrus*, *intrínseco* < *lat. intrinsĕcus*, *êxodo* < *lat. exōdus*, *cânone* < *lat. canōnis*), a variação com a vogal alta também se mantém. No PB atual, conforme observado anteriormente, a pronúncia alçada costuma ser geral entre as vogais posteriores, mas variável para as vogais anteriores. No PE, por outro lado, na posição postônica não-final, a vogal anterior pode ser realizada como [i] (ex.: *mús[i]ca, próx[i]mo*) ou [ĭ] (ex.: *núm[ĭ]ro, fôl[ĭ]go*), e a vogal posterior, somente como [u] (ex.: *discíp[u]lo, êx[u]do*).

Finalmente, no que diz respeito aos encontros vocálicos apresentados ao longo desta subseção, os dados desta pesquisa apontam posturas diferentes, na prática escrita do português antigo, para representar as semivogais anteriores e posteriores da língua.

No primeiro caso, das vogais anteriores, se tomarmos como exemplo o encontro vocálico *-ais* do português atual (em vocábulos como *tais* e *sejais*, por exemplo), invariavelmente grafado como *-aes*, nas CSM, e representado por *-aes* e *-ais*, em variação, no CG e n' *Os Lusíadas*, diremos que houve uma tentativa de marcar, nas obras de Resende e de Camões, a ocorrência da semivogal, a partir do emprego do grafema <i>, já que a métrica dos *corpora* estudados sugere uma mudança, na passagem da primeira para a segunda fase do PA, na realização desse encontro vocálico: de hiato para ditongo decrescente.

No caso das vogais posteriores, não apenas as semivogais dos encontros vocálicos que se tornaram ditongos, na passagem da primeira para a segunda fase do PA (ex.: *mao*), continuaram a ser representadas por <o>, no CG e n' *Os Lusíadas*, como também aquelas que já constituíam ditongos, no século XIII, e eram grafadas com <u>, nas CSM (ex.: *Deus, morreu*), passaram a ser representadas por <o>, nas obras de Resende e de Camões. Em outras palavras, se havia, nas CSM, uma tentativa de diferenciar os ditongos e hiatos de então, por meio do emprego dos grafemas <o> e <u> para representar, respectivamente, vogais e semivogais integrantes de encontros vocálicos, no CG e n' *Os Lusíadas*, quando esses hiatos já estavam desfeitos, parece ter havido uma tentativa de padronizar a representação da semivogal posterior (dos novos e velhos ditongos da língua) a partir do emprego da vogal etimológica <o>.

A proposta deste trabalho, em relação à pronúncia dessas semivogais (anteriores e posteriores), no português antigo, é a de que a realização com semivogal alçada ocorria, em variação com a semivogal média, tanto entre as vogais assilábicas anteriores, quanto entre as semivogais posteriores - e, neste último caso, o alçamento aparece menos, na escrita, pelas razões acima expostas. É difícil, todavia, assumir uma posição segura sobre qual seria a pronúncia mais comum, na época, para cada uma dessas terminações. O fato é que a escrita tende a privilegiar as formas com vogal etimológica - a grafia *-aes*, por exemplo, ainda vai ocorrer em textos do século XIX, quando a pronúncia com semivogal alçada já era bastante comum, segundo as fontes disponíveis. Sabendo disso, o máximo que podemos afirmar é que uma grafia com vogal não-etimológica, certamente, é um dado relevante, em qualquer época.

Conclusão

Este trabalho analisou a grafia e as rimas empregadas nas CSM de Afonso X, no CG de Garcia de Resende e em *Os Lusíadas* de Camões, com o objetivo de obter informações sobre a pronúncia das vogais tônicas, pretônicas e postônicas do português dos séculos XIII, XV e XVI. Ao final desta tese, pode-se dizer que os resultados desta pesquisa constituem um testemunho importante sobre a realização das vogais portuguesas em períodos passados da língua que não deixaram registros orais.

Além da pesquisa detalhada e tripartida envolvendo as vogais dos séculos XIII, XV e XVI, o presente estudo também traz uma descrição do sistema vocálico do português atual (brasileiro e europeu) e chama a atenção para algumas semelhanças e diferenças entre a língua portuguesa e as demais línguas românicas, sobretudo aquelas da Península Ibérica. Esta tese, portanto, fornece dados interessantes não apenas às pesquisas dedicadas às vogais ou à história da língua portuguesa, mas também aos estudos de Romanística, em geral.

Os resultados desta pesquisa também trazem contribuições significativas para os estudos variacionistas. Ao comparar os dados do português antigo a dados do português atual, este trabalho obteve conclusões relevantes sobre a ocorrência de variação e mudança no decorrer da história da língua portuguesa.

Sobre as vogais tônicas do português, por exemplo, mostramos casos de variação e mudança envolvendo as vogais médias da língua. As rimas das CSM não apenas atestam a ocorrência de quatro fonemas (/e, ε, o, o/), em posição acentuada, no sistema vocálico do galego-português, como também sugerem uma pronúncia (etimológica) diferente da atual, no século XIII, para a vogal tônica de termos como *inveja*, *essa*, *meu*, *Deus*, *fogo*, *gloriosa*, *maior* etc. A hipótese de mudança no timbre da vogal média de alguns desses vocábulos já havia sido aventada por estudos anteriores, dedicados à história da língua portuguesa, mas a tese ora apresentada introduz um dado novo, em relação aos trabalhos precedentes: desvendamos, de certa forma, o percurso diacrônico dessa mudança. A partir da observação das rimas do CG e de *Os Lusíadas*, o presente estudo vem propor que a mudança no timbre vocálico dessas palavras teve origem, muito provavelmente, em variações fonéticas dos séculos XV e XVI, entre vogais médias (tônicas) abertas e fechadas. Mais do que isso, a proposta (inédita) deste estudo é a de que o português, da segunda fase do PA à primeira metade do século XVI, pelo menos, esteve a um passo de adquirir uma fonologia semelhante à do espanhol, que não contempla a distinção de timbre entre as vogais médias tônicas.

Essa proposição está fundamentada na notável recorrência de rimas entre vogais médias abertas e fechadas (segundo os padrões atuais), nas obras de Resende e de Camões, que não podem ser justificadas (como foram algumas das rimas das CSM) a partir da etimologia dos termos rimantes. Estudos anteriores haviam interpretado o emprego dessas “rimas imperfeitas”, nas obras referidas, como uma influência da técnica versificatória introduzida por Gil Vicente na poesia portuguesa. Esta tese, todavia, vem propor que as rimas do CG e de *Os Lusíadas* não eram, afinal, imperfeitas: se as rimas foram adotadas pelos poetas dos séculos XV e XVI, é porque havia, muito provavelmente, naquele momento da língua, uma perfeita consonância entre as vogais tônicas envolvidas, em virtude de uma intensa variação fonética.

A favor dessa hipótese estão as variações entre vogais médias abertas e fechadas que ainda permanecem no galego atual e em algumas variedades do norte de Portugal. Além disso, se a alteração no timbre vocálico de palavras como *maior, melhor, Deus, meu* etc. é reconhecida e insistentemente divulgada pelas Gramáticas Históricas e Manuais de Filologia do português, é preciso reconhecer também que essa mudança, evidentemente, não ocorreu de forma abrupta na língua, ao contrário, provém de um longo período de variação. Faltava, contudo, demarcar esse período. Os dados desta pesquisa surgem, portanto, como um indício de que essa variação teria começado no século XV e se estendido até o século XVI, pelo menos. E mais do que demarcar esse período de oscilação, os dados deste estudo sugerem que a variação não se restringia apenas aos vocábulos cuja vogal tônica teve seu timbre alterado, no percurso histórico do português. O estado atual da língua permite-nos afirmar que, em alguns casos, as variações, documentadas nas obras de Resende e de Camões, resultaram em mudança, ao longo da história da língua. Em outros casos, entretanto, fixou-se a pronúncia correspondente ao étimo latino.

Ainda sobre as vogais tônicas do português, o presente estudo também vem atestar as diferentes reações de verbos e nomes da língua mediante a atuação da mudança, no decorrer da história. Os dados desta pesquisa mostram que a vogal média (tônica) dos nomes ofereceu menos resistência à mudança, no percurso diacrônico do português, do que a vogal média dos verbos. Interpretamos essa diferença como um sinal de que o sistema vocálico do português é sensível à morfologia da língua.

No que tange às vogais pretônicas do português, os dados deste trabalho revelam casos de variação e mudança, durante a história da língua, envolvendo alçamento vocálico. Sobre os termos oficialmente grafados com vogal média pretônica, na atual ortografia do português, mas pronunciados com vogal alçada, no Brasil ou em Portugal, este trabalho mostra que a pronúncia com vogal alta, na sílaba pretônica, é comum, na língua, desde o século XIII. Os dados desta pesquisa sugerem, inclusive, uma abrangência, com o passar dos séculos, dos contextos fonético-fonológicos envolvidos na elevação da vogal média pretônica, de modo que os dados do século XIII são os que mais se aproximam da realidade brasileira e, ao mesmo tempo, estão mais distantes da generalização da regra de alçamento vocálico, que se verifica no PE atual. Em outras palavras, os dados desta pesquisa elucidam o processo de difusão lexical da regra de alçamento de vogal média pretônica, na diacronia do português. Assim, a partir dos resultados desta pesquisa, também é possível repensar a afirmação de estudiosos como Teyssier (1994), por exemplo, de que não há evidências, antes do século XVIII, de elevação de vogal média pretônica semelhante à que ocorre em Portugal. Os dados do CG e de *Os Lusíadas* mostraram diversos casos de alçamento, nos séculos XV e XVI, característicos do PE atual, mas pouco comuns nas variedades brasileiras. Esses dados, embora não sejam suficientes para atestar a generalização da regra de alçamento de vogal média pretônica nos séculos referidos, revelam que o processo estava em um estágio avançado já no século XV. Particularmente em relação aos vocábulos oficialmente grafados com <i> ou <u> pretônicos, no português atual, o presente estudo revela que, em muitos casos, essa vogal alta não é etimológica, ao contrário, é o resultado de uma mudança, na história da língua, originada em variações fonéticas do português antigo.

No tocante às vogais postônicas da língua, os dados deste trabalho revelam uma tendência geral, até a segunda metade do século XVI, pelo menos, em empregar os grafemas <e> e <o> para representar as vogais anteriores e posteriores, respectivamente. Assim, embora também ocorram, nas obras analisadas, as grafias <i> e <u> e, eventualmente, alguma rima entre vogal média e alta, na sílaba postônica, esses dados são esporádicos e representam uma parcela mínima do total. Diante desses resultados, consideramos a hipótese de a pronúncia com vogal média alçada, na posição postônica, ainda ser pouco frequente, nesse período da língua compreendido entre o século XIII e a segunda metade do século XVI. Os dados deste trabalho não negam, portanto, a proposta de Teyssier (1994[1980]), que remonta ao século XVIII a generalização do processo de alçamento da vogal média postônica que, até então, era uma regra variável.

Cabe ressaltar que esses resultados, envolvendo as vogais átonas do português, permitem uma interessante reflexão acerca da propagação da regra de alçamento entre as vogais pretônicas e postônicas da língua, no decorrer da história. Os dados deste trabalho sugerem que, até o século XVI, pelo menos, o alçamento era muito mais comum entre as vogais pretônicas do português do que entre as vogais postônicas. No PE atual, entretanto, o alçamento da vogal média é uma regra geral tanto na sílaba pretônica, quanto na sílaba postônica. Em contrapartida, no PB atual, o alçamento vocálico é uma regra geral entre as vogais postônicas (finais), e uma regra (ainda) variável, entre as vogais pretônicas. Observando apenas o quadro atual da língua, poderíamos supor que, historicamente, a regra de alçamento difundiu-se primeiro entre as vogais postônicas do português e, depois, estendeu-se para as vogais pretônicas. Ora, os dados deste trabalho indicam exatamente o contrário, isto é, sugerem que a supremacia da regra de alçamento entre as vogais postônicas, em relação às vogais pretônicas, é recente, na história da língua, tendo sido ocasionada, ao que tudo indica, por aspectos de cunho prosódico. Dito de outro modo, esse suposto avanço da prevalência do alçamento na sílaba postônica em detrimento da pretônica, nas variedades brasileiras, explica-se em função do ritmo: a vogal da sílaba átona final é mais breve do que a vogal da sílaba pretônica, no PB atual, e isso teria favorecido a generalização da regra primeiro entre as postônicas finais. No caso do PE atual, todavia, há uma equivalência no ritmo das vogais átonas, em geral, de modo que a duração da vogal da sílaba pretônica é bastante próxima da duração da vogal da sílaba postônica - o que justifica a aplicação de uma mesma regra (elevação e recuo) para todas as átonas.

Por último, este trabalho também apresenta a sua contribuição para o estudo da periodização da língua portuguesa. Vimos, ao longo desta tese, que os séculos XIII, XV e XVI, abordados nesta pesquisa, correspondem a três fases distintas, na delimitação temporal proposta por estudiosos como Michaëlis de Vasconcelos (1946) e Silva Neto (1956), por exemplo. Os dados deste trabalho, no entanto, sobretudo aqueles envolvendo as vogais tônicas da língua, vêm propor uma periodização bipartida, a saber: uma primeira fase, até meados do século XIV, caracterizada por pronúncias e grafias associadas à origem latina; e uma segunda fase, a partir do século XV, caracterizada por uma notável variação (gráfica e fonética).

Em suma, pode-se dizer que os dados desta pesquisa sustentam a afirmação de Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 126) de que nem toda variação implica mudança, mas “toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. É insustentável a ideia de que as línguas estejam imunes à ação do tempo e, além disso, é ingênuo acreditar que as mudanças linguísticas sejam instantâneas: os dados desta pesquisa comprovam, afinal, que as mudanças que se verificam no português de hoje são decorrentes de variações do passado.

Resta-nos, enfim, a conclusão de que a língua portuguesa, hoje, é o resultado de sucessivas mudanças ocorridas na história desde o latim. Tanto no Brasil, quanto em Portugal, já não se fala como os trovadores, nem como os navegadores portugueses do século XV e, claro, nem como Camões. Continuamos falando, entretanto, a língua portuguesa, que, absolutamente, não foi descaracterizada pelas mudanças.

Referências

- AGUDO, F. D. A edição d'“Os Lusíadas” de 1572. In: ORTA, G. *Número especial comemorativo do 4º centenário da publicação de “Os Lusíadas”*. Lisboa, 1972. p. 1-9.
- ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ALVAREZ, R. Los instrumentos musicales en los códices alfonsinos: origen. Algunos problemas iconográficos. In: SEMANA DE MUSICA ESPAÑOLA, 1984. Madrid. *Symposium Alfonso X el Sabio y la Música*. Madrid: Sociedad Española de Musicología, 1987. p. 67-104.
- ALVES, M. M. *As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte: estudo da variação à luz da Teoria da Otimalidade*. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- _____. As vogais médias pretônicas no dialeto de Belo Horizonte segundo a Teoria da Otimalidade: análise via o ranqueamento ordenado por EVAL e o ranqueamento parcial de restrições. In: *Anais do VII Congresso Internacional da Abralín*. Curitiba: 2011a. p. 3222-3236.
- _____. Harmonia vocálica e redução vocálica à luz da Teoria da Otimalidade. In: *Anais do SILEL*. v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011b.
- AMORIM, F. G. *Os Lusíadas de Luiz de Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1889.
- ARAÚJO, A. A. *As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista*. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- BALDINGER, K. *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. 2ª ed. Madrid: Gredos, 1972.
- BARROS, J. *Gramática da Língua Portuguesa*. Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1971. (1ª edição: 1540)
- BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 171-206.
- BECKMAN, J. *Positional Faithfulness*. Doctoral dissertation, University of Massachusetts, Amherst. 1997.
- BERARDINELLI, C. *Estudos Camonianos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BERTOLUCCI PIZZORUSSO, V. Cantigas de Santa Maria. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993a. p. 142-146.

- BERTOLUCCI PIZZORUSSO, V. Alfonso X. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993b. p. 36-41
- BETTI, M. P. *Rimario e Lessico in Rima delle Cantigas de Santa Maria di Alfonso X di Castiglia*. Pisa: Pacini Editore, 1997.
- BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- BISOL, Leda. A neutralização das átonas. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, especial, p. 273-283, 2003.
- BISOL, L. O Alçamento da pretônica sem motivação aparente. In.: BISOL, L. COLLISCHONN, G. (Orgs.) *Português do Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2009. p. 73-92.
- BISOL, L. Harmonização vocálica: efeito parcial e total. *Organon*, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 49-61, jan./jun. 2013.
- BORGES, G. L. Uma análise sobre as vogais pretônicas no município de Uberaba/MG. *A MARGem*. Uberlândia, ano 1, n. 2, p. 79-93, 2008.
- BORTONI, S. M.; GOMES, C. A.; MALVAR, E. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-30, 1992.
- BRAGA, T. *Camões: a obra lyrica e épica*. Porto, 1911.
- BUENO, F. da S. *Estudos de Filologia Portuguesa*. 6ª ed. São Paulo: Saraiva, 1967.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetizando sem o BA-BE-BI-BO-BU*. São Paulo: Scipione, 1998.
- CAGLIARI, L.C. *Análise Fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. As vogais pretônicas no falar carioca. *Estudos Lingüísticos*, Salvador: UFBA, n. 5, p. 151-152, 1986.
- CALLOU, D.; LEITE, Y; COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. *Organon*, Porto Alegre: UFRGS, v.5, n.18, p. 71-78, 1991.
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Padrão, 1979. (1ª edição brasileira: 1975)
- CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2007. (1ª edição: 1970)

CAMÕES, L. V. de. *Os Lusíadas*. Lisboa: António Gonçalves, 1572. Versão digitalizada disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or633602.pdf

CARDEIRA, E. *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

CARDEIRA, E. O *Cancioneiro Geral* na perspectiva do linguista. In: RIBEIRO, C. A.; SOUSA, S. R. (orgs.). *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende: Um Livro à Luz da História*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2012. p. 45-50.

CARDEIRA, E. Do Português Médio ao Clássico: o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. In: HERRERO, E. C.; RIGUAL, C. C. (eds.). *Actas del XXVI Congreso Internacional de Linguística y de Filología Románicas (Valencia 2010)*. vol. I. De Gruyter, 2013. p. 543-554.

CARMO, M. C. do. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - IBILCE/UNESP, São José do Rio Preto, 2009.

CARMO, M. C. do. *As vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista*. Tese (Doutorado em Linguística) - IBILCE/UNESP, São José do Rio Preto, 2013.

CARMELO, L. do M. *Compendio de orthografia*. Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1767.

CARNIATO, M. *A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.

CARRIÇO, L. Prefácio. In: CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. Porto: Porto Editora, 1987. p. 5-8

CARVALHO, J. H. de. Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas *e* e *o* em sílaba átona. *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra. v. XII, tomo 1, p.17-39, 1962.

CARVALHO, J. H. Contribuição de “Os Lusíadas” para a renovação da língua portuguesa. In: *Revista de Filologia*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / Instituto de Língua e Literatura Portuguesas, v. XVIII, 1980. p. 1-38.

CARVALHO, M. P.; BUENO, E. S. S. Variação no uso das vogais pretônicas [e] e [o] no Português popular falado em Dourados (MS). *Web-Revista Sociodialeto*, Campo Grande, v. 1, n. 4, 2011.

CASSIQUE, O.; CRUZ, R.; DIAS, M. P.; OLIVEIRA, D. A. Análise do processo de alteamento das vogais médias pretônicas no Português falado em Breves (PA). In: HORA, D. (Org.) *Vogais: no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia, 2009. p. 111-132.

CASTILHO, A. F. Notícia da vida e obras de Garcia de Resende. In: __. *Excerptos de todos os principaes auctores portuguezes de boa nota, assim prosadores como poetas*. Lisboa: Typographia Lusitana, 1845. p. 41-153. (Tomo X)

CASTRO, B. M. *As Cantigas de Santa Maria: um estilo gótico na lírica ibérica medieval*. Niterói: EdUFF, 2006.

CASTRO, E. C. *As pretônicas na variedade mineira de Juiz de Fora*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

CASTRO, I. *Sete ensaios sobre a obra de J. M. Piel*. Lisboa: Instituto de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa, 1988.

CASTRO, I. O Português Médio segundo Cintra (nuga bibliográfica). In: FARIA, I. H. (org.). *Lindley Cintra: Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa, Cosmos, 1999. p. 367-370.

CASTRO, I. *Introdução à história do português*. 2ª ed. Lisboa: Edições Colibri, 2008.

CELIA, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Patterns of English*. New York: Harper and Row, 1968.

CIDADE, H. Prefácio. In: CAMÕES, L. *Os Lusíadas* - ilustrações de Lima de Freitas; prefácio e notas de Hernâni Cidade. São Paulo: Abril Cultural, 1982. p. 5-17.

CLARKE, D. C. *Versification in Alfonso el Sabio's Cantigas*. HR, 1955, p. 83-98.

CLEMENTS, G. N. The Geometry of Phonological Features. *Phonology Yearbook*, 2, p. 225-252, 1985.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The Internal Structure of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.) *Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 245-306.

COROMINAS, J. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1961.

COROMINAS, J.; PASCUAL, J. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 1980-1991. (vols. I-VI)

COSTA, D. S. *Estudo do acento lexical no português arcaico por meio das Cantigas de Santa Maria*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - FCL/UNESP, Araraquara, 2006.

COSTA, R. *Descrição sociolinguística das vogais médias postônicas não-finais /o/ e /e/ no português falado no município de Cametá-PA*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

CUNHA, A. G. Índice analítico do vocabulário de *Os Lusíadas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

CUNHA, C. O valor das finais *-eu* e *-eo* na língua portuguesa do século XVI. In: *Actes du XVII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes* (Aix-en-Provence, 29 août-3septembre 1983), vol. III, Aix-en-Provence - Marseille, 1985, p. 272-278.

CUNHA, C. Valor das grafias *-eu* e *-eo* na língua portuguesa do século XIII ao século XVI. In: *Estudos Portugueses. Homenagem a Luciana Stegagno Picchio*. Lisboa, Difel, 1991, p. 913-927.

DIAS, A. E. S. *Os Lusíadas de Luís de Camões*. Porto: Magalhães & Moniz LTDA, 1910.

DIAS, A. F. *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Maia: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1990-1993. (4 Volumes).

_____. *Dicionário (Comum, Onomástico e Toponímico)*. Maia: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003. (Volume VI).

DIAS, M. R. *A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e Ouro Branco*. Dissertação (Mestrado em Linguística), FALE/UFMG, 2008.

DIAS, H. M.; CASTRO, I. A edição de 1516 do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. IV série, n. 1, Lisboa, p. 93-125, 1977.

Dicionario de pronuncia da lingua galega. Disponível em: <http://ilg.usc.es/pronuncia/?q=&l=1>

FARIA e SOUSA, M. *Rimas varias de Luis de Camoens*. Madrid: Theotonio Damaso de Mello, 1685.

FELICE, A. C. G. L. *Um estudo variacionista e fonológico sobre o alçamento das vogais médias pretônicas na fala uberlandense*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

FERREIRA, M. P. The stemma of the marian cantigas: Philological and musical evidence. *Bulletin of the cantigueiros de Santa Maria*, Cincinnati, n. 6, p. 58-98, 1994.

FIDALGO, E. *As Cantigas de Santa Maria*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2002.

FIGUEIREDO, F. de. *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. In: *História Literária de Portugal - Séculos XII-XX*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960a. p. 104-111.

FIGUEIREDO, F. de. Camões. In: ___. *História Literária de Portugal - Séculos XII-XX*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960b. p. 167-183.

FILGUEIRA VALVERDE, J. Introducción. In: ALFONSO X EL SABIO. *Cantigas de Santa María*: Códice Rico de El Escorial. Madrid: Castalia, 1985. p. XI-LXIII.

FONTE, J. S. *O sistema vocálico do Português Arcaico visto a partir das Cantigas de Santa Maria*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010a.

FONTE, J. S. *Rumores da escrita, vestígios do passado: uma interpretação fonológica das vogais do português arcaico por meio da poesia medieval*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010b.

FREITAS, S. As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática S.A., 1985.

GONÇALVES, E. Apresentação crítica. In: GONÇALVES, E.; RAMOS, M. A. *A Lírica galego-portuguesa (textos escolhidos)*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Comunicação, 1985. p. 17-80.

GRAEBIN, G. S. *A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GRANUCCI, P. M. F. *O sistema vocálico do português arcaico: um estudo a partir das rimas das cantigas de amigo*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - FCL/UNESP, Araraquara, 2001.

GUIMARÃES, A. J. G. *Os Lusíadas de Luís de Camões - segundo o têsto da primeira edição de 1572, com as variantes da segunda edição impressa por Manoel de Lyra em 1584, e acrescentada com dois apêndices*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919.

GUIMARÃES, R. V. M. *Variação das vogais médias em posição pretônica nas regiões Norte e Sul de Minas Gerais: uma abordagem à luz da Teoria da Otimalidade*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

HARRIS, J. Evidence from Portuguese for the Elsewhere Condition in Phonology. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass., v. 5, n. 1, p. 61-80, 1974.

HART JR., T. R. Notes on sixteenth-century Portuguese pronunciation. *Word*, 11: 404-415, 1955.

HAUY, A. B. *História da língua portuguesa I: séculos XII, XIII e XIV*. São Paulo: Ática, 1989.

HUNTINGTON, A. M. *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. New York: De Vinne Press, 1904.

JACKSON, D. *Camões and the First Edition of The Lusiads, 1572*. University of Massachusetts Dartmouth / Center for Portuguese Studies and Culture, 2003.

JONES, D. *An outline of English phonetics*. 8ª ed. Cambridge, Heffer & Sons, 1957.

KAVÁFIS, K. *Poemas*. Tradução de José Paulo Paes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

KIPARSKY, P. Elsewhere in Phonology. In: ANDERSON, S. R.; KIPARSKY, P. (org.). *A festschrift for Morris Halle*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1973. p. 93-106.

KLUNCK, P. *Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

LAPA, R. Prefácio. In: __. *Florilégio do Cancioneiro de Resende*. 3ª ed. Lisboa, 1960. p. VII-XVI.

LAPA, R. O Cancioneiro de Resende. In: __. *Lições de Literatura Portuguesa*. 9ª ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1977. p. 433-461.

LEÃO, Â. V. Questões de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X. *Ensaio: Associação Internacional de Lusitanistas (AIL)*. 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/fale/pos/ail/leao01.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2005.

LEÃO, A. V. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

LEÃO, D. N. de. *Orthographia da Língua Portuguesa*. Lisboa, 1576.

LEARNED, E. Old Portuguese vocalic final: phonology and orthography of accented -ou, -eu, -iu and -ao, -eo, -io. *Supplement to Language*, vol. 26, nº. 2, April-June 1950.

LE GENTIL, P. *La poésie lyrique espagnole et portugaise à la fin de du Moyen Âge*. Rennes: Plihon Editeur, 1953. (II Volume).

LIMA, L. C. *Grammatica Italiana*. Lisboa, 1734.

LIMA, L. C. *Orthographia da Lingua Portugueza*. Lisboa: Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1736.

MAIA, C. *História do galego-português*. 2ª ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1997. Reimpressão da edição do INIC, 1986.

MAIA, V. L.M. As pretônicas médias na fala de Natal. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n.5, p. 209-335, 1986.

MALLMANN, D. O. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Santo Ângelo (RS)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - PUC do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MARQUILHAS, R. Mudança analógica e elevação das vogais pretônicas. In: CASTRO, I; DUARTE, I. *Razões e Emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003. p. 7-18 (volume II)

MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. Tese (Livre Docência em Fonologia) – FCL/UNESP, Araraquara, 2005.

MASSINI-CAGLIARI, G. Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X como **corpus** da diacronia do Português. In: MURAKAWA, C. de A. A.; GONÇALVES, M. F. (Orgs.) *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. Araraquara: Laboratório Editorial da FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007a. p. 101-126.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses: fontes, edições e estrutura*. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007b.

MATEUS, M. H. M. *Aspectos da Fonologia do Português*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1975.

MATEUS, M. H. M. A harmonização vocálica e o abaixamento de vogais nos verbos do português. In.: *Língua Portuguesa: estruturas, usos e contrastes*. Volume comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto. Porto, 2003. p. 289-301.

MATEUS, M. H. M.; d'ANDRADE, E.. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University, 2000.

MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I. S.; FARIA, I. H. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

MATTOS E SILVA, R. V. *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MATZENAUER, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 11-73.

MELO, G. C. de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

MENÉNDEZ PIDAL, R. *El dialecto leonês*. 2ª ed. Oviedo: Instituto de Estudios Asturianos, 1962. (1ª edição: 1906)

MESSNER, D. Conjecturas sobre a periodização da língua portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et.al. (Org.). *Descrição do português: lingüística histórica e historiografia lingüística*. Araraquara: Laboratório Editorial da FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002. p. 97-117. Série Trilhas Lingüísticas, n. 3.

METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, 1972. v. IV: Glossário.

METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa María (cantigas 1 a 100)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1986. (Volume I)

METTMANN, W. (Ed.) Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria (cantigas 101 a 260)*. Madrid: Castalia, 1988. (Volume II)

METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa María (cantigas 261 a 427)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1989. (Volume III)

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. Zum *Cancioneiro Geral*. *Zeitschrift für romanisch Philologie*, v. 5, p. 80-85, 1881.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. Dicionário etimológico das línguas hispânicas. *Revista Lusitana*, v. IX, p.15, nota 6, 1908.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1946.

MIGLIORINI, L. M. Q. *De versos e trovas: análise de aspectos fonostilísticos do Português Medieval por meio das “Cantigas de Santa Maria”*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

MILESKI, I. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata (RS)*. Dissertação (Mestrado em Letras) - PUC do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MILLER, N. Os Lusíadas e o Cancioneiro Geral. *Ocidente - Revista Portuguesa de Cultura*, Lisboa, p. 98-121, novembro, 1972.

MONTEIRO, J. G. *Introdução a Os Lusíadas*. Edição crítica-comemorativa, publicada por Emílio Biel. Porto, 1880.

MONTOYA MARTÍNEZ, J. *Composición, estructura y contenido del cancionero marial de Alfonso X*. Murcia: Real Academia Alfonso X el Sabio, 1999.

MOREIRA, M. C. L. da S. *Estudo de alguns aspectos da rima no Cancioneiro Geral*. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1961

MOURÃO E VASCONCELOS, J. M. S. B. *Os Lusíadas de Camões*. Paris: Firmin Didot, 1817.

NARO, A. J. A história do *e* e do *o* em Português – Um estudo de deriva linguística. In: _____. *Estudos diacrônicos*. Tradução de Lais Campos e Katia Elisabeth Santos. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 9-51.

NASCIMENTO SILVA, A. *As Pretônicas no Falar Teresinense*. Tese (Doutorado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NORONHA, T. *A primeira edição dos Lusíadas*. Porto: Chardron, 1880.

NUNES, J. J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: fonética e morfologia*. 6ª ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1960.

O'CALLAGHAN, J. F. *Alfonso X and the Cantigas de Santa Maria: a poetic biography*. Leiden; Boston; Köln: Brill, 1998.

OLIVEIRA, F. *Gramática da linguagem portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000. (1ª edição: 1536). Versão digitalizada disponível em: <http://www.purl.pt/index/geral/aut/PT/48521.html>

OLIVEIRA, M. A. de. The neogrammarian controversy revisited. *International Journal of the Sociology of Language*, Berlin, v. 89, p. 93-105, 1991.

OLIVEIRA, M. A. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*, ano 1, v. 1, p. 31-41, 1992.

Os Lusíadas de Luís de Camões - reprodução paralela das duas edições de 1572. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000.

PARKINSON, S. R. As *Cantigas de Santa Maria*: estado das questões textuais. *Anuario de estudios literarios galegos*, Vigo, p. 179-205, 1998.

PARKINSON, S. Layout and Structure of the Toledo Manuscript of the *Cantigas de Santa Maria*. In: PARKINSON, S. (Ed.). *Cobras e Son*: Papers on the Text Music and Manuscripts of the 'Cantigas de Santa Maria'. Oxford: Legenda, University of Oxford, 2000a. p. 133-153.

PARKINSON, S. R. Layout in the *Códices ricos* of the *Cantigas de Santa Maria*. *Hispanic Research Journal*, Leeds, v. 1, n. 3, p. 243-274, October 2000b.

PEREIRA, R. C. M. *Uma análise variacionista das vogais médias pretônicas*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

PIEL, J. M. A flexão verbal do português: estudo de morfologia histórica. *Biblos*, n. 20, p. 395-404, 1944.

PIMPÃO, A. J. da C. Prefácio. In:__. *Poetas do Cancioneiro Geral*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1942. p. 5-16

PIMPÃO, A. J. Prefácio. In: *Rimas de Luís de Camões* - prefácio, selecção e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1943. p. 5-22.

PIMPÃO, A. J. Garcia de Resende. In:__. *História da Literatura Portuguesa*. Coimbra: Edições Quadrante, 1947. p. 403-417. (Volume I)

PIMPÃO, A. J. DIAS, A. F. *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1973-74. (2 volumes)

RAMOS, A. P. *Estudo das vogais postônicas mediais na região de São José de Rio Preto*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - IBILCE/UNESP, São José do Rio Preto, 2009.

RAMOS, M. A. Nota Lingüística; Critérios de edição; Normas de transcrição. In: GONÇALVES, E.; RAMOS, M. A. *A lírica galego-portuguesa (textos escolhidos)*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Comunicação, 1985. p. 81-127.

RAMOS, V. Introdução. In: CAMÕES, L. *Os Lusíadas* - introdução, fixação do texto, notas e glossário por Vítor Ramos. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995. (1ª edição: 1969)

RAZKY, A.; LIMA, A. F.; OLIVEIRA, M. B. As vogais médias pretônicas no falar paraense. *Signum: Estud. Ling.*, Londrina, n. 15/1, p. 293-310, jun. 2012.

REIS, M. C. *O oral/falado e o letrado/escrito: um olhar sobre as vogais pretônicas*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - IBILCE/UNESP: São José do Rio Preto, 2011.

RESENDE, G. *Cancioneiro Geral*. Lisboa: Oficina de Hermão de Campos, 1516. Versão digitalizada disponível em: http://purl.pt/12096/6/res-111-a_PDF/res-111-a_PDF_24-C-R0150/res-111-a_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf

RÉVAH, I. S. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI siècle à nos jours. In: *Anais do primeiro Congresso Brasileiro de língua falada no teatro*. Rio de Janeiro, 1958, p. 387-399.

REZENDE, F. A.; MAGALHÃES, J. S. Alçamento da vogal pretônica /e/ na fala dos habitantes de Coromandel e Monte Carmelo (MG). In.: *Linguagem: estudos e pesquisas*, v. 14, n. 2, p. 58-78, Catalão (GO), UFG, jul-dez, 2010.

RIBEIRO, D. F. S. *Alçamento de vogais postônicas não finais no português de Belo Horizonte – Minas Gerais: uma abordagem difusionista*. Dissertação (Mestrado em Letras) - FL/PUC Minas, Belo Horizonte, 2007.

ROCHA, A. C. *Aspectos do Cancioneiro Geral*. Coimbra, 1949.

ROCHA, A. C. *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1973.

ROCHA, A. C. *Garcia de Resende e o Cancioneiro Geral*. 2ª ed. Lisboa: ICALP, 1987.

RODRIGUES, J. M. *Os Lusíadas de Camões* - reimpressão fac-similada da verdadeira 1ª edição dos Lusíadas de 1572, precedida duma introdução e seguida dum aparato critico. Lisboa, 1921.

ROVEDA, S. D. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: Português e Italiano*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - PUC do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

RUGGIERI, J. *Il Canzoniere di Resende*. Geneve: Leo Olschki, 1931.

SANTOS, A. de P. *Vogais médias postônicas na fala do Estado do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

SARAIVA, A. J.; LOPES, O. 3ª época - O Renascimento. In:__. *História da Literatura Portuguesa*. 6ª ed. Porto: Porto Editora, 1917. p. 331-376.

SARAIVA, A. J.; LOPES, O. A poesia palaciana. In:__. *História da Literatura Portuguesa*. 13ª ed. Porto: Porto Editora, 1985. p. 157-168.

SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo Dicionário Latino-Português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* 12ª ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

SCHAFFER, M. E. Marginal Notes in the Toledo Manuscript of Alfonso El Sabio's *Cantigas de Santa Maria*: Observations and Composition, Correction, Compilation, and Performance. *Bulletin of the Cantigueiros de Santa Maria*, Cincinnati, n. 7, p. 65-84, 1995.

SCHAFFER, M. E. Questions of authorship: the *Cantigas de Santa Maria*. In: BERESFORD, A. M.; DEYERMOND, A. (eds.). *Proceedings of the Eighth Colloquium of the Medieval Hispanic Research Seminar*. Londres: QMW, 1997. p. 17-30.

SCHAFFER, M. E. The 'Evolution' of the *Cantigas de Santa Maria*: The Relationships between Manuscripts T, F and E. In: PARKINSON, S. (Ed.). *Cobras e Son: Papers on the Text Music and Manuscripts of the 'Cantigas de Santa Maria'*. Oxford: Legenda, University of Oxford, 2000. p. 186-213.

SCHWINDT, L. C. *A harmonia vocálica em dialetos do Sul do País: uma análise variacionista*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

_____. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 161-182.

SENA, J. Camões em 1972. In: __. *Trinta anos de Camões - 1948-1978 (Estudos Camonianos e Correlatos)*. Edições 70, 1980a. p. 269-273.

SENA, J. Aspectos do pensamento de Camões através da estrutura linguística de *Os Lusíadas*. In: __. *Trinta anos de Camões - 1948-1978 (Estudos Camonianos e Correlatos)*. Edições 70, 1980b. p. 274-286.

SILVA, A. P. da. *Supressão da vogal postônica não-final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências na fala sapeense*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SILVA, S. M. *Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho (RS)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - PUC do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA NETO, S. da. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - IBILCE/UNESP, São José do Rio Preto, 2008.

SNOW, J. T. Current Status of *Cantigas* Studies. In: KATZ, I. J. KELLER, J. E. (Ed.). *Studies on the Cantigas de Santa Maria: Art, Music and Poetry*. Madison: The Hispanic Seminary of Medieval Studies, Ltd., 1987. p. 475-486.

- SOUTO CABO, J. A. Nas origens da expressão escrita galego-portuguesa. Documentos do século XII. *Diacrítica - Revista do Centro de Estudos Humanísticos*, 17. Braga: Universidade do Minho, 2003. p. 329-387.
- SOUZA, J. B. P. E. *Rimário de Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Edições Pedagógicas, 1948.
- SOUZA, N. de. *Um estudo da ortografia da obra Os Lusíadas (1572) de Luís de Camões*. Tese (Doutorado em Linguística) - IEL/UNICAMP, Campinas, 2009.
- SPINA, S. *A lírica trovadoresca*. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 1991.
- TAVANI, G. *Ensaio Portugueses: filologia e lingüística*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.
- TAVANI, G. Arte de trovar. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993. p. 66-69.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 6ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1994 (1ª edição: 1980).
- VASCONCELLOS, J. L. de. *Lições de Filologia Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.
- VIEGAS, M. C. *Alçamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolingüística*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - FALE/UFMG, Belo Horizonte, 1987.
- VIEIRA, M. J. B. *Neutralização das vogais médias postônicas*. Dissertação (Mestrado em Letras) - UFRGS/ Instituto de Letras/UFRGS, Porto Alegre, 1994.
- VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 127-159.
- WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno; Revisão Técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.
- WETZELS, W. L. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, v. 23, p. 19-55, 1992.
- WETZELS, W. L. The Representation of Vowel Height and Vowel Height Neutralization in Brazilian Portuguese (Southern Dialects). In: HUME, E.; GOLDSMITH, J. (eds.). *Tones and Features*. Berlin: Walter De Gruyter, 2011.
- WILLIAMS, E. B. *Do Latim ao Português: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. (1ª edição: 1938)
- XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (Org.). *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Cosmos, 1990. v. 1.

YACOVENCO, L. C. *As vogais médias pretônicas na fala culta carioca*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

Sites consultados

<http://cantigas.webcindario.com/>

<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=vop&page=info>

<http://www.ricardocosta.com/artigo/bondade-justica-e-verdade-tres-virtudes-marianas>